UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Torcidas organizadas e jornalismo esportivo: discursos sobre violência no futebol

Marcelo Fadori Soares Palhares

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Torcidas organizadas e jornalismo esportivo: discursos sobre violência no futebol

Marcelo Fadori Soares Palhares

São Paulo

2022

MARCELO FADORI SOARES PALHARES

Torcidas organizadas e jornalismo esportivo: discursos sobre violência no futebol

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como resultado parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências

Área de Concentração:
Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte

Orientador:
Prof. Dr. Ary José Rocco Junior
Co-Orientador:
Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes

São Paulo
2022

Catalogação da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Palhares, Marcelo Fadori Soares
Torcidas organizadas e jornalismo esportivo: discursos sobre violência no futebol / Marcelo Fadori Soares Palhares. -- São Paulo : [s.n.], 2022.
. 234p.

Tese (Doutorado) --Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.
Orientador: Prof. Dr. Ary José Rocco Junior

1. Torcidas organizadas 2. Jornalismo esportivo 3. Discurso 4. Futebol (Violência) I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: PALHARES, Marcelo Fadori Soares
Título: Torcidas organizadas e jornalismo esportivo: discursos sobre violência no futebol

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como resultado parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências

Data: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr: _____
Instituição: _____ **Julgamento**:_____

Prof. Dr: _____
Instituição: _____ **Julgamento**:_____

Prof. Dr: _____
Instituição: _____ **Julgamento**:_____

Dedico esta tese aos meus pais. Mais um fruto do trabalho de vocês. Obrigado, pois tudo o que ocorreu foi graças e por vocês. Espero ter retribuído à altura toda a dedicação, renúncia, esforço, planejamento e amor.

Agradecimentos

Um dia eu ouvi, que não devemos fugir das tarefas difíceis. Então, eis me aqui. Em um momento, que particularmente nunca achei que fosse ocorrer, pois foram 4 longos anos, cheios de compromissos, aulas, textos, leituras e histórias. Algumas, compartilharei aqui. Um doutorado não é apenas um texto, mas sim um verdadeiro processo. Nos melhores termos elisianos, ele possui avanços e retrocessos. Nesta seção tentarei me lembrar de todas as pessoas que me auxiliaram a produzir este documento, que será eternizado, mas que antes de tudo é uma parte de minha vida, de nossas vidas.

Afinal de contas, vocês participaram diretamente deste pedaço: seja na construção deste trabalho, ou na pessoa que me tornei ao realizá-lo. Com certeza não lembrarei de todas as pessoas, entretanto outra vez também ouvi que o mundo é injusto. Particularmente, concordo bastante com esta frase. Deste modo, cometerei aqui e agora injustiça. De antemão, me perdoem.

Inicialmente gostaria de agradecer a Deus pela vida e por toda a proteção, livramento e bençãos. Em segundo lugar, agradeço à minha família. Ao meu herói, ídolo, exemplo, espelho, meu amigo incondicional, minha inspiração diária e próxima, o senhor Afonso José Palhares Filho. O homem que me concedeu a vida um dia, e diariamente me ensina, acompanha, instrui, aconselha, participa, demonstra. Eu quero ser 1% do que você é. Caso eu obtenha êxito nesta tarefa, poderei assegurar que terei sucesso na vida. Agradeço à Maria Alice do Sacramento, por ser minha prima de sangue, mas mãe de coração. Obrigado por sempre estar presente, participativa, pelo riso fácil e a companhia sempre agradável. Ambos me auxiliaram em muito nas viagens e deslocamentos ao longo destes anos, tendo que mudar ou readequar os próprios planos, para que eu pudesse ter mais facilidade e conforto. Deste modo, pude me concentrar apenas em estar na USP, e eles me auxiliavam sempre com um esquema todo especial de logística. Levar lanches, marmitas, cachorro, malas e tudo aquilo que pudesse encurtar o meu deslocamento para a volta ao interior. Um agradecimento também ao meu tiozinho Genésio pela parceria e por ser este carioca “ixxxxperto”, que não para a noite no “sinaleiro” e morre de medo da marginal Tietê.

Agradeço àqueles que já não estão fisicamente aqui: Minha mãe Maria Benedita Soares (*in memorian*) por me ensinar e incentivar a vencer na vida por meio dos estudos. Obrigado por tanto carinho, amor, dedicação. Foi com você que aprendi a ser determinado e não desistir; Tia Gelta (*in memorian*) você sempre foi carinho e altruísmo. Seu prazer em servir sempre foi inspirador. Tio Mauricio (*in memorian*) a alegria, exuberância e espontaneidade em pessoa.

Nesta trajetória além da minha família sanguínea, tive o prazer de construir uma família acadêmica. Pessoas que não possuem relação de parentesco comigo, entretanto, estabeleceram fortes vínculos, de trabalho, amizade, parceria e admiração. Inicio pelo patriarca, o excelentíssimo

senhor Ary José Rocco Junior. Desde o início ele me surpreendeu com a seguinte frase “Marcelo, você vai estudar o que você quiser”. Em determinados momentos, confesso que estranhava não ter tido nenhum “arranca rabo”, nenhuma divergência radical de opiniões, tampouco críticas ferrenhas, ao modo pelo qual, este homem trabalhava e conduzia o grupo de estudos. Sempre de maneira cordial, receptiva e tranquila, Ary me mostrou que é possível sim, construir relações saudáveis com os orientandos e alunos, que procuram seu conhecimento.

O Ary é um exemplo cotidiano de que a universidade pública é e deve ser para todos. Cometerei uma pequena indiscrição, ao comentar um episódio ao longo destes anos: em determinada etapa da pandemia, os orientandos se mostraram ávidos e preocupados com aquilo que chamávamos de “interesse acadêmico” e pedimos uma reunião com o líder. Com toda a calma, serenidade e humildade do mundo, ele ouviu a todos e de modo simples (assim como fazem os mestres) nos explicou que o posicionamento do grupo não pode ser única e exclusivamente formar mestres e doutores (assim como a nossa juventude e a sua decorrente pressa ansiava). Nessa reunião ele me mostrou que parte da missão da universidade é ser acessível. Fornecer efetivamente o conhecimento científico à população interessada. Isto deve ocorrer de maneira livre, sem tanta obrigatoriedade e compromissos inadiáveis.

Gostaria de expressar publicamente que foi um prazer te conhecer, trabalhar contigo, ser seu orientando e te observar trabalhar cotidianamente. O orientador mais gente boa, que elogia e dá broncas com a mesma serenidade e lucidez. Convoca reuniões acadêmicas e sociais, sempre, em períodos decisivos. Sabe aquele final de ano, no qual, os orientandos pensam em sumir e retornar somente após 3 meses? Exatamente nesse período ele aparece, marca uma reunião e te devolve ao prumo. Todavia, ele o faz de uma maneira sutil e leve. Obrigado por compartilhar sua experiência acadêmica e profissional, sobre o que é ser um professor universitário, inclusive, por ter que lidar com o meu desânimo, criticidade e acidez em algumas situações. Você foi o lado mais doce, enquanto eu desempenhava o lado ácido.

Obrigado por ter me aceito como seu primeiro orientando de doutorado e espero que eu tenha representado o cargo à altura. Nos marcamos, mutuamente, em nossas trajetórias acadêmicas e te agradeço por isso. Espero ter “aberto a trilha” do doutorado para que muitos pesquisadores e pesquisadoras possam participar deste processo sob sua orientação e parceria.

Nesta família acadêmica, eu tenho um irmão mais velho e brilhante. Semelhante àqueles dos filmes, que te fazem duvidar da própria capacidade e inteligência, devido ao tamanho de seus feitos. Este é o Felipe Tavares Paes Lopes. Vocês que efetivamente forem ler este trabalho, perceberão que, em diversas vezes, este brilhante pesquisador foi citado. Eu tive o prazer de conhecer o Felipe em um destes encontros pelos grupos de pesquisa. Encontros que a vida acadêmica nos proporciona e desde a primeira frase dele, eu pude perceber que estava diante de uma pessoa realmente diferenciada. O Felipe é classificado por mim como um obstinado. Com a mesma paixão que ele possui pelo Corinthians, ele trabalha em seus textos e reflexões. Um

brilhante e jovem pesquisador e para você que não o conhece, basta verificar seu currículo e o respeito obtido juntamente com aqueles, que ele investiga: os próprios torcedores organizados, pois ele pensa, lê e critica de modo específico: sempre muito aguçado e próximo da realidade. Ele é um pesquisador que une prática e teoria de modo coerente.

Felipe é uma máquina acadêmica. Em um breve paralelo com o futebol: ele tem o talento do Messi e trabalha como o Cristiano Ronaldo. Em uma breve visita ao seu antigo apartamento, antes da elaboração deste projeto de pesquisa (mais precisamente no interstício entre mestrado e doutorado), pude ter o contato com sua biblioteca pessoal. Aqueles títulos eram tão interessantes que eu saí de lá com cerca de 6 livros xerocados e 300 reais a menos na conta corrente. Também cometerei outra indiscrição ao comentar a performance do meu co-orientador de doutorado. Já fase final do processo, me lembro de enviar os três discursos para que ele pudesse fazer as suas considerações. Ele me perguntou sobre o prazo e eu havia planejado um mês para que ele pudesse ler os três discursos. Trocamos um *e-mail* às 13:03 combinando este prazo de um mês e o resultado foi: apenas após 4 horas, o texto enviado estava novamente em meu *e-mail*, mais precisamente às 17:36. Expresso publicamente também que foi um prazer ter você comigo como um aliado, um crítico sempre atento e voraz do texto, que aqui apresento.

Nesta trajetória acadêmica tive também aqueles parentes mais distantes, porém que sempre tive tamanha admiração por seus trabalhos. Aquele membro distante da família, que você passa anos sem ver, mas quando encontra, sempre é algo memorável. Estes são os membros da banca: as professoras Soraia Chung, Luciana Salazar Salgado e o professor Bernardo Buarque de Hollanda. Gostaria de fazer meu agradecimento a cada um dos três e explicar as razões pelas quais vocês me cativaram a ponto de serem convidados para a composição da banca. Obviamente, os motivos para além da competência de vossos trabalhos individuais.

O trabalho da professora Soraia com aspecto cultural sempre me chamou atenção, pois resgata aquilo que há de mais visceral em nossa existência: as raízes identitárias. Os elementos que nos permitem dizer "sou x". Infelizmente, não pude ter o contato semanal contigo, tampouco frequentar a sua disciplina presencialmente devido ao cenário epidêmico, porém saiba que isto estava em meus planos. Obrigado pela serenidade, a ternura e a energia, que você expressa em seus posicionamentos.

Já a professora Luciana tive o prazer de conhecer em uma disciplina, que na realidade era uma "jorrrrnada". Assim como sua maneira charmosa e peculiar de acentuar o R me marcou, a sua postura em sala de aula também. A disponibilidade e suas reflexões sempre sagazes e que me atiçavam. Eu queria rebater, complementar, discutir, concordar. A maneira pela qual transitava por temas do cotidiano, relacionando-os ao âmbito discursivo. As aulas de sexta-feira eram sempre um convite à reflexão. Por fim, o professor Bernardo, que sempre foi uma referência acadêmica e de conduta em meus estudos. Lá em 2013, durante um evento, pude observar o Bernardo trabalhar pela primeira vez, tomei contato com sua tese de doutorado e sua oratória que

me agrada tanto. Um verdadeiro *gentleman*, que também possui muita legitimidade como estudioso, tanto pela academia que o cita frequentemente, quanto pelos torcedores organizados que o reconhecem como um pesquisador sério e competente. Saibam que vocês três contribuíram e muito com seus apontamentos no processo de qualificação e espero que tenha conseguido captar todas as sugestões e críticas, que tanto engrandeceram o trabalho.

Também acrescento o professor Julio Groppa Aquino, do Departamento de Educação. Uma das minhas maiores referências na arte de lecionar. A sua aula era arrebatadora, não há como sair ileso de uma aula deste cidadão. Encontros de apenas 2 horas, todas as segundas-feiras pela tarde. Porém, a sensação ao sair da aula era de que se passaram 5 horas. A cabeça fritava. A profundidade dos temas e uma chave condutora: o trabalho com um Arquivo. Obrigado por seu humor espontâneo, suas críticas duras, mas sempre lúcidas e sua maneira peculiar de conduzir uma aula. Levo muito daquilo que vivi para minha prática profissional. "Já que é pra fazer, vamos fazer bem feito, vocês são tudo mole". Ahhh esta frase, quando eu pensava em esmorecer, ela me vinha à mente como um gatilho. Também o temor ao pensar "o que o Julio falaria deste trabalho?", visto que suas críticas poderiam chacoalhar até as suas certezas mais profundas. Obrigado por abalar as estruturas de trabalho, e ao mesmo tempo, organizar os cacos que estavam caóticos.

Cada um a seu modo, entretanto, todos vocês anteriormente citados (incluindo meu orientador e co-orientador) não receberam um centavo sequer, diretamente proveniente de mim. Mas, com toda certeza, me entregaram a maior fortuna possível: o tempo de vocês. Em várias situações, eu tinha muito pouco ou quase nada, para oferecer. Porém, além do conhecimento, vocês destinaram a mim tempo de vida. Diversas coisas poderiam ter sido feitas, ao invés de destinar tempo para mim: seja na leitura, na conversa, nos palpites, nos pensamentos, nas provocações, na resposta de *e-mails* e mensagens, nas indicações de leituras e tantas outras tarefas que me auxiliaram a me constituir como ser humano e profissional. Vocês não têm ideia da ressonância daquilo que dizem e fazem perante os alunos. Sobre vocês, felizmente, apenas foram reflexões, pensamentos e coisas boas. Desejo que vocês possam ser abençoados grandemente em vossas vidas e eu espero poder honrar o legado de vocês formando outros profissionais. Dedicando com afinco, assim como vocês fizeram, o elemento mais simples, porém que não é possível de se recuperar: o tempo.

Além disto, tenho que agradecer aos meus bons e velhos amigos: Feijão, BS, Carlinhos, Raul, Luketa, Will, Curió, Nene, Punky, Blossom, Turca, Rafa, Tyccy, Tiaguinho, Nicolas Cabrera, Natalia Bassan, Vinicius, Jorge e tantos outros. Vocês me auxiliaram com o zelo, a preocupação ou até mesmo a distração ao longo do caminho. Agradeço todos os meus companheiros da FHO-UNIARARAS, por partilharem dos desafios em manter a educação brasileira mediante a tantos ataques. Aos companheiros de GEPECOM, especialmente ao Ivan, Edu, Roger e Pedro pelas dicas, conselhos, críticas, almoços, caronas, churrascos e cumplicidade ao longo destes anos. A todos os meus alunos e em especial, os orientandos, que dividiram as

angústias, prazeres e desafios da construção de uma pesquisa acadêmica. Obrigado por me permitirem auxiliar vocês com o pouco que sei.

Um agradecimento especial a ela, que me acompanha e divide o desafio de caminhar conjuntamente enfrentando os desafios diários da existência humana: Leticia Gasparini. Obrigado por todos os dias conviver e experimentar a minha melhor e a pior parte. Obrigado por fazer questão de compartilhar a vida, o alimento, a companhia, o teto, o choro, o riso, a angústia, a dúvida e, principalmente, a perseverança. Obrigado por compreender todos os "não", que eu tive que te dar. Obrigado por me apoiar e em nenhum momento sequer duvidar da minha capacidade, qualidade e sucesso. Quando tudo estava escuro, você foi a luz. Obrigado por cuidar de mim, de nós e por querer sempre ser ativa e presente em minha vida. Pelas broncas, discussões e tudo aquilo que mesmo sendo negativo, duro ou ruim de enfrentar, nos faz lembrar que a vida é feita de momentos. Você me ensina a dividir, a ser mais generoso, mais altruísta, a me cobrar menos e a relaxar mais.

Eu te admiro e te respeito de uma maneira ímpar e pode ocorrer qualquer coisa, eu sempre estarei aqui por você, pois eu quero te ver conquistando tudo aquilo que você merece. Sua presença sempre notória e marcante faz com que meus dias sejam mais leves, irresponsáveis e com um pouco de loucura. Você é meu contraponto, a minha balança, o meu equilíbrio. No meu pior momento você esteve lá, ao meu lado, não desistiu e me mostrou sempre haver um amanhã. Te agradeço por ser quem você é, por caminhar conjuntamente comigo e me ensinar tanto diariamente. Você foi fundamental para que eu construísse este documento e estas poucas palavras sequer chegam perto de todo o auxílio, carinho e conforto que você me proporcionou Leticia.

Por fim, foram quatro anos, 48 meses, cerca de 26mil horas de completa imersão em um projeto. Quantos convites recusei? Coisas que deixei para depois? Quantas negativas tive que dar, pois tinha compromissos acadêmicos? Precisamente, não consigo responder. Entretanto, uma coisa é fato: tudo o que eu podia fazer, eu fiz e saio com a consciência tranquila, independentemente do mérito ou não, das páginas que virão a seguir. Foram horas e horas escrevendo, lendo e relendo o texto, estudando, pensando sobre quais palavras escolher, como estruturar cada seção, (re)pensando e organizando argumentos, fundamentando aquilo que era feito. Eu viajei na madrugada, dormi no carro passando calor, me alimentei mal (comi lanche velho, tomei suco quente, não almocei), carreguei o computador por todos os lados, andava sempre acompanhado de livros, gastei muito dinheiro com pedágios e gasolina, dormi pouco, deixei de sair e "aproveitar a vida" para descansar. Tudo isso foi feito para que eu pudesse me dedicar a um objetivo. Objetivo este, que eu me propus. Gostaria novamente de enfatizar que, fui eu que me propus, a passar por todas as situações e poder hoje escrever estas páginas e dizer: eu consegui.

Não soneguei nenhuma informação aos leitores e com os recursos que eu tinha à disposição, dei o meu melhor. Entreguei tudo aquilo que sei sobre determinado assunto. Assim como os leitores poderão ver adiante, do ponto de vista macro, este é apenas mais um trabalho, que entrará para o Arquivo de todas as produções científicas acadêmicas do Brasil e do mundo. Todavia, do ponto de vista micro, este trabalho foi aquilo que moveu minhas ações e consumiu meus pensamentos durante todo estes 4 anos.

Portanto, esta é uma ressonância de minha existência material na Terra. Quando eu entrei no doutorado confesso que tinha um sonho: ver meu nome escrito na parede, nos corredores da USP, eternizando assim, esta história. Se a história é boa ou ruim, cabe apenas a seus leitores definirem. Porém, o objetivo está cumprido. Eu paguei o preço, me dediquei e está aqui o resultado. Eu construí uma parte da história e sinto orgulho dela. Realizei um sonho, enalteci, honrei e orgulhei os meus. Eu fui aluno da maior universidade da América Latina e pude chegar onde muitos não chegam, mas tive que fazer, o que muitos não fazem. Isto ninguém mudará, nunca. Que venham novos desafios, etapas, sonhos e objetivos, pois assim como disse Martin Luther King “Se não puder voar, corra. Se não puder correr, ande. Se não puder andar, rasteje, mas, continue em frente de qualquer jeito”.

‘‘Não fiz o melhor, mas fiz tudo para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas não sou o que era antes’’

(Martin Luther King)

RESUMO

PALHARES, Marcelo Fadori Soares. **Torcidas organizadas e jornalismo esportivo**: discursos sobre violência no futebol. 2022. 234 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Este estudo, de natureza qualitativa, teve por objetivo investigar e analisar (a partir de uma perspectiva Arqueológica) o discurso do jornalismo esportivo sobre as torcidas organizadas de 1969-2020. Para contemplar a este objetivo de identificação dos enunciados provenientes do jornalismo esportivo, a tese se baseou na Arqueologia de Michel Foucault (FOUCAULT, 2008), aliando assim, a pesquisa bibliográfica com a pesquisa exploratória no Arquivo construído para esta investigação. Tal Arquivo foi composto pelas produções jornalísticas que envolviam as torcidas organizadas e que foram veiculadas na fonte primária (Revista Placar) e nas secundárias (jornais "O Estado de São Paulo" e "A Folha São Paulo"). Os dados foram analisados de acordo com os procedimentos Arqueológicos, buscando identificar a regularidade discursiva em meio à dispersão. Após a realização do aspecto metodológico 2.258 produções jornalísticas de diferentes formatos (reportagem, entrevista, notícias, crônicas, colunas, etc.) foram analisadas. A análise do Arquivo identificou 3 grandes regularidades discursivas, ou seja, 3 discursos acerca das torcidas organizadas: i) fidelidade; ii) pressão, cobrança; iii) violência. Posteriormente, à identificação dos discursos destacou-se o acontecimento foucaultiano, que se configura como uma transformação na quantidade, estrutura e conteúdo das produções jornalísticas sobre torcidas organizadas. Em relação à análise do elemento da violência nestas produções jornalísticas, de modo geral, pode-se dizer que os periódicos investigados restringiam o fenômeno da violência à determinado tipo de aparição: a violência física. Por fim, destaca-se que o jornalismo esportivo deve se constituir como *lócus* para o debate sobre a violência no futebol e contribuir para a circulação de informações. Tal cenário pode ser positivo para a geração de uma nova identidade torcedora.

Palavras-chave**:** Torcidas Organizadas; Discurso, Futebol, Jornalismo Esportivo, Violência.

ABSTRACT

PALHARES, Marcelo Fadori Soares. ***Torcidas organizadas*** **and sports journalism: discourses on violence in football**. 2022. 234 f. Thesis (Doctorate in Science) - School of Physical Education and Sport, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

This qualitative study aims to investigate and analyze (from an Archaeological perspective) the discourse of sports journalism about the *torcidas organizadas* of São Paulo from 1969-2019. In order to contemplate this objective of identifying statements from sports journalism, the thesis will be based on Michel Foucault's Archeology (FOUCAULT, 2008), thus combining bibliographic research with exploratory research in the Archive built for this investigation. This Archive is composed of articles, news and reports that involve *torcidas organizadas* and that were published in primary source (Revista Placar) and secondary (in the newspapers "*O Estado de São Paulo*" and "*A Folha São Paulo*"). Data were analyzed according to Archeological procedures, seeking to identify discursive regularity in the midst of dispersion. After carrying out the methodological aspect, 2,258 journalistic productions of different formats (report, interview, news, chronicles, columns, etc.) were analyzed. The analysis of the Archive identified 3 major discursive regularities, that is, 3 discourses about organized supporters: i) loyalty; ii) pressure, collection; iii) violence. Subsequently, the identification of the speeches highlighted the Foucauldian event, which is configured as a transformation in the quantity, structure and content of journalistic productions on *torcidas organizadas*. Regarding the analysis of the element of violence in these journalistic productions, in general, it can be said that the investigated periodicals restricted the phenomenon of violence to a certain type of appearance: physical violence. Finally, it is emphasized that sports journalism should constitute itself as a locus for the debate on violence in football and contribute to the circulation of information. Such a scenario can be positive for the generation of a new fan identity.

Key words**:** *Torcidas Organizadas*; Discourse, Football, Sports Journalism, Violence

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO 21
2 - JUSTIFICATIVA 27
3 - OBJETIVOS 35
3. 1 - Objetivo Geral 35
3. 2 - Objetivos Específicos 35
4 - REFERENCIAL TEÓRICO 36
4.1 – De espectadores a torcidas organizadas 36
4. 2 - Jornalismo Esportivo 50
4. 3 - Michel Foucault: vida e obras 62
4.3.1 - Princípios teóricos 64
4.3.2 –Princípios procedimentais: “a Arqueologia como procedimento” 66
5 - MÉTODO 74
5.1. Michel Foucault e sua caixa de ferramentas 76
Natureza do estudo 76
Procedimentos de pesquisa 77
6 - A IMERSÃO NO ARQUIVO: PROCEDIMENTOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO 84
7 – CONCLUSÃO 209
8 - REFERÊNCIAS 217

APRESENTAÇÃO

Sou Marcelo Fadori Soares Palhares, licenciado em Educação Física e mestre em Ciências da Motricidade pela UNESP Rio Claro. O tema de minha dissertação de mestrado foi a violência no futebol brasileiro, sob a ótica dos torcedores organizados. A dissertação intitulada "Violência no futebol brasileiro: os discursos de torcedores organizados", orientada pela professora Dra. Gisele Maria Schwartz ganhou o prêmio "Selo Cultura Acadêmica", ficando entre as melhores 50 produções dos programas de pós-graduação da UNESP na área sociocultural, resultando na publicação do livro "Não é só a torcida organizada": o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol brasileiro?

Durante a realização do mestrado tive a oportunidade de estudar na Universidade Nacional de Córdoba (UNC) e conhecer alguns pesquisadores argentinos, porém destaco quatro, que me marcaram e influenciaram de maneira particular: Pablo Alabarces, José Garriga Zucal, Veronica Moreira e Nicolas Cabrera. Após este contato com os referidos pesquisadores, bem como, com a literatura argentina sobre a violência no futebol, minha percepção sobre este fenômeno se alterou e em dezembro de 2014, ao final do meu processo de mestrado, comecei a escrever um projeto de doutorado, que versava sobre a existência ou não de padrões éticos no envolvimento com o fenômeno da violência (visto que, este foi um ponto que me chamou a atenção durante a primeira pesquisa).

Entretanto, este projeto foi adiado por "circunstâncias da vida", pois no final do ano de 2015, despretensiosamente, enviei meu currículo para um primeiro concurso no Ensino Superior e tive a felicidade de ser aceito. No ano de 2016, começo a lecionar na Fundação Hermínio Ometto – FHO/UNIARARAS. Após uma palestra em um evento da faculdade, os alunos passam a ter muito interesse sobre a questão e no meu segundo ano orientando alunos em seus trabalhos de conclusão de curso, começam a "pipocar" os estudos sobre torcidas organizadas. Talvez fosse o momento daquele projeto "sair da gaveta".

Cursei uma disciplina como aluno especial na UNESP Rio Claro, no ano de 2017, que mudou um pouco a rota daquele projeto. A disciplina era sobre Michel Foucault e por mais que eu nunca tivesse tido contato com sua obra, aquilo me parecia interessante. Particularmente, pensei que aquilo "poderia dar samba". Naquele referencial, eu enxergava ser possível pensar e analisar muito bem meu objeto de estudo: as torcidas organizadas. Depois de concluir a disciplina no ano de 2018, procurei me desafiar e sair

da “minha casa”, daquela estrutura que eu já conhecia tão bem, a querida e velha UNESP Rio Claro, para me lançar em novas aventuras acadêmicas.

Em um destes acasos, encontrei minha orientadora de mestrado, que comentou sobre um professor novo, entusiasmado, da área da gestão, que “necessitava de um doutorando”. Juntamos a fome, com a vontade de comer. Embora eu já houvesse cruzado com seu currículo nas minhas buscas pela *internet* por um possível orientador, confesso que desconhecia seu passado na área da comunicação, o seu doutorado com torcidas virtuais e a amplitude da área da gestão. Eis que surge a figura de Ary José Rocco Junior.

Enviei um *e-mail* e marcamos uma primeira reunião, na qual apresentei, o anteriormente mencionado, projeto sobre padrões éticos no envolvimento com a violência. Após sua leitura, apesar de ter gostado da ideia, Ary me sugeriu deixar mais explícita minha vinculação à determinada linha de investigação, e consequentemente, à área de concentração do programa de pós-graduação da Escola de Educação Física e Esporte da USP. Apesar de apontar tal quesito, ele me disse uma coisa que até então, me parecia inconcebível: “Marcelo, você vai estudar algo que você goste, pois este será o tema pelo qual você será reconhecido. Não te forçarei a estudar algo que não quer”. A partir daí, fizemos alguns ajustes, porém eu não poderia desperdiçar a *expertise* do meu orientador e então decidi unir meus interesses com a área de especialidade do Ary. Deste esforço nasce a proposta que será apresentada nas páginas adiante.

Neste processo, uma ideia inicial apresentada por meu orientador foi uma investigação documental sobre as torcidas organizadas (provavelmente, buscar algo nos jornais). Ele sugeriu tomarmos como ponto de partida a “Invasão Corintiana” do ano de 1976 (partida entre Fluminense x Corinthians, na qual, cerca de 70 mil torcedores corintianos assistiram sua equipe jogar como visitante, na cidade do Rio de Janeiro). Comecei as leituras sobre este evento. Ao ler as obras acadêmicas, tomar contato com os relatos de participantes, casos curiosos e, principalmente, ler as matérias jornalísticas sobre este evento, o tom de: “paixão”, “devoção”, “sacrifício”, “fidelidade”, “festa”, recorrentemente, estavam naqueles discursos. Em meio àquelas leituras sobre a Invasão Corintiana me lembrei de um dos maiores corintianos que conheço: o professor Felipe Tavares Paes Lopes e lhe propus um desafio: ser meu co-orientador nesta jornada. Desta vez, eu teria o privilégio de contar com este brilhante pesquisador “jogando no meu time”, já que no mestrado, ele tinha sido parte da banca examinadora.

Ao ler todo este material sobre a Invasão Corintiana, retorna à minha mente a lembrança da disciplina realizada em 2017: seria possível conceber a Invasão Corintiana

como um acontecimento no sentido foucaultiano? Será que este episódio é capaz de (re)configurar a esfera discursiva em torno das torcidas organizadas? Estas perguntas ficaram em minha mente, pois dentre os relatos por mim estudados, existiam diversas histórias de torcedores organizados. Inclusive, durante a Invasão Corintiana, alguns jornais criaram programação especial: enviaram até equipes de reportagem para cobrir esta viagem das torcidas organizadas ao Rio de Janeiro.

Com base nesta ideia e com o "time formado", a presente tese de doutorado foi construída. As seis disciplinas realizadas antes do processo de qualificação, todas se relacionam com o assunto aqui proposto e serviram para subsidiar princípios, pressupostos e bases desta investigação. A primeira disciplina realizada - "Comportamento do Consumidor no Esporte" - na Escola de Educação Física e Esporte forneceu um panorama amplo da situação contemporânea, bem como, as mudanças em relação à assistência de eventos esportivos e os processos de gestão que envolvem o esporte espetáculo.

Realizei duas disciplinas que envolviam, de alguma maneira, a Arqueologia de Michel Foucault. Uma delas foi no Instituto de Psicologia "Análise de discurso como metodologia de pesquisa", na qual pude ter um primeiro contato com as noções de Foucault. Já a segunda realizada na Faculdade de Educação "Escrita pós-estruturalista e educação: subsídios para a pesquisa educacional" foi de incomensurável valia para esta tese, visto que apresentou as potencialidades que poderiam ser utilizadas neste trabalho.

Uma quarta disciplina foi cursada no Instituto de Estudos Brasileiros. A cada quinze dias, ocorria uma verdadeira jornada discursiva. Estes encontros amadureceram algumas certezas e também me atiçaram algumas reflexões e dúvidas. Por fim, duas disciplinas foram realizadas na Escola de Comunicações e Artes ("Ciências da Linguagem: a Ordem Simbólica. Fundamentos das Reflexões sobre Linguagem" e "Comunicação Para Cultura De Paz E Interculturalidade") envolvendo preceitos e princípios do jornalismo e da comunicação.

Após este "primeiro tempo da partida do doutorado" ocorreu o processo de qualificação. Na oportunidade os professores e professoras ali presentes fizeram suas críticas e sugestões para que eu pudesse iniciar o "segundo tempo da partida do doutorado": o trabalho com o Arquivo. Cabe destacar que a qualificação me proporcionou melhores condições para enfrentar tal tarefa: algumas ideias foram mantidas, outras abandonadas. Diante do Arquivo, foram horas, dias, meses e anos. Um ano e meio, mais

precisamente. Me debrucei sobre os materiais produzidos pelos jornais na busca incessante pelos vestígios materiais dos discursos.

Foram inúmeras matérias de jornais, transcrições, memórias e descobertas, para que então pudéssemos chegar até aqui. Diante deste percurso, a tese aqui apresentada para o processo de defesa da tese está estruturada em: introdução, justificativa, objetivos, referencial teórico, método, resultados e discussão, conclusão e referências. A introdução contextualiza o problema de estudo. As razões práticas e teóricas para a realização desta tese são apresentadas na justificativa. Posteriormente, apresentam-se os objetivos: o geral e os específicos.

A fim de melhor apresentar a discussão teórica realizada em campos distintos, o referencial teórico possui três capítulos: o primeiro, denominado "de espectadores a torcidas organizadas", faz uma breve incursão histórica acerca dos grupamentos torcedores, apresenta alguns estudos científicos notórios no campo e problematiza o fenômeno da violência no universo futebolístico. Já o segundo capítulo "Jornalismo esportivo" apresenta a discussão em torno da definição de jornalismo esportivo, seus objetivos e levanta algumas características atuais deste editorial. O terceiro capítulo, com o título "Michel Foucault: vida e obras" apresenta a biografia do auto e suas noções teóricas para o trabalho com o Arquivo.

Após o referencial teórico, há a seção do método, onde apresentam-se os procedimentos de pesquisa. Os resultados e discussão são apresentados na seção denominada "A imersão no Arquivo". Neste capítulo são apresentados os três discursos dos meios de comunicação sobre as torcidas organizadas e a discussão acadêmicas destes dados é realizada. Posteriormente, a conclusão é apresentada e as referências são acrescidas em sequência e ao final do trabalho.

1 - INTRODUÇÃO

> Não é difícil. Sabemos que temos 150, 200 bandidos em torcidas organizadas. Temos que varrê-los do futebol e deixá-los em algum local durante as partidas.
>
> (Marco Polo Del Nero)

> Bom...eu acho que isso ai é um caminho bom para cair, né. Enche de cambada de vagabundo lá no horário de trabalho, onde que os caras tavam? Não tem trabalho? Vive do que? Pô é na hora do almoço isso ai, de manhã...a turma não tem o que fazer?
>
> (Flávio Prado)

O futebol é um fenômeno que possui grande representatividade social, pois diferentes culturas destinam muito tempo à sua prática e/ou fruição (REIS, 2006). Além disto, é uma prática social de enorme visibilidade, que é validada, reforçada e glorificada por uma série de agentes sociais (ALABARCES, 2002; RODRIGUES, 2003). Profissionais que sustentam tal prática e são sustentados por ela, sendo eles: atletas, dirigentes, empresários, treinadores, fisiologistas, preparadores físicos, e também, os profissionais dos meios de comunicação (os quais compõem a discussão aqui proposta). Portanto, de largada, torna-se fundamental perspectivar o futebol como uma grande máquina social (econômica, cultural, educacional, política, jurídica, etc.), uma peça fundamental no "jogo do governo das populações", sobretudo as mais pobres (RODRIGUES, 2004), que possuem nesta prática forte senso de identidade e pertencimento.

Durante o processo de popularização do futebol, surgem os torcedores, pessoas que intensificam e aproximam a relação dos indivíduos com esta modalidade esportiva (REIS, 2006). No contexto brasileiro, as primeiras organizações torcedoras se iniciam, na década de 1940, por meio da Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), fundada no ano de 1940, e da Charanga do Rubro Negra do Flamengo, fundada em 1942 (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; HOLLANDA, 2009; CANALE, 2012).

Estes grupos se organizavam em torno do prestígio de sua liderança (prestígio este, que se estendia, inclusive, mediante à imprensa), considerado um torcedor símbolo, festivo, alguém com comportamento adequado, um exemplo a ser seguido) e a partir de um modelo patrocinado financeiramente pelos clubes de futebol. Ou seja, os clubes de futebol arcavam com todas as despesas da torcida e ainda forneciam espaços físicos

dentro dos estádios para estas organizações torcedoras (TOLEDO, 1996). Situação esta, que poderia ser sintetizada como: "fidelidade total ao clube".

Todavia, este modelo de apoio incondicional, "fidelidade total ao clube", foi questionado pelo movimento das "Torcidas Jovens" da década de 1960 (HOLLANDA, 2009). Organizações que desejavam outro *modus operandi*: deveriam apoiar, porém ao mesmo tempo, cobrar e fiscalizar o clube também. Além disto, as "Torcidas Jovens" não possuíam nenhum apoio financeiro do clube[1], sendo sintetizadas de modo emblemático pelo lema da Torcida Jovem do Flamengo: "nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo".

A partir do surgimento das "Torcidas Jovens", pode-se dizer que há um rompimento do apoio incondicional, instituindo a emergência de uma nova lógica, uma nova racionalidade para os futuros grupamentos torcedores: "apoio com fiscalização e cobrança". Esta lógica contrasta ao antigo "apoio incondicional" apresentado pelas primeiras organizações torcedoras. De acordo com esta nova racionalidade ("apoio, porém com cobrança"), estão as instituições contemporâneas denominadas de torcidas organizadas.

Cabe destacar que o termo "torcida organizada", no plano teórico, contempla instituição de espectadores de futebol que se organizam de maneira específica, (se constituindo como pessoas jurídicas perante à lei, e contendo um modelo burocrático-jurídico semelhante a uma empresa, contendo cargos e funções) e somente pode ser aplicado à realidade brasileira. Este termo se difere de outras organizações torcedoras, tais como: "Torcidas Jovens", "Torcidas Uniformizadas", "*Hinchadas*"[2], "*Hooligans*" e "*Ultras*" (LOPES; CORDEIRO, 2010; LOPES, 2012).

Desde seu advento até os dias atuais, as torcidas organizadas passaram por transformações internas (relacionamento entre os membros, organização interna) e externas (relação com outros grupos: torcidas rivais, torcedores comuns do mesmo clube, polícia, atletas, meios de comunicação, etc.) que modificaram seu comportamento (LOPES; CORDEIRO, 2010). Além de diferirem em relação à postura perante o clube, as torcidas organizadas atuais também possuem um comportamento distinto em relação

[1] Apesar de as torcidas organizadas atuais se constituírem como grupos independentes dos clubes de futebol no plano ideológico, o que se pode constatar no plano empírico é que as torcidas organizadas ainda recebem benesses dos clubes - fretamento de ônibus para viagens e obtenção de ingressos para as partidas, conforme salienta Reis (2005) – em maior ou menor medida, dependendo do clube em questão. Também cabe ressaltar que os clubes após os anos 2010 passam a romper, ao menos no discurso oficial, com as organizadas após episódios de violência física envolvendo torcedores organizados.

[2] Cabe ressaltar que as hinchadas também podem ser denominadas de *barras*, conforme categoria nativa destacada por Garriga Zucal (2010).

às antigas organizações de torcedores (TUSP e Charanga) e dos outros atores sociais do futebol contemporâneo (torcedores comuns, jornalistas, atletas, árbitros, etc.) acerca de um elemento nevrálgico: a violência[3].

Pesquisas acadêmicas (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; MONTEIRO, 2004; MURAD, 2007; CANALE, 2012; LOPES, 2012; PALHARES, 2015) apontam que os torcedores organizados atuais concebem um significado específico para a violência. O livro "Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol" (PALHARES; SCHWARTZ, 2015) aborda especificamente este julgamento social da violência por parte dos torcedores organizados: por vezes, o confronto físico violento é tido como "justo", "válido", "correto" e até mesmo "necessário"[4]. Ou seja, a violência física é racionalizada, pensada e analisada dentro de marcos interpretativos, parâmetros simbólicos e morais específicos deste grupo de torcedores (GARRIGA ZUCAL, 2010; CABRERA, 2012; MOREIRA, 2013).

Tal racionalização da violência é exatamente o oposto daquilo que afirmam muitos discursos e enunciados que circulam no imaginário social: a violência física de torcedores organizados é "irracional", "bestial", "impensada", "sem sentido", como afirmam os enunciados apresentados na epígrafe desta seção. Tais enunciados estão presentes em discursos que circulam no cotidiano acerca da violência no futebol, categorizando as torcidas organizadas apenas como violentas.

Assim como salienta Lopes (2012) a circulação e reprodução destes discursos que estigmatizam o torcedor organizado deve-se, em grande medida, aos enunciados produzidos e que circulam na mídia esportiva, assim como apresentado na epígrafe desta seção (visto que Flávio Prado é um ator de destaque, da mídia esportiva nacional). Além deste ponto, Lopes (2012) ainda situa que o jornalismo esportivo é um dos principais *lócus* do debate e circulação de ideias acerca do futebol brasileiro (de modo geral) e da violência no futebol (de modo específico).

[3] Assim como salienta Pimenta (1997), a Torcida Jovem do Flamengo foi criticada em 1968, por ter a violência como marca registrada e por se opor aos métodos pacíficos que eram tidos como tradicionais. Entretanto, de largada já salientamos que nem toda torcida organizada é violenta. Assim como salientam Teixeira e Lopes (2018) as torcidas organizadas estabelecem redes de rivalidade (que pode acabar em confrontos físicos violentos), mas também redes de solidariedade e não é apenas a questão da violência que organiza a experiência de pertencer a uma torcida organizada (LOPES, 2012).

[4] Evidencia-se que a violência é apenas um dos elementos que converge a identidade do torcedor organizado, todavia não é o único elemento. Entretanto, propor uma discussão crítica acerca do discurso jornalístico sobre estes grupos, não significa coadunar com todas as suas práticas, acreditando que as torcidas organizadas apenas são vítimas do fenômeno da violência.

Tendo Lopes (2012) como base, dentro de toda a mídia esportiva, o jornalismo esportivo em específico (por ser produzido por profissionais da comunicação social e devido à sua grande audiência no território nacional), se apresenta como um meio, a partir do qual, pode-se localizar informações sobre a mobilização dos discursos que emergem e circulam socialmente sobre as torcidas organizadas. Por tal razão, de agora em diante falar-se-á apenas sobre o jornalismo esportivo, já realizando e justificando o recorte de pesquisa aqui realizado.

No bojo deste cenário anteriormente exposto, emerge um choque, uma oposição discursiva, que origina o problema central desta pesquisa. Tem-se de um lado, os discursos que tentam compreender, justificar e perspectivar o comportamento dos torcedores organizados e de outro, os discursos que condenam, não concordam, não compreendem, rechaçam tais comportamentos. Pode-se sintetizar tal situação como a oposição entre discursos de compreensão x estigmatização.

O primeiro discurso (compreensão) poderia ser ancorado, por exemplo, nos dados de estudos acadêmicos que apresentam dados distintos àqueles apresentados pelos discursos de estigmatização. Neste sentido, apresentam-se as pesquisas acadêmicas (REIS, 2000; SANTOS, 2004; SILVA, DEBORTOLI, SILVA, 2012) que traçam o perfil socioeconômico destes torcedores. Tais estudos rechaçam a argumentação de que os membros destas instituições seriam “vagabundos”, “desocupados”, “marginais” visto que 61% trabalha e 27% estuda. Portanto, a alcunha de “desocupados e vagabundos” não se sustentaria pois apenas 3% estaria sem emprego (SILVA, DEBORTOLI, SILVA, 2012).

Em oposição a estes dados das pesquisas acadêmicas supracitadas, o discurso de estigmatização afirma que: "eles não são torcedores, mas sim bandidos vestidos de torcedores", "são um bando de vagabundos, desocupados, marginais", ou conforme salienta Lopes (2012, p. 48): “adjetivos como vândalos, marginais e vagabundos são frequentemente utilizados para rotula-los”. Tais enunciados sustentam uma carga pejorativa e difamatória.

Neste momento então, retoma-se a epígrafe desta seção para ilustrar tal situação. O ex-presidente da Federação Paulista de Futebol afirma que existem bandidos dentro das torcidas organizadas. Ao produzir tal enunciado pejorativo, ele retoma o discurso de estigmatização, e além disto, o faz circular em outro espaço social, para além do jornalismo esportivo. Cabe mencionar também que o referido discurso estigmatizante ainda afirma que o envolvimento com episódios de violência física por parte dos torcedores organizados seria "irracional", "um retorno à selvageria". Como exemplo, tem-

se o enunciado produzido pelo treinador Luiz Felipe Scolari, ex-técnico do Palmeiras, na coletiva de imprensa do dia 11/04/2019 ao dizer "não ter medo de bandido" ao se referir às torcidas organizadas do clube (FOX SPORTS, 2019).

A partir destes dados anteriormente expostos, compõe-se o cenário de um embate discursivo. Este tensionamento, impasse faz surgir o problema de estudo[5] desta tese. Diante desta oposição discursiva (compreensão x estigmatização) em relação às torcidas organizadas, como se dá a produção de enunciados (discursos) sobre estes grupos por parte do jornalismo esportivo? Em que momento o discurso da violência é direcionado às torcidas organizadas? Em algum momento elas não foram responsabilizadas por tal cenário? Existiram transformações na produção discursiva em relação às torcidas organizadas? Estas e outras foram as questões geradoras do estudo. Portanto, a presente investigação acadêmica fundamenta-se neste embate discursivo, tomando como objeto de estudo o discurso jornalístico[6] sobre as torcidas organizadas evidenciando quais as ideias circulam/circulavam sobre este grupo ao longo de uma série histórica.

Sendo assim, a presente investigação tem como objetivo investigar e analisar (a partir de uma perspectiva Arqueológica) os discursos do jornalismo esportivo sobre as torcidas organizadas entre 1969-2020. Este período de 51 anos de investigação fundamenta-se devido a três razões.

A primeira, mais ampla no contexto futebolístico, concerne a contemplar o processo de espetacularização da modalidade, sobretudo com o desenvolvimento da televisão como meio de comunicação de massa. A segunda razão, mais específica, se refere à aparição das torcidas organizadas ter ocorrido no final da década de 60 e início de 70. Por exemplo, a primeira agremiação neste molde surge em 1969, sendo esta, a Gaviões da Fiel (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997). Instituição esta que, inclusive, se constitui como modelo para as torcidas organizadas que se constituíram posteriormente (CANALE, 2012). Já a terceira se relaciona aos procedimentos Arqueológicos e a necessidade da verificação de enunciados dentro de uma série histórica relativamente abrangente (FOUCAULT, 2008).

[5] Em decorrência do problema de estudo (discurso sobre as torcidas organizadas) justifica-se que a literatura acadêmica a ser consultada, majoritariamente, será a nacional. Esta decisão se relaciona ao fato de que o fenômeno das torcidas organizadas, pode ser encontrado, única e exclusivamente no Brasil.

[6] Cabe destacar que não se trata de discutir a prática jornalística em si (não se discute o "bom jornalismo" x "mal jornalismo"), mas sim analisar o jornalismo como mídia, como um meio de comunicação que faz as ideias, pensamentos, concepções circularem, serem divulgadas e chegarem aos diferentes rincões e públicos (BOND, 1969). Além disto, visou-se nesta tese problematizar o estatuto possuído por este jornalismo para conceder ou calar o discurso de indivíduos, grupos e instituições, organizar o espaço social, gerar consensos e cristalizar sentidos (SILVEIRA; MARÔPO, 2014).

Sendo assim, existiu a necessidade de se encontrar um acontecimento[7] no sentido foucaultiano do termo: um episódio ou uma série deles, que mude as regras de veridicção (se relacionam aos efeitos de um discurso considerado como verdadeiro[8]) em torno do discurso sobre as torcidas organizadas. Ou seja, quais foram os fatos, ou a sequência de fatos, que modificaram o que se dizia e o que se fazia em relação às torcidas organizadas? Quais os episódios que estabeleceram as relações entre os acontecimentos discursivos e não discursivos (FOUCAULT, 2008).

Antecipadamente, destaca-se ao leitor que o acontecimento discursivo está evidenciado na seção "é a lei do mais forte": D(3) – torcida organizada é violência. Todavia, o processo de constituição do discurso, bem como, do acontecimento foucaultiano será explicitado na seção do método e também na descrição do já referido discurso. Diante disto, neste momento, apresentam-se as justificativas para a realização desta tese.

[7] O acontecimento é o ponto de inflexão, de ruptura, algo que muda as regras de veridicção. Se constitui como a intersecção entre duas velocidades distintas. Conforme veremos mais adiante, identificar os acontecimentos trata-se do cerne da análise (mais especificamente, da etapa da arquivização). Esta noção é fulcral, visto que é uma atenção fina do pesquisador ao remontar o Arquivo. Este deve se atentar aos jogos de veridicção e subjetivação, que estão presentes no Arquivo (AQUINO; VAL, 2018).

[8] Segundo Foucault (2004) o regime de veridicção se relaciona ao [...] conjunto das regras que permitem, a propósito de certo discurso, fixar quais são os enunciados que poderão ser caracterizados como verdadeiros ou falsos (FOUCAULT, 2004, p. 37).

2 - JUSTIFICATIVA

"Se você quer chegar onde a maioria não chega, faça o que a maioria não faz"
(Bill Gates)

Inicialmente, destaca-se como justificativa para a realização desta investigação uma razão de ordem prática: a relevância do tema na sociedade brasileira. O futebol se constitui como a modalidade mais praticada e assistida de todo o universo, contendo extrema relevância cultural (ESCHER; REIS, 2006), sobretudo no Brasil, considerado o "país do futebol". Compreender as relações estabelecidas dentro deste universo torna-se premente, sobretudo, no que tange à violência. Um fator que pode alijar cidadãos do principal esporte nacional.

Uma segunda razão, relacionada à primeira, (entretanto, de ordem teórica) se refere à realização de poucos estudos científicos sobre a temática de torcidas organizadas no campo da Educação Física. Embora nas Ciências Humanas e Sociais, o futebol de modo geral, e as torcidas organizadas em específico, tenham recebido cada vez mais atenção como temas de investigação, no campo da Educação Física, este tema ainda carece de investigações. Tal situação colabora para a manutenção de frases prontas, de efeito, "chavões" e lugares comuns que inibem a discussão crítica do tema. Assim como relatam Rossi e Mendes Junior, frequentemente, a discussão sobre violência no futebol permanece até alguém pronunciar a frase que termina o assunto: "eles não são torcedores – são vândalos travestidos de torcedores'. Uma frase definitiva que propaga o silêncio na mesa" (ROSSI; MENDES JÚNIOR, 2014, p. 242).

No sentido de elucidar a baixa produção de estudos no assunto, realizou-se, na data de 06/02/2020, uma breve busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, plataforma eletrônica que reúne trabalhos de pós-graduação realizados em todo o país. Ao buscar-se pelo descritor "torcida organizada" encontra-se 6.746 resultados. Com a utilização do filtro "área de conhecimento" e selecionando apenas a área da "Educação Física" o resultado da busca cai para 116 trabalhos. Na análise apenas dos títulos destes trabalhos percebe-se que o número é reduzido a somente 13 trabalhos, sendo eles: 10 dissertações e apenas 3 teses (dados no quadro 1). Estes 13 trabalhos sobre torcidas organizadas, quando comparados com a produção sobre outros temas pertencentes à Educação Física, evidenciam a baixa produção sobre o assunto. Utilizando o mesmo mecanismo de busca, digitou-se: Biomecânica (resultando em 2.985 trabalhos totalmente

relacionados ao tema), Educação Física Adaptada (5.419 trabalhos), Educação Física Escolar (8.416 trabalhos) e Fisiologia do Exercício (10.259 trabalhos).

QUADRO 1 – Estudos sobre torcida organizada no Portal CAPES

	AUTOR	ANO	TÍTULO	NÍVEL
1	REIS	1998	Futebol e sociedade: as manifestações da torcida	Doutorado
2	OLIVEIRA	2000	A torcida Raça Rubro Negra e seus ídolos do futebol	Mestrado
3	SILVA	2001	Tua imensa torcida é bem feliz...da relação do torcedor com o clube	Mestrado
4	KOWLASKI	2001	Por que Flamengo?	Doutorado
5	SILVA	2007	Torcida organizada "Os Fanáticos": relacionamentos e sociabilidade"	Mestrado
6	BRAGA	2008	As torcidas de futebol no Rio de Janeiro nos anos de 1940	Mestrado
7	ALVES	2010	Amor à camisa? conciliando razão e paixão no ambiente do futebol profissional	Mestrado
8	BONIN	2011	Ações públicas e privadas destinadas ao combate da violência nos jogos de futebol	Mestrado
9	LIMA	2012	O clube da cidade como um dos fatores principais de conexão com torcedor: o caso do Esporte Grêmio Barueri	Mestrado
10	CANALE	2012	Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer	Mestrado
11	BRANDÃO	2014	Das relações álcool, futebol e violência	Mestrado
12	PALHARES	2014	Violência no futebol brasileiro: os discursos de torcedores organizados	Mestrado
13	ANJOS	2018	De "são bichas, mas são nossas" à "diversidade da alegria": uma história da torcida COLIGAY	Doutorado

Fonte: Elaboração própria

De modo complementar, para evidenciar como os estudos acadêmicos nesta temática ainda são pouco explorados, foi realizada uma segunda busca. Desta vez, nos portais das três universidades estaduais paulistas: Universidade de São Paulo (USP – Portal DEDALUS) Universidade Estadual Paulista (UNESP – Portal Athena) e da Universidade de Campinas (UNICAMP - Portal Sophia). O mecanismo de busca foi o mesmo que o anterior: digitou-se "torcida organizada" nestes três portais, entretanto, sem nenhum filtro de área do conhecimento.

No DEDALUS, que reúne todas as bibliotecas de todos os *campi* da Universidade de São Paulo – USP, foram encontrados apenas 7 resultados, sendo eles: 2 livros, 2 vídeos,

1 capítulo de livro, 1 artigo e 1 tese de doutorado. No portal Athena da UNESP a busca resultou em 4 resultados, sendo: 2 dissertações de mestrado (ambas do mesmo programa de pós-graduação – UNESP RIO CLARO) e 2 livros: as obras de grandes referências no assunto: Toledo (1996) e Pimenta (1997). E por fim, no portal Sophia da UNICAMP, 17 registros foram encontrados, sendo eles: 5 trabalhos de conclusão de curso, 7 livros, 3 dissertações, 1 tese e 1 DVD.

A maior produção da UNICAMP pode ser facilmente explicada pelo fato de que a professora Heloisa Helena Baldy dos Reis, uma das principais referências no estudo acadêmico das torcidas organizadas e de políticas púbicas para a prevenção da violência no futebol, foi professora da Faculdade de Educação Física - FEF até o ano de 2018. Todavia, esta breve busca nos portais da CAPES e das universidades estaduais paulistas aponta a baixa realização de estudos acerca do comportamento das torcidas organizadas. Por fim, para consolidar tal argumentação destaca-se que em busca em duas reconhecidas bases de dados (*Bireme* e *Scielo*) foram encontrados apenas 5 artigos, sendo três na *Bireme* e dois na base de dados *Scielo*[9].

Além disto, cabe mencionar que alguns estudos levantados tanto nas bases de dados, quantos nas plataformas anteriormente citadas, se debruçaram sobre outras temáticas, que são essencialmente diferentes da proposta neste estudo, visto que não abordam diretamente as torcidas organizadas, sua relação com o jornalismo esportivo e/ou o debate sobre a problemática da violência no futebol, fato este que mobiliza a terceira justificativa.

Ainda no âmbito teórico, a terceira justificativa se relaciona à uma abordagem diferenciada para tentar compreender a relação conturbada entre torcedores organizados e jornalistas. Ao investigar a produção discursiva (circulação de ideias) em relação aos torcedores organizados em uma série histórica, seria possível levantar quais são os enunciados e os efeitos de sentido (re)produzidos, mobilizados, (re)tomados, que circulam para tratar das notícias que envolvem tais grupos.

Para tanto, o presente estudo se inspira na Arqueologia de Michel Foucault como procedimento neste intento de remontar um processo social, que legitima um determinado discurso em um dado momento histórico (REVEL, 2015). Ou seja, tentou-se reconstruir

[9] Cabe mencionar que ao buscar por "torcida organizada" na base de dados *Scielo*, encontram-se 3 artigos, porém um é sobre *hinchadas* argentinas. Portanto, desconsidera-se este estudo nesta contagem. O artigo referido é de autoria de Nicolàs Cabrera e intitulado de "Violencia, estigma y desplazamientos: la reconfiguración social y moral de Los Piratas en clave processual".

a rede de discursos, práticas, estratégias e poderes de 1969 a 2020 que fez com que se direcionasse a alcunha de organizações perigosas e violentas às torcidas organizadas. Portanto, ao não utilizar os referenciais teóricos tradicionais para o estudo dos grupamentos torcedores – sociologia configuracional e teorias que afirmam a perda de referências nas sociedades pós-modernas conforme salienta Hollanda (2009, p.40) – a presente tese se constitui em uma abordagem distinta.

Nesta justificativa acrescenta-se a diferenciação desta tese com as pesquisas levadas à cabo por Toro (2004) e Chaim (2018). Embora tais pesquisas já abordem o Estado e a imprensa como meios de expansão do futebol, além das torcidas como um novo agente social do futebol profissional, destaca-se que existem diferenças metodológicas e de abordagens e pressupostos em relação ao fenômeno das torcidas organizadas.

A pesquisa de Camilo Aguilera Toro diverge da aqui proposta, pois estudou o papel da mídia na formação das identidades torcedoras (de que modo estas identidades são transmitidas de torcedor a torcedor). Esta pesquisa não revisou completamente todas as edições do jornal "A Folha de São Paulo", nas palavras do autor: "tomou-se como amostra representativa as edições de um mês por ano, às vezes dois meses e excepcionalmente três. Na maioria dos casos foram privilegiadas as edições do mês de dezembro (TORO, 2004, p. 5)". Ao passo que a presente tese se propôs a investigar os materiais em sua totalidade e não apenas em meses específicos. Além disto, destaca-se a abordagem pós-estruturalista[10] que será aqui conduzida, que diverge radicalmente dos pressupostos estabelecidos pela pesquisa de Toro (2004).

Já no que se relaciona à pesquisa de Chaim (2018), a presente tese se distancia no enfoque: naquela pesquisa Estatal, nesta no exame e análise das práticas. Cabe lembrar que o discurso é considerado uma prática na perspectiva foucaultiana (assim como os confrontos físicos violentos). Portanto, o foco de interesse deste estudo é analisar aquilo que, efetivamente, foi dito e/ou feito pelos seres humanos (torcedores e jornalistas).

Aníbal Chaim justifica a mudança nas práticas das torcidas uniformizadas e organizadas, com base apenas na visão estatal: nesta perspectiva julga-se o Estado como

[10] A abordagem pós-estruturalista vai rechaçar as representações que foram fulcrais (pontos de partida e chegada na pesquisa de Toro), pois na perspectiva foucaultiana parte-se das práticas, daquilo que efetivamente os seres humanos fizeram e disseram para estabelecer a relação com outras esferas sociais, econômicas, etc. Portanto, não é aceita a ideia de que todos os torcedores puderam ser subjetivados do mesmo modo. Ou seja, puderam construir de modo igual suas identidades torcedoras, foram afetados da mesma maneira por esta narrativa construída em relação a eles próprios.

epicentro de poder, que dita, controla e ordena as práticas das torcidas. Indubitavelmente, o Estado teve participação nestas mudanças, porém, na perspectiva aqui adotada o poder é uma rede (FOUCAULT, 1979) e os sujeitos também podem escapar do poder Estatal de diferentes formas.

Esta diferença na abordagem também pode produzir diferenças nevrálgicas, visto que concebe o surgimento das Torcidas Jovens como um processo decorrente do fim do Estado Novo. Ao passo que na abordagem aqui conduzida o que determina tais pontos de inflexão é uma mudança no processo de veridicção. Por tal razão, torna-se fundamental analisar as práticas em si, como ponto de partida. Além disto, na perspectiva foucaultiana pode-se conceber o processo reverso: de que maneira as práticas dos torcedores afetam, interferem e modificam as práticas Estatais.

Uma quarta razão para a realização deste estudo seria problematizar o estatuto do jornalismo como "arauto da verdade". Conforme já demonstrado anteriormente, os argumentos mobilizados pelo discurso jornalístico, em grande medida, apenas classificam as práticas dos torcedores organizados como "patológicas", "impensáveis" "degeneradas" ou "irracionais", contando com forte apelo sensacionalista, assim como destaca Hollanda (2009). Todavia, os estudos acadêmicos (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; CANALE, 2012; PALHARES, 2015) já demonstram alto grau de racionalidade nestes elementos. Além de mobilizarem apenas argumentos biológicos, desconsiderando completamente as questões culturais, os jornalistas desprezam com frequência, os valores que organizam e se fazem presentes nestas subculturas de torcedores organizados (HOLLANDA, 2009).

Lopes (2012) demonstra que de modo recorrente, apenas condena as torcidas organizadas pelo cenário de violência no futebol (LOPES, 2012). Entretanto, conforme apontam Escher e Reis (2006) isto se mostra ineficaz e reducionista, pois a violência no futebol perpassa questões estruturais e culturais. Logo, compreender o comportamento do torcedor, bem como suas motivações e razões, se faz primordial para vislumbrar cenários de transformação de conflitos.

Devido ao seu protagonismo no processo de produção, transmissão e recepção das informações acerca do espetáculo futebolístico, o jornalismo esportivo pode ser um importante ator para a construção de uma convivência pacífica entre os espectadores de futebol (LOPES; PALHARES, 2016). Entretanto, não deve apenas condenar as ações violentas dos torcedores e se esquecer que ele próprio pode fomentar tais ações, assim como salienta Garriga Zucal (2013).

Uma quinta justificativa concerne ao debate em torno da delimitação do objeto violência no futebol. Investigada e debatida em trabalhos acadêmicos, tanto em âmbito internacional (DUNNING; MURPHY; WILLIANS, 1992; BUFORD, 1992; KERR, 1994; KERR; DE KOCK, 2002; ALABARCES, GARRIGA ZUCAL, 2005, 2007, 2008; STOTT, ADANG, LIVINGSTONE, SCHREIBER, 2008; SPAAIJ, 2008; SPAAIJ; ANDERSON, 2010; PRIKS, 2010; GARRIGA ZUCAL, 2005, 2010, 2013), quanto em âmbito nacional (CÉSAR, 1981; TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; REIS, 1998; 2005; ESCHER; REIS, 2006; MURAD, 2007; LOPES, 2012, 2013; CANALE, 2012; PALHARES et al., 2012; PALHARES, 2015), a violência no futebol é um fenômeno mundial[11]. No contexto brasileiro, Escher e Reis (2006) apontam que o jornalismo participa ativamente da constituição deste fenômeno, assim como os atores sociais, apontados por Lopes (2012): alguns acadêmicos, jornalistas, algumas autoridades policiais e públicas, sobretudo promotores de justiça.

Com exceção dos acadêmicos, Lopes (2012) sustenta que os argumentos apresentados pelos atores sociais envolvidos na delimitação da violência no futebol, apenas combatem a violência física, aceitando outras formas de violência tais como: o racismo, sexismo, machismo, discriminação, preconceito, corrupção e tantas outras práticas violentas que acabam sendo minimizadas (LOPES, 2012).

O jornalismo esportivo ao definir os estádios de futebol como locais perigosos e as torcidas organizadas como as principais responsáveis pelo cenário "caótico" de violência limita o debate apenas à violência física (MURAD, 2007). Assim, a própria definição do que é entendido como "violência no futebol", se torna importante para entender a constituição e delimitação do fenômeno.

Atualmente, a própria abordagem jornalística fomenta a intolerância, a partir da argumentação de que é necessária repressão e/ou violência contra tais grupos, inclusive com argumentos que lhes retiram a condição humana, visto que são classificados como: "vândalos, "vagabundos, "marginais", "bandidos vestidos de torcedores", "câncer do futebol" (LOPES, 2013)[12]. Ao analisar às torcidas organizadas deste modo, o jornalismo

[11] Destaca-se que países, com distintas condições socioeconômicas, tais como: Inglaterra, Espanha, Suécia, Itália, Holanda, Argentina e Brasil realizam estudos acadêmicos sobre a temática, demonstrando preocupação em compreender este fenômeno. Logo, não se pode reduzir tal problema ao Brasil, porém o jornalismo esportivo ainda parece possuir um discurso sensacionalista, fatalista e reducionista acerca da questão.

[12] Nos questionamos se esta produção discursiva não pode se constituir como uma denominação àqueles que escapam à norma. Assim, como destaca Foucault (1997) o anormal é aquele cuja diferença em relação à maioria seja perceptível e passa a ser considerada como algo indesejável. Portanto, esta desobediência,

esportivo ignora que ser membro destes grupos também se constitui como uma alternativa de lazer, sociabilidade e vivência cultural e possibilidade de uma experiência coletiva que pode ser fonte de prazer e identidade (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; LOPES, 2013).

Finalmente, cabe ressaltar também que compreender a produção discursiva destes atores (jornalismo esportivo x torcidas organizadas) que possuem discursos diametralmente opostos (PALHARES, 2015) pode auxiliar na evidenciação dos jogos de veridicção em torno da questão da violência no futebol. As relações de poder que organizam o espaço social estão ligadas à acumulação e circulação do discurso verdadeiro (FOUCAULT, 1979).

Conforme destaca Lopes (2012) promotores de justiça e policiais são considerados especialistas (detentores do saber e, consequentemente, possuem certo poder) sobre a temática das torcidas organizadas, tendo legitimação em seus discursos. Ao passo que os próprios torcedores organizados não são fontes de consulta para o jornalismo esportivo (TORO, 2004; LOPES, 2012). Esta situação faz com que os especialistas possam proclamar seu discurso abertamente, gozando de um estatuto válido, ao passo que o discurso da torcida organizada sobre suas próprias práticas é interditado e/ou desvalidado, pois "silenciamento e exposição são estratégias que controlam os sentidos e as verdades" (GREGOLIN, 2007, p. 15). Ou seja, o discurso contrário ao dos especialistas é silenciado pelo jornalismo esportivo. Portanto, ressalta-se que:

> Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade" (FOUCAULT, 1999, p. 9).

Este trecho evidencia que a produção de discursos é controlada social e historicamente por procedimentos que visam manter "a ordem do discurso". Ou seja, demarcar, delimitar as condições de enunciação. O discurso é o espaço no qual saber e poder se articulam - pois quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente (FOUCAULT, 1999). Deste modo, qualquer análise sobre o jornalismo esportivo, assim como destaca Alabarces (2012), deve sempre estar atenta, ao fato de que este é capaz de produzir, retomar, mobilizar concepções nos indivíduos (ademais no campo esportivo, que envolve emoções e paixões). Em suma, assim como apontava Foucault (1999) deve-se considerar as relações de saber-poder que

ingerência em relação à norma sobre "o que é ser um verdadeiro torcedor" estaria contribuindo para esta produção discursiva em relação às torcidas organizadas?

constituem os objetos e os indivíduos. Destarte, as matérias jornalísticas podem contribuir na produção, consolidação e/ou transformação destas relações.

Deste modo, a realização de um estudo desta natureza também pode ser capaz de contribuir para um refinamento nas análises de acadêmicos e de profissionais do esporte, independentemente de suas áreas de formação, tais como: Educação Física, Ciências Sociais, Jornalismo, Comunicação, Administração, Direito, Marketing, etc. Esta tese se enquadra na área de "Estudos Socioculturais" da Escola de Educação Física e Esporte, visto que analisa as relações entre os diferentes agentes sociais (pessoas e/ou instituições) dentro do campo esportivo. Assim como destacam Saura, Zimmermann e Rubio (2017), esta área da EFEE busca ampliar e diversificar os objetos de pesquisa, primando pela adequação e construção de metodologias refinadas, que possam contemplar as necessidades da área e não a simples translocação e empréstimo de metodologias prontas.

Situa-se na linha de pesquisa de "jornalismo esportivo", pois estudará, especificamente, a comunicação que foi realizada ao longo dos 51 anos propostos pelo estudo, pois conforme destaca Krieg-Planque (2018, p. 41) pode-se conceber a comunicação como "um conjunto de saberes e habilidades [...] relativos à antecipação de práticas de retomada, de transformação e de reformulação dos enunciados e de seus conteúdos". Ou seja, este estudo, realizado dentro do Grupo de Pesquisa e Estudos em Comunicação e Marketing no Esporte (GEPECOM), analisou o que foi dito sobre as torcidas organizadas. Também analisou se e de que modo estes enunciados foram retomados ou silenciados. Qual o conteúdo, como e em quais contextos notícias foram produzidas sobre torcidas organizadas.

Diante destes fatos, o estudo aqui proposto está em conformidade com o programa de pós-graduação, linha de pesquisa e grupo de pesquisa ao qual está vinculado. Neste momento, expõe-se os objetivos da presente tese.

3 - OBJETIVOS

‘“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”
(Arthur Schopenhauer)

3. 1 - Objetivo Geral

Investigar e analisar (a partir de uma perspectiva Arqueológica) os discursos do jornalismo esportivo sobre as torcidas organizadas de 1969-2020

3. 2 - Objetivos Específicos

Descrever os discursos do jornalismo esportivo sobre as torcidas organizadas a partir de seus enunciados

Analisar o elemento da violência nestes discursos sobre as torcidas organizadas de 1969 a 2020

4 - REFERENCIAL TEÓRICO

‘‘O problema não é mudar a ‘consciência’ das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade.’’
(Michel Foucault)

4.1 – De espectadores a torcidas organizadas

Segundo Malaia (2012), uma palavra da língua portuguesa, em especial, ganhou um significado novo e genuinamente brasileiro: torcer. Há diferenciação na denominação dos espectadores do espetáculo futebolístico em diferentes países no mundo. Na França o termo utilizado é *supporter*, na Itália *tifosi*, e nos países de língua latina, tais como: Espanha, México, Colômbia, Argentina e Uruguai *hincha* (MALAIA, 2012). Entretanto, paira uma questão: de onde vem a palavra torcedor?

Existem algumas hipóteses para responder a tal questão. Neste sentido, recorre-se a Malaia (2012). O autor elucida que a palavra “torcer” ganha um sentido único e especial na cultura brasileira, fortemente relacionado à cultura esportiva nacional (MALAIA, 2012). Assim como salienta Hollanda (2009), apesar de o termo “torcer” possuir algumas aparições na imprensa esportiva na década de 1910, o termo “assistência” era o mais utilizado no período, devido a sua origem erudita, relacionada com os espetáculos musicais, tendo perdurado até a década de 1930 (HOLLANDA, 2009).

Portanto, pode-se responder àquela questão da seguinte maneira: a utilização do termo “torcer” se devia à sua capacidade em descrever de modo fidedigno as ações realizadas nas arquibancadas. Conforme destaca Malaia (2012), existem duas versões sobre a origem do termo, porém ambas retratam situações ocorridas nas arquibancadas com os espectadores das partidas de futebol no início do século XX.

A primeira se relaciona às movimentações corporais realizadas pelos espectadores das partidas de futebol, visto que estes, contagiados pela emoção, realizavam torções na coluna vertebral, além de apoiarem os jogadores com gritos diante de diversos momentos de tensão, expectativa, êxtase, euforia e emoções à flor da pele. Já a segunda versão, confere protagonismo às mulheres, pois afirma que o termo “torcer” surge devido à ação das mulheres que ao assistirem as partidas torciam as luvas que estavam em suas mãos (MALAIA, 2012). Com base nestas reações dos espectadores, a

imprensa passa a denomina-los de “torcedores”. Termo que posteriormente se difundiu ao redor de todo o Brasil, assim como salientam Hollanda (2009) e Malaia (2012).

Cabe, mesmo que brevemente, lembrar que no início da prática futebolística no Brasil, esta, se mantinha restrita à elite, sendo praticada dentro dos clubes e se constituindo em um espaço para exibição de um determinado status social. Uma prática que segregava de modo efetivo, conforme já demonstraram outras investigações acadêmicas (PEREIRA, 2000; PRONI, 2000; RODRIGUES FILHO, 2003; HOLLANDA, 2009; MALAIA, 2010; MALAIA, 2012).

Após o estabelecimento do termo torcer, houve o processo de popularização do futebol em território nacional. Processo este que já foi abordado em outros estudos, tais como os de Antunes (1994), Proni (2000), Streapco e Rubio (2009), Santos (2011). O processo de popularização do futebol no Brasil, por sua vez, desencadeou na organização de grupamentos torcedores, assim como demonstrado por Toledo (1996), Pimenta (1997), Toro (2004) e Malaia (2012). Basicamente, pode-se considerar tais grupamentos como conjuntos de pessoas que se organizam, formal ou informalmente, para acompanharem as equipes de futebol.

Neste sentido, recorre-se a Reis (1998) para evidenciar os diferentes níveis de envolvimento possíveis nesta tarefa em acompanhar determinado clube. Segundo a autora, existiria um nível primário que se relaciona ao espectador. Pessoa que apenas assiste à partida, porém sem muito envolvimento, alteração, comprometimento ou paixão. Basicamente, seria um comportamento genuinamente passivo. Um segundo estágio seria o do torcedor. Neste estágio já ocorre uma mudança drástica em relação à participação: ela é ativa, diligente, visto que a pessoa assiste à partida, porém canta, grita, apoia, vaia, xinga, reclama, esbraveja, comemora, etc. (REIS, 1998).

Um terceiro estágio se relaciona ao torcedor uniformizado. Eles possuem o mesmo tipo de comportamento que os anteriores, porém já se comprometem com um grupo de pessoas, que vestem uma roupa semelhante em termos estéticos (cores ou até mesmo um uniforme padrão a todos os componentes). Por fim, existiria um último estágio, que seria de maior envolvimento com o espetáculo futebolístico, que se refere à torcida organizada. Possui o mesmo padrão de comportamento do que os dois estágios anteriores, entretanto existe uma estrutura que é totalmente independente do clube apoiado por tal grupo (REIS, 1998). Com base nos estágios apresentados por Reis (1998), pode-se dizer então que este seria o estágio de maior comprometimento no universo do futebol brasileiro, pois um mesmo individuo se compromete com duas instituições distintas, porém correlacionadas.

Seu desejo seria participar do cotidiano de ambas instituições: tanto do clube, quanto da torcida organizada.

Assim como Reis (1998), Richard Giulianotti (2012) também propõe uma tipologia acerca dos espectadores do espetáculo futebolístico profissional, todavia, o autor considera a questão identitária de tais grupos a partir do contexto britânico. Adotando como premissa a hipermercantilização do esporte, o autor apregoa uma transformação estrutural que afetaria as identidades dentro do futebol. Desta maneira, em sua análise concebe a existência de quatro grupos que se organizam ao redor do futebol: os fanáticos, os seguidores[13], os fãs e os flâneurs. Dentro de sua análise, Giulianotti afirma que a identidade do torcedor deixa de ser direcionada do fanático (comportamento similar da torcida organizada) para o flâneur, que é um torcedor direcionado ao consumo, mais tranquilo e distante do clube (GIULIANOTTI, 2012).

Destaca-se que a compreensão destes diferentes níveis de participação e envolvimento com o futebol são fundamentais para perspectivar os comportamentos apresentados pelos torcedores organizados, visto que estas instituições surgem com o objetivo de se diferenciarem no universo do futebol (assim como destacado na introdução). Neste momento então torna-se necessário realizar uma breve conceituação destas instituições, seu surgimento, desenvolvimento, apresentar de que maneira os estudos acadêmicos tem abordado tais grupamentos e por fim problematizar a noção de violência no futebol.

No início desta tarefa de definir o que são as torcidas organizadas, recorre-se à definição apresentada por uma das principais referências nos estudos sobre torcidas organizadas, a pesquisadora Heloisa Baldy dos Reis. A autora, no capítulo de livro denominado "Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação", define que as torcidas são:

> Grupamentos de torcedores que possuem uma organização própria e independente dos clubes, apesar de terem recebido benefícios ou cortesias ao longo de vários anos por parte de dirigentes de clubes de futebol como, por exemplo, ingressos de jogos, auxílio ao fretamento de ônibus ou o recebimento de *souvenirs*, verificados principalmente em períodos de campanhas eleitorais (REIS, 2005, p. 124).

[13] Os seguidores e os fãs se aproximam do imaginário em torno do torcedor comum brasileiro. Entretanto, Giulianotti estabelece que os primeiros são frios. Podem se identificar com atletas e técnicos do seu clube, mas também de outros clubes. Ao passo que os segundos são quentes. Eles estabelecem uma forma de amor pelo clube, eles se identificam, porém de modo mais distante do que os fanáticos.

Com base nesta definição de Reis (2005), salienta-se que uma torcida organizada é erigida em um modelo empresarial, com independência do clube ao qual apoia, constituindo-se tradicionalmente como uma agremiação (pessoa jurídica no âmbito legal). Desta forma, assim como estudos acadêmicos já evidenciaram (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; MURAD, 2007), existe uma organização do ponto de vista formal. Não são apenas um grupo informal, que veste o mesmo uniforme. Toledo (1996, p. 26) auxilia neste entendimento ao dizer que: "[...] existe uma dada organização para além da mera uniformização (uso da camisa comum) de seus sócios nas arquibancadas.".

A pesquisadora Rosana da Câmara Teixeira e o pesquisador Felipe Tavares Paes Lopes são estudiosos contemporâneos das torcidas organizadas. Em artigo conjunto (TEIXEIRA; LOPES, 2018), demonstram que estes grupos se profissionalizaram, tendo como base um modelo burocrático e empresarial, cresceram e criaram subdivisões (denominadas de canis, pelotões, bondes, quebradas e outros). Tais pesquisadores definem torcida organizada como:

> as (atuais) torcidas organizadas são hierarquizadas e reúnem, especialmente, jovens do sexo masculino, entre 14 e 25 anos de idade, com origens e trajetórias socioculturais e econômicas distintas, mas que compartilham um mesmo estilo de vida. Nas arquibancadas, suas ritualizações, cânticos e corporalidades possuem a rivalidade e a manifestação de antagonismos como elementos centrais, ganhando visibilidade tanto pelo seu caráter festivo quanto contestatório (TEIXEIRA; LOPES, 2018, p. 147-148).

A obra destes autores acrescenta um elemento interessante: a necessidade de consideração da "ideologia" de cada torcida. Por meio desta categoria nativa, Teixeira e Lopes (2018) estabelecem que, no plano empírico, a estrutura e o modo de operação, funcionamento das torcidas organizadas pode variar.

As torcidas "chopp" são torcidas que possuem o incentivo à equipe como prática estruturante, juntamente com o consumo do álcool, que por sua vez, seria um elemento componente da sociabilidade deste grupo. Tais torcidas rechaçam a participação em confrontos físicos violentos. Já as torcidas de "pista" possuem a violência como um elemento ordenador da identidade. Portanto, há inclinação à participação em confrontos e o torcedor que participa deles, defende a "honra" coletiva. Por fim, os autores destacam a necessidade de se considerar as diferenças regionais e culturais que envolvem estes grupos de torcedores (TEIXEIRA; LOPES, 2018).

Deste modo, afirma-se que a obra destes pesquisadores subsidia um olhar mais acurado diante das torcidas organizadas, visto que amplia parte da definição acadêmica já difundida, por meio da verificação empírica da dinâmica destas torcidas. Ou seja, há necessidade de se considerar e investigar a realidade de cada uma das torcidas organizadas, não generalizando regras e comportamentos padrão para tais grupos.

A partir das definições de Reis (2005), Toledo (1996) e Teixeira e Lopes (2018), torna-se essencial compreender que, no plano conceitual, uma torcida organizada diferencia-se de uma torcida uniformizada. Para explicitar tal diferenciação, inicialmente, recorre-se a Toledo (1996). O autor salienta que o termo "torcida uniformizada" é anterior ao termo "torcida organizada", entretanto, ambas as formas de organização podem coexistir.

As torcidas organizadas contêm uma organização, uma estrutura burocrática (contendo, Conselho Deliberativo e Fiscal, Diretoria Executiva, Conselho Vitalício, estatuto, quadro de associados, mensalidades e eleições), ao passo que a segunda categoria (torcida uniformizada), quando analisada do ponto de vista conceitual, é uma categoria que apenas leva em consideração a uniformização (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997). Além disto, destaca-se que o termo "torcida uniformizada" privilegia a dimensão estética, visual em detrimento da dimensão social e política. Ou seja, este termo leva a crer que as torcidas se unificariam somente pelo uso de vestimenta igual, no entanto, desconsidera que estas torcidas são fonte de lazer, identidade, socialização e participação política (LOPES, 2009; LOPES; CORDEIRO, 2010). Salienta-se também que tal diferenciação não ocorre apenas na denominação do grupo, mas sobretudo, na forma de organização interna, na configuração destes grupos. Do ponto de vista conceitual esta diferença é nevrálgica.

A fim de encerrar esta diferença conceitual entre organizadas e uniformizadas, sumariamente então, pode-se dizer que as torcidas uniformizadas são um grupamento espontâneo dentro do universo futebolístico, ficando estas circunscritas apenas aos dias de partidas da equipe a qual apoiam: reúnem-se para assistir à partida e posteriormente "deixariam de existir". Já as torcidas organizadas se constituem como instituições jurídicas, contendo sede fixa, patrimônio, venda de produtos e outras atividades desvinculadas da esfera futebolística (algumas participam do carnaval como escolas de samba, por exemplo) (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997). Tradicionalmente, têm se organizado com base no modelo burocrático, com funções e cargos bem determinados (funcionando de modo bem similar a uma empresa) (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997;

REIS, 2005). Deste modo, deve-se compreender que as torcidas organizadas se constituem como um grupamento de torcedores, que se organizam para a fruição do espetáculo futebolístico, entretanto somente existem na realidade brasileira.

O conhecimento da dimensão conceitual sobre o que é uma torcida organizada, poderia auxiliar na extinção de um grave e comum equivoco: denominar outros grupamentos torcedores existentes ao redor do mundo (*hinchadas, hooligans e ultras*) de torcidas organizadas. Este equivoco conceitual foi destacado por Canale (2012) e é recorrente no ambiente jornalístico. Um exemplo disto, se refere à tradução do livro do jornalista esportivo argentino Gustavo Grabia, que estudou a *hinchada* "La 12" da equipe portenha do Boca Juniors. O livro foi distribuído mundialmente e na sua versão brasileira (tendo o prefácio escrito por Mauro Cezar Pereira, ex-comentarista dos canais ESPN e atualmente, colunista do UOL e comentarista da Rádio Jovem Pan), quando traduzido para o português brasileiro recebeu o título de: "La doce: a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo".

Outro equívoco comum no que tange à definição das torcidas organizadas se relaciona a considerar o nome da torcida apenas, desconsiderando sua configuração interna. No plano empírico, existem torcidas que se autodenominam uniformizadas, porém se organizam como torcidas organizadas. Um exemplo atual seria a Torcida Uniformizada do Palmeiras – TUP, que apesar de conter o nome "uniformizada", se organiza com base no modelo das torcidas organizadas. Portanto, o que determina, do ponto de vista conceitual, a categorização de uma torcida (em organizada ou uniformizada) é sua estrutura interna, e não a denominação por ela utilizada.

Sendo assim, é premente considerar que os grupamentos de torcedores existentes ao redor do mundo (*hinchadas, hooligans e ultras*), se assemelham com os torcedores organizados em algumas práticas (especialmente, no envolvimento com episódios de violência física), entretanto, se distanciam em elementos centrais, sobretudo no que se refere à sua organização interna. No caso das *hinchadas* há forte hierarquização no grupo (ALABARCES, GARRIGA ZUCAL, 2005; ALABARCES, GARRIGA ZUCAL MOREIRA, 2008; ALABARCES, 2012; CABRERA, 2012). Já os *hooligans*[14] se organizam de maneira mais informal (GIULIANOTTI, 2010).

[14] Cabe destacar que Dunning (1992) estabelece que o termo *hooliganismo* pode tanto designar um grupo, quanto um comportamento. Neste caso nos referimos a um grupo de espectadores de futebol, que possui um comportamento tido como "desviante" pelas autoridades e meios de comunicação.

Além destas diferenças estruturais, Lopes e Cordeiro (2010) demonstram diferenças culturais e ideológicas entre estes grupos. A título de exemplo: as torcidas organizadas tendem a se posicionar contra o racismo (a Camisa 12 do Corinthians estende um bandeirão com dizeres contra o racismo no dia da consciência negra), ao passo que grupamentos de torcedores europeus, constantemente, apresentam comportamentos racistas, como no caso (ocorrido em fevereiro de 2020) envolvendo o jogador do Porto Marega (VEJA, 2020). Cabe mencionar também que as torcidas organizadas tiveram participação nos protestos antifascistas e em defesa da democracia brasileira[15] ocorridos em junho de 2020 (BBC, 2020).

Deste modo, minimamente, destaca-se que as torcidas organizadas se distanciam dos grupamentos *hooligans* e das *hinchadas* em decorrência da ausência de uma instituição (não possuindo sede fixa, associação, pagamento de mensalidades e recebimento de benefícios pelos sócios), visto que tanto os *hooligans*, quanto as *hinchadas* se constituem como grupos informais do ponto de vista jurídico. Sobre os *hooligans* Lopes e Cordeiro (2010) apontam que, em contextos de forte repressão, tal como no futebol inglês, estes se camuflam em meio ao público espectador, pois não possuem uma vestimenta específica (LOPES; CORDEIRO, 2010).

A este respeito Giulianotti (2010) aponta que os próprios *hooligans* têm utilizado um visual mais "descolado", fugindo do estereótipo, que comumente, os aproxima dos *skinheads*. Assim, eles têm optado por utilizarem moletons e camisetas de grandes marcas de renome internacional, tais como: Fila, Lacoste, Armani e Rockport, sobretudo para escaparem do controle policial (GIULIANOTTI, 2010). Esta prática pode ser concebida como uma estratégia de fuga ao controle panóptico exercido nos estádios de futebol da Europa.

Tal controle tenta domesticar as ações dos torcedores de modo geral, empurrando-os cada vez mais àquela identidade flâneurs (torcedor = consumidor), e ao mesmo tempo, tentando normalizar, estabelecer uma norma (padrão ordeiro, comportado e submisso ao poder), um padrão exercendo assim a governamentalidade, o controle da conduta (FOUCAULT, 1992; GIULIANOTTI, 2012).

[15] De certo modo, pode-se afirmar que, em alguns momentos, as torcidas organizadas engajam-se politicamente em causas socias e visam combater violências no contexto social (sobretudo, às estruturais). Mesmo que minimamente, portanto pode-se destacar tal diferença em torno do comportamento ideológico e político das torcidas organizadas em relação aos *hooligans*.

Após a explicitação do conceito de torcida organizada, parte-se para o surgimento destas instituições. Neste momento, torna-se premente salientar, assim como na introdução, que as primeiras organizações torcedoras no futebol (TUSP e Charanga Rubro Negra) não poderiam ser consideradas como torcidas organizadas devido a funcionarem com outra lógica, e sobretudo, com outra estrutura organizacional (PIMENTA, 1997; CANALE, 2012). Do mesmo modo, do ponto de vista teórico, as Torcida Jovens não podem ser confundidas com as torcidas organizadas, conforme destaca Hollanda (2009), mesmo que algumas destas organizações se autointitulassem como organizadas. Emblematicamente, cita-se a Torcida Organizada do Vasco (TOV) de 1944, fundada por Ainda de Almeida e suas amigas.

Sendo assim, explicita-se que as torcidas organizadas surgem no final da década de 1960 e início de 1970. Estas agremiações se constituem como pessoa jurídica perante a lei (geralmente, em grêmios recreativos) e emergem em um contexto de ditadura brasileira, período notoriamente caracterizado por forte repressão sociopolítica. A este respeito Toledo (1996, p. 28) aponta que: "a emergência das primeiras torcidas fez parte e foi fruto da mobilização e oposição ao período de ditadura militar vivido no país". O autor ainda aponta que tais associações civis (assim como associações de bairro, clubes esportivos amadores e blocos carnavalescos) surgem diante da negação e ausência de participação e representação política na esfera social. Basicamente, o que teria ocorrido é a translocação deste desejo de participação política para a esfera esportiva (TOLEDO, 1996).

Oriundas deste contexto ditatorial brasileiro, as organizadas instauram um novo padrão de conduta e sociabilidade em torno do futebol (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; HOLLANDA, 2009). Como já destacado na introdução, tal comportamento está erigido sob a lógica de apoio, entretanto, aliado à cobrança e fiscalização. Deste modo, o apoio incondicional das primeiras organizações torcedoras é deixado de lado, o que gera um papel protagonista do torcedor: este papel é ativo, participativo, fiscalizador e menos passivo, contemplativo. Tal comportamento não se limita às partidas de futebol, mas também é estendido aos bastidores políticos do clube. Cabe mencionar, que atualmente há também grupamentos torcedores que não possuem tal preocupação, bem como, não se identificam com o modelo das torcidas organizadas: os Movimentos Populares.

Estes grupos adotam outro padrão de comportamento, mais direcionado ao apoio do clube e rechaço da violência (nomes com referências a outros elementos que não se relacionam à violência ou sobrepujança e formas de organização distintas). Tais

Movimentos Populares cariocas[16], identificam-se, em parte, com o *aguante* das *hinchadas* argentinas. Aproximam-se, sobretudo, no plano da fidelidade à equipe e apoio constante. A questão musical (utilização de instrumentos de sopro e não da tradicional bateria das organizadas, além do ritmo diferenciado do samba) e estética visual (com a utilização de faixas verticais ao longo da arquibancada, bandeiras de mão, etc.) também são pontos de aproximação. Todavia, se distanciam do *aguante* no aspecto da violência, visto que estas repudiam o uso da violência física, visando assim, estabelecer um novo padrão, um novo conceito de torcida (TEIXEIRA, 2013).

De acordo com os estudos argentinos (GARRIGA ZUCAL, 2005, 2010, 2013; ALABARCES; GARRIGA ZUCAL, 2005, 2007, 2008; ALABARCES; GARRIGA ZUCAL; MOREIRA, 2008) o *aguante* é um horizonte moral compartilhado pelos *hinchas* argentinos, código que ordena as experiências. Dentro deste código ético a violência não apenas é aceitada como esperada, desejada. Sempre há necessidade de prová-la, ela se constitui como um bem simbólico, que dá prestígio ao *hincha* dentro de uma *hinchada*. Neste sentido, o título do livro de José Garriga Zucal é ilustrativo: "*Nosotros nos peleamos*". Ao conversar com um membro da *hinchada* este estabelece que a diferença dos membros deste grupo para os outros *hinchas* seria esta: eles fazem de tudo pelo clube, inclusive, se envolver em confrontos físicos violentos (GARRIGA ZUCAL, 2010).

A obtenção destes dados por parte do autor argentino é decorrente de sua escolha metodológica em realizar um estudo etnográfico com as *hinchadas*. Caminho este que já foi adotado em estudos brasileiros também. Sendo assim, neste momento, será realizado um panorama dos estudos acadêmicos brasileiros sobre as torcidas organizadas. No Brasil, a produção acadêmica sobre o tema violência no futebol cresce muito a partir de 1990, influenciada pelo aumento dos confrontos entre torcidas e casos de violência dentro e fora dos estádios de futebol.

Inicialmente, há um primeiro ensaio realizado por Sergio Miceli em 1976. No rescaldo da "Invasão do Maracanã" o sociólogo foi convidado a escrever sobre o assunto. O autor já possuía uma visão positiva diante das torcidas, que em sua visão seriam uma resistência ao etnocentrismo de classe, visto que suas manifestações não obedecem "aos

[16] Aqui salientamos que as torcidas do Rio Grande do Sul (sobretudo, as do Grêmio e Internacional, nacionalmente conhecidas) também se identificam com as *hinchadas* argentinas (TEIXEIRA; LOPES, des2018), porém, de modo mais próximo ao já mencionado código do *aguante*, visto que estas torcidas do Brasil, de modo frequente, também operam por meio da violência física.

princípios que regulam os padrões dominantes de consumo dos bens simbólicos" (MICELI, 2015, p. 55).

A dissertação de mestrado de Bendito Tadeu César intitulada: "Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo: ou o duelo", pode ser considerada como pioneira no âmbito acadêmico. Foi o primeiro trabalho em programas de pós-graduação no Brasil, que inseriu o tema torcidas organizadas no âmbito acadêmico. A partir do acompanhamento do cotidiano dos torcedores da torcida organizada Gaviões da Fiel, o autor aponta situações desconhecidas sobre esta organização torcedora, como por exemplo: as relações de sociabilidade, as práticas na quadra e em caravanas, além dos confrontos com a polícia e outros torcedores (CÉSAR, 1981).

Após este trabalho publicado em 1981, somente na década de 90 foram realizados outros estudos envolvendo a temática, principalmente após o confronto no Pacaembu ano de 1995. Após este fato, a discussão sobre a violência no futebol foi acentuada, inclusive no âmbito acadêmico. Neste sentido, três trabalhos acadêmicos se destacaram e, até os atuais dias, se constituem como importantes referências sobre a temática. Dois (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997) dos três trabalhos destacados trataram, especificamente, das torcidas organizadas. Já o outro trabalho acadêmico (REIS, 1998), procura abordar a violência no futebol de uma forma mais ampla ao analisar o comportamento de torcidas como uma generalidade, não analisando somente um grupo específico.

Cronologicamente, a dissertação de mestrado de Luiz Henrique de Toledo, resultante em um livro publicado no ano de 1996, foi o primeiro dos três trabalhos citados a ser realizado. A dissertação possui um viés antropológico e apresenta importantes contribuições para o estudo acadêmico das torcidas organizadas, tais como: detalhes das primeiras organizações torcedoras, a distinção conceitual entre torcida uniformizada e torcida organizada, os motivos de criação das torcidas organizadas, a estrutura burocrática destas agremiações, o perfil dos membros e o ambiente da sede como um local para a reunião torcedora (TOLEDO, 1996).

O segundo trabalho acadêmico é a dissertação de mestrado de Carlos Alberto Máximo Pimenta, (assim como a de Toledo, também resultou em um livro) que enfocou como a violência se estruturava fora dos gramados. Pimenta investigou três torcidas organizadas: "Independente", "Gaviões da Fiel" e "Mancha Verde" e concluiu que estas torcidas não se identificariam somente pelo clube pelo qual torcem. A identidade destas torcidas também perpassava pela violência, assim, a mais violenta é considerada a mais

poderosa. A violência era um elemento muito presente no discurso dos torcedores organizados. Esta postura das torcidas organizadas poderia ocorrer, conforme Pimenta (1997), devido à grande presença e permanência de violência também no tecido social.

O terceiro trabalho é o de Heloisa Helena Baldy dos Reis. Este foi o primeiro trabalho acadêmico a abordar a violência no futebol brasileiro sob o viés da sociologia configuracional (ou figuracional) elaborada por Norbert Elias (ELIAS, 1990; 1993). Seguindo a tipificação da violência própria da sociologia configuracional e considerando o futebol como um esporte moderno, a autora concluiu que há grande quantidade de violência simbólica, que, por sua vez, poderia se transformar em violência real[17].

Reis (1998) já apontava outras situações de violência, principalmente, aquelas que concernem à organização do espetáculo esportivo: a falta de infraestrutura adequada dos estádios, o preço dos ingressos, a falta de transportes para os estádios, inexistência de estacionamentos para os torcedores, o despreparo da polícia para lidar com o público, situações de abuso de poder, bem como, a existência de interesses financeiros por parte de dirigentes são algumas das situações que entraram em cena no texto dessa autora.

Obviamente, tais trabalhos tiveram enormes contribuições para a discussão e pensamento acadêmico acerca do assunto, porém, também tiveram elementos que potencializaram ainda mais o valor de tais obras. Um deles se refere ao momento de elaboração e/ou publicação desses trabalhos. Os três estudos foram realizados e/ou publicados a partir de meados dos anos 90, época na qual a discussão estava sendo evidenciada. O segundo elemento importante é que estas duas dissertações e a tese se transformaram em livros, o que pode ampliar o público que teria acesso a estas obras.

Estes três trabalhos supracitados serviram como importantes referenciais teóricos para a produção acadêmica brasileira acerca da temática violência no futebol. Além disto, tais trabalhos também estimularam uma dispersão de localidade (visto que os quatro trabalhos supracitados foram realizados com torcidas da cidade de São Paulo), possibilitando assim com que pesquisadores e instituições de outras localidades pudessem também investigar o tema.

Neste cenário, pode-se apontar outras pesquisas acadêmicas envolvendo o tema de violência no futebol, tais como: a dissertação de Silva (1996), que aponta a existência

[17] Aqui tecemos uma crítica ao termo "real" utilizado pela autora, já que em nossa visão, todos os tipos de violência são reais. Insultos raciais ou sexuais são tão reais, quanto os confrontos físicos violentos entre os espectadores de uma partida de futebol. Portanto, acreditamos que o termo "violência física" poderia ser mais adequado.

de diversos conflitos violentos durante toda a história do futebol, logo, estes conflitos não são culpa somente das torcidas organizadas. Monteiro (2001) descreve o ambiente da torcida organizada Raça Rubro Negra. Já Andrade (2004) aponta a cidade de Salvador possuindo um quadro semelhante ao das capitais do sudeste, no que se refere à violência entre torcedores e Batista (2005) evidencia a inserção da violência entre torcedores, utilizando o ambiente virtual.

As teses de Hollanda (2009) e Lopes (2012), Chaim (2018), as dissertações de Canale (2012) e Palhares (2015), bem como, os livros de Santos (2004), Cunha (2006) e Murad (2007) também devem ser citados como importantes contribuições para a temática relacionando futebol e violência, envolvendo e discutindo a participação dos torcedores organizados.

Por fim, torna-se interessante problematizar a noção de violência no futebol. Para iniciar tal tarefa, elenca-se algumas características do fenômeno da violência, entretanto, que também se aplicam à violência no futebol. De modo geral, destacam-se 7 características: é um fenômeno complexo, multifatorial, polimorfo, não definido a partir da lei, polissêmico, que possui julgamento social e envolve uma disputa por sua definição legítima.

Os dois primeiros aspectos concernem ao fato de que a violência no futebol pode ocorrer por diversos fatores, não necessariamente é resultado daquilo que ocorre nas partidas, tampouco é de simples resolução (assim como, frequentemente, os meios de comunicação veiculam) (MURAD, 2007). A terceira característica, que se relaciona às diversas formas de manifestação da violência (preconceito, sexismo, racismo, xenofobia, corrupção, etc.), necessariamente, considera a existência de diferentes formas de violência (MICHAUD, 2001; WIEVIORKA, 2006; VOROBEJ, 2008).

Portanto, neste momento cabe esclarecer que o referencial teórico utilizado aqui concebe a existência de violências (WIEVIORKA, 2006; VOROBEJ, 2008). Este entendimento proporciona uma expansão conceitual do fenômeno da violência para além da violência física. As diversas injustiças sociais, distribuição de renda e serviços sociais enviesada (tais como: saúde, transporte e educação) são casos recorrentes de violência na realidade brasileira, não sendo menos graves do que os confrontos físicos violentos. Deste modo, a presente tese considera que qualquer ação ou programa de política pública que se proponha a combater a violência no futebol deva possuir medidas que abarquem estas outras formas de violência e não se dedicar, única e exclusivamente, à violência física.

A quarta característica da violência é que ela não pode ser definida a partir da lei. Neste sentido, assim como apontam Andrighetto e Adamanti (2016) algumas das maiores barbáries humanas como o *apartheid* e o nazismo eram justificadas a partir do ponto de vista legal. A quinta característica se relaciona à polissemia da violência: um fenômeno com diferentes sentidos. A título de exemplo, o projeto de lei número 58 de 2014 - revogado em 2019 - popularmente conhecido como "Lei da Palmada" (SENADO FEDERAL, 2014), proibia a utilização de castigos físicos por parte dos pais aos seus filhos em locais públicos. Esta situação gerou muita polêmica, pois envolveu duas interpretações distintas, dois sentidos diferentes atribuídos ao ato de utilizar violência física no processo de educação dos filhos: para uns era algo justo válido, correto e efetivo, que realmente educava. Contudo, para outros, se constituía em uma clara situação de violência, que poderia causar danos às crianças.

Este caso já mobiliza a sexta característica da violência no futebol: envolve um julgamento social. Como já apresentado no caso das *hinchadas* argentinas, as práticas físicas violentas para este grupo são aceitáveis e até desejadas, entretanto, para outros atores do cenário futebolístico não o são (GARRIGA ZUCAL, 2010). O estudo de Palhares e Schwartz (2015) demonstra situação semelhante nas torcidas organizadas, pois para os torcedores organizados o envolvimento nestes episódios seria justificável/aceitável. Já para outros, sobretudo nos meios de comunicação, não se deve "fazer justiça com as próprias mãos". Deste modo, a utilização de violência física é sempre condenável (PALHARES, SCHWARTZ, 2015). Entretanto, cabe destacar, que a violência é comumente considerada como um fenômeno estritamente negativo. Exatamente neste ponto, que há divergência em relação a estes grupamentos de torcedores, visto que estes concebem-na com algo positivo ou justificável em algumas situações, assim como demonstra o estudo de Palhares e Schwartz (2015).

Por fim, acrescenta-se a consideração da existência de uma disputa pela definição legítima sobre o que é a violência no futebol. Esta disputa ocorre em um campo (BOURDIEU, 1990), um espaço assimétrico, no qual diferentes agentes sociais, possuem diferentes capitais para a delimitação do problema. Contudo, alguns grupos sociais (dentre eles os jornalistas) possuem sistematicamente mais chances, maiores e melhores recursos para imporem sua definição de violência como legítima (BOURDIEU, 2010). Nos termos de Bourdieu tem-se uma "luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme os seus interesses" (BOURDIEU, 2010, p. 11).

Diante destas características da violência no futebol destaca-se que grande atenção tem sido dada à uma determinada forma de violência (física) ao passo que outras formas tem sido naturalizadas ou até mesmo pouco combatidas (MURAD, 2007). Sendo assim, considera-se neste trabalho que a violência no futebol não está desarticulada do econômico, político, social, cultural, psicológico e antropológico (PIMENTA, 1997), nem que determinada forma de violência seja mais premente que outras.

Além disto, a violência no futebol, de modo frequente, é considerada como algo externo, alheio ao ambiente futebolístico conforme algumas pesquisas já evidenciaram (ALABARCES, 2012; LOPES, 2012; NERY, 2012), todavia, rechaça-se tal proposição, pois a presente tese entende que práticas discursivas e/ou não discursivas (políticas, econômicas, sociais e institucionais) violentas compõem o ambiente do futebol mundialmente. Diferentes atores sociais (policiais, torcedores comuns, jornalistas, dirigentes e também os torcedores organizados) possuem envolvimento e participação com o fenômeno da violência. Como salienta Pimenta (1997) no futebol se responde à violência com mais violência. Portanto, nesta tese defende-se a adoção de medidas de curto, médio e longo prazo no combate à violência (MURAD, 2007), mesmo que os desafios sejam árduos (por exemplo, medidas de reeducação dos valores violentos pelos quais as torcidas organizadas se identificam). Diante disto, posiciona-se a favor de um futebol plural, popular, uma atividade do contexto do lazer na qual se possa exercer a cidadania e a democracia.

Dito isto, parte-se para o debate sobre o jornalismo esportivo, que tem como um de seus preceitos ser o quarto poder (um poder denunciante dos abusos e excessos do Estado aos cidadãos).

4. 2 - Jornalismo Esportivo

Diante da proposta por ora apresentada aqui, novamente, ressalta-se que o jornalismo é concebido e analisado como uma mídia, um meio de comunicação. Na tentativa de se afastar de um viés moralista sobre o ofício dos jornalistas (visto que não discutiremos a prática jornalística em si mesma), buscou-se investigar a produção de enunciados neste campo e de que maneira estes podem compor e ecoar os jogos de veridicção do presente, devido a capacidade em construir consensos sobre fenômenos.

O jornal nesta tese, portanto, se constitui como uma plataforma cultural e documental, na qual, e por meio da qual, as ideias, concepções, conceitos circulam (FOUCAULT, 1977; 1978; 2008). Sendo assim, estruturalmente, para este capítulo optou-se por, inicialmente, apresentar uma definição de jornalismo esportivo. Na sequência, apresentar seus objetivos e finalmente levantar algumas características do mesmo.

Desta maneira, inicialmente, apresenta-se o trabalho de Carlos Augusto Tavares Junior (TAVARES JUNIOR, 2017), que traz à baila as disputas em torno da definição e características do jornalismo esportivo brasileiro, se constituindo então em uma importante referência para a discussão que será levada a cabo nesta seção. Basicamente, este estudo aponta as divergências teóricas ao redor da definição de jornalismo esportivo. Para traze-las à tona, o autor realizou entrevistas com reconhecidos pesquisadores e professores brasileiros do tema.

Na composição das entrevistas realizadas, o autor aponta que o jornalismo esportivo: tem forte apelo junto ao público, trabalha com paixões, de forma majoritária, com a vertente profissional (excluindo o esporte participação, adaptado, com idosos e universitário), sobretudo, do futebol (visto que os outros esportes tem pouco espaço), sendo considerada uma editoria, especialização do jornalismo e por tal razão, se utiliza dos mesmos princípios (TAVARES JUNIOR, 2017).

Com base nesta discussão levantada por Tavares Junior (2017), destaca-se que definição de jornalismo esportivo adotada nesta tese, se relaciona à uma especialização do jornalismo, que seguirá os preceitos da sua área matriz. Todavia, há outra importante consideração: apesar de se constituir como uma editoria do jornalismo, ela é tida como de menor valor (SILVEIRA, 2009; AQUINO, 2012), menos rígida quando comparada a outros setores editoriais (BORELLI, 2002).

Neste momento, para tratar dos objetivos do jornalismo recorre-se a Fraser Bond, professor emérito do Departamento de Jornalismo da Universidade de Nova York, como fio condutor da reflexão sobre o jornalismo de modo geral, e o esportivo, em específico. Em seu livro "Introdução ao jornalismo: uma análise do quarto poder em todas as suas formas", ao estudar a natureza do jornalismo, Bond afirma que este teria como objetivos: informar, interpretar, orientar, entreter (BOND, 1969). Portanto, difundir notícias, fatos, acontecimentos é o objetivo primário do jornalismo. Ou seja, fazer a informação circular pelo tecido social, assegurar que a informação chegue à população.

No entanto, esta tarefa tem como subsequência, a necessidade de "digerir" a notícia ao público, facilitando sua compreensão. Este é o ponto da interpretação. Fornecer as condições necessárias ao leitor para a compreensão daquele fato e seus possíveis desdobramentos, dado que o cidadão comum não consegue ser um especialista em todos os assuntos (pertencentes a diferentes áreas) veiculados nos jornais (BOND, 1969).

O terceiro objetivo do jornalismo, segundo Bond, é de grande valia para esta tese: orientar. A orientação, pode-se dizer que é o termo equivalente ao termo governamentalidade no referencial foucaultiano (FOUCAULT, 1992). Ou seja, ambos os termos, embora sejam distintos, possuem o mesmo sentido: orientar uma conduta, conduzir a determinado padrão de ação, comportamento. Portanto, neste trabalho a capacidade do jornalismo de governar torna-se nevrálgica na discussão que será levada a cabo posteriormente, visto que este poderia orientar determinadas condutas no ambiente futebolístico. Mais especificamente, a pergunta central na discussão aqui proposta gira em torno de uma possível orientação (ou governamentalidade, capacidade de governar, em termos foucaultianos) do jornalismo em relação aos discursos sobre as torcidas organizadas[18] ao longo dos 51 anos que foram investigados.

Sobre este ponto, de acordo com Bond (1969, p. 21), tem-se que:

> Desde os primeiros tempos, o jornalismo tem procurado influenciar o homem. O jornalismo esforça-se no sentido de estimular a mente humana através da palavra escrita, dos desenhos e fotografias em jornais, revistas, panfletos e livros através da palavra falada. Para estes fins, usa todas as nuanças de

[18] Cabe destacar que esta consideração sobre a capacidade de governo do jornalismo não significa um efeito de causa e consequência. Assim como pontua Sousa (2000) os leitores de jornais são cidadãos capazes de intervir politicamente de maneira crítica. Além disto, os diferentes leitores são impactados de maneiras distintas, como estudos de recepção de notícias nos mostram (ZACARIOTTI, BACCEGA, 2004; BRIXIUS, 2005). Deste modo, não consideramos os leitores desprovidos de capacidade de interpretação própria, facilmente influenciáveis. Entretanto, este elemento do governo do jornalismo não pode ser deixado em segundo plano.

> argumentação e todos os artifícios de propaganda. A notícia é a "matéria prima da opinião"; a opinião pode ser formulada sem uma única palavra de comentário, pela forma de apresentar a notícia, com destaque ou sem ele. O jornal esforça-se abertamente por influenciar seus leitores através de seus artigos, editoriais, caricaturas e colunas assinadas.

Por fim, o quarto objetivo do jornalismo seria entreter. Sobre este ponto, destacam-se os trabalhos da autora Fabia Angélica Dejavite. Em sua tese de doutorado, a autora utiliza o neologismo INFOtenimento, designando a mistura de entretenimento com informação. Em sua argumentação, Dejavite discute a fronteira entre o entretenimento e a notícia, sendo que em sua visão "uma mesma matéria pode muito bem informar, entretendo ou, então, entreter por meio da informação" (DEJAVITE, 2007, p. 3).

Esta proposta do INFOtenimento visa atender aos interesses do receptor (tornar a notícia *light*) e captar sua audiência (DEJAVITE, 2007), afinal os espectadores estariam cansados de somente "ver notícias pesadas, ruins, trágicas". Por esta razão, pode-se compreender a existência, cada vez maior, nos meios de comunicação de espaços que também privilegiam o entretenimento, por exemplo: crônicas, colunas, charges e artigos (DEJAVITE, 2007). Ainda neste movimento do INFOtenimento, deve-se destacar que o futebol é o principal negócio da indústria do entretenimento[19], tanto que os programas esportivos aderiram à esta estratégia conforme salienta Oselame (2015).

Sendo assim, esta categoria é uma contestação às categorias tradicionais do jornalismo, visto que ela esbarra na cisão entre conteúdos sérios (matérias, reportagens aprofundadas e que causam reflexão) e não sérios (ameno, que apenas diverte, entretém). Como exemplo, Dejavite aponta que a política (conteúdo tido como sério) pode ser abordada por meio de uma charge (conteúdo considerado como entretenimento). Neste sentido, a autora ainda considera que o conteúdo do jornalismo vem sofrendo mudanças e ganhando características mais *lights* (DEJAVITE, 2006).

Por outro lado, alguns autores, se mostram mais reticentes com a demasiada utilização de características do entretenimento na informação jornalística. Tanto no jornalismo, de modo geral (SOUSA, 2000; AGUIAR, 2008), quanto, no jornalismo esportivo, de modo específico (SILVA 2009; AQUINO, 2012; OSELAME, COSTA,

[19] Em decorrência de sua representatividade social, atualmente, há um substancial número de investimentos aplicados ao futebol, sobretudo dos meios de comunicação. Existem diversos setores, revistas, coberturas, comentaristas, repórteres e até mesmo canais dedicados exclusivamente a este esporte. Basicamente todos os dias existem transmissões de partidas (ESCHER; REIS, 2006). Esta condição hegemônica do futebol nos meios de comunicação faz com que este se torne um importante produto a ser zelado em meio a indústria do entretenimento, seguindo, portanto, às características do INFOtenimento.

2012, ROCCO JÚNIOR, BELMANTE, 2014; OSELAME, 2015). Leonel Azevedo de Aguiar é um exemplo de autor que possui tal preocupação.

Partindo da premissa de que uma notícia é um produto empresarial que deve ser vendido, o autor considera que existiria uma hierarquia de interesses previsíveis no processo de produção das notícias. Sendo assim, em sua obra há problematização da noção de INFOtenimento, pois esta pode destruir a credibilidade dos jornais perante seu público, pois o INFOtenimento quando constituído como paradigma de veiculação de notícias, poderia impedir a difusão de notícias tidas como "mais sérias" (AGUIAR, 2008).

Além disto, o autor ressalta a problemática gerada por este processo, visto que o primeiro "compromisso ético do jornalista é apurar com precisão e relatar com exatidão a verdade sobre os fatos" (AGUIAR, 2008, p. 23). Por conseguinte, enfatizar demasiadamente o INFOtenimento geraria uma incompatibilidade entre a importância do fato e o interesse da empresa de comunicação em noticiá-lo. Para dirimir tal questão, Aguiar recorre à noção de *newsmaking*. Nesta perspectiva, a notícia não é um mero reflexo da realidade, mas sim uma união do relato verdadeiro de um fato que seja, ao mesmo tempo, importante de ser noticiado e interessante do ponto de vista empresarial (AGUIAR, 2008).

Traquina (2005) também aponta que as notícias seriam construções discursivas, corroborando os teóricos do *newsmaking,* visto que as notícias exigem um trabalho de produção e não são um "espelho do real". Deste modo, esta perspectiva rejeita as noções de objetividade e neutralidade[20]: noções tradicionais, que, inclusive, pautam eticamente a profissão. Cabe mencionar também que a noção de valor-notícia ou noticiabilidade (que será abordada adiante) já é considerada nesta visão dos autores Aguiar (2008) e Traquina (2005), pois os autores abordam que este objetivo do jornalismo, tem crescido e se tornou uma tendência nas últimas décadas. Esta questão quando abordada, especificamente, no jornalismo esportivo é amplamente discutida e problematizada nos trabalhos da pesquisadora Mariana Corsetti Oselame (OSELAME, COSTA, 2012; FINGER; OSELAME, 2013; OSELAME, 2015)

Todavia, antes de comentar sobre a noção de valor-notícia ou noticiabilidade, destaca-se que em outro trabalho, Aguiar (2007) relaciona a teoria do *newsmaking* com alguns conceitos de Foucault, o que se torna interessante para compor o referencial teórico

[20] Neste ponto, então tece-se a consideração de que a objetividade e a neutralidade são apenas ideais do jornalismo, visto que nenhum discurso é imparcial, neutro e objetivo. Tal consideração tornar-se-á fulcral na inserção do referencial foucaultiano na presente tese.

da presente tese. Neste texto, Leonel Azevedo de Aguiar considera a notícia como uma construção discursiva, capaz de produzir as condições de possibilidade que tornam viáveis observar e dizer determinados aspectos da realidade. Para o autor, a notícia é "o resultado de uma série de negociações micropolíticas que têm por objeto aquilo que é publicado e o modo como é editado no jornal" (AGUIAR, 2007, p. 11). Neste processo, diversas forças econômicas, políticas e sociais disputam a construção do discurso e a produção de sentido sobre a realidade social (AGUIAR, 2007).

Ou seja, o discurso jornalístico é uma maneira de organizar a realidade (difusa e caótica), em algo ordenado (com causas e consequências), que por meio de sua existência exerce, opera uma forma de governo. O jornalismo produz e é produzido por relações de saber-poder e é formado pelos valores-notícia (AGUIAR, 2007). Portanto, com base neste texto de Aguiar (2007), ressaltam-se dois aspectos nevrálgicos a serem considerados nesta tese sobre o jornalismo sob a perspectiva foucaultiana: i) o discurso jornalístico tem a capacidade de governar; ii) o poder também é positivo, ele também gera comportamentos. Estes pontos serão melhores discutidos na seção "Michel Foucault: princípios teóricos".

Tais considerações, tornar-se-ão interessantes futuramente na análise da produção jornalística em uma série histórica, visto que tais aspectos podem auxiliar no estabelecimento de um determinado "discurso sobre" as torcidas organizadas, pois como ressalta Foucault (1979, p. 231): "vivemos em uma sociedade que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm, por este motivo, poderes específicos".

Após esta consideração, destaca-se a noção de valor-notícia. De largada, cabe explicitar que incorporar a noção de valor-notícia ao referencial se justifica, pois cada vez mais o jornalismo vem privilegiando o entretenimento em suas pautas, assim como já destacado anteriormente. Deste modo, tal conceito responde às perguntas a seguir: quais são as características de acontecimentos que os tornam interessantes e significativos para serem noticiados? O que um fato deve ter de especial para que este seja noticiado nos meios de comunicação? A título de exemplo: um cano de água que se rompa em uma casa não vira notícia, entretanto, um que estoure em uma grande avenida sim. Por que existe esta diferenciação? Para responder a esta questão tem-se a noção de valor-notícia.

Valor-notícia ou noticiabilidade é o conceito que aborda a qualidade dos acontecimentos para que estes possam ser transformados em notícias, em narrativas jornalísticas (AGUIAR, 2008). Esta noção é proveniente da obra de Tuchman (1983) e o

autor Nelson Traquina (2002) propõe a categorização[21] dos valores-notícia. Dentre eles pode-se destacar alguns, tais como: notoriedade do fato, impacto, atualidade, notabilidade (número de pessoas envolvidas), surpresa, escândalo, equilíbrio temático do noticiário e facilidade de cobertura, pois o jornal deve apresentar imagens dos fatos (TRAQUINA, 2002).

Deste modo, considerando os valores-noticia expressos por Traquina (2002), agora é possível compreender por qual razão um cano rompido em uma grande avenida vira notícia: pois afeta, envolve um elevado número de pessoas, diferentemente de um cano rompido em uma residência. Outros fatores, tais como a política editorial, concorrência com outros jornais, interesses dos proprietários e assinantes, bem como, a necessidade de produção e as cobranças da direção do jornal também podem influenciar na decisão de noticiar ou não um fato.

Entretanto, pode-se afirmar que, os valores-noticia, de modo geral, fornecem diretrizes amplamente compartilhadas para o processo de produção noticiosa. Inclusive, Sousa e Lima (2012) ao analisarem as notícias do século XVII em Portugal, percebem que o padrão e temas das notícias é bem estável e previsível, mostrando que "os temas das notícias dos primeiros periódicos continuam, em grande medida, a ser os temas das notícias no jornalismo atual" (SOUSA, LIMA, 2012, p. 29)

Além da obra de Traquina (2002), destaca-se o trabalho da pesquisadora Gisele Silva (2005), devido à sua visão específica sobre o conceito de valor-notícia. No artigo "Para pensar critérios de noticiabilidade" a autora critica o uso indistinto de valores-noticia e noticiabilidade. Em sua visão os conceitos de "valor-noticia" e "seleção de notícia" são conceitos distintos e específicos, que pertencem ao universo mais amplo: o da noticiabilidade.

De acordo com Silva (2005), a noticiabilidade é qualquer fator que possa influenciar no processo de produção da notícia, desde as apreciações individuais dos jornalistas, passando pelos interesses do jornal e as características do fato em si, e, finalmente chegando às circunstancias éticas, políticas, sociais e a relação com as fontes. Já os valores-notícia seriam critérios mais restritos à origem dos fatos. Atuariam, portanto, na seleção primária. Na primeira instância de avaliação, julgamento se um fato

[21] Ressaltamos que Nelson Traquina parte da consideração de que existem dois tipos de critérios de noticiabilidade: os de seleção e de construção. O primeiro grupo se refere aos parâmetros utilizados para a escolha de fatos que merecerão tratamento jornalístico. Já o segundo se relaciona às qualidades da construção da notícia, diretrizes, linhas-guia para apresentação da notícia: o que deve ser evidenciado ou ocultado (TRAQUINA, 2002).

deve se transformar em notícia. Posteriormente, vêm as análises em torno do tratamento dos fatos e, por fim, a visão dos fatos, que envolvam fundamentos éticos e epistemológicos (SILVA, 2005).

Os critérios de noticiabilidade são fulcrais no processo de construção da notícia, segundo Silva (2005), pois não há espaço nos jornais para veicular a enormidade de fatos cotidianos. Desta maneira, a autora sugere tratar atenta e detidamente dos elementos que compõem a noticiabilidade, pois em diversos estudos acadêmicos anteriores ao seu, em sua visão, muita atenção foi dada aos valores-notícia e a ação pessoal dos profissionais, porém existiriam outros fatores que influenciam nesta decisão, conforme os já mencionados por Traquina (2002), tais como: pressões internas, interesses do próprio jornal e dos assinantes.

Deste modo, após tecer suas críticas, Silva (2005) aporta sua contribuição: uma proposta de classificação dos valores-notícia. Vale novamente ressaltar que a autora considera esta categoria, como um filtro primário para as notícias. Diante disto, 12 categorias foram criadas, sendo elas: impacto (número de pessoas envolvidas), proeminência (posição de destaque, celebridade), conflito (briga, guerra, greve), entretenimento/curiosidade (esporte, comemorações), polêmica (escândalo), conhecimento/cultura (religião, pesquisas e progressos), raridade (incomum), proximidade (geográfica), surpresa (inesperado), governo (pronunciamentos), tragédia/drama (acidentes, crimes) e justiça (denúncias, julgamentos) (SILVA, 2005).

Independentemente das divergências teóricas entre Traquina e Silva (2005), ambos consideram que os valores-notícia são elementos de um quadro que deve ser racionalizado, avaliado pelos jornalistas. Deste modo, não são categorias estanques, independentes da ação dos profissionais, mas sim, parâmetros que guiam a ação e podem ser (re)considerados.

Neste momento, após as considerações sobre o INFOtenimento e valor-notícia, retorna-se ao livro de Bond “Introdução ao jornalismo: uma análise do quarto poder em todas as suas formas”, tido como fio condutor deste capítulo. A análise do subtítulo deste livro, “uma análise do quarto poder em todas as suas formas”, chama a atenção para um elemento, que até então não havia sido abordado: o que vêm a ser o jornalismo como um quarto poder?

Para dirimir esta questão, recorre-se ao pensamento do icônico Nilson Lage[22], uma importante referência do jornalismo brasileiro. As considerações de Lage quando acrescentadas às de Fraser Bond tornam-se profícuas, pois explicam o subtítulo do livro do autor americano. Além de informar, segundo Lage (2001), o jornalismo tem como função social denunciar abusos e erros dos poderes políticos, econômicos e outras instituições sociais. Por tal tarefa ele poderia ser considerado como um quarto poder, ao lado dos poderes judiciário, legislativo e executivo.

Em seu livro, Bond (1969) aponta que os deveres do jornalismo seriam: ser independente, imparcial, exato, honesto, responsável e decente. Entretanto, o próprio autor reconhece a dificuldade e imprecisão destes termos. Sendo assim, o próprio Bond também tece críticas ao jornalismo: sua inexatidão (possibilidade de veiculação de notícias falsas), superficialidade em fatos que exigiriam profundidade, ênfase demasiada à violência e ao crime, a não publicação de notícias que não estejam de acordo com as opiniões do jornal expressas em seus editoriais e a capacidade de manipulação que o jornalismo pode exercer (BOND, 1969).

Cabe lembrar que o jornal, em sua versão conhecida do século XXI, surge no século XIX, mediante os processos de urbanização, tendo a notícia como principal mercadoria. Sua função principal era difundir as notícias. Faze-las circular, chegando a todas as pessoas. Neste advento, a luta política e ideológica dá lugar ao paradigma da informação. O jornalista não é mais um ativista político, mas sim um assalariado que trabalha em uma empresa de modo profissional, devendo ser um mediador neutro e imparcial. Em suma, valoriza-se mais o fato do que a opinião neste novo modelo de jornalismo (SOUSA, 2008).

Após a explicitação dos objetivos do jornalismo, por fim, nesta seção levantam-se características do jornalismo. A primeira característica a ser destacada é sua capacidade em mediar e construir consensos sobre a realidade social. O jornalismo por ser uma instituição plena e historicamente situada (uma prática humana e social) possui a capacidade de propagar a realidade social e este é o seu principal condão (PONTES; SILVA, 2009).

[22] Conforme demonstra a pesquisadora Karina Woehl de Farias, Nilson Lage marcou gerações acadêmicas e profissionais a partir de suas fortes opiniões e contundência. Para mais ver: FARIAS, Karina Woehl de. Nilson Lage: uma teoria do jornalismo a partir da prática. **Revista Pauta Geral – Estudos em jornalismo**, Ponta Grossa, v. 5, n.2, p.75-88, jul/dez, 2018.

Assim como ressaltam Silveira e Marôpo (2014), o discurso público é formado (aquilo que se entende como "opinião pública"), em grande medida, pelos discursos (e seus respectivos consensos) que são vinculados nos meios de comunicação. Portanto, o jornalismo teria uma decisiva relevância para a mediação e apreensão do cotidiano e do mundo (MIGUEL, BIROLI, 2010; SILVEIRA; MARÔPO, 2014). A título de exemplo, um jornal da União Soviética, chamava-se *Pravda*, que significa "verdade" (FERREIRA, 1988). Neste momento, então, faz-se necessário ressaltar que o jornalismo é uma instituição social capaz de produzir a veridicção (FOUCAULT, 2004), ou seja, o processo de produção das verdades históricas.

As pesquisadoras Patrícia Silveira e Lídia Marôpo (2014), partindo do conceito de construção social da realidade abordam tal problemática. As autoras destacam que os meios de comunicação poderiam servir como estabilizadores da ordem social, orientando a atenção dos indivíduos a determinados assuntos, todavia seguindo as lógicas do pensamento dominante. Por outro lado, as autoras destacam também, que o objetivo principal dos meios de comunicação não é a inculcação de ideias, mas sim o atendimento a determinadas realidades, temas sobre os quais se necessita ter uma opinião. Ou seja, os meios de comunicação dão subsídios (padrões, parâmetros, esquemas de pensamento) para os indivíduos conhecerem ou entenderem determinadas realidades alheias ou tão complexas[23] para sua própria interpretação. Em suma, o jornalismo é uma instituição que auxilia o funcionamento da sociedade (SILVEIRA; MARÔPO, 2014).

Entretanto, cabe considerar que os indivíduos não são "tábulas rasas", sendo facilmente manipuláveis pelos meios de comunicação. Os meios de comunicação orientam sim as ações, todavia não são decisivos para tal. Deste modo, deve-se sempre considerar a ação humana e a capacidade dos indivíduos em questionar e discordar das informações que chegam até eles. Um exemplo atual de tal elemento se relaciona às *fake news* (disseminação de narrativas falsas, sobretudo em meios digitais), assim como evidenciam Gomes e Dourado (2019). Assim como possuem um caráter deletério, perigoso à democracia e que desune o tecido social, ao mesmo tempo, as *fake news* envolvem a criticidade e o questionamento individual. Os cidadãos precisam checar as fontes e se questionarem sobre tais notícias para que não sejam facilmente manipulados por tal prática.

[23] Destaca-se o campo político (sobretudo, o atual cenário político brasileiro mediante a diversas denúncias e escândalos de corrupção), como um exemplo no qual os meios de comunicação dão parâmetros para uma realidade alheia/complexa para a população.

Uma segunda característica a se destacar do jornalismo é sua capacidade de apreender a realidade. Esta característica é fundamentada na obra de Silveira e Marôpo (2014), pois as autoras ao evidenciarem o conteúdo diferenciado (dinâmico e cada vez mais interativo, com participação ativa dos espectadores, por vídeos, mensagens, comentários, etc.) destacam seu estatuto privilegiado perante outras formas de comunicação (sobretudo, a comunicação escrita). Mediante à crise das instituições sociais tradicionais (sobretudo, família, escola e Igreja) os meios de comunicação seriam as principais ferramentas para que os indivíduos se situem perante si mesmos (SILVEIRA; MARÔPO, 2014).

Por fim, mobilizam-se as indagações realizadas por Pontes e Silva (2009), que lançam uma série de questões pertinentes, tais como: de que maneira ocorre o processo de transmissão de um acontecimento? Como o jornalista informa ao público o que ocorreu? O jornalista transmite efetivamente o que ocorreu ou sua subjetividade pode interferir neste processo?

Deslocando tais questionamentos para o cenário esportivo surgem outras questões, por exemplo: as concepções pessoais do jornalista esportivo interferem em sua atuação profissional? Acerca do comportamento dos torcedores organizados, experiências anteriores de jornalistas poderiam influenciar suas opiniões sobre o assunto? A própria escolha clubística do jornalista interfere em seus comentários? Os jornalistas compartilham da visão do senso comum em relação aos torcedores: os torcedores comuns, (pacíficos) e os organizados (violentos)?

Tais indagações poderiam ser minimamente sanadas partindo do seguinte pressuposto: o jornalista cumpre a função, o papel socialmente criado de identificar acontecimentos e transmiti-los sob o formato de notícias. Todavia, este processo necessariamente envolve uma interpretação à luz da realidade social do público, dos espectadores. Devido a esta condição interpretativa, a dimensão ética[24] no jornalismo é tão controversa, problemática, polêmica (GOMES, 2002), sobretudo no campo esportivo, que envolve paixões e emoções.

Por tal razão, percebe-se no campo empírico um certo tabu dos jornalistas esportivos em revelarem suas escolhas clubísticas, pois isto poderia ferir o princípio da objetividade jornalística. A referida objetividade jornalística é contestada no estudo de

[24] Primar pela defesa dos ideais do jornalismo é fundamental para a manutenção de uma autoimagem positiva e a construção de um referencial ético compartilhado entre os próprios jornalistas (MIGUEL; BIROLI, 2010).

Palhares (2015) pelos próprios torcedores organizados, que afirmam que o jornalismo esportivo teria uma visão não realista sobre as práticas das torcidas.

Com base no conteúdo desta seção, pode-se perceber a mudança que as torcidas organizadas proporcionaram na relação do espectador com o futebol profissional: um comportamento mais próximo, contestador e independente do clube. Além disto, mediante às características do jornalismo, pode-se perceber sua capacidade em mediar e construir uma realidade social, como na mudança na imagem sobre o torcedor organizado, (festivo x violento) (HOLLANDA, 2009). Diante deste cenário, neste momento, cabe o seguinte questionamento: Em que momento a violência passa a habitar os discursos[25]? Esta questão norteou a busca no Arquivo, que será explicada mais adiante na seção do método.

Ressalta-se que existem estudos sobre torcidas organizadas, traçando suas práticas (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; HOLLANDA, 2009), porém poucos exploram questões envolvendo o jornalismo esportivo (sobretudo, o processo de transmissão e recepção da notícia) e o conhecimento do mesmo sobre o comportamento das torcidas. Estudos acadêmicos argentinos (CABRERA, 2012; ALABARCES, 2012; GARRIGA ZUCAL, 2013), também retratam que os meios de comunicação ainda possuem dificuldade em transcender os limites da moralidade embutida nos comportamentos dos torcedores.

Deve-se mencionar também, assim como Lopes (2012), que o jornalismo esportivo, em muitos casos envolvendo torcidas organizadas, desconhece suas lógicas e adota um discurso com conotação sensacionalista. A este respeito, Pimenta (1997, p. 14) afirma que: "a violência exarada pelas 'torcidas organizadas' tem sido explorada pela mídia – muitas vezes com um certo sensacionalismo peculiar -, e provocado terror, medo e angústias, não só no mundo esportivo, mas inclusive à sociedade." Roffé (2010) também aponta que os meios de comunicação não compreendem os torcedores, tampouco são críticos em relação ao fenômeno da violência.

A fim de ampliar estas análises e reflexões sobre o jornalismo esportivo e como este retrata o comportamento dos torcedores organizados toma-se como inspiração a

[25] Poderíamos ir além, até nos questionando se a criminalização destes grupos atende a algum interesse social, político ou econômico. Culpabilizar, criminalizar e vilanizar as torcidas organizadas seria uma maneira de garantir o futebol como negócio (interesse econômico), uma prática elitista (social) ou uma plataforma que atenda a interesses políticos?

Arqueologia de Foucault. Portanto, neste momento, descreve-se um pouco mais sobre os princípios teóricos deste autor.

4. 3 - Michel Foucault: vida e obras

Antes de apresentar os princípios teóricos da obra de Michel Foucault, faz-se necessário, mesmo que minimamente, situar o leitor sobre duas coisas importantes: apontar alguns fatos da vida e biografia do autor e a segunda sobre seu posicionamento diante da noção de discurso. Foucault nasceu na cidade de Poitiers em 1926 no dia 15 de outubro. Foi filho de médicos e internado como louco pelo próprio pai após uma tentativa de suicídio. Foi aluno de Louis Althusser e contemporâneo de outro expoente da Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Faleceu no dia 25 de junho de1984 em Paris.

Inicialmente, cabe destacar que Foucault é reconhecido como um autor pós-estruturalista[26] no campo das Ciências Humanas e Sociais em decorrência de sua posição de realocação da história nos objetos de pesquisa destes campos. No que tange ao discurso, Foucault adota o posicionamento de não analisar os documentos apenas com base em sua estrutura interna. Desta maneira, ele defendia que não se compreende o texto apenas por decorrência daquilo que está escrito, assim como propunham os estruturalistas (por exemplo, de modo emblemático, Saussure em sua obra "Curso de Linguística Geral"), mas sim o relacionando com elementos históricos. Portanto, seu pensamento reconhece a existência de dinâmica dentro das estruturas sociais (GREGOLIN, 2006).

Didaticamente, sua obra é dividida em três momentos: Arqueologia do saber, Genealogia do poder e Genealogia da ética (MACHADO, 1982; MUCHAIL, 2005; GREGOLIN, 2006). O primeiro momento investiga os saberes e a constituição do campo das Ciências Humanas (ser-saber), o segundo investiga a relação entre os saberes e os poderes (ser-poder) e o terceiro os modos de subjetivação dos sujeitos (ser-si). Basicamente, refletiu sobre as transformações históricas do fazer e do dizer na sociedade e a partir disto surge e vai se delineando uma "teoria do discurso" (GREGOLIN, 2006).

Neste sentido, a presente investigação se concentrou na fase Arqueológica, pois ela foi utilizada para a análise do objeto de estudo desta tese: o discurso jornalístico acerca das torcidas organizadas. Contudo, isto não impediu que pensamentos e obras pertencentes a outros momentos fossem considerados também. A referida fase é composta por 4 livros: "A história da loucura" (1961), "O Nascimento da clínica" (1963), "As palavras e as coisas" (1966) e "Arqueologia do saber" (1969). Neste momento então,

[26] Cabe brevemente mencionar que o próprio Foucault rejeitava este rótulo de pós-estruturalista, não obstante esta rejeição do próprio autor, há uma espécie de convenção acadêmica em classifica-lo como tal. Para mais ver: CEZAR, Temístocles. Estruturalismo e pós-estruturalismo na perspectiva do conhecimento histórico. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 4, p.129-149, dez. 1995.

brevemente, destacam-se alguns pontos destes livros que tenham aproximação com o trabalho que será aqui desenvolvido.

O primeiro livro trata da evolução do conceito de loucura, desde a Idade Média até o Século XIX. Mais precisamente, em "A História da Loucura"[27], Foucault investiga como o objeto "loucura" foi construído historicamente, como surgiu a ideia de "loucura". Neste processo, é fundamental destacar o surgimento da psiquiatria como um campo de saber. É interessante ressaltar também que este livro trata do controle da produção discursiva sobre o louco (de modo específico) e do aumento da dominação no âmbito social (de modo mais amplo). Ou seja, "o discurso sobre" o louco foi um importante mecanismo para que a dominação sob este grupo ocorresse.

Já o segundo livro, "O Nascimento da Clínica", evidencia a objetivação dos indivíduos pela medicina por meio da relação saber-poder. Ao longo do século XIX, a medicina se constitui como ciência, desenvolvendo um saber sobre o corpo e o sujeito, além de um conjunto de técnicas sobre a vida e a morte (MACHADO, 1982). Neste livro, Foucault evidencia os processos de identificação, rastreio dos procedimentos de diagnóstico (de modo específico) e a consolidação do saber e discurso médico como instrumento para dominação, separação, catalogação das populações (de modo mais amplo), pois o poder, força e legitimidade sociais adquiridas durante o século XIX, possibilitam à medicina exercer tal função (MACHADO, 1982; MUCHAIL, 2005; GREGOLIN, 2015). Em decorrência deste cenário, surgem escolas, hospitais e manicômios: instituições criadas com legitimidade e o papel social de classificar e objetivar os sujeitos por meio da produção de saberes que se relacionam com outros saberes (MACHADO, 1982; SILVA et al., 2014).

O terceiro livro, "As palavras e as coisas", realiza uma Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais e a origem do discurso como objeto de estudo. O discurso como um formador da realidade abstrata, cognoscível (FOUCAULT, 1999a). Ou seja, quando se estabelece um discurso em torno de um determinado objeto, cria-se um conceito para tal (MACHADO, 1982). Neste sentido, a compreensão pós-discursiva da obra de Foucault, torna-se fundamental, visto que para o autor o discurso é fundante: produz as coisas (objetos), as pessoas (subjetividades) e as verdades de um determinado tempo histórico.

[27] Cabe destacar que a recepção deste livro não foi positiva pelos principais historiadores franceses da época. Foucault pensou filosoficamente acerca da concepção de loucura e sobre a verdade: a verdade se assemelha ou não ao o que ela enuncia?

Em suma, são os discursos que constituem tanto os sujeitos, quanto suas práticas (GREGOLIN, 2015).

Por fim, "Arqueologia do saber", o quarto e último livro da fase Arqueológica, seria uma obra para auxiliar a dirimir algumas questões que na época não foram bem compreendias, além de responder a algumas críticas realizadas aos trabalhos anteriores (FOUCAULT, 2008). De modo elementar, este livro é a descrição da Arqueologia como procedimento, pois nesta obra pensa-se o discurso como um conjunto de práticas discursivas que instauram, fundam os objetos sobre os quais os discursos falam. Além disto, inserem os conceitos, legitimam os enunciadores e fixam estratégias para o controle da circulação dos discursos.

4.3.1 - Princípios teóricos

Inicialmente, evidencia-se o posicionamento de Foucault perante à seguinte pergunta: o que Foucault entende por discurso? As obras "A ordem do discurso" (FOUCAULT, 1999), "Arqueologia do saber" (FOUCAULT, 2008) e "A história da sexualidade volume I" (FOUCAULT, 1980) trazem importantes contribuições para responder tal questão. O discurso não é apenas um conjunto de palavras ditas, proferidas. Não é apenas uma retórica. Não pode ser visto apenas como conteúdo. Deve-se entender o discurso como uma prática[28]. pois Foucault se preocupava com a internalização das estruturas de poder pelos seres humanos através do discurso (GREGOLIN, 2006).

Neste sentido, pode-se dizer que o discurso é um sistema (algo próximo a uma estrutura) regido por regras que definem ausências e presenças. Mais concretamente, o discurso é aquilo (aquela prática) que proporciona condições para o aparecimento de alguns enunciados e desaparecimento de outros (FOUCAULT, 1980; 1999; 2008). Dito de outro modo, o discurso é o sistema[29] que organiza as coisas que existem. É uma maneira de se construir a realidade[30] em conjunto, com aquela realidade vista, para além do discurso. Desta forma, a produção de discursos contém elementos ideológicos e

[28] O filósofo francês buscava elucidar o modo como o discurso convence os indivíduos, como ele "conquista e seduz", passando a construir saberes (sobre e para os indivíduos) e chegando até a influenciar percepções.
[29] Sinteticamente, ressalta-se que Foucault queria determinar o modo de existência dos discursos para a construção e constituição do saber. Dito de outro modo, isto consistiria em determinar as condições de emergência dos discursos, quais são as regras para o funcionamento, surgimento, mudança, desaparecimento dos discursos, bem como, as regras para o surgimento de um novo discurso (ou seja, por qual razão se começa a falar sobre determinado objeto e neste período?) (GREGOLIN, 2006).
[30] Cabe destacar que embora exista realidade para além do discurso, tal realidade não é crua, totalmente desvendável a olho nu.

políticos, que podem transformar ou manter as relações de poder e dominação entre sujeitos e grupos sociais.

Em diversas obras de Foucault (FOUCAULT, 1979; 1980; 1984; 1997), havia o intento de estabelecer a parceria entre os discursos e os processos de subjetivação. Sobre este assunto, de modo emblemático, cita-se o trabalho produzido pelas autoras Julia Mayra Duarte Alvez e Laura Cristina Vieira Pizzi. As autoras investigaram de que modo discursos sobre o filé (um artesanato produzido tradicionalmente por mulheres) regulavam, governavam e produziam determinados tipos de subjetividade em uma escola pública de Maceió. Como resultado encontraram um discurso predominante, categorizado como conservador e machista. Este discurso tem circulado nos espaços públicos da escola e vêm definindo a masculinidade dos meninos., produzindo determinada subjetividade. Contudo, ao mesmo tempo, há um contradiscurso, oposto ao hegemônico, que também está construindo subjetividades, mesmo que estas ainda não possam ser abertamente expostas. Este outro discurso questiona, abala as verdades estabelecidas pelo discurso hegemônico (ALVEZ; PIZZI, 2014).

A partir dos dados desta pesquisa pode-se perceber de que modo os sujeitos, são, continuamente, constituídos por meio dos discursos. O próprio Foucault afirma que o discurso não é um simples conjunto de signos, mas sim prática que forma, de maneira sistemática, os objetos sobre os quais fala. Ele é construído historicamente, é uma prática que constitui os objetos, os sujeitos e as relações entre eles (FOUCAULT, 2008). No caso da pesquisa levada a cabo por Alvez e Pizzi (2014) percebe-se este exercício, há a prática de constituição de si pelos alunos da escola de Maceió, bem como, a constituição de um campo de relações e hierarquizações entre os alunos.

Diante destas condições do discurso (ser uma prática, que participa dos processos de subjetivação e construída historicamente) cabe neste momento, também apresentar outras duas outras condições que se relacionam a esta noção, tendo como base o referencial foucaultiano. Todavia, tais considerações são tidas por esta tese, como relativamente difundidas no tecido social, visto que já circulam na sociedade, de modo frequente. A primeira se refere ao discurso ser um lugar de lutas permanentes, articulado e conjugado às estruturas de poder. A segunda concerne às relações de saber-poder, que estão presentes na esfera discursiva.

Desta maneira, há um certo entendimento, inclusive no senso comum, de que o discurso pode veicular e produzir poder, porém também pode retirá-lo, miná-lo. Pode ser instrumento de poder, mas também de resistência (FOUCAULT, 1999). Tais elementos

sobre a esfera do discurso já circulam em discussões cotidianas, assim como destaca Cabral (2015). Após elucidar os princípios teóricos da obra de Foucault, parte-se para a explicação dos princípios procedimentais.

4.3.2 –Princípios procedimentais: "a Arqueologia como procedimento"

Inicialmente, cabe lembrar que Arqueologia não é uma teoria, um método fechado e sistematizado. O próprio Foucault, em seu livro "Arqueologia do saber" afirma que: "não desenvolvo aqui uma teoria, no sentido estrito e vigoroso do termo: a dedução a partir de um certo número de axiomas, de um modelo abstrato, aplicável a um número indefinido de descrições empíricas" (FOUCAULT, 2008, p. 129). Ela requer a montagem de um procedimento específico para cada investigação, sobretudo no que tange à noção de Arquivo.

Neste momento então, recorre-se a uma analogia para a explicação deste ponto: o procedimento Arqueológico pode ser equiparado às palavras "geringonça", "engenhoca". Geralmente, entende-se tais palavras como sinônimos de algo que possui funcionamento dificultoso, rudimentar (FERREIRA, 1988). Entretanto, a acepção aqui ressaltada é aquela que remete a uma ideia engendrada, criada, construída e que possui um funcionamento específico, algo decorrente de adaptação e improviso.

Destarte, necessariamente, pesquisas acadêmicas que utilizem a Arqueologia deverão montar um Arquivo próprio, único e específico, que servirá como fonte de busca dos vestígios materiais dos enunciados para a investigação que se pretenderá levar a cabo. Esta montagem do Arquivo poderia ser realizada a partir de qualquer materialidade enunciativa (cartas, revistas, anotações, diários, matérias de jornais, etc.), porém sempre utilizando materiais de "segunda mão" (AQUINO; VAL, 2018, p. 45). Todavia, como ressaltado anteriormente, cada pesquisa precisará criar sua própria "geringonça" ou "engenhoca".

Independentemente, da "engenhoca" construída para o Arquivo, segundo Aquino e Val (2018), analisar discursos de acordo com o referencial foucaultiano, implica na utilização de 3 princípios: i) descrever a regularidade discursiva; ii) buscar as condições de existência deste discurso; iii) analisar propriamente o Arquivo, operando uma história das práticas discursivas e sua relação com as outras práticas. Ao operar deste modo, enxerga-se o Arquivo como uma recomposição infinita, visto que ele é, por um lado, tudo

aquilo que foi dito e, por outro lado, uma apropriação possível daquilo que foi dito, de acordo com as coordenadas do presente (AQUINO; VAL, 2018).

Esta apropriação (com base nas concepções atuais, do presente) do Arquivo será atravessada por uma problematização (uma pergunta para "atravessar", "furar" o Arquivo). No caso desta pesquisa a pergunta para "furar", "atravessar" o Arquivo (*corpus*) é "em que momento surge o elemento da violência no discurso sobre torcidas organizadas?". Cabe destacar que um mesmo Arquivo possibilita diferentes arranjos, formatos, configurações, pois poderá atender a diferentes problemas de pesquisa e grades de leitura (AQUINO; VAL, 2018). A título de exemplo, destaca-se que o Arquivo aqui selecionado, exatamente com as mesmas fontes: primária ("Revista Placar") e secundárias ("Estado de São Paulo" e "Folha"), poderia levar a cabo, pesquisas que tivessem sexualidade, educação ou política como tema. Entretanto, tais pesquisas divergiriam drasticamente em suas problematizações (perguntas que iriam atravessar este Arquivo).

Desta maneira, o pesquisador deve "se jogar", "se embrenhar", "se enveredar" pelo Arquivo não interpretando os textos selecionados *a priori*. Também não deve buscar um sentido oculto, escondido, não manifesto. Não deve legitimar ou condenar os documentos do Arquivo de antemão. Sendo assim, a tarefa do pesquisador é não conceber os documentos de um Arquivo como portadores de significados ocultos, misteriosos e escondidos. Ao operar deste modo, o Arquivo passa a fazer ruídos: passa a fornecer pistas e indícios (AQUINO; VAL, 2018).

A partir do encontro dos referidos sinais, o pesquisador passa a ser um "remontador" de tempos perdidos (sobretudo, na arquivização), que trabalha com a dúvida (se aproximando do ceticismo de Foucault). Neste processo, há necessidade de "dialogar com" e "dialogar entre" fontes múltiplas e heterogêneas para que possa ser possível elucidar regularidades e descontinuidades discursivas (FARGE, 2009). Consequentemente, a dúvida é um efeito desta atitude procedimental, visto que não se pretende conduzir uma comprovação daquilo que já se sabe, mas sim abrir possibilidades de interpretações. Escapando assim, do solo firme das certezas.

De acordo com o artigo "Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional" dos pesquisadores Julio Groppa Aquino e Gisela Maria do Val, existiriam três grandes etapas de uma análise Arqueológica, a saber: definição do Arquivo[31],

[31] Mesmo que brevemente, destacamos, assim como Aquino e Val (2018), que existe uma acepção de arquivo ligada à arquivologia (se remete ao acúmulo de documentos, tem relação com patrimônio) e a

arquivamento e arquivização. Ressalta-se que esta sequência de etapas poderia melhor organizar e sistematizar o trabalho diante de um Arquivo.

A primeira etapa da análise Arqueológica (definição de Arquivo) aqui definida será descrita na seção "método". Cabe novamente ressaltar a necessidade de relação teórica e empírica com o objeto de estudo da investigação acadêmica que será conduzida. Diante disto, a tese, neste momento, se concentrará em abordar os procedimentos relativos ao arquivamento e à arquivização.

O arquivamento consiste em reordenar as fontes de modo transversal, tendo como ponto de partida uma problematização do presente para indagar o passado. Sendo assim, esta etapa consiste em ordenar uma produção discursiva relativamente longa, heterogênea, extensa e múltipla (AQUINO; VAL, 2018). No caso da presente tese, o arquivamento consiste em retirar, extrair do Arquivo uma série de enunciados (provenientes de matérias, artigos e reportagens) que envolvam as torcidas organizadas e que foram veiculadas nas fontes: primária (Revista Placar) e nas secundárias (nos jornais "O Estado de São Paulo" e "A Folha São Paulo").

Para designar esta etapa do arquivamento, Aquino e Val (2018) utilizam o termo "montagem", em uma aproximação com a montagem de um quebra cabeça. Seria reunir todas aquelas pequenas peças, caóticas e desordenadas. Nas palavras dos autores, tem-se que:

> o manuseio de um amplo conjunto de documentos e, em seguida, de classificações dos enunciados, a fim de que seja possível isolar peças-chave e elementos adjacentes com vistas à proposição de um mapa dos discursos que foram possíveis em uma dada época e em um local específico. A mirada do pesquisador passa a funcionar, então, como uma bússola que permite destacar alguns pontos cegos enunciativos, traçar relações entre eles, delinear um *leitmotiv* analítico - o qual, na maior parte das vezes, diferencia-se da temática investigativa inicial, quando considerada de modo isolado ou autônomo. Ou melhor, no confronto com o arquivo, a tematização prolifera-se, desvia-se, miscigena-se (AQUINO; VAL, p. 49).

Cabe esclarecer que *leitmotiv* é um termo originado do alemão que em tradução livre seria como "motivo condutor". Consiste em uma técnica de composição artística, surgida na ópera do maestro alemão Richard Wagner, e posteriormente adotada pelo cinema e televisão. Esta técnica tem por objetivo marcar a passagem de determinado personagem, pontuando uma cena (PEREIRA, 2007). Um exemplo muito conhecido de

acepção ligada à obra de Michel Foucault. Nesta acepção o Arquivo, simultaneamente, "é" (limite do dizível) e "faz" (se relaciona ao poder veridictivo do Arquivo).

leitmotiv é a música "marcha imperial" tocada no filme "Star Wars: o império contra ataca", toda a vez que o personagem Darth Vader aparecia. Por meio desta analogia Aquino e Val (2018) assinalam que a tarefa do pesquisador seria flagrar, explicitar, "dar o play na música tema". No caso da presente investigação, tocar-se-ia "a marcha imperial" todas as vezes nas quais, o tema violência envolvendo torcidas organizadas aparecesse no Arquivo.

Para esta montagem, é fundamental que o pesquisador escolha um documento que seja distante de seu próprio presente, pois assim, em um único ato, existe a possibilidade de afastar e quebrar os "clichês" atuais. Portanto, trabalhar com uma série documental longa, extensa, heterogênea e múltipla torna-se fundamental. Esta série vai desde textos consagrados a fontes consideradas de menor valor, pois desta maneira abrem-se diferentes possibilidades de montagem e/ou acontecimentalização, que é justamente a próxima etapa da análise Arqueológica.

Neste gesto analítico também não se tem o desejo de revelar algo que estivesse escondido nos documentos, mas sim estabelecer um contradiscurso, contranarrar (AQUINO; VAL, 2018). Vale salientar que, como um dos princípios da Arqueologia é reinterpretar (trabalhando de modo reflexivo com fontes de "segunda mão") e não produzir dados (AQUINO: VAL, 2018, p. 45), optou-se pela não realização de entrevistas (seja com torcedores organizados, seja com jornalistas).

Além disto, corrobora-se a crítica de Rocha, Daher e Sant´Anna (2004) no sentido de que a entrevista, comumente, vem sendo tratada nos circuitos acadêmicos como uma ferramenta facilitadora da revelação daquilo que o entrevistador precisa saber. Após a verdade ser recolhida, ela responde às questões do investigador, todavia ele sequer se questiona sobre os diferentes gêneros possíveis de entrevista. Deste modo, trabalha-se em "uma visão de linguagem homogênea, monológica, transparente, de sentido monossêmico, segundo a qual o dito por um sujeito uno corresponde à representação de uma verdade" (ROCHA; DAHER; SANT´ANNA, 2004. p. 4). Ou seja, esta concepção tem como pressuposto a ideia de que a língua é homogênea, transparente e com sentido fixo: concepção esta, totalmente oposta aos princípios Arqueológicos desta tese e também da Análise de Discurso como área de saber.

A crítica aqui concebida por Rocha, Daher e Sant´anna (2004) é que a palavra "entrevista" possui subgêneros, que não são problematizados nos circuitos acadêmicos. Dito de outro modo, a entrevista pode tanto designar a ação de um recrutador de uma empresa (entrevista de emprego), de um jornalista (entrevista jornalística de uma

personalidade ou um anônimo) ou de um apresentador de programa televisivo (entrevista sobre a vida e obra). Os pesquisadores ao trabalharem deste modo indistinto com a entrevista desconsideram um elemento central de uma abordagem discursiva: a produção de sentidos. De modo complementar, trabalhar na vertente discursiva, necessariamente, implicaria em se questionar entre a distância entre o conhecimento acadêmico e as respostas fornecidas nas entrevistas. Ou seja, seria considerar as relações ali presentes na constituição destes dados (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005).

A presente tese, parte do entendimento de que realizar uma Análise de Discurso (independentemente da vertente teórica escolhida) é considerar e analisar a produção de determinado sentido. Nas palavras da pesquisadora francesa Alice Krieg-Planque analisar discursos significa mobilizar um "conjunto de saberes e habilidades relativos à antecipação das práticas de retomada, de transformação e de reformulação dos enunciados e de seus conteúdos" (KRIEG-PLANQUE, 2018, p. 41).

Isto significa abordar os efeitos do dizer de determinado agente social, em determinada conjuntura sociohistórica. Inclusive, relembra-se que o postulado teórico da Análise de Discurso como uma disciplina envolve três elementos centrais: língua, sujeito e ideologia (história), assim como destaca Gregolin (2006; 2015).

Sendo assim, na perspectiva aqui utilizada (Arqueologia), olha-se nos textos históricos a própria História, considerando que os discursos têm significados e valores distintos. Os dados relatados historicamente são exibidos de um modo especifico e isto não é mera casualidade: é resultado das relações de poder (FOUCAULT, 1979). Portanto, ao analisar a produção discursiva sobre as torcidas organizadas, deve-se considerar que a palavra tem significado e valor[32]. Toma-se como exemplo a palavra "imigrante". Seu sentido não é colado a ela, em algumas situações ela pode ser concebida como algo positivo (discursos sobre a "brasilidade", a miscigenação do povo brasileiro) ou algo negativo (discursos racistas). Sendo assim, a tarefa da Análise de Discurso é evidenciar qual o efeito de sentido de um determinado enunciado.

Já a etapa da arquivização, terceira e última etapa de análise Arqueológica, é o processo de encontrar os pontos de inflexão, os acontecimentos que modificam as regras de veridicção. Isto pode ocorrer de diversas maneiras, como assinala a próprio Foucault

[32] Neste sentido, pode-se destacar outro exemplo contemporâneo, porém, em uma dimensão mais ampla: os discursos (pronunciamentos oficiais) do atual presidente da República brasileira, que constantemente, são alvos de críticas devido às suas infelizes escolhas nas palavras e a relação de sentido ali estabelecida (frequentemente, agressiva, pejorativa e difamatória a diferentes agentes sociais, sobretudo mulheres, negros, homossexuais e membros e simpatizantes do partido político adversário ao seu).

(2008). Pode ser uma mudança no vocabulário (reaparecimento de palavras com outro sentido, extinção de determinadas palavras), um poder que pode ser confiscado ou ampliado, uma mudança na forma de exercício do poder ou da dominação, etc. (FOUCAULT, 2008).

Após a explicitação dos três procedimentos (definição de Arquivo, arquivamento e arquivização), ressalta-se que o trabalho com um Arquivo, inerentemente irá fornecer ruídos. Estes, por sua vez, são caóticos e desordenados, entretanto, a tarefa do pesquisador será remontar os documentos do Arquivo, apresentando tais desníveis, pontos de inflexão. Esta etapa se assemelha a um *thriller* policial, pois todas evidências não estão ocultas, porém também não são totalmente aparentes. Sendo assim, a marca fundamental desta etapa é a imaginação recriadora, visto que a tematização se desvia, mistura, expande (AQUINO, 2019).

Aquino e Val (2018) afirmam que a série histórica extensa investigada no arquivamento é a plataforma documental sobre a qual a pesquisa se apoia, é levada a cabo. Por outro lado, são exatamente os acontecimentos da arquivização, que fundamentam os cortes e rotas alternativas que as pesquisas podem seguir. Portanto, o trabalho do pesquisador consiste em identificar em uma série histórica relativamente extensa (arquivamento), as racionalidades daquilo que é dito, evidenciando assim, a acontecimentalização (arquivização). Os acontecimentos que fundamentam os cortes, desvios, pontos de ruptura, inflexão, que produzem ressonâncias, modificando os jogos de veridicção (AQUINO; VAL, 2018).

Em decorrência desta maneira muito específica de operar e conceber a categoria de discurso, a obra de Foucault gerou grande impacto no universo intelectual europeu da metade do século XX. O caráter revolucionário da obra de Foucault (GREGOLIN, 2006) consiste na rejeição da maneira até então utilizada para analisar discursos durante a década de 1960. Tratar especificamente de discursos não é a novidade por ele aportada (MACHADO, 1982), todavia, a maneira de faze-la sim: ao fugir de uma análise meramente descritiva e representacional[33].

Na Arqueologia (apesar de não tentar estabelecer uma teoria do discurso), Foucault reflete sobre as práticas (sejam elas discursivas ou não discursivas) e suas transformações nas sociedades ocidentais: de que modo as transformações no dizer e no

[33] A análise discursiva não poderia se limitar a explicar as mudanças no modelo causa-consequência ou apenas descrever a mudança dos adjetivos direcionados às torcidas, mas sim buscar compreender relações mais amplas do universo futebolístico (de modo geral) e das práticas das torcidas (de modo específico).

fazer provocam ressonâncias nas estruturas de saber e de poder? Para tanto, teve que relacionar os acontecimentos discursivos com acontecimentos de outra ordem: econômica, política ou jurídica, por exemplo (GREGOLIN, 2015).

No caso desta investigação este pensamento seria interessante para identificar possíveis rupturas e/ou continuidades discursivas na produção jornalística sobre as torcidas organizadas. A análise dos enunciados relacionados às torcidas e sua correlação com medidas policiais, jurídicas e estatais, por exemplo, podem explicitar um pouco mais da disputa em torno da categoria "violência no futebol". Desta maneira, o objetivo da análise Arqueológica, que será levada a cabo nesta tese não é revelar, expor, descobrir uma verdade, que estaria oculta nos documentos analisados (verdade esta, que precisasse ser desmascarada), mas sim expor as bases, plataformas culturais de significados, que estes discursos produzem e produziram ao longo dos 51 anos de análise.

Além de elucidar estes significados, deve-se incorporar à análise as relações de poder, visto que o poder é estruturante: ele forma indivíduos e subjetividades (FOUCAULT, 1979; 2008). Vale lembrar que o discurso é uma prática fundante, ele produz as coisas (objetos), as pessoas (subjetividades) e as verdades de um determinado tempo histórico (GREGOLIN, 2015). No tensionamento entre subjetividades, objetos e verdade, reside a riqueza a ser explorada pela via do discurso nesta tese de doutorado, visto que os objetos não existem anteriormente às práticas que determinam sua constituição (GREGOLIN, 2015). No caso desta tese, discutir-se-á a constituição do discurso jornalístico sobre as torcidas e esta noção de sujeito pós-discursivo[34] é fulcral neste debate.

Dito de outro modo, considerando o fato de que Foucault buscava entender como os discursos produzem as verdades de determinado tempo histórico (MUCHAIL, 2005), nesta tese, buscou-se compreender e analisar de que modo o jornalismo esportivo constituiu um "discurso sobre" as torcidas organizadas, auxiliando na construção de determinadas concepções (sejam elas positivas e/ou negativas) acerca do comportamento de tais torcidas.

Em decorrência de todas estas características anteriormente expostas, a Arqueologia se mostra um procedimento adequado para o problema de estudo proposto nesta tese. Com base nas informações anteriormente expostas, constrói-se o arcabouço teórico que dará sustentação às reflexões que irão ocorrer na fase exploratória da pesquisa.

[34] Ou seja, são os discursos que constituem tanto os sujeitos, quanto suas práticas, e deste modo, os seres humanos não vão prontos, acabados, finalizados para a interação social.

Cabe destacar que os “parceiros teóricos” aqui apresentados são um recorte com o objetivo de subsidiar os resultados da tese. Entretanto, não se tem a pretensão de estabelecer verdades imutáveis ou abarcar a totalidade da literatura acadêmica. Estes autores servem como base, como um “solo teórico” para o trabalho que irá ocorrer com o Arquivo. Conscientemente de tal limitação (inerente a qualquer pesquisa acadêmica), segue-se para a descrição da pesquisa exploratória, que será apresentada a seguir.

5 - MÉTODO

> Meu discurso é, evidentemente, um discurso de intelectual e, como tal, opera nas redes de poder em funcionamento. Contudo, um livro é feito para servir a usos não definidos por aquele que o escreveu. Quanto mais houver usos novos, possíveis, imprevistos, mais eu ficarei contente. Todos os meus livros seja História da loucura seja outros podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultam, pois bem, tanto melhor!
>
> (Michel Foucault)

Para a compreensão do seu pensamento pós-estruturalista e cético recorre-se ao historiador Paul Veyne, importante interlocutor, pesquisador, amigo pessoal e contemporâneo de Michel Foucault. Veyne elucida que para Foucault, o discurso seria a descrição mais precisa, concisa de uma formação histórica. Por conseguinte, considerar o ceticismo de Foucault (denominação dada por Veyne ao pensamento pós-estruturalista do autor) é necessário para a compreensão deste aspecto (VEYNE, 2011). Assim, Veyne (2011) explicita que Foucault rejeita de modo absoluto “os universais”.

Para ele não existem verdades gerais, transhistóricas, pois os fatos humanos não provem de uma razão, de uma natureza. O desafio seria se "jogar no mundo" sem a existência destas categorias universais, visto que o ser humano opera por “clichês” (discursos imanentes dos dispositivos, que prendem os seres humanos a tais discursos). Ou seja, há impossibilidade de se pensar fora dos ditames históricos atuais: o mundo é pensado a partir de categorias generalizadoras, inconscientes e que escapam ao olhar. Portanto, Foucault afirmava a necessidade da realização de um trabalho histórico para trazer à luz o discurso: o elemento que fundamenta as práticas e os dizeres. Operar deste modo, seria realizar uma espécie de um balanço desmistificador (VEYNE, 2011).

Neste sentido, a obra de Foucault torna-se original devido a este ceticismo pós-estruturalista, pois visa trabalhar a verdade no tempo. Os seres humanos (de modo geral) e os teóricos (de modo específico) seriam como peixes dentro de um aquário. Estes peixes estão tão presos a determinados discursos (que são falsas generalidades), que se esquecem que são peixes dentro de um aquário, que é falsamente transparente, porém necessário para a sobrevivência (VEYNE, 2011).

Além disto, ignoram em qual aquário estão (linha de estudos ou teoria) até a existência do aquário no qual estão. Estes discursos e generalidades mudam ao longo do tempo, entretanto, se passam como verdadeiros. Reduzem a verdade a um "dizer verdadeiro", a falar conforme ao que se admite ser verdadeiro, porém que século(s) depois fará sorrir (VEYNE, 2011). Borges (2010, p. 245) aponta que: “somos apreendidos, classificados e tomados por verdades por nós criadas, pois cada época é dona de sua própria verdade. Vivemos em prisões transparentes, sem mesmo perceber que esta prisão existe”.

Para exemplificar isto, Veyne (2011) considera que o passado é um grande cemitério de ideias. As melhores ideias antigas, hoje são fruto de escárnio, de risada ou incredulidade na contemporaneidade. Isto demonstra uma espécie de consenso em relação à verdade na perspectiva histórica. Por exemplo, Aristóteles e Santo Agostinho, grandes pensadores de seu tempo, foram incapazes de se rebelarem em relação à escravidão (VEYNE, 2011). Uma ideia que era aceita, um “clichê”, porém que é abominável, inconcebível atualmente, sendo, inclusive, uma prática criminosa e combatida ao redor de todo o planeta.

Exatamente, este referido cemitério de ideias, que Foucault buscou atacar, contudo, sob um ângulo específico: a investigação profunda do discurso. Este ângulo requer a explicitação das diferenças entre as formações históricas (mudanças históricas) e os referidos “clichês” (contemporâneos). Dito de outro modo, Foucault buscava investigar em profundidade o que os seres humanos faziam e diziam (práticas discursivas e não discursivas) (VEYNE, 2011), dado que como o próprio Foucault salientava, o discurso é o lugar do exercício do poder (FOUCAULT, 1999).

O procedimento de Foucault então consiste em passar os pensamentos e categorias universais pela grade das práticas dos seres humanos, ao invés de partir destas categorias como uma grade de inteligibilidade (VEYNE, 2011). Ele parte daquilo que efetivamente disseram ou fizeram e torna aquilo como verdadeiro (investigação no Arquivo), para então, a partir daí colher amostras temáticas (loucura, sexualidade, punição). Com base nestas amostras colhidas no Arquivo, Foucault tenta explicar o discurso (VEYNE, 2011; REVEL, 2005; GREGOLIN, 2006; FOUCAULT, 2008). Tendo ciência destas duas noções foucaultianas apresentadas nesta seção, agora torna-se possível melhor compreender o gesto arquivístico que foi operado nesta pesquisa, entretanto tal procedimento será apropriadamente descrito na seção “uma imersão no arquivo”.

5.1. Michel Foucault e sua caixa de ferramentas

De largada, é necessário ressaltar que a presente tese tem o intento de utilizar o pensamento de Foucault como uma "caixa de ferramentas" (FOUCAULT, 2006, p.52), de acordo com o que o próprio autor desejava, em sua analogia citada na epígrafe desta seção. Isto significa fazer o uso instrumental do pensamento de Foucault. Deformá-lo, fazê-lo gritar e ranger[35]. Ou seja, que este pensamento se adapte, seja funcional e útil a outros contextos, que não aqueles estudados pelo próprio autor (ALVAREZ, 2015).

Entretanto, fazer o uso instrumental do pensamento foucaultiano não significa fazê-lo de qualquer modo, de modo descuidado, ou assim como destaca Alvarez (2015, p. 17) por meio do "emprego frouxo de conceitos e de análises". Instrumentalizar o pensamento foucaultiano seria uma prática radicalmente oposta: o convite de Foucault para seus futuros leitores era para que seu pensamento fosse utilizado, questionado e que pudesse avançar. Por tal razão, recorrentemente, o próprio Foucault explicitava suas posições teórico-metodológicas, hipóteses e até mesmo, indicava possíveis leituras equivocadas de suas obras (ALVAREZ, 2015). Deste modo, a presente investigação se lança a este desafio: realizar o uso instrumental da Arqueologia no campo esportivo[36], um campo que não foi estudado diretamente por Michel Foucault. Para concretizar este intento foi delineada a seguinte pesquisa científica.

Natureza do estudo

Nesta pesquisa investigaram-se quais os enunciados foram produzidos sobre as torcidas organizadas paulistanas desde 1969 até 2020. Para tanto, este estudo possui natureza qualitativa, pois corrobora Richardson (1999), em relação a este método ser o que aborda de modo mais satisfatório a complexidade dos fatos sociais, devido à sua capacidade de descrever e interpretar, de modo rico e denso tais fenômenos. Este método também seria capaz de favorecer a compreensão sobre atributos que não eram conhecidos antes da realização de uma pesquisa científica (RICHARDSON, 1999). De modo complementar, Thomas e Nelson (2002) salientam a possibilidade da construção de

[35] Assim como o próprio Foucault propõe que se faça com o pensamento de Nietzsche. Para mais ver: FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: FOUCAULT Michel. **Microfísica do poder**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.1-14.

[36] Por meio desta proposta nos lançamos ao desafio assinalado por Saura, Zimmermann e Rubio (2017) no que tange à investigação de temas complexos e amplos com a utilização de metodologias diferentes daquelas tradicionalmente empregadas na área sociocultural da Educação Física

hipóteses de trabalho a partir da indução (considerando os resultados de observação) como um aspecto positivo da realização de investigações qualitativas no campo da Educação Física.

Mais concretamente, nesta pesquisa os atributos desconhecidos que foram citados por Richardson (1999) se relacionam ao que foi dito sobre as torcidas organizadas no período de 51 anos. Período este, que o presente estudo, se propôs a investigar. O conhecimento sobre estes enunciados pode auxiliar na elucidação do espectro de discursos, opiniões, valores e percepções sociais (RICHARDSON, 1999) em torno das torcidas organizadas e também do fenômeno da violência no futebol que estavam e/ou estão em circulação.

Para contemplar a este objetivo de identificação dos enunciados provenientes do jornalismo esportivo, a tese se baseou na Arqueologia de Michel Foucault (FOUCAULT, 2008) como procedimento, visto que esta, se dirige às práticas discursivas.

Procedimentos de pesquisa

O estudo aliou pesquisa bibliográfica com pesquisa exploratória. No que tange à fase bibliográfica da pesquisa (sobretudo, nos âmbitos teórico e temático[37]) buscou-se informações em obras de referência, sendo elas: livros, teses, dissertações e artigos científicos, que serviram como sustentação teórica para o arcabouço conceitual construído na tese. Ou seja, tal fase possui como pressuposto evidenciar quem são os principais parceiros teóricos das afirmações e reflexões aqui ensejadas. Além disto, ocorreu a consulta por informação em diferentes bases de dados: base "DEDALUS" (consulta a todas as bibliotecas da Universidade de São Paulo), a base "ATHENA" (consulta as bibliotecas da UNESP), a base "ACERVUS" (consulta as bibliotecas da UNICAMP) e o "Banco de Teses e Dissertações da CAPES".

A utilização destas bases de dados das universidades paulistas justificou-se devido à realização anterior de estudos em nível de pós-graduação - mestrado e/ou doutorado – na área de Educação Física (de modo específico) ou nas Ciências Humanas e Sociais (de modo mais amplo) e envolvendo a temática de torcidas organizadas nestas instituições.

[37] Cabe salientar a compreensão de pesquisa científica aqui levada a cabo. Independentemente da área, concebe-se a existência de três grandes partes em uma pesquisa: a temática, a teórica e a empírica. Basicamente, isto envolve o reconhecimento do método como uma construção, a montagem de um aparato teórico, conceitual e procedimental, que seja capaz de perseguir e responder determinada questão científica (problema de estudo).

Os descritores utilizados foram: torcidas organizadas, torcedores organizados, torcedores, torcida, torcida de futebol, violência no futebol.

Aqui cabe novamente destacar, que devido a esta pesquisa abordar um tema/problema genuinamente brasileiro[38] a busca por informações, ocorreu de modo majoritário, na literatura e em bases de dados nacionais.

A fase exploratória seria capaz de estreitar a proximidade com o tema proposto e por esta razão se justifica sua utilização (RICHARDSON, 1999). Conforme visto na revisão de literatura, de acordo com Aquino e Val (2018), existem três etapas fundamentais para a realização de uma pesquisa que trabalhe com a Arqueologia, seguindo o referencial foucaultiano: a escolha do Arquivo[39] a ser examinado, o arquivamento e a arquivização. A segunda fase (arquivamento) se aproxima do termo "montagem" e a terceira fase (arquivização) se relaciona ao termo "acontecimentalização" (AQUINO; VAL, 2018, p. 45).

Brevemente, destaca-se que o termo Arquivo se aproxima dos termos amostra e *corpus* de uma pesquisa cientifica. Segundo Farge (2017, p. 12) o Arquivo é o:

> "conjunto de documentos quaisquer que sejam suas formas ou seu suporte material, cujo crescimento se deu de maneira orgânica, automática, no exercício das atividades de uma pessoa física ou jurídica, privada ou pública, e cuja conservação respeita este crescimento sem jamais desmembrá-lo"

Portanto, o uso do termo Arquivo na presente tese tem esta acepção: o conjunto de fontes que foi intencionalmente montado para a realização de uma investigação. Desta maneira, é fundamental distanciá-lo do entendimento de acervo. Comumente, um acervo é composto em torno de uma temática (jornalística, esportiva, institucional) e possui certa validação (sobretudo, institucional), ao passo que o Arquivo opera de uma maneira distinta.

O Arquivo lida com fontes de temáticas diferentes, não diretamente relacionadas, não necessariamente possui validação institucional e requer uma série histórica longa. Ele é composto por fontes de "segunda mão" (AQUINO; VAL, 2018, p. 45), desniveladas

[38] Por mais que existam aproximações entre diferentes grupamentos torcedores ao redor do planeta (sobretudo, no que tange ao envolvimento com o fenômeno da violência), existem muitas especificidades comportamentais e culturais que devem ser consideradas, assim como destacam Lopes e Cordeiro (2010).

[39] Ressaltamos a utilização da letra maiúscula em Arquivo para evidenciarmos seu sentido, que se relaciona diretamente à obra de Michel Foucault. Portanto, ao longo de toda a tese quando utilizarmos letra maiúscula para tal palavra, nos referimos, não apenas, ao acúmulo de documentos (no sentido proveniente da arquivologia), mas também ao limite do dizível e pensável de determinada época. O conjunto de coisas ditas em uma cultura, o *a priori* histórico, aquilo que dá as condições de possibilidade de dizermos o que dizemos e pensar o que pensamos (FOUCAULT, 2008).

que serão ligadas, a partir do trabalho do pesquisador. Ou seja, somente a leitura do pesquisador que irá unir, fazer a ponte entre estas duas instâncias, em um primeiro momento tão distintas.

Cabe destacar que ao longo da pesquisa, uma obra de Michel Foucault foi de grande valia para o entendimento do autor sobre este ponto: "Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão" (FOUCAULT, 2007). Neste livro, Foucault analisa diferentes documentos que se relacionam ao crime cometido por Pierre: relatórios médico-psiquiátricos, jurídicos, notícias de jornal, relatos de vizinhos e a carta do próprio assassino. A partir do entrecruzamento destas diferentes fontes se dá o trabalho conduzido pelo filósofo francês.

Ao tomar contato com esta obra, o autor da tese pode ter maior e melhor noção de como ocorria o trato com o Arquivo, visto que Foucault buscava explicitar detalhadamente os documentos consultados, e com base nisto, a tese seguiu a mesma linha. Portanto, de antemão, já se justifica a transcrição, por vezes, extensa de alguns excertos extraídos dos periódicos consultados.

Diante disto, a "engenhoca" construída para a resolução do *thriller* foi a seguinte: o Arquivo que foi montado no arquivamento é essencialmente jornalístico. Mesmo não sendo tão desconexo quanto os Arquivos elaborados por Foucault, a presente tese adotou como pressuposto a seguinte consideração: o jornalismo esportivo poderia e/ou deveria refletir mais frequentemente sobre as torcidas organizadas. Tal pressuposto se sustenta nas considerações realizadas no exame de qualificação pela banca avaliadora: as torcidas pertencem especificamente ao ambiente de atuação que é coberto pelo jornalismo esportivo.

Deste modo, seguindo Farge (2009), interlocutora importante de Michel Foucault, e Aquino e Val (2018), pesquisadores brasileiros com fortes inspirações foucaultianas, a presente tese optou por privilegiar elementos que obedecessem aos preceitos da "montagem" (AQUINO; VAL, 2018, p. 45) de um Arquivo. Todavia, deve-se ressaltar que este mesmo Arquivo poderia verificar outros temas, a partir das mesmas fontes, assim como fazia Foucault: verificar no Arquivo do judiciário relações de saber ou de poder (FOUCAULT, 1977; 1978). Ou seja, a "beleza" do procedimento Arqueológico é verificar no Arquivo da mídia um processo que não é gestado ali.

O Arquivo, assim como evidencia Arlette Farge (2009), trata de saberes hegemônicos e o pesquisador ao se aventurar por ele, deve começar a revelar as brechas dos fatos. Sendo assim, a desconstrução de saberes hegemônicos e o estabelecimento de

uma contranarrativa pode ser estabelecida justamente pela investigação, pelo "mergulho" nestas brechas do Arquivo, entendendo os documentos como resultado de relações de força (FARGE, 2009).

A segunda etapa do trabalho com o Arquivo se relaciona à "montagem – ou arquivamento" (AQUINO; VAL, 2018, p. 45). Para a composição do Arquivo foi utilizada uma fonte primária, que deveria ser diretamente relacionada com o tema a ser investigado, e fontes secundárias fontes desniveladas, não diretamente relacionadas ao tema. A fonte primária, atendendo às sugestões dadas no processo de qualificação pela banca examinadora, foi a Revista Placar. Justifica-se a eleição deste periódico também, pois, assim como destaca Malaia (2012), a revista Placar surge em 1970 e se constitui em um importante semanário esportivo nacional. Chegando, inclusive, a vender cerca de 500 mil exemplares por semana em todo o território nacional.

Hollanda e Canale (2021) ainda apontam que esta revista possuía crítica às esferas decisórias do futebol (sobretudo, dirigentes e entidades esportivas) e buscava contribuir com a modernização do futebol brasileiro (HOLLANDA; CANALE, 2021). Por estas razões, este periódico foi considerado diretamente relacionado à esfera esportiva e representaria na pesquisa a discussão dentro do cenário futebolístico (âmbito micro).

Já as fontes secundárias foram os jornais "O Estado de São Paulo" e "A Folha de São Paulo". Ambas as fontes foram investigadas desde o início do ano de 1969 até o final do ano de 2020, totalizando assim 51 anos de materiais investigados (âmbito macro). Sobretudo, os jornais tiveram seus conteúdos avaliados em sua totalidade de produções jornalísticas (matérias, colunas, artigos de opinião, etc.) e não apenas na seção de esportes. Cabe salientar que a utilização do termo "produção jornalística" se deve à ausência de diferenciação que esta tese realizou em relação aos diferentes formatos de produções jornalísticas: reportagem, entrevista, crônica, coluna de opinião, etc. Tal decisão se justifica[40] no interesse desta pesquisa em captar a regularidade discursiva (FOUCAULT, 2008).

Justifica-se a composição do Arquivo desta maneira, pois tal configuração é capaz de atender às demandas da próxima etapa (arquivamento ou acontecimentalização), visto

[40] De acordo com o posicionamento do filósofo sobre a circularidade dos discursos deve-se compreender o discurso como um sistema com regras que possibilitam o aparecimento de alguns enunciados e desaparecimento de outros. Neste sentido, são os discursos que segmentam, definem e localizamos sujeitos em uma sociedade e não o oposto. Ou seja, o discurso constrói o conhecimento e os próprios sujeitos, dando diferente relações a eles. Para mais ver: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

que esta etapa exige a utilização de uma série histórica relativamente longa, conforme apontam Aquino e Val (2018). Além disto, soma-se o fato de que ambas as fontes do Arquivo (primária e secundária) possuem grande circulação, audiência e tiragem no estado de São Paulo, conforme já demonstram as pesquisas de Val (2011) e Cabral (2015), possuindo assim, a capacidade de fazer circular determinados discursos (conforme salientado no referencial teórico), principalmente sobre o esporte mais popular do país.

Sendo assim, os documentos presentes nos acervos da Revista Placar (fonte primária), serviram como uma espécie de ponto de largada para a identificação dos enunciados proferidos em relação às torcidas organizadas. Posteriormente, tais enunciados foram testados, correlacionados e contrastados com os enunciados presentes nas fontes secundárias: os jornais Folha e Estadão.

A eleição destas fontes empíricas secundárias, desniveladas com a Revista Placar justificou-se, pois por meio deste periódico foi possível detectar quais acontecimentos esportivos, futebolísticos e/ou que envolvessem as torcidas organizadas escaparam, vazaram da esfera esportiva e foram para outros espaços de debate e circulação de ideias. Tais fatos serviram como importantes sinais de alerta e demonstraram as interveniências - quem são os personagens que foram consultados, quais não foram, quando começam a falar, o que dizem sobre o assunto, e principalmente, como estas notícias eram estruturadas: relato do protagonista em conjunto com o do especialista. Tal aspecto será elucidado nos resultados e discussão.

Após a definição e delimitação do Arquivo, a próxima questão que emergiu foi: como tratar estes documentos pertencentes ao Arquivo? Nesta etapa, a presente tese buscou pela arquivização. Nos termos de Aquino e Val (2018, p. 45) este processo se relaciona à "acontecimentalização". Ou seja, é exatamente, nesta terceira fase da pesquisa que o arquivista irá descrever os enunciados que formam os discursos e desvelar a trama discursiva. Neste processo atenção é dada tanto ao conteúdo dos discursos (o que falam?) e também a sua forma (como falam?) e também às condições de possibilidade. Nas palavras de Aquino e Val (2018, p. 47), tem- se que:

> Foi por intermédio de um intenso trabalho arquivístico que Foucault analisou o discurso de determinadas épocas como um emaranhado de fatos e feitos que funcionaram em certo período e em certo local e que continuaram a se transformar no decorrer do tempo, possibilitando o surgimento de outros discursos. Foi por meio de uma investida precisamente arqueogenealógica, fundada sobre o efetivamente dito/visto, que Foucault reordenou certas problematizações de seu tempo.

Diante da composição do referido Arquivo, parte-se então para as fases subsequentes da pesquisa exploratória. Tratar-se-á, neste momento, do contato com os documentos que compuseram o Arquivo em sua etapa de "montagem" (AQUINO; VAL, 2018, p. 45). No que se relaciona ao acesso à informação e a definição da "montagem" do Arquivo, uma figura foi nevrálgica para a realização desta tese: o orientador. Nos termos do futebol, seria possível dizer que ele marcou dois "golaços", visto que solucionou problemas operacionais do pesquisador.

Em um primeiro momento (e de acordo com as medidas sanitárias vigentes à época – agosto de 2020), o autor da tese deveria realizar a busca nos acervos[41] *online* das fontes primária e secundária (com a esperança de um possível cenário de retorno à normalidade no início de 2021, o que não se confirmou). Diante disto, a busca pela fonte primária (Revista Placar), se apresentava como um grande desafio devido ao período de reclusão imposta.

O desafio não era encontrar todas as edições da Revista Placar, mas sim obter acesso a elas mediante à pandemia. De antemão, em conversas informais e especulativas que antecederam a definição da "montagem" do Arquivo (AQUINO; VAL, 2018, p. 45), sabia-se da existência do acervo da Revista Placar, quase na íntegra no laboratório de um grupo de pesquisa da USP, bem como na casa de um pesquisador da Universidade de Campinas (UNICAMP).

A primeira tentativa então se deu a partir do contato com o pesquisador da Unicamp, visto que este era conhecido pelo orientador da presente tese. Tal pesquisador se mostrou solícito em auxiliar. Contudo, existia uma única condição: a consulta a tais materiais deveria ser em sua casa (local onde esta coleção era guardada). Após este contato, surgiu outro problema: como conseguir disponibilidade de tempo e agenda de ambos para uma busca tão longa? Além disso, tal opção se tornaria muito mais onerosa financeiramente, devido aos deslocamentos necessários e custos com hospedagem e alimentação. Destaca-se ainda que tal consulta poderia ainda causar incômodos em um dos poucos espaços disponíveis para os seres humanos durante a crise sanitária: suas próprias casas. Diante destes empecilhos, abandonou-se tal ideia.

Mediante tal empecilho, o orientador marca seu primeiro "golaço": encontrou a solução para obter acesso ao acervo da Revista Placar. Ele recebeu um e-mail de um antigo contato, no qual eram oferecidas coletâneas e edições antigas de produções

[41] De modo complementar à esta busca online, pretendia-se fazer uma visita presencial aos acervos físicos destes jornais. Entretanto, tal visita não foi possível devido às restrições impostas.

relacionadas ao mundo esportivo. Felizmente, uma das coleções oferecidas era da Revista Placar. O orientador prontamente adquiriu este acervo e o disponibilizou na íntegra para o autor, sem custo algum.

O segundo "golaço" se relaciona a também facilitar o acesso aos acervos dos jornais Folha e Estadão, pois era assinante de ambos. Sendo assim, coube ao pesquisador apenas realizar o levantamento do número de notícias, reportagens, matérias jornalísticas acerca do assunto nas fontes primária (Revista Placar) e secundárias Folha e Estadão. Em decorrência do papel fundamental do orientador, o pesquisador pôde finalizar a etapa de "montagem" do Arquivo (AQUINO; VAL, 2018, p. 45).

Após obter acesso a todos os periódicos se iniciou o processo de análise dos dados. Para tanto, foi construída um quadro com os títulos e datas destes materiais a fim de melhor sistematizar os dados e facilitar sua consulta *a posteriori*. Este quadro serviu de base para o processo de arquivização, acontecimentalização ou "remontagem" nos termos de Aquino e Val (2018, p. 45).

Seguidamente à leitura na íntegra de todo o material que compôs a série histórica relativamente longa (montagem do Arquivo), passou-se para a descoberta dos acontecimentos que fundamentam os cortes, desvios e modificam os jogos de veridicção, que são elucidados na arquivização (AQUINO; VAL, 2018). Conforme será exposto a seguir a arquivização evidenciou o estabelecimento de uma mudança discursiva na produção jornalística em relação às torcidas organizadas (quebrando assim a dispersão e encontrando uma regularidade) e inaugurou novas práticas não discursivas (econômicas, sociais, políticas e institucionais), sobretudo, no que se relaciona à criminalização dos torcedores organizados. Diante disto, neste momento, passa-se para a apresentação dos resultados e discussão com a literatura acadêmica.

6 - A IMERSÃO NO ARQUIVO: PROCEDIMENTOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO

"O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar"
(Michel Foucault)

Esta seção, denominada "a imersão no Arquivo" se relaciona à seção dos resultados e discussão da tese. Assim como destacado na epígrafe da seção, tratar-se-á da produção de discursos. Neste sentido, optou-se por apresentar tais dados e já discuti-los academicamente na mesma seção.

Na busca no acervo *online* dos jornais (realizada no dia 10/03/2021), ao se digitar o verbete "torcida organizada", sem nenhuma delimitação temporal, de seção ou termo foram encontrados 126.475 resultados na Folha de São Paulo, e 2.735 notícias no Estado de São Paulo. Já para o verbete "torcida uniformizada" os resultados foram 395 (Folha) e 473 (Estado de São Paulo). Na Revista Placar buscou-se por notícias sobre "torcidas organizadas" e isto gerou 29 resultados.

Sobre estes mecanismos de busca cabem três ressalvas: a primeira se relaciona à opção por também se utilizar do termo "uniformizada" na busca: conforme foi demonstrado na revisão de literatura, os jornais não distinguem com exatidão as diferenças entre torcidas uniformizadas e organizadas.

A segunda se relaciona à não utilização do verbete "violência", pois sua utilização poderia enviesar a busca, apesar de a pergunta central a ser investigada no arquivo se relacionar à violência. Ou seja, julga-se que com a inclusão deste verbete poderiam aparecer apenas conteúdos negativos em torno destes grupos, enviesando assim a busca.

Por fim, a terceira ressalva se relaciona à utilização de filtros avançados apenas nas fontes secundárias (jornais de ampla circulação), que determinavam: a data das produções jornalísticas (sendo esta do dia 01/01/1969 até o dia 31/12/2020), a utilização exata destas palavras (através do mecanismo de busca por "frase exata" – Estado de São Paulo e "exatamente esta frase" – Folha de São Paulo) e os cadernos de busca (a busca foi realizada em todos os cadernos destes jornais).

Após a utilização destes filtros específicos, no jornal "Folha" o número de produções jornalísticas diminuiu para apenas 1.233. Já no jornal "Estadão" foram 996. Por fim, somando-se estes resultados às 29 notícias encontradas na Revista Placar tem-se

2.258 produções jornalísticas analisadas. Deste modo, teve-se um total de 2.258 produções jornalísticas a serem analisadas.

Antes de explicitar o mecanismo de análise e os resultados deve-se ressaltar as limitações da pesquisa, apresentar a sugestão de novos estudos, bem como, outros bastidores desta investigação (fatos que ocorreram já no trato direto com material do Arquivo). Inicialmente, destaca-se a impossibilidade da visita física aos acervos dos jornais, assim como era previsto anteriormente, devido à pandemia iniciada no ano de 2020 no Brasil.

A crise sanitária, que o mundo ainda enfrenta neste momento de escrita desta seção (outubro de 2021), determinou que a imersão no Arquivo ocorresse de maneira virtual. Apesar da impossibilidade de contato com os membros, funcionários e técnicos que fazem parte destes espaços físicos dos jornais (e por sua vez, possuem grande conhecimento de todo este material de acervo), o trabalho *online* com os acervos possibilitou uma rotina distinta à pesquisa.

Havia um trabalho quase que contínuo e atemporal, visto que o pesquisador não precisaria cumprir os horários destes acervos, por exemplo. Deste modo, várias madrugadas, manhãs, tardes e noites puderam compor o espaço e tempo de análise dos materiais destes acervos *online*. Este fato possibilitou ao pesquisador um trabalho mais espaçado e tranquilo, dado que existiam pequenas metas temporais (determinado número de produções jornalísticas que deveriam ser analisadas pela manhã, outras à tarde, outras à noite ou até mesmo na madrugada). Consequentemente, isto gerou um trabalho mais saudável, visto que poderia conciliar as metas da pesquisa com os outros afazeres de sua vida pessoal e profissional.

Todavia, assim como destaca Arlette Farge (2017), isto não diminui as surpresas, incertezas e a experiência de se debruçar sobre o "mar" de um Arquivo. Em sua obra "O sabor do Arquivo", a pesquisadora destaca que "quem trabalha em arquivos se surpreende muitas vezes falando dessa viagem em termos de mergulho, de imersão e até de afogamento" (FARGE, 2017, p. 11). Metaforicamente, a pesquisadora apresenta a possibilidade de distração, perdas e equívocos mediante à quantidade colossal de dados, que ela chama de mar. Um mar de dados, no qual os pesquisadores podem estar à deriva, se perderem ou até mesmo se afogarem. No caso desta pesquisa, este "mar" era composto por 2.258 produções jornalísticas.

Para que se tenha uma ideia do tamanho do "mar" no qual esta investigação mergulhou, o já mencionado quadro para início de análise se constituiu em um documento

de *Word* com 385 páginas (disponibilizado por vias eletrônicas) contendo 107.447 palavras. Este primeiro quadro tinha como função reconstruir a trama discursiva que envolveu as torcidas organizadas desde 1969 até 2020, atingindo assim o objetivo geral da tese. Já no que tange ao objetivo específico (discutir o aspecto da violência), foi necessário um documento de *Word* com 191 páginas e 46.808 palavras.

Diante do elevado número de notícias, pode-se comprovar o elemento levantado teoricamente, na fase bibliográfica desta pesquisa: a circularidade dos discursos (FOUCAULT, 2008). Assim como sinalizado na primeira parte da pesquisa, os dizeres são estritamente relacionados às condições de possibilidade e nunca um enunciado existe por si só. Sempre estará em relação (de aliança ou conflito) com outros enunciados (FOUCAULT, 1999; 2008).

Apesar do aspecto enfadonho da repetição, ela é fundamental, pois sinaliza os enunciados. Cabe sempre lembrar que os enunciados operam a partir da repetição. Esta tese, buscou reconstruir a trama discursiva sobre as torcidas, identificando as (des)continuidades e (ir)regularidades nos discursos sobre torcidas organizadas. Neste sentido, atletas, dirigentes, promotores públicos, pessoas alheias ao futebol, torcedores comuns e organizados, por mais que sejam totalmente distintos em seus posicionamentos sobre as torcidas organizadas se inseriam na lógica desta repetição enunciativa. Este era um alerta especial para a identificação dos enunciados.

Gera-se uma espécie de jogo circular, no qual um enunciado aparece e desaparece incessantemente. Uma espécie de ruminar discursivo. Quando se espera a superação ou transformação daqueles enunciados, há o retorno. Brevemente, recorre-se a um exemplo. Um treinador (Candinho), um torcedor comum (Carla Zanetti) e um tenente-coronel (Carlos Alberto de Camargo) utilizam o mesmo enunciado: a torcida organizada é violenta. Tem-se os relatos a seguir:

> A violência no futebol assusta você Candinho? Sim **especialmente de um ano para cá. Na minha época não existiam torcidas organizadas** [...] O problema da violência é que **as torcidas começaram a se juntar em turmas, legiões**. Não sou contra as torcidas organizadas, **mas virou guerra**.
>
> (Folha, 14/04/1995)

> "PM já tem perfil dos *hooligans*" - O 2° Batalhão de Choque da Polícia Militar de São Paulo elaborou **um amplo mapeamento da violência no futebol** e já vem realizando o cadastramento de torcedores. Segundo o tenente-coronel Carlos Alberto de Camargo, **as torcidas**

> **organizadas são responsáveis pela maioria dos atos de violência**.
>
> (Folha, 23/05/1995)

> As gurias confessam ter um **certo medo de ir ao estádio**, sobretudo quando é Gre-nal (nome dado ao clássico Gaúcho Grêmio e Internacional). **A Gaviões da Fiel também causa uma certa apreensão**. **Carla Zanetti, 14, classifica a organizada do Corinthians como violenta** "**mas gremista também é bom de briga**"
>
> (Folha, 21/06/1995)

Embora existam pequenas variações nos dizeres, todos os três (torcedor comum, treinador e policial) se inserem no mesmo enunciado: a torcida organizada é violenta. A aparição deste enunciado, traz consigo correlatamente, a discussão sobre a extinção de torcidas organizadas. Deste modo, pode-se perceber que no debate sobre a questão, há correlação entre: torcida organizada, violência e extinção. Entretanto, este tópico será abordado mais adiante na seção "É a lei do mais forte": torcida é violência.

Outro exemplo que seria produtivo e ilustrativo para exemplificar a circularidade dos discursos se relaciona ao atual (des)governo brasileiro (novembro de 2021), que produz diversas dizeres que retomam enunciados antiquados. O ocupante do Palácio do Planalto e seus aliados, produzem dizeres que: negam o racismo, a homofobia, o sexismo, o feminicídio, que são contra o saber científico (sobretudo, rechaçando a eficácia da vacina contra o vírus responsável pela pandemia), e tantos outros. Ambos os exemplos (um específico do cenário futebolístico e outro do político) comprovam que a organização dos discursos perpassa a repetição.

Evitando a armadilha de "afogamento" citada por Farge (2017), surge a necessidade do arquivista estar atento. Sua tarefa é recortar, colecionar, reorganizar e (re)classificar o Arquivo, visto que ele apresenta ao mesmo tempo "o irrisório e o trágico" (FARGE, 2017, p. 17). Dito de outro modo: o Arquivo mistura, escamoteia, camufla, esconde o banal e o extraordinário. Assim como dito anteriormente: é um *thriller* policial onde nem tudo está escondido, porém também não está evidente (AQUINO, 2019). Cabe então, ao arquivista buscar os vestígios, os fragmentos de verdade mediante a tantas fontes. Ou seja, diante desta imensidão de dados como seria possível captar as regularidades discursivas mediante àquela dispersão de discursos? (FOUCAULT, 2008).

Geralmente, a monotonia prevalece às descobertas, é uma leitura pesada. Entretanto, as descobertas acontecem a partir de uma pergunta, um aguilhão de análise. Uma pergunta específica e direta para perfurar o Arquivo, quebrando a monotonia e

caminhando em direção às descobertas (FARGE, 2017). No caso da presente tese este aguilhão de análise foi: quando, no discurso jornalístico, a violência das torcidas organizadas se torna um problema?

Dito de outro modo, esta questão poderia evidenciar o acontecimento foucaultiano. Um fato ou uma sequência de fatos que rompesse com a estrutura. Isto pode ocorrer a partir de um novo discurso (uma maneira distinta ou nova de dizer), uma mudança nas práticas sociais, políticas, institucionais, econômicas, jurídicas, médicas, legislativas, etc. (mudanças nas práticas) que evidenciasse uma ruptura: seja ela discursiva ou não discursiva. Em suma, buscou-se pelas condições de possibilidade que denotavam a abertura para novos dizeres e/ou fazeres.

Outra "vantagem" da realização deste tipo de pesquisa é a financeira, visto que o pesquisador teria que arcar com os custos, de ao menos transporte e alimentação, pois enfrentaria um longo período em uma espécie de "embate" com os materiais. Cabe destacar que este aspecto financeiro é nevrálgico na realização de pesquisas em um país como o Brasil. No atual contexto (outubro de 2021), recebe-se a notícia do corte de cerca de 690 milhões, quase 90% do dinheiro destinado à ciência brasileira (CORREIO BRAZILIENSE, 2021). É praticamente inviável conduzir uma pesquisa científica séria e com robustez sem recursos para investir na realização das diversas etapas da pesquisa.

A título de exemplo, como conduzir um estudo qualitativo, que opte por entrevistas como ferramenta para produção dos dados, sem a possibilidade de se deslocar e se encontrar com as pessoas que sejam informantes relevantes para a pesquisa? Por tal razão, pode ser observada, com certa frequência, sobretudo nos circuitos da pós-graduação, a delimitação de diversos estudos científicos por conveniência ou acessibilidade.

Em um olhar mais desatento, poderia se culpar os pesquisadores por tal situação, contudo, há necessidade de análise das condições estruturais da ciência brasileira: o atual cenário é de descaso, desrespeito, desinvestimento e sucateamento. Tal comentário se restringe ao âmbito da educação superior, contudo, poderia ser alargado para outras esferas do sistema educacional. A saída de diversos servidores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) às vésperas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2021 é um exemplo, bem como a tentativa de interferência governamental na mesma avaliação, outro (BRAZILIENESE, 2021).

Encoraja-se a execução de estudos científicos que possam preencher as lacunas da presente investigação, bem como, abordar elementos que aqui estão tangenciados.

Destaca-se, por exemplo, a realização de estudos junto a policiais militares e/ou policiais que integram grupos especiais de patrulhamento nos estádios, como no caso do Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (GEPE) do Rio de Janeiro. Cabe lembrar que estes policiais representam o Estado e trabalham para o mesmo. Portanto, mesmo que indiretamente, pode-se a partir deles, refletir e inferir sobre o posicionamento do Estado e relação à questão.

O estudo etnográfico de Marcos Alvito (ALVITO, 2013) acompanhou alguns policiais nos dias de jogo e realizou entrevista com o major do GEPE. Todavia, há necessidade de mais estudos que possam corroborar ou confrontar os dados do autor. Neste sentido, destaca-se também que os policiais devem ser fontes de pesquisa, visto que são importantes atores do cenário futebolístico, sobretudo no que tange à violência no futebol. Eles seriam os responsáveis por coibir tais manifestações. Além disto, argumenta-se que jornalistas, torcedores organizados e especialistas acadêmicos já foram fontes de consulta em outros estudos científicos (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; TORO, 2004; REIS, 2006; HOLLANDA, 2009; LOPES, 2012; CANALE, 2012; PALHARES, 2014).

Tais estudos que abordem outros atores para além dos já mencionados (especialistas acadêmicos, jornalistas e torcedores organizados) poderiam verificar outras nuances deste universo ao consultarem, por exemplo: dirigentes de clubes, políticos, torcedores comuns e até mesmo pessoas alheias ao ambiente futebolístico. A consulta a tais fontes pode servir, inclusive, para a verificação da profusão, em âmbito social, destes discursos sobre torcidas organizadas aqui elencados.

Outro tipo de estudo que é incentivado por esta tese é com torcedoras organizadas. Pesquisas que explicitem o comportamento de meninas e mulheres mediante à lógica da masculinidade violenta (MONTEIRO, 2001; BANDEIRA; SEFFNER, 2013; ALVITO, 2013). Será que as mulheres aderem à esta lógica ou constroem outra maneira de pertencer ao grupo da torcida organizada? Existem conflitos e confrontos violentos envolvendo as mulheres que pertencem as organizadas? Os conflitos são resolvidos de maneira violenta? As mulheres possuem atuação efetiva ou estão apenas sub representadas dentro deste universo, até então fortemente denotado como masculino?

Estas questões poderiam ser investigadas e auxiliarem na explicitação deste universo feminino das torcidas. Após estas sugestões de futuras pesquisas, neste momento, parte-se para a explicitação dos bastidores da pesquisa.

No que se relaciona aos bastidores da pesquisa, deve-se destacar o *site* do jornal "Folha" possuía uma interface melhor, mais intuitiva e operacional para realização da pesquisa. Em algumas edições mais recentes, inclusive, a palavra buscada já aparecia em destaque, facilitando assim a tarefa do pesquisador. Todavia, nas antigas (anos 60 a 80) a busca deveria ocorrer com base na leitura integral das produções jornalísticas

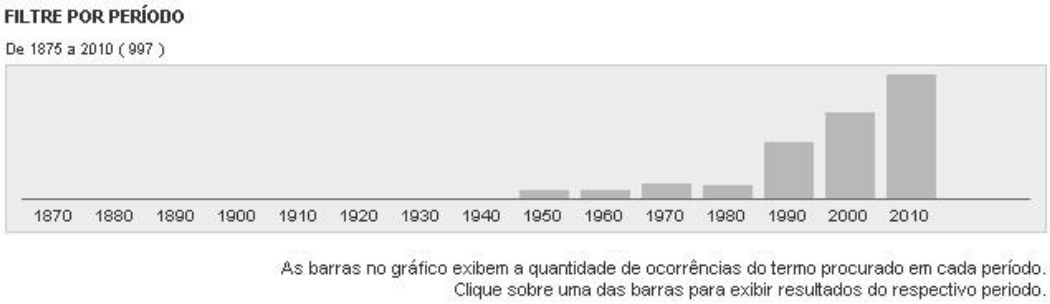
Já o *site* do jornal "Estadão", através de sua plataforma de busca, dificultava a obtenção de informações. Após a utilização dos filtros escolhidos por esta pesquisa (explicados anteriormente nesta seção), quando o pesquisador efetivamente ia utilizar a plataforma do *site*, as notícias nunca eram apresentadas na mesma sequência.

Tal fato gerou dificuldade na condução da pesquisa, pois um dia inteiro era utilizado para anotação das datas das notícias. A obrigatoriedade em cumprir e finalizar este processo se tornava custosa em termos de atenção e de tempo. Por mais que o pesquisador concluísse tal tarefa em um único dia, no dia seguinte quando retornava a ordem das notícias já era outra. Além disto, quando o pesquisador iniciava o registro da notícia, muitas datas não eram condizentes com aquelas que foram anotados no quadro.

Tal situação gerou o registrado "não encontrado" no quadro. Diante desta situação, o pesquisador teve que se debruçar durante mais tempo nesta plataforma, porém mesmo assim, não era possível estabelecer todas as datas com exatidão, do mesmo modo que foi feito com o outro periódico. Destaca-se também a existência de registros, em ambas as plataformas, que estavam ilegíveis. No quadro foram registrados como "ilegível".

Entretanto, essa mesma plataforma de busca apresentava uma enorme potencialidade. A apresentação destacada por anos e décadas da aparição de determinada palavra. Por exemplo, se buscasse informações sobre o vocábulo "discurso", o próprio *site* gerava um gráfico sobre a aparição deste vocábulo ao longo das décadas. A seguir utiliza-se como exemplo o termo "torcida organizada". Tal mecanismo comprovou uma das hipóteses anteriormente apresentadas por esta tese: a explosão discursiva em torno das torcidas organizadas a partir da década de 1990.

Figura 1 - Resultado da busca para o termo exato "torcidas organizadas" no período de 1870 a 2020.



Fonte: Acervo Estadão - O Estado de S. Paulo

Tal ferramenta contribuiu com a identificação da periodicidade das produções jornalísticas naquele periódico, fato este que auxiliou na identificação do "fio discursivo" ali presente. Ou seja, de que modo a produção discursiva sobre determinado termo aumentava ou diminuía, quando ela se inicia ou até mesmo quando um vocábulo não foi utilizado. Por fim, versa-se sobre a Revista Placar. Esta foi disponibilizada na íntegra para o pesquisador, que examinou todos os sumários das edições. Após a leitura dos títulos ali presentes, o pesquisador observava as edições na busca de possíveis notícias que não tivessem sido captadas após esta busca inicial realizada nos sumários.

Considerando tal cenário, a análise do Arquivo identificou 3 grandes discursos acerca das torcidas organizadas: a) fidelidade; b) pressão, cobrança; c) violência. Cabe salientar que, a partir deste momento representar-se-á os discursos com as seguintes siglas D(1) – fidelidade, D(2) – pressão, protesto e cobrança e D(3) – violência. Tais discursos são provenientes das mesmas regras de formação, no caso que giram em torno do objeto sobre o qual versam. Lembrando que Foucault define o discurso como sendo um enunciado ou conjunto de enunciados que pode ser dito em determinado tempo e espaço, provenientes de um mesmo sistema de formação (FOUCAULT, 2008).

Desta maneira, neste momento é possível responder ao primeiro objetivo específico desta tese "descrever os discursos do jornalismo esportivo sobre as torcidas organizadas a partir de seus enunciados". Com base nos resultados aqui encontrados, seria possível sumarizar que os discursos sobre torcida organizada presentes nos jornais investigados foram três e que alternavam em sua aparição. Fato este que retoma o item de circularidade dos discursos.

a) D(1) - Torcida organizada é fidelidade
b) D(2) - Torcida organizada é pressão, protesto e cobrança
c) D(3) -Torcida organizada é violência

Cada um destes discursos terá sua elucidação apresentada a seguir nas “Uma torcida para todas as horas”, “Vocês têm que suar a camisa” e “É a lei do mais forte”. Todavia, antes de realizar tal tarefa, torna-se importante explicitar o mecanismo de identificação e composição destes discursos. Para identificar a regularidade discursiva, mediante à dispersão o pesquisador realizou o seguinte procedimento.

Inicialmente, houve a construção de um quadro, no qual, todos os trechos que versavam sobre torcidas organizadas nos jornais foram alocados. Este quadro contava com: o número de inscrição da notícia, a data, número da edição do jornal, título, trecho, radical, autor. Sendo assim, todas as 2.258 produções jornalísticas foram adequadas a este quadro, que gerou um documento de Word com quase 400 páginas. Devido à impossibilidade de anexá-lo a esta tese, o material foi disponibilizado à comissão avaliadora por vias eletrônicas. Abaixo segue um trecho extraído deste documento.

QUADRO 2 – Trecho do quadro construído para a análise dos enunciados

				torcedores jornalista Marcelo Abdalla, 28.		
595	16/09/2016	N° 31.943	Contra a conivência (cotidiano)	Durante a Copa de 2014, os gritos foram frequentes e desde então adotados não somente por membros de torcidas organizadas - durante a olimpíada, eles aconteceram em quase todos os jogos de futebol. Procurada, a CBF não quis se manifestar sobre o tema. ...“Muito da gestualidade das torcidas organizadas é mimetizada, como nesse caso, com origem no México. Um clube que seria legal que mimetizasse seria o St Pauli, de Hamburgo, que tem posicionamento contra todos os preconceitos: a estrangeiros, a homossexuais, e baniu membros de extrema-direita. seria bom dar visibilidade a este tipo de todo”	Violência (homofobia)	Matéria assinada por: Guilherme Seto Quem fala? - jornalista - Flavio de Campos
596	21/09/2016	N° 31.948	Copa Paulista (cotidiano)	A derrota desencadeou uma crise no São, que, três dias depois, culminou na invasão do Centro de Treinamento do clube por torcidas organizadas e na agressão a alguns atletas, como Michel Bastos e Wesley	Informação (sobre partida, preparativos)	Matéria assinada por: - jornalista não identificado Quem fala? - jornalista
597	21/09/2016	N°	Com o técnico,	O STJD (Superior	Informação (sobre	Matéria

Fonte: Elaboração própria

Cabe esclarecer que a palavra “radical” foi utilizada como uma espécie de categoria, na qual, cada notícia poderia ser classificada de acordo com seu conteúdo

majoritário. Uma categoria que seria capaz de caracterizar o enunciado ali presente. Estes radicais foram estabelecidos após a análise do primeiro ano das notícias veiculadas no jornal "Folha", pois este foi o primeiro jornal a ser analisado.

A identificação dos radicais era um segundo passo para desvelar o fio condutor dos discursos sobre torcidas organizadas. Dito de outro modo, o radical servia para evidenciar como o discurso se organizava. Além disto, a repetição era um elemento importante para sinalizar quais as regras de formação dos discursos. Lembrando que os discursos constituem as coisas e os objetos (FOUCAULT, 2008), por conseguinte, eles geravam representações sociais (no caso das torcidas organizadas, como violentas, por exemplo).

Com o passar do tempo e o desenvolvimento da pesquisa, o pesquisador começou a verificar que as notícias se enquadravam, majoritariamente, em 5 radicais, 5 repetições constantes: a) informação; b) fidelidade; c) pressão, protesto e cobrança; d) violência; e) externos.

O radical "informações" recebia as notícias que se relacionavam com os preparativos (seja do clube ou da torcida), repercussões das partidas e notícias do cotidiano do clube. O radical "fidelidade" retratava os comportamentos apaixonados dos torcedores, bem como, suas ações de proeza antes, durante e após as partidas. O radical "pressão, protesto e cobrança" recebia as notícias, nas quais, as torcidas organizadas apareciam como um instrumento de cobrança aos atletas, dirigentes e membros do clube de uma maneira geral. Neste radical também estavam as visitas a Centros de Treinamento e reuniões com diretoria ou atletas. Já o radical "violência" abrigou os episódios de confrontos violentos (brigas, lesões, assassinatos e mortes) envolvendo as torcidas organizadas.

Finalmente, o quinto e último radical, "externos", se relacionava com elementos que não eram da esfera do futebol, porém possuem uma relação com este ambiente. Um exemplo notório era a utilização do termo "torcida organizada" para se referir aos simpatizantes de um determinado político, aos seus aliados políticos.

Destaca-se que este radical foi fundamental para o flagrante de uma estratégia discursiva utilizada pelos jornais: a modificação do sentido da palavra "torcida organizada" ao longo de suas produções jornalísticas. Em alguns enunciados torcida organizada significava "fidelidade", mobilizando assim o primeiro discurso dos resultados. Já em outros, torcida aparece como violência ou periculosidade.

Portanto, pode-se compreender que não há um sentido fechado para o termo, um discurso único e hegemônico sobre torcidas organizadas. Diferentes discursos eram mobilizados em diferentes episódios.

A título de exemplo, uma notícia poderia ressaltar uma longa viagem de torcedores organizados como fidelidade. Este enunciado pertence ao "D(1) – torcida organizada é fidelidade". Porém, se este mesmo grupo até então noticiado como "fiel" se envolvesse em um episódio de violência, o "D(3) – torcida organizada é violência" seria mobilizado. Esta diferença na mobilização de discursos também ocorre em contextos alheios ao futebol.

A produção jornalística intitulada "Janaína Paschoal chega à Assembleia descolada de Dória e já rejeita a prefeitura", publicada na Folha destaca isto. Esta notícia foi publicada no dia 11/03/2019, e nela é possível perceber que o elemento da "fidelidade" (discurso 1) é mobilizado. Ou seja, a fidelidade de aliados políticos seria a mesma que a dos torcedores organizados.

> No qual dezenas de militantes percorreram os corredores do Legislativo **emulando uma torcida organizada com o coro "Direita São Paulo, olha quem chegou. Doutor a Janaína, da esquerda um terror!"**.

Porém, outros dois trechos, ainda no contexto político, mobilizam outro discurso, o D(3) – torcida organizada é violência. Ao aproximarem as torcidas organizadas de comportamentos indevidos (que envolvem "baixaria", "confrontos" e "calúnias") estes trechos mobilizam sentidos negativos, além de aproximarem torcida organizada de violência.

> **Foi tanta baixaria** que fiquei com a sensação contrária: a escolha do eleitorado vai ser dramática qualquer que seja, porque a crispação que se criou transformou Fla-Flu tradicional entre **PT e PSDB em um confronto entre as piores torcidas organizadas**
>
> (Folha, 19/10/2014)

> **Nem um chefe de torcida organizada saindo do estádio deveria usar um palavreado desse**, quanto mais um que se diz chefe da oposição. Disse o presidente do PT Paulista, sobre entrevista em que Aécio Neves diz ter perdido as eleições para uma 'organização criminosa'
>
> (Folha, 02/12/2014)

Portanto, neste momento, pode-se perceber que o discurso mobilizado para as torcidas organizadas varia. Por vezes, elas são representadas como violentas, perigosas, outras vezes como fieis e apaixonadas ou por órgãos fiscalizadores dentro dos clubes. Considerar este aspecto é fundamental para a compreensão da realidade objetiva, no que tange às torcidas organizadas. Diferentes atores sociais irão mobilizar diferentes sentidos de torcida organizada. Enquanto uns defenderão torcida organizada como paixão e fidelidade (aspectos positivos), outros a considerarão como violenta (aspecto negativo).

Diante disto, destaca-se de antemão, que esta classificação dos discursos aqui realizada, não é estanque. Ela é didática e operacional, pois considera a circularidade dos discursos. No trato com os documentos do Arquivo, e sobretudo, em algumas situações cotidianas, poderiam ser mobilizados dois ou mais discursos sobre torcidas organizadas. Isto é, uma mesma notícia pode informar (radical "informação"), sobre um protesto da torcida (radical "cobrança e protesto"), que terminou com algum tipo de confronto (radical "violência"). Sendo assim, reafirma-se novamente que a utilização do radical serviu como uma ferramenta para operacionalizar a análise do Arquivo e flagrar a repetição de enunciados, que compunham os discursos.

Após os radicais serem submetidos a uma análise enunciativa, percebeu-se que o radical "outros", invariavelmente, se relacionava a um dos outros três radicais: i) fidelidade; ii) pressão, protesto e cobrança; iii) violência. Deste modo, finalmente, chegou-se ao estabelecimento dos três discursos - D(1), D(2) e D(3) - sobre torcida organizada nos periódicos consultados. Mais precisamente, estes são os elementos que compõem a regularidade discursiva em meio a dispersão.

A partir deste processo, pôde-se sair da dispersão discursiva para a chegada em uma regularidade. Ou seja, havia a dispersão discursiva mediante os 2.258 resultados de notícias, crônicas, entrevistas, colunas, etc. que versavam sobre torcida organizada. Os enunciados estavam ali escamoteados, escondidos e soltos mediante à enormidade de dados: a dispersão discursiva. Entretanto, após a leitura inicial, a composição do quadro e aplicação destes radicais foi possível identificar similaridades entre determinados materiais (regularidade discursiva) e por fim, chegar aos enunciados,. Estes diferentes enunciados formaram os discursos sobre torcidas organizadas.

Outro ponto importante de se esclarecer é a estrutura das notícias. Predominantemente, elas eram compostas pela descrição do fato, unindo-se ao relato do protagonista e do especialista. Além disto, comumente, os jornais cobravam resolução urgente das autoridades competentes, contudo, sempre posteriormente aos fatos. Neste

ponto, os dados aqui apresentados corroboram os de Lopes (2016) sobre a cobertura jornalística brasileira ser reativa aos confrontos de torcidas organizadas. Não há canais de comunicação, dialogo, debate e formação de ideias a respeito do assunto, tampouco pluralidade de ideias.

Por fim, cabe lembrar que muitos episódios emblemáticos do mundo do futebol estão no Arquivo, por exemplo: a tragédia com o avião da Chapecoense, a fundação de uma torcida organizada LGBT, a Coligay, diversas invasões de torcedores a Centro de Treinamento (São Paulo, Corinthians e Palmeiras), casos de racismo no âmbito nacional (Tinga, goleiros Aranha e Felipe) e internacional (Koulibaly, Boateng e Yaya Touré), o rebaixamento de clubes tradicionais (Corinthians, Grêmio, Palmeiras, Vasco e Cruzeiro), os estádios vazios devido à pandemia, o projeto para cadastro de torcedores organizados que nunca saiu do papel (porém, o valor de 6 milhões de reais, foi pago ao SINDAFEBOL - Sindicato das Associações de Futebol) além de embates das torcidas organizadas.

Tais embates ocorreram com: jogadores (Edilson "Capetinha" sai do Corinthians agredido pela torcida), treinadores (Luis Felipe Scolari, Vanderlei Luxemburgo, Levir Culpi, Cuca, Leão e outros), presidentes de clubes (Andrés Sanchez, Mustafá Contursi, Paulo Nobre), jornalistas (levaram pedradas no Centro de Treinamento do Palmeiras) e outras torcidas organizadas. Mediante a esta vastidão de episódios, antes de apresentar e discutir cada resultado desta tese é pertinente relembrar o posicionamento histórico de Michel Foucault em relação aos discursos.

Os discursos não surgem ao acaso, tampouco da vontade dos indivíduos. No caso desta tese, os 3 discursos sobre as torcidas organizadas ("fidelidade", "pressão, protesto e cobrança" e "violência") possuem condições de possibilidade para sua existência, que giram em torno do objeto sobre o qual versam. Ou seja, aqui buscou-se flagrar as regras de formação dos discursos, os elementos que determinaram a continuidade, transformação ou desaparecimento de determinados dizeres sobre as torcidas organizadas (objeto deste discurso).

Assim como destaca Foucault (2008) estas regras de formação dos discursos dão as condições[42] para se pronunciar algo. As relações estabelecidas entre determinados sujeitos e instituições vão definir aquilo que pode ou não ser dito por cada um deles

[42] Em um exemplo pertinente, em uma relação entre professor e aluno existe uma série de enunciados que os alunos podem falar com os professores. Ao passo que os professores também possuem enunciados que podem ser ditos aos alunos. Portanto, não é uma relação livre, mas sim condicionada à posição que estes sujeitos ocupam. Existem regularidades discursivas, assim como Foucault evidenciou em seu livro "A Ordem do discurso" (FOUCAULT, 1999).

(FOUCAULT, 2008). No caso aqui analisado, majoritariamente, as produções jornalísticas produziam discursos de exclusividade (torcida é fidelidade, cobrança ou violência), enquadrando as torcidas em determinado discurso, sem apresentar as relações de contradição, sobretudo. Neste momento, recorre-se a Hall (2016, p. 80) para elucidar tal ponto.

> O discurso, argumenta Foucault, constrói o assunto. Ele define e produz os objetos do nosso conhecimento, governa a forma com que o assunto pode ser significativamente falado e debatido, e também influencia como ideias são postas em prática e usadas para regular a conduta dos outros. Assim como o discurso 'rege' certas formas de falar sobre um assunto, definindo um modo de falar, escrever ou se dirigir a esse tema de forma aceitável e inteligível, então também, por definição, ele "exclui", limita e restringe outros modos.
> .

Conforme Hall (2016) sinaliza ao analisar a obra de Foucault, o discurso é um sistema de representações que constitui as pessoas que falam e os objetos sobre os quais elas falam. Deste modo, pode-se afirmar que o conteúdo veiculado nos jornais estudados privilegiava as relações de aliança: torcida organizada é D(1), D(2) ou D(3), de modo tal, que ao se aliar a um destes discursos, não se contrapunha a enunciados de outro discursos.

Sendo assim, as relações de oposição aos 3 discursos, raramente, apareciam nos periódicos. Isto significa, que não havia a devida problematização acerca destas instituições nas produções jornalísticas. Tal situação favorece a quase inexistência do contradiscurso nestas produções. Ou seja, este contradiscurso sobre o que são as torcidas organizadas, dificilmente estará presente nos meios de comunicação, tendo então que circular, majoritariamente, em outros ambientes.

Além disto, cabe destacar que os meios de comunicação tentavam realizar uma espécie de enquadramento moral das torcidas organizadas. Isto é, tentavam impor determinados valores sociais que julgam como sendo importantes. A pesquisa de Barros e Lemos (2018) evidencia tal ponto no contexto político nacional. Ao analisar a retórica presente em 150 textos publicados sobre o caso do mensalão (pelos principais jornais diários), os autores concluem que esta narrativa se baseou na defesa do combate à corrupção, tendo os meios de comunicação como um ator moral. Para tanto, se basearam em relatos de especialistas e personalidades públicas (BARROS; LEMOS, 2018).

Enunciar é movimentar algo que já se move. A fala é um ato, uma prática, que organiza o mundo jurídico e social. Assim como destaca Alice Krieg-Planque (2018) a

comunicação consiste em um conjunto de saberes que retomam, transformam e reformulam os enunciados. Diante de todas estas considerações, parte-se agora para a explanação de cada discurso. Iniciando com o discurso sobre fidelidade – D(1): Torcida organizada é fidelidade.

“UMA TORCIDA PARA TODAS AS HORAS”: D(1) – TORCIDA ORGANIZADA É FIDELIDADE

Nesta seção, estarão os excertos que demonstram a composição do discurso D(1) – torcida organizada é fidelidade. Assim como nas outras seções, que serão descritas a seguir, buscou-se detalhar ao máximo os enunciados que compõem este discurso. Por tal razão, em determinada parte da seção, ocorre a apresentação de excertos pertencentes a muitos anos do período investigado (1969-2020). Tamanha extensão dos excertos se justifica no sentido de evidenciar dois elementos presentes na análise: a circularidade do discurso e, ao mesmo tempo, a permanência deste discurso ao longo dos 51 anos estudados. Ou seja, a partir destes trechos torna-se possível verificar a aparição e desaparição deste discurso ao longo dos anos. Este mecanismo também será adotado nas próximas seções dos discursos D(2) e D(3).

De largada, torna-se importante salientar também que os 3 discursos – D(1,) D(2) e D(3) – estavam presentes ao longo dos 51 anos investigados. Ao contrário da hipótese apresentada no processo de qualificação, que versava sobre “períodos discursivos”, que eram estanques, o trabalho com o Arquivo evidenciou a circularidade e alternância destes discursos ao longo dos 51 anos.

A título de exemplo, apresenta-se a produção “O futebol bota o bloco na rua” (Placar. n.461, p. 13, ano 1979), na qual há uma subseção onde se questiona sobre o fim da violência. Além disto, um dos personagens ouvidos pela produção jornalística fala que a competição entre torcidas organizadas no carnaval poderia humanizar o torcedor. Este dado é fulcral para combater ao aspecto saudosista dos meios de comunicação em suas argumentações. Todavia, este aspecto será abordado mais adiante.

Um último esclarecimento se relaciona a utilização de aspas no início da transcrição dos trechos das produções jornalísticas. Quando o título da produção era diretamente relacionado ao discurso em voga, utilizou-se aspas para destacá-lo. O recurso de negritar algumas partes dos excertos também foi utilizado para salientar determinadas passagens. Após estes esclarecimentos iniciais, neste momento, debruçar-se-á sobre o tema da fidelidade.

Dentre todas as práticas da torcida, talvez esta seja a mais estimada e mais reivindicada pelos próprios torcedores organizados. Acompanhar o clube em todos os momentos, possuir uma relação de amor, paixão e devoção. Na literatura acadêmica argentina, o livro de José Garriga Zucal “Nosotros nos peleamos” é emblemático para

explicar tal elemento da fidelidade (GARRIGA ZUCAL, 2010), conforme foi evidenciado na revisão de literatura.

Neste sentido, os jornais investigados descrevem as torcidas organizadas como um grupo que lidera, organiza, viabiliza os preparativos estéticos (bandeiras e instrumentos musicais) e logísticos (ingressos e ônibus) das partidas. “O espetáculo nas arquibancadas”, “a festa”, “o carnaval”, “compra de ingressos”, “fazem abaixo assinado”, “financiam a compra de jogadores”, “torcer sem receber apoio financeiro”, são algumas palavras e expressões utilizadas, com certa frequência, para se referirem às torcidas.

Estes resultados corroboram os dados de Canale (2021) sobre as torcidas serem representadas como uma entidade que queria promover a paz e a festa nos estádios. Tanto que o autor chega a afirmar sobre a TUP, em específico, que apesar de promover reivindicações seu principal trunfo era “a organização da festa nos estádios” (CANALE, 2021, p. 41).

Deste modo, a abnegação seria um traço deste comportamento dos torcedores. Eles abdicam de sua vida pessoal e/ou profissional para poderem acompanhar a equipe, mesmo sem receber nenhuma gratificação, recompensa material ou financeira. Alguns até estão desempregados, porém deixar de acompanhar a equipe é impensável. Realizam verdadeiros sacrifícios, deixando em segundo plano a própria vida e realizações pessoais. Projetam seus sucessos e fracassos nas equipes de futebol.

Estas características já são evidenciadas nos estudos acadêmicos específicos sobre torcida organizada, desde os precursores da área: Toledo (1996) e Pimenta (1997). Portanto, os dados aqui encontrados corroboram com diversas pesquisas anteriormente realizadas, por exemplo as de Reis (1998; 2006), Monteiro (2001), Murad (2007), Firmino (2011), Palhares (2014) e Teixeira e Lopes (2018).

A representação do torcedor neste discurso é de alguém que realmente se dedica, é devoto (cabe lembrar que esta palavra é proveniente do contexto religioso), acompanha e apoia a equipe, chegando inclusive, a despender muito tempo e/ou dinheiro. Por exemplo, há relatos de torcedores realizando proezas financeiras por seus clubes: realização de abaixo-assinado, ou até mesmo, financiamento do passe de atletas.

A literatura acadêmica já vem debatendo o tema da relação do torcedor com o clube. Por exemplo, a partir do ponto de vista da gestão esportiva, o estudo de Espartel, Muller Neto e Pompiani (2009) com seu chamativo título “Amar é ser fiel a quem nos trai”, aborda a questão da relação do torcedor com seu clube. Entretanto, fazendo um importante alerta aos dirigentes esportivos e se constituindo em um complemento para os

resultados aqui encontrados. De acordo com os dados dos autores, o torcedor e consumidor do esporte está cada vez mais exigente, portanto, a relação clube e torcedor não pode se basear apenas na paixão ou no desempenho esportivo. Há necessidade de se desenvolver estratégias que possam satisfazer os torcedores, estreitando assim a relação (ESPARTEL; MULLER NETO; POMPIANI, 2009).

O caso do Liverpool é um bom exemplo sobre este ponto. Sob o *slogan* "*We are Liverpool: this means more*"[43], o clube buscou comunicar-se eficientemente, a partir de um plano de gestão, com a comunidade local e seus torcedores a partir da criação de um senso de comunidade. De acordo com Keenen (2021) foram enaltecidos valores e aspectos positivos da cidade, para que esta possa ser divulgada internacionalmente. Com esta comunicação estratégica o clube não fica refém dos resultados esportivos para que seu público vá ao estádio e acompanhe a equipe. Esta campanha, inclusive, pode ser capaz de estreitar a relação com o torcedor, e também, indiretamente, pode auxiliar em resultados esportivos (KEENEN, 2021).

Os jornais investigados também relatam o otimismo do torcedor. Por vezes, este otimismo chega a ser extremo, descomedido, desproporcional, fantasioso. Firmino (2011) evidencia este aspecto ao entrevistar o torcedor organizado "Matusa" da Gaviões da Fiel. A autora chega a dizer que "Só o que eu conseguia enxergar nele era uma devoção diferente de todas que eu já havia presenciado até aquele momento. O puro exagero misturado com sinceridade, totalmente além do normal" (FIRMINO, 2011, p. 41).

O otimismo exacerbado, a crença de que o seu time sempre irá vencer, independentemente da fase na qual se encontra (chegando, inclusive, a ser contra a realidade esportiva da equipe) é outra marca do comportamento do torcedor neste discurso D(1). Além disto, há a vibração, a participação intensa e a convicção de que suas ações podem influenciar no resultado da partida.

Os excertos abaixo demonstram tal aspecto ao longo das décadas investigadas nos diferentes materiais jornalísticos.

> **A torcida do São Paulo também está fazendo seus preparativos**. O chefe da torcida organizada Jaime Braga **mandou confeccionar uma bandeira gigante**, praticamente do tamanho do gramado. A bandeira já está pronta, **custou 6.000 cruzeiros novos** e deverá ser apresentada domingo.
>
> (Folha, 23/01/1970)

[43] Em tradução nossa "nós somos do Liverpool: isto significa mais". Este slogan comunica com clareza o orgulho de pertencer a esta comunidade, independentemente, do resultado esportivo da equipe.

Qual a sua única e exclusiva finalidade? **Evidentemente é para defender o time do seu clube**. **Incentivar os jogadores**, dando-lhes a mão nos momentos difíceis e, através de aplausos, **incentivá-los sempre**.

(Folha, 05/08/1970)

"**Uma torcida para todas as horas**" - **Vimos que o São Paulo precisava de uma torcida organizada**, formada de jovens **que acompanhassem a equipe em todos os momentos**. Havia muitos torcedores, mas que só se entusiasmavam com as vitórias. Assim que o time começava a perder, eles desapareceriam do campo [...] resolveram levar adiante a ideia da torcida organizada. No começo eram apenas 15 ou 20 rapazes e meninos **que juntavam suas economias, estavam ônibus e acompanhavam a equipe nos jogos da capital e do interior**. José Antônio calcula que atualmente esse número seja de pelo menos 1.500 pessoas, **são-paulinos de fé que apoiam um time nas boas e más horas**.

(Folha, 14/09/1970)

"Ponte e Flamengo jogam à noite" - **A torcida organizada do Flamengo também vai comparecer em grande número ao Parque Antártica**: muitos ônibus, com torcedores, deixaram o rio ontem à noite

(Folha, 10/10/1970)

"Corinthians sem Wadih" - No entanto, basta observar o comportamento do grupo durante as partidas do Corinthians, **para se verificar que os jovens são realmente corintianos. Eles vibram muito, incentivam o time o tempo todo, agitam suas bandeiras e faixas e promovem verdadeiro carnaval a cada gol ou lance bonito dos corintianos**.".

(Folha, 26/12/1970)

Todos os torcedores cariocas que estavam ontem no Morumbi faziam parte da "Torcida Jovem", que trouxe cinco ônibus do Rio. Outros 3 eram da torcida organizada de Tarzan e o resto dos "Gaviões da Fiel": **com fogos e bandeiras agitadas comemoraram o gol** de Nei e as outras boas jogadas, bem ao estilo carioca, sentiram a reação do São Paulo, mas só perderam as esperanças com relação ao título depois do quarto gol.

(Estadão, 16/12/1971)

"Guarani: Zé Duarte continua pensando no título; e está **pensando com muito otimismo**" - Mas é nesta última partida em Campinas, neste ano, contra o Palmeiras, **que o recorde do estádio do Guarani certamente será superado, garantem os líderes da torcida organizada do clube, inflamados** com a campanha apresentada até agora.

(Folha 29/11/1974)

Pelos seus próprios números formam o maior agrupamento de torcedores organizados do Estado, **com 1.622 sócios que pagam em dia suas mensalidades.** Se fossem agir de acordo com a tradição e as histórias que circulam na boca e imaginação do povo, iriam ao futebol de fraque e cartola**, só que eles sujam suas calças brancas nos cimentos da geral, choram nas derrotas e vivem sacrifícios e problemas iguais a qualquer outro torcedor**

(Folha, 30/07/1975)

"Essa torcida não briga, não vaia e não quer ser tratada como selvagem" - **Eles possuem um orgulho enorme, por fazer parte** - por pouco que seja - do Palmeiras [...]. Segundo o regulamento, um grupo "**criado com o principal ideal de incentivar o Palmeiras em todas as modalidades de esporte, quer nas horas amargas das derrotas, como nas horas alegres das vitórias**".

(Folha, 31/07/1975)

A cada nova jogo repetem os mesmos gestos de organização, arrumam as bandeiras, alugam os ônibus e partem para os estádios em busca de novos ídolos que não surgem, procurando encontrar nas velhas estrelas que ainda estão em campo os sinais do antigo gênio [...] Hoje são **515 pessoas com a idade média 19 que formam a Torcida Jovem do Santos. [...] Cosmos Damião Freitas e Silva, 19 anos, estudante vendedor é responsável pela organização das caravanas e do funcionamento da Torcida Jovem** [...] Eu sou meio suspeito para falar disso. A imagem das torcidas uniformizadas é que são marginais que se reúnem e formam um bando. **Não é nada disso, nós queremos ver futebol e torcer".**

(Folha, 01/08/1975)

O repórter Claudio Faviere e o fotografo Manoel Isidoro voltaram ontem, às sete da noite, **depois de viajarem 124 horas junto com 22 torcedores da ´Gaviões da Fiel´** que foram a Recife em um ônibus **só para ver o Corinthians enfrentar o Santa Cruz**.

(Folha, 19/08/1975)

"**Torcida carioca chega de boeing**" - **Além do "boeing"**, a torcida organizada e outras facções de torcedores seguem na manhã de hoje para Campinas, em ônibus especiais. **A previsão é de que 10 ônibus cheguem**, embora ontem só 6 estivessem com suas lotações vendidas.

(Estadão, 26/11/1975)

"**As forças de Jaú, unidas para o XV não perder o seu lugar**" - O ressurgimento do XV de Jaú como um grande time está chamando atenção de toda a comarca. [...] **a**

torcida organizada - camisetas verde-amarelas com a inscrição XV no peito - **não tem sido menos fiel que outras**."

(Folha, 20/12/1976)

"Anhangabaú, o local para a festa mineira" - Esta promessa é feita pelo **chefe dos Raposões Independentes, a mais forte facção da torcida do Cruzeiro e que maior número de integrantes vai levar a Porto Alegre** em suas caravanas de ônibus. Benjamin Ribeiro do Prado, chefe da torcida organizada do Cruzeiro, acha que **os Raposões vão conseguir levar hoje às 24 horas para o sul pelo menos 50 ônibus lotados, o que daria dois mil torcedores**

(Estadão, 12/12/1975)

Já estão sendo organizadas **várias caravanas de torcedores** para o jogo de domingo, contra o Guarani, em Campinas. **A torcida organizada "Gaviões da Fiel" preparou a viagem em vários ônibus** cobrando r$ 30 por pessoa, com saída às 9 horas de domingo

(Estadão, 29/04/1976)

"**A paixão de Mitolé, um desempregado**" - Mitolé também é um corintiano como outro qualquer, daqueles que um dia sonharam ser ídolo do time [...] não é sem motivo que ele decidiu entrar para a "Camis a 12", onde cuida das bandeiras que são levadas aos estádios. Fundada em 1971, **a Camisa 12 é a única torcida organizada do time que não recebe apoio financeiro de qualquer facção política do clube**, ao contrário do que acontece com as demais. Há seis anos que faço parte da camisa 12, embora só agora esteja trabalhando mesmo. É um pessoal jovem, que vai dos 12 aos 19 anos e que não está comprometido com ninguém no clube. **Se é para torcer, vamos torcer assim, com convicção e autenticidade e não como fazem os outros.**

(Estadão, 25/11/1976)

"**50 mil corintianos vão invadir o Rio**" - O Rio de Janeiro será invadido, neste fim de semana, por cerca de 50.000 paulistas, incumbidos de uma missão que acreditam ser da maior importância: **ajudar com seus gritos de guerra e suas bandeiras os 11 jogadores do Corinthians a vencer** o Fluminense domingo no Maracanã e conquistaram o direito de decidir o Campeonato Brasileiro deste ano. **Centenas de ônibus estão sendo fretados pelas torcidas organizadas**.

(Folha, 02/12/1976)

"Falta gasolina, mas não falta futebol" - **Hoje deverá ter a "invasão de Campinas", sem tanto entusiasmo, já que o campeonato está no começo. A torcida organizada "Gaviões da Fiel" está promovendo uma caravana de ônibus** de motores diesel por um preço

ainda relativamente baixo Cr$ 40,00, mas muita gente deverá ir de automóvel. E os torcedores viajarem de São Paulo para Campinas em 1.000 carros, gastarão aproximadamente 20.000 l de gasolina

(Estadão 13/02/1977)

"No Santos torcida já age como a 'Fiel'" - "**A torcida paga seu ídolo**". Atrás de uma grande faixa com estes dizeres, moças e rapazes vestindo a camisa 10 dos Santos, **agitando imensas bandeiras alvinegras e animados por um ruidoso grupo de batuqueiros**, invadiram o centro comercial de Santos, ontem à tarde, paralisando o trânsito. **Eram associados da torcida organizada "Força Jovem"**, em seu primeiro dia de trabalho, **contribuições de 50 cruzeiros por pessoa - em troca de um recibo, cujo objetivo é reunir 2,5 milhões de cruzeiros para a compra de jogadores**

(Estadão, 02/11/1977)

"Campinas, também um dia movimentado" - Como era previsto, **Campinas foi transformada ontem em território ponte pretano** [...] os 15 mil ingressos-passagens enviados pela FPF, colocados em pontos bastante estratégicos, esgotaram-se em pouco tempo, o que foi suficiente para lutar no mínimo 200 ônibus. **Paralelamente, a torcida organizada da ponte, a Urangus, preparava sua própria caravana, arregimentando só entre seus integrantes cerca de 2.000 pessoas**.

(Estadão, 06/10/1977)

"Na cidade, o único assunto é o futebol" - Do chef da cozinha ao garoto que serve o cafezinho, **são todos membros ativos da torcida organizada do Londrina, a TOL, que se auto define como "uma espécie de Fiel azul e branca"**.

(Estadão, 06/10/1977)

"Beiçola" é diretor da Escola de Samba Estrela D´Alva e mais os rapazes da torcida organizada Guerreiros da Tribo **passaram a noite confeccionando 22 bandeiras novas**, parte da 45 que a torcida do Guarani vai agitar hoje à tarde. **Os Guerreiros da Tribo irão levar seus 250 associados e garante que ninguém vai faltar**. **Até o final da tarde de ontem, 94 ônibus já estavam com seus 3.760 lugares tomados**.

(Folha, 14/05/1977)

"A torcida corintiana não merecia perder" -Não houve brigas nem invasão de campo, **gastaram 3 horas dentro de um ônibus para ver o Corinthians perder e pagaram por isso**: não podia haver um dia pior para a Camisa 12. **Uma semana de organização e trabalho foi praticamente jogada fora**. **Gente que, no sábado à noite, tomou o cuidado de ir para a sede da Torcida**,

na Avenida Ipiranga, **gastou mal uma noite que poderia ser de sono**.

(Folha, 13/06/1977)

"Na Vila, **o otimismo de todos**" **- O diretor da torcida organizada Sangue Santista**, por exemplo **garante que seu time vai ganhar esse jogo** e calar a boca de muita gente.

(Estadão, 19/06/1979)

"Em Limeira há muita expectativa" - Para um clube que disputa pela primeira vez o campeonato da divisão especial, o Internacional de Limeira começa com um time relativamente conhecido […] **O time já tem uma torcida organizada - "Leão da Paulista" que promete acompanhá-lo em todos os jogos**

(Estadão, 01/07/1979)

"Santos, **apoio em Campinas**" **- Cerca de 15 mil torcedores santistas deverão ir à Campinas** para apoiar o time contra o Guarani, domingo à tarde [...] Ontem à tarde, só a torcida organizada "Sangue Santista" **já havia conseguido lotar 23 ônibus**. Além das torcidas organizadas de Santos e da capital, **os torcedores da região de Campinas prometem "invadir" o estádio Brinco de Ouro**.

(Estadão, 30/04/1980)

O chefe da torcida organizada do Botafogo, Russão, **passou todo o dia de ontem vendendo passagens dos ônibus da caravana.** Russão garantiu que "**pelo menos 25 ônibus**" chegarão a São Paulo amanhã, e que somando-se os torcedores que vão em carros particulares, **a torcida do Botafogo será de 5 a 7 mil**

(Estadão, 25/04/1981)

As faixas estendidas pelos estádios em dias de grandes jogos mostram, pelos nomes escolhidos, a pré-disposição de seus fiéis seguidores: Boinas Verdes, Mancha Verde, Falange Verde, comando Alvi Verde, sem falar da própria Brigada e da recém e ainda tímida Máfia Verde

(Placar, edição 773, ano 1985)

"**Mais uma vez, a Fiel vai levar toda a sua paixão para o campo**" - **As várias fiéis organizadas do Corinthians prometem uma festa diferente hoje no Estádio do Morumbi** [...] seus dirigentes estão prevendo uma **agitação** como há muito tempo não se vê em jogos de decisões do futebol Paulista […] com a proibição de fogos de artifício nos estádios, papel picado e rolos de papel higiênico, **os diretores das torcidas tiveram que partir para a criatividade para não deixar o pique corintiano cair**. A maior torcida organizada de São Paulo, levará para o estádio 2.000 buzinas de ar

comprimido. "**Vai ser um barulho sincronizado e alegre**".

(Estadão, 24/07/1988)

"Parque São Jorge vive dia de badalação, pagode, misticismo e muita confiança" - O torcedor Kleber Motta, 36 anos, **não precisa fazer muito para provar seu amor pelo clube do coração**. **Como não bastasse a camisa da torcida organizada "Corinthians até a morte",** e também serve de indumentária ao filho Kleber Mota Júnior, de 10 anos, ele apenas abre a carteira **para exibir provas do fanatismo**

(Estadão, 05/12/1991)

"Índio benze, mas Nacional só empata" - Nas arquibancadas, atrás do gol, **uma faixa revela a existência da torcida organizada Almanac** (Alma Nacional) que alega ter 50 membros. Dois deles, Cláudia Aguiar e Silas Arcieri, **contam que acompanha o time por todo o Estado**

(Estadão, 30/03/1995)

"**Mancha invade CT para apoiar Scolari**" – Cerca de 300 torcedores, a maioria da torcida Mancha Verde, extinta pela justiça em 96, **foram ontem ao centro de treinamento do Palmeiras, na Barra Funda, para apoiar o treinador do time**, Luiz Felipe Scolari, e hostilizar os jornalistas que fazem a cobertura do clube

(Folha, 22/04/1998)

"Gaviões estima que **leva 11mil ao Maracanã**" - Pelas estimativas da Gaviões da Fiel, a maior torcida organizada do Corinthians, **pelo menos 11 mil torcedores estão a caminho do Rio na caravana organizada pela facção**

(Estadão, 14/01/2000)

"**Sem ônibus, corintianos dormem no chão**" - Após a euforia pela conquista do título de campeão mundial de clubes pelo Corinthians, **parte dos integrantes da torcida Gaviões da Fiel**, que fretou 210 ônibus para o trajeto até o Rio, **amargou o dissabor de dormir ao relento, sob escolta policial. Cerca de 600 torcedores só retornaram à São Paulo por volta das 11 horas de ontem, quase 12 horas depois de terminado o jogo** em transporte cedido pela Suderj, depois de os ônibus que os aguardavam não terem sido apedrejados por vascaínos...Com humor revigorado pelo título, O corintiano **não reclamou por ter sido obrigado a dormir**, com os companheiros de torcida, **em frente do portão 13 do Maracanã**.

(Estadão, 16/01/2000)

"**Ao lado da equipe, onde ela estiver**" - O gerente de banco Vinícius Leone, de 30 anos, é um deles. **Ele faz**

> **parte da Acadêmicos da Savóia, torcida organizada** a pouco mais de um ano **que se orgulha de estar presente em quase todos os jogos do time** - só falhou uma vez.
> (Estadão, 23/03/2006)

> "**Torcida já comprou 33mil ingressos**" - **Nós vamos apoiar o time** enquanto eles mostrarem garra e se doarem dentro de campo", diz André Nascimento, gerente de relações públicas da principal torcida organizada.
> (Estadão, 16/04/2013)

> "**30 mil empurram SP para a decisão**" - **A principal torcida organizada do clube levou bandeiras** com mastro, instrumentos musicais, sinalizadores e fumaça - **a festa vetada nos jogos oficiais é permitida nos treinos.**
> (Estadão, 07/04/2019)

Dentre os excertos destacados assinala-se que a fidelidade é considerada uma virtude, uma característica positiva de abnegação, devoção pela equipe. O relato do Centro de Treinamento do Palmeiras, no ano de 1996 é emblemático neste sentido, pois aponta uma invasão pacífica da torcida para apoiar a equipe e o técnico, defende-os dos jornalistas que poderiam causar um clima adverso ao time. Portanto, com base nestes excertos pode-se perceber como a fidelidade é uma característica atribuída ao torcedor organizado, constituindo assim o primeiro discurso D(1) – torcida organizada é fidelidade. Porém, este mesmo elemento que é considerado constitutivo do torcedor organizado, começa a se aproximar do elemento da violência.

O estudo de Escher e Reis (2006) aponta que o fanatismo (que poderia ser considerado uma espécie de fidelidade extrema) é uma das causas nos confrontos entre torcidas organizadas. Uma produção jornalística em especial é destacada, visto que aborda ambos os elementos: a fidelidade e sua vertente depreciativa: a violência. Segue-se o trecho:

> "**A torcida que empurra a Ferroviária: são perto de dois mil torcedores que nunca abandonam o time. Gostam de liberdade e pela Ferroviária, apanham, batem, criam e derrubam ídolos**" - Boca do Lixo é seu nome e já diz tudo: o melhor dos Aurélios iria aprender muita palavra e expressão para não poder publicar em seu dicionário. [...] A boca do lixo não tem qualquer tipo de preconceito verbal, não usa perfume, **é chegada a pequenas e grandes valentias**, gosta de bom futebol, **ama a Ferroviária sobre todas as coisas, e se diverte mais ainda** […] Sua sede são quase 100 metros de

> arquibancada de madeira de um dos lados do campo da Ferroviária de Araraquara. Claro que é um lado estratégico do túnel por onde entram juízes e jogadores. **Ali é o reduto inexpugnável do pessoal da Boca**. Inimigos que não se atrevam a devastar sua intimidade, mocinhas de boa família que mantenham distância [...] **E se faltar alegria, a Boca está pronta para a briga. Juiz que não receber sua aprovação, não tem perdão.** Que o diga Romualdo Arpi Filho, que há alguns anos apitou uma partida contra o São Paulo sem conseguir agradar-lhe e **só saiu do estádio 2 horas depois no carro da polícia**. [...] Mas, com tanta valentia, a Boca tem parceiros torcedores de outros times que merecem a maior consideração
>
> (Placar, edição 490 – ano 1979)

Neste trecho, pode-se observar que a fidelidade e a violência na torcida retratada são elementos próximos, visto que ela possui um reduto inviolável e estão sempre prontos para confrontos. Embora esta descrição pudesse ser pertinente para o cotidiano de torcidas organizadas grandes, tais como: Mancha Verde, Gaviões da Fiel ou Independente Tricolor, não era este o caso. A torcida "Boca de Lixo" pertence à Associação Ferroviária de Esportes, popularmente conhecida como Ferroviária de Araraquara. Uma equipe modesta da cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo.

Deste modo, aqui não se pode correlacionar a violência com as condições dos grandes centros urbanos, tampouco ao contingente de pessoas que compõem esta torcida, visto que Boca de Lixo é apresentada como uma torcida pequena. Estes argumentos são utilizados com frequência para a explicação dos confrontos violentos nas torcidas organizadas, assim como fazem Pimenta (1997) e Canale (2021).

Outro elemento que desperta a atenção é a data da produção jornalística: 1979. Na sequência da produção jornalística, ocorre a descrição de confrontos violentos envolvendo esta pequena torcida organizada com outros atores do cenário futebolístico, conforme pode-se observar a seguir.

> **Torcedor visitante tem de conhecer seu lugar: se ficar quietinho** no Ferrão - lance de arquibancada construído em concreto atrás de um dos gols - **Nada lhe acontece. Mas se eu ousar incursão pelo território sagrado da Boca será recebido a bucha de laranja (no mínimo) e muito palavrão**. E por isso - provocação que a Boca não admite deixar impune - já se registraram grandes batalhas. No ano passado, acusa o pessoal, a torcida do Corinthians que transformou uma mureta do estádio em munição e teve o troco a altura. **Outra vez, ano passado, contra os mesmos corintianos, a guerra começou com buchas de laranja, quase uma brincadeira, e**

> **terminou com garrafas, e 20 pessoas no pronto-socorro**. **E a polícia também é um inimigo**. Talvez a bronca venha aí dos anos 67 a 69, quando a Ferroviária tinha um grande time e um conflito generalizado só teve fim com bombas de gás [...] **Tinha uma charanga com sortido instrumental, que lhe foi expropriado pela torcida do Santos, em Santos**. **Não, se dá muito bem com a torcida de Jaú, e levou um tremendo pau da turma de Limeira,** no último jogo em que lá esteve presente. [...] "**Ela só quer liberdade para torcer e brigar**" - **Violenta às vezes, irreverente e alegre sempre**, o que mais envaidece a Boca é a liberdade em si. **Para gostar da Ferroviária ela não exige privilégios e não recebe favores**.
>
> (Placar, edição 490 – ano 1979)

Diante destes excertos pode-se verificar que a fidelidade da torcida Boca de Lixo era tão grande, que isso, por vezes, poderia ocasionar violência. Um ponto que chamou a atenção durante a análise é a existência linguística de inferências, sobretudo de pressupostos e subentendidos. Efeitos de sentido, estudados por Oswald Ducrot[44] (1987), indicam a existência de inferências e implícitos nos textos. No pressuposto há uma pista linguística (um sinal literal), já no subentendido não, ele é identificado pelo contexto (diz, mas sem dizer).

Lembrando as considerações de Camini (2018), que ressaltam que a compreensão de um texto, contempla a apreensão de quais as intenções, relações e contextos estão ali presentes. Neste sentido, retorna-se a um trecho da produção anteriormente apresentada sobre a torcida Boca de Lixo: "Inimigos que não se atrevam a devastar sua intimidade, mocinhas de boa família que mantenham distância".

Percebe-se que neste trecho existe implicitamente um alerta sobre esta torcida. Há a aproximação da torcida a algo perigoso, algo incorreto, que não deveria ser feito. Também pode-se dizer que a violência é um elemento ali presente, pois deve-se manter longe, distante, ficando seguro de tamanha exposição e perigo. Os estudos de Casadei (2012), Monção, Sartori e Lucht (2014), Azevedo, Lucht e Sartori (2014), Marques e Cortez (2016), Camini (2018) ressaltam como os meios de comunicação, de modo frequente, utilizam estas e outras ferramentas de linguagem para direcionar seu público a determinada linha argumentativa. Além disto, esta produção jornalística sinaliza a existência de determinados códigos morais, regras que se fossem respeitadas não

[44] Cabe destacar que Ducrot orientou seus estudos buscando evidenciar a função argumentativa da Língua e o possível direcionamento do texto à determinada argumentação. Para mais ver: DUCROT, Oswald. **Princípios da Semântica Linguística** (dizer e não dizer). São Paulo: Cultrix, 1972.

gerariam problemas. Por exemplo, a não invasão no espaço restrito à torcida e a ausência de provocações. Caso tais regras implícitas fossem seguidas, a partida transcorreria normalmente.

Na literatura acadêmica, conforme evidenciam Coriolano e Conde (2016), o envolvimento com uma equipe de futebol pode ser tamanho que se torna fanatismo. Mediante a este cenário de extrema fidelidade, fanatismo e possível aparição de violência, um caso recente torna-se emblemático para elucidar tal ponto. A análise deste episódio sinaliza a possível permanência deste elemento nas práticas atuais dos torcedores.

No dia 07/11/2021, na partida entre Santos x Palmeiras, válida pelo Campeonato Brasileiro de 2021 série A, o garoto de 9 anos Bruno estava na arquibancada do estádio Vila Belmiro com seu pai. Ao avistar o goleiro Jaílson (atleta da equipe do Palmeiras), o garoto lhe pediu a sua camisa como uma recordação, dizendo que era fã do atleta. O goleiro Jaílson prontamente atendeu ao pedido do garoto Bruno, contudo, alguns torcedores no estádio começaram a ofender a criança e seu pai. Outros torcedores tentaram agredir seu pai e roubar a camiseta que ele havia ganhado de presente do atleta palmeirense.

Reportagem veiculada no canal de televisão Record e disponível no *Youtube*[45] atribui este comportamento a membros de torcidas organizadas. Além disto, o garoto de apenas 9 anos sofreu ofensas nas redes sociais, pois ele "havia desrespeitado o clube". Esta foi a justificativa dada por seus agressores. O garoto ainda teve que gravar um vídeo se retratando e publicá-lo na *internet*. Curiosamente, o garoto Bruno é atleta das categorias de base da escolinha do Santos (Meninos da Vila) na cidade de Praia Grande.

Longe de compactuar com as ofensas e ameaças ao garoto e a seu pai, que precisaram sair escoltados do estádio, esta tese busca elucidar as representações ali envolvidas pelos atores deste episódio. Dito isto, neste caso, especula-se que o comportamento de Bruno (pedir a camisa de um atleta rival) foi concebido como desrespeitoso e/ou uma afronta pelas pessoas que hostilizaram o garoto. Portanto, a partir deste caso pode-se elucidar como a fidelidade extrema pode se tornar problemática em alguns casos. Neste sentido, o estudo de Coriolano e Conde (2016) aponta uma correlação positiva entre fanatismo e agressividade. Ou seja, o torcedor fanático é mais propenso a agredir alguém, como no caso do garoto Bruno.

[45] Link da reportagem mencionada: https://www.youtube.com/watch?v=EG8G202CDkc

Voltando à análise do excerto sobre a Boca de Lixo, cabe destacar que apesar de descrever as práticas de violência desta torcida, tal produção jornalística não classifica, adjetiva ou emite julgamento moral sobre os comportamentos ali descritos. Todavia, esta situação se modifica posteriormente, principalmente, após o acontecimento foucaultiano que será apresentado a seguir.

O caso da torcida organizada Boca de Lixo também sinaliza uma característica das produções jornalísticas aqui investigadas: o saudosismo. Lovisolo (2001) já apontava que o saudosismo é um elemento presente na crítica ao futebol moderno[46], dizendo que o futebol anterior era melhor, mais original e as mudanças geraram desencanto. Antes existia amor à camisa, mais compromisso e paixão, agora são apenas os números e valores econômicos que importam.

Conforme destaca Lopes (2016), por diversas vezes, há passagens que constroem um passado idílico e livre problemas. A mídia esportiva, de modo geral, possui este tom saudosista e clama pela volta dos "tempos de paz". Como se todas as relações entre os atores do futebol fossem sempre amistosas e harmoniosas (LOPES, 2016). Contudo, dados de Hollanda (2009) já demonstravam confrontos entre torcedores na década de 1940, bem como, a existência de reportagens no Jornal dos Sports com medidas para acabar com a violência no futebol. Dentre as soluções já se falava em fim da impunidade (HOLLANDA, 2009).

Uma produção jornalística em especial, veiculada no dia 28/02/2010 na Folha, ao analisar a situação dos torcedores de futebol já aponta a existência de confrontos desde os anos 30, corroborando assim os dados apresentados por Hollanda (2009). Neste excerto, tem-se que:

> Eles [torcedores] passaram a ser motivo de preocupação mais detida de parte dos poderes públicos, da imprensa e daqueles que organizavam os eventos, **em virtude da intolerância e das rinhas que**, diga-se de passagem, **já existiam desde a época do amadorismo anterior aos anos 30**. Os jornais não se cansavam de censurar as **"desinteligências" frequentes promovidas pelo mau comportamento generalizado**.

[46] Vale salientar, que as críticas ao futebol moderno tiveram início no contexto europeu, tendo como mote a resistência à hipermercantilização do futebol (HOLLANDA, LOPES, 2018). Por exemplo, clubes que foram adquiridos e tiveram propostas para mudanças no nome, cidade, cores ou outros elementos do clube, sofreram com muitas críticas e protestos dos torcedores.

O saudosismo também é presente no discurso dos próprios torcedores organizados. Em estudo anterior (PALHARES, 2014), o autor desta tese, ao entrevistar torcedores organizados de diferentes gerações flagrou uma espécie de disputa discursiva em torno do elemento da violência[47]. Os fundadores de torcidas ou membros da velha guarda atribuíam aos mais jovens a culpa pelo cenário de violência. Esta disputa também poderia ser ampliada em relação ao elemento da fidelidade e apoio.

Sobre este ponto, Canale (2021) com base em relatos de torcedores antigos[48], aponta que a geração dos fundadores das torcidas organizadas, quando se envolviam em confrontos violentos o faziam por "diversão". Sem a intenção de matar ninguém. Por isso, não utilizavam armas de fogo. Porém, os torcedores mais jovens não viam problema em tal comportamento. Principalmente, os que cresceram na cidade de São Paulo entre 1979 e1984. Período marcado pelo aumento dos casos de violência social. Diante disto, no final dos anos 1980, surge um conflito de valores dentro das torcidas organizadas (CANALE, 2021).

Dito de outro modo, há uma distinção em torno de padrões éticos dentro das torcidas organizadas, principalmente, no que tange à palavra respeito. Para os torcedores antigos, se relacionava à civilidade e integrar o mundo adulto. Já para os torcedores jovens, o respeito se relacionava com a ideia de ser temido ou se fazer respeitar por meio da violência (CANALE, 2021), que é utilizada como um instrumento para a modificação das relações entre tais grupos. Sumariamente, existiria a seguinte situação: "respeite-me ou utilizarei violência contra você".

Na literatura acadêmica argentina, a pesquisadora Veronica Moreira, também aponta esta batalha discursiva entre torcedores antigos e novos, bem como, diferentes horizontes éticos. Os integrantes mais antigos (até 1992) são denominados de *barra vieja*[49] e denunciam uma mudança nas práticas e representações (maneiras de pensar e viver) a rivalidade no contexto das *hinchadas* argentinas (MOREIRA, 2013). Em seus relatos existe muita coragem, honra e proezas em seus feitos, ao passo que os *hinchas* atuais possuem descontrole e falta de *aguante*, devido a utilização constante de armas de

[47] Esta percepção gerou, inclusive, o projeto inicial de doutorado elaborado pelo autor que buscaria investigar e contrastar discursivamente torcedores antigos e recentes sobre a violência no futebol. Todavia, tal projeto não se alinhava a nenhuma linha de pesquisa do programa de pós-graduação da USP.
[48] Partes destes relatos compõem o documentário "Territórios do torcer", disponível no Youtube. Link: https://www.youtube.com/watch?v=lvIKWd6yZms
[49] Categoria nativa que designa os membros mais antigos. Se aproxima do grupo da "velha guarda" das torcidas organizadas

fogo. Todavia, estes aspectos ligados à ocorrência de confrontos físicos violentos serão melhor abordados no discurso D(3) – torcida organizada é violência.

Por ora, cabe sinalizá-los e diante disto, passa-se a discutir outro elemento que despertou a atenção durante análises: a relação e associação do futebol com a política. Neste sentido, destaca-se a utilização do termo "torcida organizada", sobretudo no contexto político. Majoritariamente, o termo aparecia relacionado à fidelidade, à presença com o apoio e o desejo de que as coisas saiam conforme o desejado por este grupo. Todavia, o elemento da violência e comportamento inadequado também apareceram relacionados a tais grupos. Estes aspectos podem ser observados nos excertos a seguir.

> "Funai premia os trabalhos" - Otávio da Silva, **sob a torcida organizada de seus colegas, foi coroado ontem** com um cocar indígena da tribo dos Carajás pelo General Oscar Bandeira de Melo, **presidente da Funai**.
>
> (Estadão, 13/05/1972)

> "Dois meses depois, duvidas e euforia" - **O tom de euforia e autoconfiança do partido oposicionista era tanto**, que o encorajou até a propor desafios públicos pela televisão, no excitante objetivo de **colocar a opinião pública como platéia ou torcida organizada**; para assistir ao "massacre" dos candidatos da Arena, como punição pelo "crime" de darem apoio ao governo.
>
> (Estadão, 14/11/1974)

> **Política disputa a siderurgia - Minas Gerais, de certa forma, já tem sua torcida organizada**. A bandeira é pelo projeto da Usiminas II. Praticamente encaminhado, a tendência desse projeto é localizar novo conjunto de altos como fornos e laminadores a quente em local próximo, ou de fácil ligação
>
> (Folha, 25/03/1978)

> Nesse momento, inconformados com uma vantagem assumida pela chapa de situação, **a torcida organizada pela chapa 2 começou a pedir, em coro, a impugnação da urna 138**, em que elementos da oposição "**haviam constatado irregularidade". Eles gritavam: "O pau vai quebrar, se não anular.** Pau vai quebrar se não anular".
>
> (Estadão, 01/08/1981)

> "O partido continua dividido" - **Apoiado por uma jovem e ruidosa torcida organizada e uniformizada**, Alencar Furtado não desistiu e disse que "se todos os candidatos são do PMDB, porque não democratizar a disputa, em nome da instituição?"
>
> (Estadão, 28/02/1985)

"Entram em campo 12 jogadores" - Aureliano Chaves - o **Ministro das Minas e Energia** ocupa a meia direita do time de presidenciáveis. Joga com honestidade moral para a plateia, **mas a torcida organizada do PFL está cada vez mais rachada**

(Estadão, 26/06/1988)

Isto não tem nada a ver com a **recente visita da torcida organizada do Planalto** a Turim. Este articulista teve a oportunidade de ver - e ouvir a ruidosa comitiva

(Estadão, 17/06/1990)

"**Torcida organizada**" - **Os cabos eleitorais dos candidatos a governador** Paulo Maluf (PDS), Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB) e Mário Covas (PSDB) fizeram ontem na confluência das Avenidas Henrique Schaumann, Brasil e Rebouças **uma prévia do que será a guerra entre eles na quarta-feira**.

(Estadão, 29/09/1990)

"Comparecimento é alto nos EUA e na Suíça" – Fernando Henrique Cardoso **não tinha torcida organizada, mas era comentado como "presidente ideal**".

(Estadão, 04/10/1994)

O sr. Maluf **precisou levar a sua torcida organizada** como tábua de salvação.

(Estadão, 20/10/1998)

A "boquinha" que o PT ambiciona (28/10, A3). Em outras palavras, **o PT precisa deixar de ter uma torcida organizada e se tornar um partido político**.

(Estadão, 30/10/1999)

"**Camisa 12**" - Ontem, as mensagens chegaram à 12 mil por hora: **entrou em campo a torcida organizada do senador**.

(Folha, 26/11/1999)

"**Torcida organizada**" – **Tanto PFL como PMDB estão torcendo pela mediação de FHC nesse sentido**. Até porque sem essa solução nas candidaturas de Inocêncio e Jader estão ameaçadas

(Estadão, 21/12/2000)

Com brilhante atuação, esse time impôs uma sonora goleada de 9 x 3, **sob aplausos da torcida organizada funcionalismo público privilegiado** ou nem sangue, nem suor, nem lágrimas. **O time derrotado foi o do contribuinte brasileiro Futebol Clube.**

(Estadão, 17/06/2003)

Se o MST fosse uma torcida organizada, há muito tempo teria sido proibido pelo MP e pela justiça e seus

> **líderes**, presos por formação de quadrilha (invasões, saques, desobediência determinações judiciais, destruição de vias públicas, ocupação de pedágios, edifícios e repartições públicas, etc.)
> (Estadão, 29/06/2003)
>
> "Debate morno"- **sem a presença do presidente Lula e do PT**, não teve o clima de campanha de versões anteriores. **Não havia torcida organizada na porta**
> (Estadão, 16/08/2006)
>
> "Paz" – Discutiu-se a isenção da **imprensa que se comportou como uma torcida organizada**
> (Estadão, 28/10/2006)
>
> "Olê, olê, olê, olá …" – **A torcida organizada do Palácio do Planalto** saudou o pedido de exoneração do suspeito número um do vazamento do dossiê com o já tradicional coro das arquibancadas: "Ei, José Aparecido, vai para o TCU"
> (Estadão,16/05/2008)
>
> "**Torcida organizada**" – **O alto comando do tucanato** está em clima de fervorosa reza pela vitória de Fernando Gabeira no Rio. **Se ganhar, terá os governos de São Paulo e Minas à disposição.**
> (Estadão, 25/10/2008)
>
> "**Torcida organizada**" - **Coro de parlamentares da base aliada** na saída do senado, após nova vitória do governo Congresso: "um, dois, três, oposição é freguês"
> (Estadão, 25/02/2011)
>
> "**Chefe de torcida**" – Moro não precisa de Bolsonaro nem ver ninguém desse governo, ao contrário, se ele se aborrecer de vez e sair é Bolsonaro que se vai ver numa situação que é incapaz de resolver. **O presidente parece governar o país como se fosse uma torcida de futebol, movida por inútil fanatismo**.
> (Estadão - 04/03/2019)

Sobre a relação entre futebol e a esfera política, Souza Junior (2020) discute em um ensaio a necessidade de se problematizar as relações entre ambos, bem como, o mito de que o futebol é um espaço para alienação política. Primeiramente, o autor aponta que o silenciamento da discussão política contribui para a ascensão do autoritarismo. Este seria um primeiro motivo para se incentivar a discussão política no âmbito do esporte, de modo geral, e do futebol, de modo específico.

Além disto, a democracia necessita do debate, diálogo e exposição de opiniões divergentes. Portanto, discutir política evidencia diferentes posicionamentos e respeita a

liberdade de expressão. Caso contrário flerta-se com o seguinte cenário: “somente aceito posicionamentos semelhantes aos meus.” Excluindo, deste modo, a pluralidade de ideias (SOUZA JUNIOR, 2020).

Toledo (2012) afirma que a exigência de separação entre a esfera política e esportiva se relaciona à uma concepção autoritária da vida social, visto que os sujeitos não poderiam expressar suas opiniões políticas, pois estão envolvidos com o esporte. Com posicionamento semelhante ao dos autores anteriormente citados, Hollanda e Lopes (2018) evidenciam as conexões entre o futebol e a sociedade de modo amplo (fato este que contempla o aspecto político).

Ao tratarem das manifestações torcedoras em oposição ao futebol moderno, abordam manifestações de torcedores (sejam eles comuns ou organizados) em relação à esfera política, tais como: vaias a políticos, pedidos de deposição ou até mesmo elogios e aplausos. Neste sentido, a esfera esportiva é um local para a expressão de relações de aliança ou conflito pré-existentes no âmbito social. Um exemplo dado pelos autores se relaciona ao caso do *impeachment* da ex-presidente Dilma Roussef. Na ocasião, o Coletivo Democracia Corintiana ao invés de estender uma faixa no estádio entrou com camisetas que diziam “golpista” (em alusão a ascensão de Michel Temer). Além disto, a letra “o” foi substituída pelo símbolo da Rede Globo de televisão, que na visão dos torcedores, teria auxiliado neste processo (HOLLANDA; LOPES, 2018).

Vale também destacar que algumas torcidas organizadas se posicionaram contra o ocupante do Palácio do Planalto (com mandato de 2018 a 2022) durante duas situações: nas eleições de 2018 e no ano de 2020. Na primeira situação, Aguilera (2019) baseando-se em uma nota oficial publicada no *site* da entidade, aponta que os próprios torcedores consideram uma incoerência apoiar quem é favorável à ditadura e homenageia torturadores dos fundadores da Gaviões (AGUILERA, 2019).

Já na segunda situação descrita por Souza Junior (2020), torcedores, temporariamente, deixaram de lado suas rivalidades para se aliarem na luta pela democracia, durante os protestos antifascistas ocorridos na Avenida Paulista entre final de maio e início de junho de 2020 (SOUZA JUNIOR, 2020). Oliveira (2021) complementa esta informação salientando a participação de torcidas organizadas antifascistas dos clubes Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo do Rio de Janeiro cariocas em atos contra o cenário de negacionismo, extrema direita no Brasil durante o ano de 2020 (OLIVEIRA, 2021).

Sobre esta questão política, Hollanda (2015) ainda complementa dizendo que a Gaviões da Fiel é internamente se considera uma torcida "politizada". Desde sua fundação se alia a ideais tidos como democráticos (HOLLANDA, 2015) e na situação anteriormente exposta, foi uma das torcidas organizadas que se opôs a eleição do mandatário do país durante os anos de 2018 a 2022.

Ambiguamente, ao mesmo tempo em que realizam protestos e ações políticas com pauta progressista, pode-se observar, com frequência, a realização de comportamentos que reforçam o machismo, homofobia e a manutenção do *status quo*. Os cantos homofóbicos entoados nas arquibancadas operam como dispositivos para propagar e negociar determinado tipo de masculinidade (MENDONÇA; MENDONÇA, 2021), que em muito se aproxima da masculinidade violenta (MONTEIRO, 2001).

Neste sentido, o trabalho de Mendonça e Mendonça (2021) aponta como tais cantos podem propagar um discurso de ódio contra a população gay. A partir da análise do canto "Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!" (proferido no metrô de São Paulo) o futebol é considerado como "coisa para macho". Ou seja, ele está inserido em uma lógica hegemonicamente masculina, na qual há uma rede discursiva que (re)afirma a necessidade de vinculação à heterossexualidade. Mais precisamente, ser homossexual é uma ofensa, consiste em perda de prestígio dentro da hierarquia futebolística (MENDONÇA; MENDONÇA, 2021).

Além deste trabalho acadêmico, destacam-se duas situações (que, inclusive, ganharam repercussão nacional) relacionadas à questão da homofobia: uma ocorrida no início de 2022 e outra de 2011, envolvendo as torcidas Independente, do São Paulo e Gaviões da Fiel, do Corinthians, respectivamente.

A primeira se relaciona à utilização do termo "trikas" no *Twitter*® pela Assessoria de imprensa do São Paulo Futebol Clube para se referir à torcida são paulina, em uma tentativa de se comunicar com a geração mais jovem e presente nas redes sociais. Todavia, a maior torcida organizada do clube rapidamente respondeu dizendo que não aceitaria esta denominação, tampouco pessoas com cabelo coloridos, brincos ou alargadores orelha como membros da instituição. Utilizando a justificativa de que "toda instituição tem regras", a torcida em sua nota oficial declarava que "na arquibancada não terá essa modinha de 'trikas'. Não tentem a sorte. Pra quem for 'trikas' use a sua graça na rede social, onde você quiser, menos nos estádios. Fomos claros?" (UOL, 2022). Já a segunda situação se relaciona à criação da torcida Gaivotas da Fiel. Felipeh Campos, jornalista e apresentador de televisão, foi idealizador de uma torcida corintiana gay, após

seu namorado sofrer agressões de corintianos. Contudo, cabe destacar que Felipeh foi ameaçado tanto por torcedores comuns, quanto organizados (BANDEIRANTES, 2020).

Outra medida que colabora com a manutenção do *status quo* é o silêncio diante de pautas sociais que sejam alheias ao futebol. Sobre este aspecto Oliveira (2021) destaca que as lideranças de torcidas organizadas temem se posicionar devido à possibilidade da geração de conflitos, e até mesmo, uma ruptura definitiva (dissidência) dentro de suas torcidas. A composição múltipla destas torcidas, bem como a possibilidade forte repressão policial foram as razões apontadas pelos líderes para o silenciamento diante de outras questões sociais (OLIVEIRA, 2021).

O termo "torcida organizada" também apareceu no contexto de filmes e produções culturais, sendo novamente ligado à fidelidade. O seu sentido era empregado para designar um comportamento leal, apaixonado, e por vezes, descomedido. A seguir tem-se alguns excertos.

> "Baixou o nível do festival" - Vibração cantando Sem Adeus, de Eneida e Rita Moreira: **além da música convencer as compositoras tinham torcida organizada e até uma faixa**.
>
> (Estadão, 02/07/1968)

> "Um Batman sinistro surpreende Nova York" - O filme que estreou ontem nos Estados Unidos **deu outras alegrias à torcida organizada, que esperava apenas vibrar com o mocinho, vaiar o vilão** e saltar da cadeira nos momentos de suspense
>
> (Estadão, 24/06/1989)

> "O cri-crítico de cinema: ele não gosta de nada" - **Esse tipo de plateia, que eu chamo de torcida organizada**, lembra as sessões de rock horror Picture show'. O tempo todo as pessoas vaiavam, aplaudiam e até jogavam pipoca na tela
>
> (Estadão, 10/12/2004)

Diante destes excertos pode-se perceber que o comportamento leal, fiel, apaixonado e fervoroso da torcida organizada foi retratado nas produções jornalísticas. De certa forma, este comportamento também foi aproximado com a questão da violência, que será abordada no D(3). Sendo assim, estes elementos compõem o primeiro sobre torcidas organizadas, presente nos periódicos investigados. Após a elucidação do elemento da fidelidade, passa-se agora para a apresentação do segundo discurso: o da pressão, cobrança e protestos.

“VOCÊS TEM QUE SUAR A CAMISA”: D(2) – TORCIDA É PROTESTO, PRESSÃO E COBRANÇA

Neste discurso situam-se os enunciados que relacionam a torcida organizada à pressão, cobrança. Para a elucidação deste discurso recorre-se a duas notícias vinculadas no Estadão, no dia 13/08/1978. Aqui os jornais demonstram, em consonância com os dados anteriormente apresentados nesta tese, o surgimento de uma nova lógica no universo das torcidas organizadas: a cobrança e a fiscalização dos clubes. Esta lógica foi inserida pelas Torcidas Jovens, assim como aponta Hollanda (2009).

Tal situação fica evidentes nos trechos destacados a seguir. Eles foram retirados da produção jornalística veiculada no Estadão, no dia 13/08/1978:

> “**Nas arquibancadas, o fim do velho amor**” - “Sempre” morreu faz um ano [...] Ele não chegou a ver sua FAO (Força Atleticana de Ocupação) **assumir uma atitude mais crítica ao vaiar o time**. Porém, se tivesse acontecido, “Sempre” diria que **a subversão estava em marcha**: são espiões do Eixo infiltrados nas hostes Alvinegra […] Mas “Sempre” morreu, e o seu tipo enquanto torcedor está condenado à extinção. **As torcidas já não perdoam os ídolos que falham**, e um bom exemplo disso pode ser aquela da qual ele participou tão ativamente. **Ortiz, o goleiro, falhou numa decisão contra o Cruzeiro e a FAO baniu-o da história do clube. A postura mais crítica dos torcedores é decorrente da própria conjuntura política da nação**, que não lhes permite outros canais para extravasar a sua emoção. E também há uma revolta contra os jogadores, que ganham muito pelo pouco que estão exibindo. Além disso, os políticos descobriram na torcida uma incomensurável força eleitoral, potente para eleger o que ainda pode ser eleito: vereadores, prefeitos, deputados, senadores. **Já não há mais lugar para a gente como “Tiradentes”**, chefe da torcida organizada do Coritiba, **que desfez seus dois casamentos por causa da paixão pelo clube** […] a grande **torcida do Santos** [...] **hoje, encontrou um meio eficiente para protestar contra o mau futebol do time: invadir o campo**…. Pelo menos é assim que definir o líder da “camisa 12”, o estudante Nelson Faria Júnior. Estamos há 14 anos sem opção, limitados a dois partidos políticos que não oferecem nada. **Não se vota, não se participa, portanto, resta-nos o clube**. Lá podemos participar ativamente, discutir, agir, e sentimos que esta participação está dando resultado. A renovação do time foi consequência disso.

> **Participação: é isto o que estão exigindo as duas maiores torcidas do Brasil, do Corinthians e do Flamengo**. **Zico** que ganha 220 mil mensais **é vaiado no Maracanã; Romeu chega a ser agredido na saída do Pacaembu - sintomas de um novo tempo**. Flávio La Selva, fundador e ainda um dos homens fortes da torcida "Gaviões da Fiel", do Corinthians. **"Depois da vaia, nós abandonaremos os estádios**". **Nós nos aprofundamos na vida do clube e percebemos as mazelas** feitas pelos dirigentes. Então, com toda a nossa força, resolvemos dar um basta a isso tudo" [....] ver no futebol a única válvula de escape que restou depois da revolução de 64 […] não há outro remédio se não explodir nas arquibancadas […] E este é o pensamento de Dona Laura, viúva do folclórico Jayme de Carvalho, fundador da tradicional "Charanga" do Flamengo. Ela já não é mais aquela lisboeta alegre, que ficava satisfeita ao observar o amor que os jogadores tinham pela camisa rubro-negra. Hoje, ela fica emocionada ao relembrar os velhos tempos: "**atualmente, esses jogadores são todos mercenários. Antes, suavam a camisa por amor, mas isso não existe mais**. E, para completar, os dirigentes agem sem paixão, não respeitam a massa". A Charanga é a mais antiga torcida organizada do futebol brasileiro e está completando 36 anos de vida ativa e pacífica. Ela sempre foi contra os mais simples palavrões nos estádios por quê, dizia o velho Jayme, "Assim pode-se desvirtuar a senhoras e crianças". **Limitava-se a uma bandinha de música e nunca insultou um jogador ou dirigente**. Mas as coisas estão mudando. "Eu só não abandono tudo, explica a dona Laura - porque meu amor pelo Flamengo nunca morrerá. Eu não apoio, mas é uma forma da torcida reagir. Os jogadores recebem um tratamento muito melhor do que o povo, ganham ótimos salários para trabalhar bem, e nós temos que exigir os nossos direitos. **O que nunca nos faltou foi raça e vergonha**".
>
> (Estadão, 13/08/1978)

Conforme é possível perceber nos trechos acima, a transformação no comportamento do torcedor ocorre com o surgimento das chamadas Torcidas Jovem, assim como evidenciou Hollanda (2009). Neste sentido, pode-se compreender que o apoio incondicional é substituído pelo apoio aliado à fiscalização e cobrança. Esta é uma nova forma de conceber e se posicionar perante o esporte. As torcidas buscaram maior participação e protagonismo no cenário futebolístico nacional.

A criação da Gaviões da Fiel é um exemplo emblemático deste novo posicionamento perante o futebol profissional. Canale (2012), ao abordar o movimento de constituição desta torcida, afirma que ela foi fundada com o objetivo de fiscalizar e pressionar os dirigentes do Corinthians, sobretudo seu presidente à época, Wadih Helu.

Desde 1965, alguns torcedores já se reuniam informalmente, sem adereços, instrumentos, nem local específico para seus encontros. Este grupo era repleto de jovens, descontentes com a ausência de títulos do time. Tais encontros e reuniões informais de arquibancada culminaram na criação da Gaviões da Fiel em 1969. A torcida, inclusive, chegou a ser alvo de repressão e agressão pela diretoria do clube, que buscava reprimir os protestos de seus opositores (CANALE, 2012).

Canale (2012) ainda afirma que este desejo de participação da recém organizada ficaria mais evidente no ano de 1971, quando a Gaviões participa de modo ativo das eleições do Corinthians, ao apoiarem a chapa "Revolução Corintiana". Na análise do relato de um dos fundadores da Gaviões, o autor evidencia que este apoio foi um ato pensado, uma estratégia adotada pela torcida para que pudesse obter acesso à esfera política do Sport Club Corinthians Paulista. Além disto, a fundação da Gaviões se constituía como uma reivindicação contra o sistema político da época (durante a ditadura militar brasileira), no qual, as organizações fundadas eram fiscalizadas. Cabe lembrar que a participação social e política foi quase anulada por completo durante este período, portanto, os clubes de futebol podem ter se tornado alvo para a expressão dos desejos e anseios que estavam reprimidos (CANALE, 2012).

Neste momento, cabe destacar com base nas considerações de Reis (1998), que o torcedor organizado acredita que o seu comportamento contribuirá com o seu time, seja por meio dos atos desempenhados no estádio (pular, gritar, berrar, cantar e outros) ou fora dele (principalmente, o elemento da cobrança, pressão e protesto). (REIS, 1998). Diante dessa consideração da literatura é possível compreender as frequentes incursões de torcedores em portas de Centro de Treinamento, estádios, aeroportos e outros locais. Isto é, na concepção destes torcedores, exercer pressão externa, cobrar e até mesmo, chegar a intimidar os atletas, dirigentes e comissão técnica, pode ser um catalisador para mudanças "benéficas" à equipe.

No trato com o material do Arquivo a questão da pressão, cobrança e protestos ficou evidente, até mesmo em uma situação curiosa, visto que tocava diretamente a vida pessoal do atleta em questão. Os torcedores criaram uma espécie de disque-denúncia, e por meio deste, os torcedores iriam fiscalizar a vida dos atletas, para que este se mantivesse atento e comprometido com o clube. Todavia, esta medida se torna coercitiva e não diretamente relacionada com a *performance* esportiva, visto que não há relação direta entre desempenho e presença ou ausência em determinados locais e/ou eventos.

> "Fredisque-Denúncia" - A exemplo do que aconteceu com o disk dentuço, movimento da raça rubro-negra que botou Ronaldinho Gaúcho na linha, **a torcida organizada do Fluminense lançou o Fredisque-denúncia**, **serviço aberto a deduragem de quem encontrar o centroavante tricolor nas noites cariocas**. **O jogador está por ora, se sentindo perseguido**, mas isso passa!
>
> (Estadão, 06/08/2011)

Também foi possível notar, durante a investigação das produções jornalísticas do Arquivo, uma diferenciação teórica apontada na revisão de literatura. Em algumas produções jornalísticas foi possível detectar a diferenciação entre o modelo das primeiras torcidas uniformizadas (TUSP e Charanga) e o modelo das Torcida Jovem. Observam-se dois excertos a seguir, que tratam da questão:

> a parte direita da arquibancada superior do Morumbi com seu entusiasmo e sua batucada, fazendo questão de dizer que ali havia duas torcidas distintas: **a Torcida Jovem e a torcida organizada. E os cariocas não se importavam muito por não saberem explicar qual era a diferença entre elas**, já que todos vestiam-se igualmente com a camisa do Botafogo e se misturavam na arquibancada. **Na verdade, a única coisa que as diferenciava era a chefia**: **a torcida organizada é liderada por Tarzan**, um mulato forte e alto, facilmente identificável pelos seus cabelos brancos. **A Torcida Jovem não sabe quem é seu chefe**. Havia muitas moças entre os torcedores do Botafogo, o que não impedia que os palavrões surgissem abundantes sempre que acontecia algo que os contrariasse.
>
> (Estadão, 24/12/1972)

> "**Os espertos tomaram conta das torcidas**" - De uns tempos para cá, ai uns 20 anos, **perdeu-se no Rio aquilo de torcidas organizadas se formarem de grupos de amigos e se enturmavam na frequência aos jogos do clube**. E se compunham de sócios ou admiradores simplesmente. **Brotavam, então umas lideranças que apareciam na chamada vida pública como símbolos da espontaneidade popular. Tinham prestígio e poder, influíam**. **Esse monopólio foi quebrado**. Não existe uma torcida organizada única como a de Jaime de Carvalho no Flamengo, de Dulce Rosalina no Vasco, do Paulista no Fluminense, do Elias no América, de Juarez no Bangu, de Tarzan no Botafogo. **Agora as torcidas organizadas são de grupos de meninos e adultos**, que, deu um bairro distante ou não, saem para os dias de jogo carregando charanga, bandeira, foguetes os apetrechos da parafernalha dos campos de futebol. Inclua-se aí uma

> faixa no alambrado, identificação para aqueles que queiram se enturmar ao grupo. O mais geral desses valentes torcedores tem um comportamento no dia a dia mais para a monomania. O cotidiano é o time até como assunto. Trabalho, família, lazer fora dos campos, tudo orbita a figura do timão.
>
> (Estadão, 03/07/1990)

A diferenciação entre Charangas e Torcidas Jovens já foi contemplada na revisão de literatura, portanto, neste momento apenas ressalta-se que tal distinção também apareceu no plano empírico da pesquisa. Com base neste conhecimento, destaca-se que devido ao seu maior nível de envolvimento com o clube, os torcedores organizados, engajam-se, frequentemente, em iniciativas de cobrança e reivindicações.

Sendo assim, a partir de agora, apresentam-se os excertos que compõem o D(2) – torcida organizada é pressão, cobrança e protesto. Do mesmo modo, que os outros discursos, trata-se de uma regularidade discursiva, um dizer que esteve permanentemente no escopo da discussão jornalística sobre torcidas organizadas, sobre aquilo que era dito em relação a estas instituições, ao longo dos 51 anos estudados.

> **"A camisa 12" –** O que não se entendia que **existam torcidas com aspectos de facções, deixando a impressão latente que foram organizadas com o único objetivo de vaiar. Tem sido o escopo e a finalidade dos Gaviões da Fiel. Se se trata de um movimento com finalidade oposicionista**, é um fato profundamente lamentável. Seus responsáveis deveriam compreender que se o Corinthians possui alguma coisa digna da maior admiração e do maior respeito, é a sua Fiel torcida [...] **como aceitar outro procedimento de uma torcida organizada**, o que frequentemente, ocorre e é o caso dos Gaviões da Fiel?
>
> (Folha, 05/08/1970)

> "Nota" - Detalhe da crise no Bangu, do Rio: **a torcida organizada do clube fez o enterro simbólico da diretoria** com velas e outros detalhes, pedindo a exoneração de todos. O slogan era esse: Bangu, ame-o ou deixe-o.
>
> (Folha, 20/08/1970)

> "Mateus tem o aval da diretoria para vender o jogador" - A posição da diretoria, forçosamente, terá que se apressar quando da volta dos jogadores no próximo dia 14. **Isto porque a ala mais radical**, que exige o afastamento sumário do atleta, **conta com os representantes das**

torcidas organizadas (Torcida Jovem Camisa 12, Gaviões da Fiel, que também foram ouvidos na reunião de terça-feira)

(Folha, 09/01/1975)

"Zé Carlos volta pelos gols" - **O técnico Tim e os jogadores sofrem pressões e acusações da torcida**, que comemora com foguetes os gols adversários. **A torcida organizada continua seu boicote, não indo aos jogos da equipe**. Os dirigentes prevêem uma futura crise financeira e, entre as atitudes trágicas e cômicas, pedem auxílio à CBD

(Estadão, 20/10/1976)

"Torcida do Santos exige direito de participar"- Não se pense, entretanto, que **essas recentes invasões de campo, ofensas a dirigentes e jogadores**, mais a surpreendente coragem para enfrentar policiais armados, façam parte de um movimento pelo poder.

(Folha, 30/04/1978)

"No Santos, **a torcida mostra sua irritação**" - **O clima mudou em Santos**. **Bastaram duas derrotas** para São Paulo e Juventus, e uma classificação agora mais difícil, para que a torcida passasse a hostilizar os jogadores. isso não acontecia há um ano. **No domingo passado um grupo de irritados torcedores passaram a ofender os jogadores, e até ameaçá-los de agressão**, na saída da Vila Belmiro [...] Assim, o presidente da torcida organizada "Sangue Santista", um dos mais equilibrados, Guilherme Gauche, teve que tomar uma atitude: "Condeno essas iniciativas. E posso garantir que **os exaltados não fazem parte da minha torcida organizada**"

(Estadão, 23/05/1979)

"Caçapava estreia no Corinthians" - [...]será importante para sua permanência no cargo, **já que a torcida organizada Gaviões da Fiel está pedindo a substituição do treinador** e irá atribuir ao presidente Vicente Matheus toda culpa por novos resultados negativos

(Estadão, 08/08/1979)

"Santos volta, técnico poderá ficar"- Só que para a imensa torcida Santista, **que já demonstrou sua revolta e impaciência pichando os muros do estádio** Urbano Caldeira. **Acha que a diretoria precisa executar mudanças no departamento de futebol.** O ex-conselheiro Augusto Schmidt, que é o **diretor de relações públicas da torcida organizada "Sangue Santista", não esconde sua irritação e critica bastante a situação do Santos**. - É lamentável o que aconteceu com o Santos lá no México, um verdadeiro fracasso. Tem

que ser feita uma reformulação com urgência, ou senão será o caos total.

(Estadão, 19/08/1982)

"Reinaldo em situação difícil"- O centroavante Reinaldo enfrenta a situação mais difícil da carreira…. **as pressões vão mais longe**, pois o vice-presidente Ivo Melo e **representantes da torcida organizada, irritados com a má fase de Reinaldo, não querem sua permanência no clube.**

(Estadão, 14/10/1983)

"Corinthians joga e **torcida pressiona**"- O Grêmio Gaviões da Fiel, **a mais influente torcida organizada** do clube, reuniu-se ontem à noite para discutir "**posições mais rígidas**" em relação aos problemas do time.

(Estadão, 27/05/1987)

"**Torcida cobra** mais empenho do Corinthians"- O Corinthians viveu uma manhã agitada com **a presença dos representantes de torcidas organizadas que foram ao clube cobrar providências** do presidente Dualibi, depois de quatro derrotas seguidas da equipe.

(Estadão, 27/04/1984)

"**Luxemburgo cala revolta da torcida organizada**" - **Ofendido pela torcida durante o jogo**, Vanderlei bate no peito, proclama-se palmeirense e reclama no vestiário do vencedor: "Um técnico que já deu três títulos ao Palmeiras **não pode ser chamado de burro**"

(Estadão, 02/05/1994)

"**Ato de protesto político marcou o começo da Fiel**" – A história da Gaviões mistura futebol, samba e política. [...]Wadih Helu, deputado estadual da Arena, **apoiava a repressão aos opositores do regime militar** e chegou a contratar seguranças para espancar os torcedores amotinados.

(Estadão, 02/03/1995)

"Goleiro discute com torcedores" - **O goleiro** Ronaldo, do Corinthians, **discutiu com os torcedores da Gaviões da Fiel**.

(Folha, 13/03/1995)

"**O cobrado**" - O atacante Serginho faz exercício no Parque São Jorge e **se diz cansado das cobranças da torcida organizada**

(Folha, 19/09/1995)

"**Torcida uniformizada exige saída de dirigente**" - A torcida organizada vascaína Força Jovem **distribuiu**

cerca de 40 mil panfletos exigindo a saída de Eurico com o título: "Eurico, o Exterminador do Futuro".

(Folha, 30/10/1995)

"**Luxemburgo tenta superar a pressão** e adota estilo zen" - **Dirigentes da Gaviões da Fiel estão tentando pressionar os jogadores do elenco** para que a reintegração do meia Marcelinho ao time seja feita o mais rápido possível.

(Folha, 08/11/1998)

A torcida organizada Mancha Azul elegeu o meia Marcelo Borges como "culpado" pelo primeiro fracasso na primeira fase do Paulistão-99

(Folha, 02/03/1999)

Ontem, Santiago afirmou que o meia continua no time, **apesar das pressões da torcida organizada Mancha Azul, que está pedindo a saída do jogador**

(Folha, 04/03/1999)

No dia anterior à partida, **a diretoria corintiana havia sido pressionada por diretores da torcida organizada Gaviões da Fiel a não aceitar as exigências da FPF** e poupar os principais atletas para a Libertadores da América, prioridade do clube.

(Folha, 31/03/1999)

"Novo Corinthians começa com tumulto" - A era Oswaldo Alvarez no Corinthians **começou ontem com o protesto violento da torcida organizada Gaviões da Fiel, que culminou com uma tentativa de agressão** ao atacante Edilson, após o carro que levava Marcelinho ter sido atingido por um ovo. O protesto, **que reuniu cerca de 100 torcedores e pretendia ser pacífico** acabou fugindo do controle do presidente da torcida.

(Folha, 27/06/2000)

O torcedor Douglas Pinto é agredido por seguranças do Corinthians durante protesto no clube, ontem. **As manifestações, feitas por membros das torcidas uniformizadas do time, reuniram cerca de 200 pessoas**, que pediram a saída de dirigentes.

(Folha, 02/09/2000)

Tentativa de agressão, uma longa série de partidas sem vitória, uma equipe descontrolada **e um treinador com a cabeça pedida por torcidas organizadas**. O inferno astral, que antes eram "exclusividade" do Corinthians, é agora compartilhado pelo maior rival do clube do Parque São Jorge, o Palmeiras.

(Folha, 29/01/2001)

Na sexta-feira, torcida organizada **Mancha Alvi Verde fez um protesto**, no qual distribuiu o manifesto **pedindo**

a cabeça de Marco Aurélio e estabelecendo o prazo até anteontem para a demissão do técnico.

(Folha, 30/01/2001)

"Torcida são paulina cresce e preocupa" – **A cobrança da torcida está praticamente insuportável**. "H**á alguns anos, o protesto dos torcedores tricolores era não ir ao estádio**", lembra o Conselheiro José Paulo Leal, consultor da presidência do clube. **Hoje, após as derrotas, os mais fanáticos chegam a invadir o campo**.

(Estadão, 24/04/2001)

"**Gaviões vai ao vestiário e pede cabeça de técnico**" - Na manhã fria e chuvosa de ontem, e pelo segundo dia consecutivo, **cerca de 20 integrantes da facção estiveram na academia de futebol para pressionar** Celso Roth.

(Folha, 14/05/2001)

"Márcio Araújo **pede trégua a palmeirenses**" - Na manhã fria e chuvosa de ontem, e pelo segundo dia consecutivo, **cerca de 20 integrantes da facção estiveram na academia de futebol para pressionar** Celso Roth.

(Folha, 14/05/2001)

"No Palmeiras, **pressão diminui. Mas nem tanto**" - A torcida Mancha Alviverde deve divulgar hoje **manifesto de protesto contra a comissão técnica e a diretoria do clube**.

(Estadão, 03/08/2001)

"Corinthians espera sufoco do Cruzeiro em Belo Horizonte"- **A Gaviões da Fiel maior torcida organizada que tradicionalmente exerce forte pressão sobre os dirigentes, jogadores** e integrantes da comissão técnica, manifestou-se oficialmente favorável aos cartolas no caso Marcelinho Carioca.

(Estadão, 22/08/2001)

Um grupo de 50 integrantes da Galoucura, principal torcida organizada do alvinegro, passou pelos seguranças e tumultuou o coletivo que era comandado pelo técnico Levir Culpi. Acompanhados de uma charanga e soltando foguetes, **os atleticanos exigiram, por meio de gritos e faixas "vergonha na cara"** dos jogadores e do próprio treinador.

(Estadão, 28/04/2002)

"**Torcida prepara protesto** contra diretoria e elenco"- A Mancha Alviverde, maior torcida organizada do Palmeiras, fará hoje ato de **protesto contra diretores e jogadores do clube**, em frente ao Palestra Itália

(Estadão, 30/11/2002)

A Mancha Alviverde, principal torcida organizada do Palmeiras, já tem sua estratégia montada para cumprir o que prometeu anteontem, através de um comunicado: **atazanar a diretoria do clube** - mais especificamente o presidente Mustafá Contursi- até que cheguem ao time reforços considerados expressivos.

(Folha, 13/04/2003)

Irritado com as vaias incessantes, Kaká não comemorou seu gol virado para o setor onde estava a Tricolor Independente, maior torcida organizada São Paulino. Agradeceu a Deus com os braços erguidos e, após o jogo, enviou um recado para Carlos Alberto Parreira, técnico da seleção.

(Folha, 19/05/2003)

O gol em impedimento provocou invasão do gramado, no intervalo, **e protestos de torcedores. A torcida organizada do Goiás ameaçou pedir a anulação do jogo** porque o juiz não foi sorteado como prevê o Estatuto do Torcedor.

(Estadão, 22/05/2003)

"**Corinthians: dia de incerteza, noite de protesto**" - Não bastasse o stress diurno pela situação com o volante, **não teve trégua do ex-presidente da torcida organizada Gaviões da Fiel**, Douglas Deungaro, que **lhe atirou ovos** durante a festa de aniversário do clube.

(Estadão, 23/09/2003)

"**Corinthians em crise. A Gaviões quer ação**" - **Torcida organizada promete cobrar empenho de jogadores**. A torcida organizada Gaviões da Fiel **promete comparecer aos treinamentos para exigir uma reação imediata da equipe.**

(Estadão, 09/03/2004)

"**Vocês têm de suar a camisa** e nem nisso estão fazendo!", **protestou integrante de uma torcida organizada.**

(Estadão, 06/11/2005)

"**Torcida organizada contrata carro de som e bota contra dirigentes**"- Antes do jogo, porém, **integrantes da Mancha Alviverde**, a maior torcida organizada do Palmeiras, **mostraram que não estão perto de perdoar a maioria dos jogadores do clube.**

(Estadão, 20/03/2006)

"Churrasco da diretoria **revolta torcida organizada**"- **Os protestos da torcida não vão parar**. Membros da Mancha Alviverde e ficaram sabendo de um churrasco para diretores e conselheiros amanhã na academia e **organizam um protesto pedindo a saída do diretor** Salvador Hugo Palaia.

(Estadão, 25/05/2006)

[...] viajou durante a semana para Jarinu, **mas lá os jogadores foram peitados por integrantes de uma torcida organizada** e adotaram a lei do silêncio com a imprensa.

(Estadão, 23/10/2006)

Enquanto isso, **integrantes de uma torcida organizada prometeram não sossegar enquanto o Corinthians não se livrar de 4 jogadores**: Roger, Marinho, Magrão e Betão.

(Estadão, 09/04/2007)

"Um time em busca de rumo"- **A torcida já perdeu a paciência e**, na quarta-feira, cerca de **30 integrantes de uma torcida organizada protestou prendendo o time dentro do CT**, ao acorrentar o portão.

(Estadão, 30/06/2007)

"**Torcedores acuam presidente corintiano**" - O **incidente mostra o quanto o Corinthians se transformou num barril de pólvora** depois do rebaixamento. E que o discurso da torcida organizada, que havia acolhido o time, mudou.

(Estadão, 04/12/2007)

"**Torcida organizada pressionava diretoria pela saída**" - Na segunda-feira, **a Mancha Alviverde** principal organizada do clube, **divulgou o texto contrário a permanência de Caio Júnior**.

(Folha, 07/12/2007)

"**Leão diz que torcida é paga para derrubá-lo**" - A campanha da Torcida Jovem do Santos **para forçar a saída do técnico Emerson Leão vai continuar.**

(Estadão, 26/02/2008)

Na guerra abertamente declarada por Vanderlei Luxemburgo contra integrantes da Mancha Alviverde, a diretoria do Palmeiras evitou tomar partido [...] Cipullo garante que o fato compromete os contatos do clube com a torcida organizada: "tínhamos diálogo aberto não só com a Mancha, como com outras".

(Estadão, 18/11/2008)

"**Pressão no Palmeiras após eliminação**"- "Eu assumo a responsabilidade (pela desclassificação)", disse o presidente Luiz Gonzaga Belluzzo, o primeiro a deixar a sala de desembarque. **Ele precisou reagir aos gritos para se fazer entender pelos cerca de 10 integrantes da torcida organizada Mancha Alviverde**. Eram poucos os manifestantes.

(Estadão, 16/06/2009)

Ontem, **a Mancha Alviverde realizou o protesto em frente ao Palestra Itália reunindo cerca de 500 pessoas**. Com Bandeiras e faixas, **a torcida organizada pediu a saída do vice-presidente Gilberto Cipullo e de todo o comando do futebol profissional.**

(Estadão, 13/12/2009)

"Leões da Fabulosa, **protesto sem fim**"- Num protesto pacífico, **a torcida organizada Leões da Fabulosa inverte suas faixas ou coloca bandeiras de cabeça para baixo** durante os jogos.

(Estadão, 04/02/2010)

"**Vigilantes do peso**" - Nasce uma nova facção na torcida organizada do Corinthians: **a Fiel da balança foi criada essa semana para incentivar o fenômeno a emagrecer.**

(Estadão, 26/03/2010)

"**Diretoria libera pressão a atletas**" - A cúpula do São Paulo liberou a entrada de torcidas organizadas no CT ontem. ficaram ao lado da porta do vestiário, **onde cobravam os jogadores que passavam**. Eram cerca de 40 torcedores, que entraram depois do treino e foram à arquibancada, acima dos vestiários. Eram separados dos jogadores apenas por uma grade.

(Folha, 24/08/2010)

"Gaviões vai ao vestiário e pede cabeça de técnico" - Ligada ao presidente Andrés Sanchez, **a torcida organizada** Gaviões da Fiel **colaborou decisivamente para a demissão de Adilson Batista**. Na noite de quinta-feira integrantes da Rua São Jorge, uma dissidência da Gaviões, **encontraram-se com o treinador** no centro de treinamento do clube Alvinegro.

(Folha, 11/10/2010)

Com medo de **protestos de torcidas organizadas** (que no domingo **pediram e ganharam a cabeça de Adilson Batista**), o time cogitou a possibilidade de desembarcar na pista do aeroporto de Congonhas sem passar pelo terminal.

(Folha, 15/10/2010)

"**Torcida encurrala o próprio time**" - O Corinthians aceitou **virar refém de sua maior torcida organizada**. Pelo menos **70 integrantes da Gaviões da Fiel** e representantes de outras torcidas **protestaram ontem em frente ao CT do clube.**

(Folha, 16/10/2010)

"**Ronaldo é alvo de protesto pela primeira vez**" - **Os corinthianos ainda atacaram o presidente Andrés Sanchez e outros atletas**, como o zagueiro Thiago Heleno, o volante Moacir e o atacante Souza.

(Estadão, 17/10/2010)

"Fiel **vai protestar e prega fim da paz** com a diretoria"- A Gaviões da Fiel **promete um protesto com mais força hoje**. O time treina pela manhã no CT e a torcida organizada pretende amealhar um número maior de integrantes para fazer barulho antes do clássico com o Palmeiras.

(Estadão,05/02/2011)

Tite sentiu ontem a cobrança. Cerca de **20 membros da torcida organizada puseram três faixas de protesto** na frente do CT **e exigiram falar com o técnico e com atletas**.

(Folha, 21/09/2011)

Membros da torcida organizada Mancha Alviverde chegaram ao local e **foram cobrar o dirigente**, exigindo que **o presidente desse a garantia para eles** de que não iria contratar o volante.

(Estadão, 29/12/2011)

"Herdeiro de ídolo, Deola **encara rusga com organizada**" - Anteontem, por exemplo, **durante protesto em frente ao CT**, Deola foi o primeiro jogador do elenco **a ser ofendido pela torcida organizada**

(Folha, 06/01/2012)

Os gritos de pipoqueiro para o jogador vieram na maioria da torcida organizada repetindo o mesmo protesto feito depois da eliminação na semifinal da Copa do Brasil.

(Estadão, 20/07/2012)

"**Torcida pressiona** e clube banca Tite" – Com o Corinthians em crise, **a torcida organizada foi ao CT ontem cobrar explicações do time**. Mas, apesar da pressão, o técnico Tite ainda tem no presidente Mario Gobbi seu grande escudeiro.

(Estadão, 20/09/2013)

"**Organizada anuncia protesto na eleição**" - A Mancha Alviverde, maior torcida organizada do Palmeiras, **convocou um protesto para o dia das eleições presidenciais**, na noite de segunda-feira contra a gestão Arnaldo Tirone e **para pressionar os candidatos** Paulo Nobre e Décio Perin **a implementar mudanças administrativas**.

(Folha, 18/01/2013)

"**Após protesto da torcida**, Vasco anuncia contratação de Autuori" - Revoltados com mau momento do time **membros de uma torcida organizada do Vasco invadiram o treino ontem** em São Januário. Com medo de um confronto com a torcida, os atletas correram para o vestiário.

(Folha, 23/03/2013)

"**Protesto**" - Panfletos distribuídos por **torcidas organizadas pediam a saída do presidente** Luis Álvaro de Oliveira Ribeiro, de membros do Conselho e perguntavam: "Onde está o dinheiro da venda de Neymar?"

(Folha, 08/08/2013)

"Jogadores admitem decepção com empate" - Para piorar o clima, **a torcida organizada Mancha Alviverde vaiou e chamou a equipe de "sem vergonha" e xingou alguns jogadores.**

(Folha, 27/10/2013)

"**Protesto**" - **torcida organizada usa o muro** da própria sede **para criticar o trabalho do presidente** Paulo Nobre, do Palmeiras.

(Folha, 23/09/2014)

"**Torcidas marcam protesto na porta do CT**" - A principal torcida organizada do Corinthians, a Gaviões da Fiel, **marcou um protesto para o portão de entrada do CT Joaquim Grava.**

(Folha, 17/10/2014)

"São Paulo ganha ânimo para sonhar" – **A torcida organizada fez seu protesto** e passou a primeira etapa calada.

(Estadão, 11/07/2016)

Dias depois **o CT da Barra Funda foi invadido por integrantes de torcida organizada** e três jogadores foram agredidos.

(Folha, 22/09/2016)

"**Torcedores vão ao CT para cobrar Dorival**" - Cerca de **30 membros de uma torcida organizada** do Santos foram ao CT Rei Pelé ontem para **conversar com o técnico Dorival Júnior e a comissão.**

(Folha, 24/02/2017)

"Coração na mão" – o mais evidente veio no meio da semana, com uma das **tradicionais "conversas"** com representantes de torcida organizada. **Aqueles encontros em que se trata de levar "apoio moral**" ao elenco.

(Estadão, 29/10/2017)

"Segurança reforçada no Ba-Vi" – O Bahia está na zona do rebaixamento e joga para evitar que o clima piore. Na sexta-feira, **cerca de 20 integrantes de uma torcida organizada foram ao aeroporto de Salvador protestar contra os jogadores e a diretoria.**

(Estadão, 22/07/2018)

> "São Paulo terá de **superar protesto**" – **A torcida Independente, principal organizada** do São Paulo, marcou pelas redes sociais, **um protesto que vai começar às 14 horas no portão principal**
> (Estadão, 24/02/2019)

Entoar cantos de reivindicação, demonstrar irritação e hostilidade, vaiar a própria equipe, pedir por mais comprometimento, empenho e "vergonha na cara", pichar os muros do clube, esperar a entrada ou saída da delegação da equipe para cobrar, pendurar faixas de ponta cabeça, elaborar manifestos, solicitar reuniões, invadir áreas privadas e/ou restritas (treinamento da equipe ou campo de jogo), prender o time no Centro de Treinamento, demonstrar revolta com determinados comportamentos, exigir mudanças internas ou na equipe, criticar a *performance* esportiva, agredir seguranças, atletas, membros da diretoria ou comissão técnica. Todas estas práticas se relacionam à pressão e cobrança que as torcidas exercem em seus clubes durante os protestos (sejam eles, formais ou espontâneos).

Os dados de Hollanda e Medeiros (2016) são fundamentais para a compreensão deste comportamento. Conforme os autores apontam, a cobrança de forma, mais ou menos intimidadora e agressiva é concebida como uma prática válida, por cerca de 90% dos torcedores organizados entrevistados, tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo. A cobrança, segundo 60% dos entrevistados, também poderia ser dura nas fases ruins da equipe. Sendo assim, para mais da metade dos torcedores organizados é uma prática legítima. Eles vão além, e ainda afirmam que, seria uma incumbência moral da torcida exercer este papel: apoiar e também fiscalizar, protestar.

Um dado complementar dos autores chamou a atenção: a participação em confrontos físicos violentos. Os torcedores que participam destes episódios, tendem a concordar em maior medida (74%) com a cobrança mais enérgica, agressiva e intimidadora. Já os que não participam das brigas, apenas 52% concordam com este tipo de cobranças dos atletas e comissão técnica. Por fim, os autores ainda destacam que apesar destas diferenças entre os subgrupos de uma torcida organizada, a prática da invasão pelas torcidas organizadas é frequente (HOLLANDA, MEDEIROS, 2016).

Todavia, protestos não são exclusividade das torcidas organizadas. Destacam-se dois exemplos no contexto futebolístico, um mais recente e outro mais antigo. O exemplo mais recente se relaciona ao movimento do Bom Senso FC, movimento iniciado pelos próprios atletas em 2013, que reivindicava mudanças estruturais no futebol brasileiro, tais

como: modificação do horário das partidas, melhores condições de trabalho (menos partidas para clubes grandes e mais partidas para as equipes menores) e *fair play* financeiro (clubes não podem gastar mais do que arrecadam). Já o segundo exemplo e mais antigo, é sobre a Democracia corintiana. Alvo de estudos de outros pesquisadores (FLORENZANO, 2009; MARTINS, 2014; MARTINS, REIS, 2017), este movimento buscava contestar o ambiente autoritário do clube, de modo específico, e da sociedade, de modo geral. Vale ressaltar que para Lopes (2018), a torcida organizada Gaviões da Fiel teve relação ambígua com a "Democracia Corinthiana", pois por vezes, a apoiavam e outras vezes, a condenavam.

Nas produções jornalísticas, pode-se perceber a existência de uma espécie de "clima de guerra" na abordagem destes protestos, como se fossem situações limítrofes e incontroláveis. Termos como "fim da paz", "caos", "acabou a paz", "inferno", "panela de pressão" foram utilizados para se referirem a estas manifestações das organizadas. Outro elemento que também aparecia com frequência era o já comentado saudosismo.

Já evidenciado anteriormente, ele também compõe esta produção jornalística. Em ambos excertos pode-se perceber como o jornal denuncia, com tom saudosista, a mudança no comportamento do torcedor. Toledo (1994) já assinalava que as organizadas inauguram um comportamento mais ostensivo. Em seu estudo o autor estudou de modo específico a "fala torcedora" que é composta por vaias, xingamentos, cantos de arquibancada e os gritos guerra. Os últimos podem ser satíricos, ofensivos e jocosos, que segundo o autor possuem relação com as oposições que compõem a sociedade. Em uma análise mais aprofundada destes gritos, o autor estabelece 4 categorias: os de incentivo à equipe, os de protesto, intimidadores e os de auto afirmação (TOLEDO, 1994).

Em sua análise, Toledo (1994) salienta que a "fala torcedora" se relaciona a estereótipos sociais, sexuais e políticos, reforçando hierarquias e desigualdades. O autor também destaca que em meados dos anos 1970, o palavrão começa a ser utilizado com muito mais frequência nos estádios, pois ele é parte dos padrões de conduta e comunicação ao se expressarem conflitos e na realização de protestos.

Corroborando os dados de Toledo (1994), a pesquisadora Viviane Hansen, ao investigar Torcida organizada Fanáticos do Athético (à época denominado de Atlético Paranaense) demonstra que a cobrança e os protestos fazem parte do cotidiano das torcidas organizadas. Em sua observação durante as partidas a pesquisadora constatou que os torcedores pediram por raça e, inclusive, em suas canções deixavam transparecer que os jogadores deveriam estar comprometidos com a equipe. Caso contrário poderiam

sofrer as consequências (geralmente, ligadas a serem vítimas de violência). A canção que expressa isto é a seguinte: “vamos correr, vamos suar, senão o bicho vai pegar” (HANSEN, 2007, p. 32).

Assim como ressalta Reis (1998), a escolha de um clube de futebol possui um sentido, não é aleatória, visto que existem diversos fatores para a sua ocorrência. Desde a influência familiar ou de amigos, passando pela identificação com o clube, proximidade do mesmo ou outros fatores que podem influenciar nesta decisão. O mesmo pode-se dizer sobre a entrada em uma torcida organizada, que tem por característica, essência, razão de existência o seguinte objetivo: ser um órgão fiscalizador na estrutura do clube (REIS, 1998).

Após a apresentação do segundo discurso, parte-se para a elucidação do terceiro e última discurso que compõe a regularidade discursiva: D(3) – torcida organizada é violência.

“É A LEI DO MAIS FORTE”: D(3) - TORCIDA ORGANIZADA É VIOLÊNCIA

Esta seção tem como objetivo, apresentar e discutir academicamente os enunciados relacionados às torcidas organizadas e violência. Além disto, o elemento da violência será analisado nestes discursos sobre as torcidas organizadas. Dito de outro modo, primeiro, apresentam-se os resultados do discurso sobre as torcidas nas produções jornalísticas, para posteriormente, ser feita uma análise sobre o elemento da violência em específico. Ao proceder deste modo, cumpre-se com o segundo objetivo específico desta tese (“Analisar o elemento da violência nestes discursos sobre as torcidas organizadas de 1969 a 2020”).

Inicialmente, apresentam-se os trechos extraídos do Arquivo e que fundamentam o D(3) – torcida organizada é violência. Sumariamente, pode-se dizer que os trechos evidenciam uma concepção de violência ligada apenas à agressão física. No entanto, conforme será discutido mais adiante, esta tese diverge de tal concepção, pois considera que a violência física é apenas uma forma de aparição deste fenômeno, porém esta discussão será realizada mais adiante. Por ora, evidenciam-se os trechos que abordam o discurso D(3).

> “**Os agressivos Leões da Fabulosa**” - **Eles são os Leões da Fabulosa, 264 torcedores** especiais **que misturam a vontade de ajudar o futebol** da Portuguesa com a saudade o amor de Portugal - lugar onde nasceram ou terra de seus pais - **e carregam para os estádios este imenso fanatismo, que acaba explodindo** junto com os fogos que usam para saudar a entrada do time em campo ou **nas brigas**. Eles são sempre os mais visados e provocados durante os jogos e **correm muitas lendas a respeito de sua valentia e seus desrespeitos** [...] os Leões da Fabulosa existem desde 1971 e a idade média de seus participantes é de 21 anos.
>
> (Folha, 02/08/1975)

> “**Antes do jogo as cenas de violência**” - **Chegam os primeiros ônibus fretados pela torcida organizada da Ponte Preta e, com eles, as primeiras cenas de violência ocorrida à porta do estádio**. **Os pontepretanos passaram a recorrer a todos os recursos na tentativa de atingir as arquibancadas** sem serem molestados pelos inimigos que, aos gritos de “pega macaca”, faziam gestos de ameaça. [...] enquanto isso, cerca de 15 soldados da PM se esforçaram para conter os torcedores de Campinas. **A partir de então, registram-se cenas de grande violência, num jogo de empurra-empurra, entre gritos e agitação de punhos**

fechados. Finalmente, os portões foram abertos, enquanto os **policiais se viram obrigados a responder à violência dando empurrões** e dividindo os torcedores em grupos.

(Folha, 10/10/1977)

"Torcida de Campinas fica no anonimato, **sem brigas" – até mesmo as costumeiras brigas que ocorrem nos clássicos** não passaram de alguns atritos isolados. Segundo o capitão Guardiano, chefe do policiamento externo do Morumbi, o motivo foi bem simples: os torcedores da Ponte procuraram ficar no anonimato [...]. **Temia-se represália da torcida do Corinthians no Morumbi por causa dos incidentes que houve no dia 12, no Moisés Lucarelli**. E diante disso, nenhuma empresa de ônibus concordou em ceder os veículos. E a gente sabia que não adiantava querer competir em número ou de incentivo ao time, com a torcida do Corinthians. Mesmo assim, **houve 20 detenções** sem maior importância - **a maioria provocada por brigas entre os próprios corintianos já embriagados**. Dois casos mais sérios foram provocados por **rojões estourados**.

(Estadão, 04/11/1980)

Mas antes do treino na Vila Belmiro **aconteceu nova cena de violência** [...] **O radialista**, que **há meses havia sido agredido pelo** ex-dirigente Alberto Francisco de Oliveira, o Alemão, **presidente da torcida organizada Sangue Santista**, foi medicado e depois fez queixa no 2° distrito policial e foi submetido a exame de corpo de delito.

(Estadão, 06/10/1985)

"**Festa da torcida do Guarani acaba em morte**" – **Terminou em tragédia** a churrascada de confraternização no 10° **aniversário da torcida organizada** "Guerreiros da Tribo", do Guarani, domingo à tarde, nas dependências do clube, em Campinas. Por motivos ainda não esclarecidos, **o vigia** conhecido por Augusto, que trabalhava como segurança no estacionamento, **desferiu quatro tiros no vice-presidente da "Guerreiros"**, Hélio Mendes Veiga, que faleceu horas mais tarde.

(Estadão, 16/11/1987)

"Sede da Mancha fica em área do Palmeiras" - **O Secretário de Segurança Pública**, Luiz Antônio Fleury filho, **decidiu anteontem providenciar uma lista negra de torcedores que serão impedidos de ingressar nos estádios**. O alvo principal do secretário parece ser **a torcida organizada "Mancha Verde"**, do Palmeiras, **que vem consolidando sua reputação de violenta** - principalmente depois dos incidentes em Bragança Paulista, na semana passada, que quase acabaram numa

grande tragédia. **A sede, contudo, é frequentada pelo pessoal da chamada "linha dura", como são conhecidos os mais belicosos. É nas caravanas que eles se misturam aos torcedores comuns. Na verdade, a maioria prefere não brigar** e encara as caravanas como o meio mais seguro de se chegar aos estádios...O ritual de "batismo" não é oficial nem obrigatório. Mas quem alardeia valentia passa por ele [...] "**eu sou, eu sou, da Mancha Verde eu sou, vou dar porrada, eu vou, ninguém vai me segurar**". **A letra da canção, como se vê, deixa transparente algumas intenções**

(Estadão, 31/05/1989)

"Líder dos Gaviões prefere paz" - Embora seja presidente da maior torcida organizada do país, a Gaviões da Fiel, o corintiano Luiz Antônio Mezher, o Magrão [...] já foi mais fanático. **Aos 14 anos, quando entrou para Gaviões, nunca levava para casa uma desfeita do time adversário. Foi parar muitas vezes em hospitais e na porta de delegacias. "brigava por amor",** diz ele. Aos 31 anos, procura manter uma postura mais equilibrada. **Recentemente, porém, perdeu a paciência.** O jornalista Pepe Escobar escreveu na Folha de São Paulo um artigo em que comparava a torcida Corinthiana a um inferno. **"virei as mesas naquela redação e falei grosso"**, conta Magrão.

(Estadão, 14/06/1990)

"A lição de Novo Horizonte ao futebol de todo Brasil" - A comunhão, mais do que a paz, se deu por uma simples razão: Novorizontino e Bragantino **estão livres de uma praga chamada torcida organizada**. **Homens e mulheres, fora dos bandos**, vão aos estádios pelas mesmíssimas razões que vão ao cinema, aos bailes, aos bares. **Querem divertir-se, detestam confusão.**

(Estadão, 24/08/1990)

"**PM promete rigor nos estádios**" - O porte de armas de fogo, explosivos ou qualquer objeto que coloque em risco a segurança do torcedor nas imediações ou dentro dos estádios será reprimido com rigor pela polícia militar. O secretário quer fortalecer o policiamento na entrada dos torcedores e na saída dos jogos [...] **preocupada com a gravidade da situação, que pode acabar tirando o torcedor comum dos estádios**, a Federação Paulista encaminhou ontem ofício ao secretário pedindo a adoção de medidas mais enérgicas a respeito do assunto. **A morte do garoto Rodrigo de Gásperi deixa claro mais uma vez que o pesadelo dos *hooligans* está cada dia mais próximo dos estádios brasileiros**.

(Estadão, 29/01/1992)

"**PM convoca torcida para conter a violência**" - **Comandante vai marcar reunião com líderes de**

torcidas organizadas para definir novas medidas. O comando do 2º Batalhão de Choque, responsável pela segurança nos estádios, marcará uma reunião, terça ou quarta-feira, com os líderes das torcidas uniformizadas dos clubes paulistas **para encontrar novas medidas de combate à violência**. [...] "**A morte do Rodrigo é o mais forte apelo para a pacificação". A polícia militar previu a morte do garoto corinthiano Rodrigo de Gásperi nas arquibancadas**. O comandante Faroro lembra ter alertado os líderes das torcidas uniformizadas sobre os efeitos das bombas caseiras como a que atingiu o menino de 13 anos, enterrado anteontem em Caieiras [...] "**qualquer torcedor que for pego com um simples rojão na porta do estádio será preso, sem direito a fiança**" [...] A partir deste momento é enquadrado como crime inafiançável. [...] Um garoto usando uniforme da Gaviões da Fiel prometeu "**um acerto de contas com os são-paulinos na primeira oportunidade**"

(Estadão, 29/01/1992)

"**Interior também vive o medo das tragédias**" – **Irracionalidade**... **briga entre torcedores no jogo de Juniores entre São Bernardo e Corinthians em Santo André: violência fora da capital**. A violência nos estádios não é exclusividade dos grandes centros urbanos e atinge também as pequenas e pacatas cidades do interior [...] No recente Campeonato Paulista de Futebol, houve um conflito entre as torcidas da Ponte Preta e do Grêmio Sãocarlense que, por pouco, não terminou em tragédia. [...] **A pacata Taquaritinga não escapou da batalha entre torcedores.**

(Estadão, 29/01/1992)

Pedras - o desespero tomou conta na torcida do Independente de Limeira, em Leme, no jogo contra o Lemense. **No intervalo, uma guerra de pedras foi iniciada entre as duas torcidas**. A torcida do Independente achou que era a grande oportunidade para suspender o jogo e derrubou o alambrado. Num confronto de torcidas em 1988, quando o Palmeiras e Guarani empataram por um gol, **houve na verdade uma tática de" guerrilha urbana" por parte da torcida palmeirense**.

(Estadão, 29/01/1992)

"**Farah acusa torcida organizada**" - O presidente da FPF elogiou as medidas tomadas pela polícia nos últimos dias. A prisão do suspeito de arremessar a bomba que causou a morte do garoto Rodrigo de Gasperi, após uma revista da polícia no ônibus que transportava para Santos a Torcida Independente, do São Paulo, foi recebida com satisfação pelo presidente da Federação Paulista de Futebol. [...] **Farah deu de ombros as queixas de torcidas uniformizadas com a proibição**, posta em vigor no clássico de anteontem na Vila Belmiro. "**Não**

estamos aqui para agradar torcidas organizadas, mas preocupados em dar segurança ao torcedor comum". Farah queria que o secretário Franco de Campos aceitasse suas sugestões na totalidade, proibindo também a entrada nos estádios bem como instrumentos musicais e outros objetos que possam ocupar o transporte de armas, bombas e fogos […] "**Não ficaremos mais frustrados com a liberação de vândalo com o simples pagamento de uma pequena fiança**", acredita. "**Há mesmo que se punir e com o máximo rigor**".

(Estadão, 31/01/1992)

"Erro da perícia pode mudar o inquérito" – Sou corintiano há 40 anos, frequento estádios desde os 5 anos de idade [...] **numa época em que a única torcida organizada comandada pelo Porfírio da Paz. Não existiam facções de torcedores e nem violência, todos se respeitavam. Foi justamente o surgimento desses grupos que provocou a onda de violência que vemos hoje. Proponho uma discussão a respeito de se extinguir essas torcidas uniformizadas**, verdadeiros exércitos de jovens que ainda não se definiram como homens e não respeitam seus semelhantes. Eles são fortes porque andam em grupos. Sozinhos não tem coragem de fazer nada.

(Estadão, 12/02/1992)

"**Polícia descobre bomba caseira com 62 torcedores**" – 62 torcedores que se dirigiam ontem ao Morumbi num ônibus da **torcida organizada Independente**, do São Paulo, foram detidos pela polícia militar após uma revista no centro da cidade. **Soldados apreenderam uma bomba caseira semelhante a que causou a morte de Rodrigo de Gasperi**, de 13 anos, em janeiro, além de "tacapes" - pedaços de pau com pregos na ponta. "**Essa gente não tem jeito", declarou um dos chefes do policiamento** Major Resende.

(Estadão, 14/09/1992)

"**Futebol e barbárie**" - Neste ano, por enquanto, **a morte está ganhando o mais macabro dos campeonatos por 2x0**. **Em janeiro, um garoto de 13 anos foi atingido por uma bomba caseira** quando assistia uma semifinal da taça São Paulo de Juniores. Na 3° feira **outro menino de 16 anos foi esfaqueado por integrantes de uma torcida organizada adversária.** No primeiro caso, o inquérito policial apontou um suspeito, que aguarda o pronunciamento da Justiça. Quanto à vítima desta semana, o sortilégio não podia ser maior: **a torcida organizada a que pertencia, escolheu o primeiro jogo do time para rimar "agora é sério" com "parar no cemitério"**. Para contemporizar, reuniu-se num quartel da polícia militar uma comissão composta por diretores das torcidas, policiais, representantes da

CMTC e da FPF todos à procura de **um pacto visando eliminar a violência do futebol**.

(Estadão, 05/10/1992)

"**Aliança espúria**" – **Quem quebrou as cadeiras do Maracanã**, no meio da semana, **já se sabe: foi a torcida organizada do Flamengo**. Quebrou por quê? Por que quebrou? O jogo Flamengo, 2 x Cruzeiro, 0 transcorreu limpamente. O Flamengo venceu e venceu bem. Era noite de celebração. Renato reencontrando seu clube. O Maracanã renascendo, cartão-postal do Rio. **Como, então, entender a fúria da torcida vitoriosa? Torcida organizada, amigo leitor, vem me cheirando a falange.** A ideia pode ter nascido de boa intenção, **mas, hoje, é baderna só. Torcida organizada converteu-se em aliança espúria entre arruaceiros** e dirigentes medíocres

(Estadão, 07/02/1993)

"**Capitão Leo não entra na conferência da paz**" - **Para evitar que as torcidas organizadas** dos grandes clubes cariocas **intensifiquem a guerra**, o delegado titular da divisão de capturas - Polinter, Luiz Mariano, convocou todos os chefes de torcida para uma reunião, hoje, em seu gabinete. "Qual é a da polícia? parece provocação convidar a gente para uma reunião **com outros chefes de torcida enquanto esses criminosos estão soltos**, com o tempo de fabricar álibis e fugir da Justiça". [...] Para ele, **a paz nas arquibancadas** será alcançada no dia em que **a justiça colocar atrás das grades essas pessoas agressivas**

(Estadão, 09/07/1993)

"**Justiça decreta prisão de torcedores do Vasco**" - **O líder da torcida organizada Força Jovem**, do Vasco, Roberto Soares, 22 anos, **e o vice** Adilson Cleiton Caputo, por determinação da Justiça de São Paulo **estão temporariamente presos** e hoje irão para Queluz, interior do Estado. Os dois **são acusados de terem jogado bombas de fabricação caseira no ônibus de torcedores do Flamengo**, quando voltavam de São Paulo, após o jogo contra o Palmeiras

(Estadão, 06/08/1993)

"**Morre Ricardo, nova vítima da violência**" - Um torcedor do São Paulo, Ricardo Lemos dos Santos, 16 anos, **foi assassinado com um tiro na nuca**, sábado às 15 horas, uma hora antes de começar a partida entre Palmeiras e São Paulo, no Morumbi. **Lemos, membro da torcida organizada Falange Tricolor**, estava dirigindo-se ao estádio em um ônibus clandestino da torcida. O veículo dos torcedores da Falange ficou ao lado de outro ônibus, ocupado por palmeirenses. **Começou a discussão e o pessoal acabou descendo dos veículos para brigar, quando Lemos acabou**

recebendo o tiro, na Avenida Oscar Americano. segundo algumas testemunhas, **o palmeirense que atirou em Ricardo Lemos pertencia à TUP** (Torcida Uniformizada do Palmeiras) é branco, tem aproximadamente 1m80 e uns 20 anos. "Toda a torcida está revoltada com tudo isso", diz um torcedor da Falange que preferiu não se identificar. **Foi uma covardia, mas ninguém na Falange falou ainda sobre uma vingança**", comentou.

(Estadão, 16/11/1993)

O jogo chegou até mesmo a ser interrompido por causa da invasão de **torcedores que fugiam do confronto entre a Mancha Verde e soldados da Polícia Militar**.

(Estadão, 12/03/1994)

"**Futebol e Corinthians perdem em Campinas**" - **Corre-corre e terror** nas arquibancadas do Brinco de Ouro: policiais foram insuficientes para conter o **confronto entre torcedores**. Nas arquibancadas, a **situação começava a ficar perigosa. Torcedores arrancavam placas de publicidade e utilizavam pedaços de pau como arma para atirar no campo ou na torcida adversária**. Mas o ponto mais grave da briga foi quando a polícia resolveu permitir que uma parte dos torcedores do Corinthians entrasse no tobogã do Brinco de Ouro, destinada somente à torcida organizada do Guarani. **O confronto foi inevitável e muitos saíram feridos.** [...] **Pedras e paus voaram lá de cima** e uma delas acertou o bandeirinha Valter dos Reis, provocando uma paralisação de 4 minutos no segundo tempo. **O jogo era quase uma atração secundária**

(Estadão, 13/10/1994)

"**Briga causa morte de torcedor no Rio**" - Vascaínos provocam flamenguistas no trem e Sérgio Souza, de 16 anos é a vítima. **Um torcedor morreu e dois ficaram feridos em uma briga** após a partida entre Flamengo e Botafogo, pelo Campeonato Brasileiro, no domingo à noite. **Depois da violência mostrada pelas torcidas organizadas rubro-negras, que brigaram** entre si no Maracanã, outros torcedores do Flamengo, moradores da cidade de Nilópolis, na Baixada Fluminense, foram surpreendidos por um grupo de vascaínos que os puxou para fora do trem em que viajavam na estação de Piedade, Zona Norte do Rio, e começou a **agredi-los com porretes de madeira.**

(Estadão, 18/10/1994)

"**Líder da Gaviões da Fiel culpa Polícia Militar**" - **O líder da torcida organizada Gaviões da Fiel**, José Cláudio de Almeida, o "Dentinho", disparou contra a polícia militar, após ser confirmada ontem à tarde a morte de Sérgio Franceschini. "Foram eles os grandes responsáveis por essa tragédia, estavam em número

insuficiente para conter uma multidão enfurecida". **Franceschini é a segunda vítima fatal da violência nos estádios**.

(Estadão, 21/10/1994)

"Donos da rua" - O**s verdadeiros torcedores já não podem**, **há algum tempo, frequentar os estádios brasileiros**. Agora, não podem mais vestir a camisa de seus times - nem escondida junto ao peito, por baixo de uma blusa comum. **Os bandidos que tomaram de assalto as arquibancadas estão se sentindo donos da rua - prendem, torturam e humilham torcedores**, às vezes do próprio time, como fizeram covardemente 18 integrantes da Mancha Verde com os primos Rosivaldo e Damião. DÚVIDA: **Torcida organizada ou crime organizado?**

(Estadão, 31/10/1994)

"Infiltração?" - **A participação do chefe da Mancha Verde do ABC na sessão tortura** a que foram submetidos Rosivaldo e Damião **mostra que é pura balela essa história de que violência é obra de maus elementos infiltrados nas torcidas ditas organizadas**. **A bandidagem é mais ou menos generalizada em tais grupos**. Não vê quem não quer.

(Estadão, 31/10/1994)

"**Assassinatos**" - A polícia de Santo André está trabalhando para identificar os **agressores e torturadores da Mancha**. Espera-se que outras polícias se animem com o exemplo e possam nos dizer, em breve, quem matou Rodrigo de Gasperi, Sérgio Francischini e Wagner Soares da Silva.

(Estadão, 31/10/1994)

"**Nos estádios estão as marcas da nova guerrilha urbana**" - De Rodrigo de Gásperi, em janeiro de 1992, a Wagner Soares da Silva na semana passada, **já são seis os torcedores mortos em atos de vandalismo nos estádios de futebol nos últimos três anos**. Sem contar os que ficaram inválidos, carregando nos corpos marcas que lembram sobrevivência de uma **guerrilha urbana**. No sábado passado, mais duas vítimas dessa violência, **barbaramente torturados por uma dessas torcidas organizadas, a Mancha Verde**. [...] Sentiu **o medo, a fragilidade e o pânico que tomam conta de um torcedor comum no meio do conflito** [...] "a torcida organizada é um microcosmo da sociedade", constata. "**Ela tem refletido a violência em cadeia dos centros urbanos**".

(Estadão, 31/10/1994)

"**Secretaria proíbe venda de bebidas**" - O cerco contra os torcedores não fica aí. Fausto Camunha, secretário de esportes e turismo, **confirmou que todos os torcedores**

filiados a alguma torcida organizada serão credenciados junto à secretaria. "Para isso, terei que contar com ajuda dos chefes de torcida".

(Estadão,12/11/1994)

"PM já tem perfil dos *hooligans*" - Com essa amostragem, a PM já pode fazer um **perfil do torcedor violento**, conhecido como "*hooligan*": ele é homem, tem entre 14 e 25 anos, **vive num ambiente de banalização da violência e não tem constrangimentos morais**. "Esse torcedor violento é diferente do de 20 anos atrás. **Ele tem orgulho da violência que está praticando**", afirmou Camargo.

(Folha, 23/05/1995)

"É preciso controlar a venda de camisetas falsificadas das torcidas. **As pessoas brigam usando essas camisas e a torcida leva a fama**".

(Folha, 23/05/1995)

Outra observação do coronel Camargo é que **a violência está ocorrendo cada vez mais longe dos estádios**, nos encontros entre torcidas a caminho do jogo. Em 1994, houve, em média, sete ocorrências por partida nos estádios, a maior parte devido a comportamento indevido e não a atos de violência. Neste ano, essa média caiu para 4,8 ocorrências. **Foi distante do estádio que um são-paulino foi morto antes de Palmeiras x São Paulo**, no dia 3 de abril. O choque entre torcidas ocorreu na zona sul da cidade.

(Folha, 21/06/1995)

"" – [...] Mas ainda não há indício de que o fogo tenha sido criminoso, **apesar da suspeita levantada pelo presidente da Federação Paulista de Futebol**, Eduardo José Farah, ainda na noite de terça-feira, c**ontra o presidente da torcida organizada camisa 12**, do Corinthians, Cláudio Romero.

(Estadão, 03/08/1995)

"**Império dos vândalos**" - **As autoridades esportivas e policiais** de todo o país, São Paulo em particular, **estão à espera de uma grande tragédia para tomar as providências necessárias para coibir a violência nos estádios de futebol**. De 1992 para cá, 16 torcedores foram assassinados nessa **guerra sem sentido**, travada entre torcidas rivais. Centenas de pessoas ficaram feridas nas batalhas campais em que se transformam as comemorações depois dos jogos. **Os estádios deixaram de ser locais de diversão**. As famílias que iam assistir aos jogos foram substituídas por **hordas de vândalos uniformizados**, dispostos a arrasar tudo a sua frente que não vista ou exiba as mesmas cores de suas camisas. **Quando a violência não explode no interior dos estádios**, **o perigo se transfere para as ruas** por onde

trafegam os ônibus que conduzem as torcidas rivais. **Não só os vândalos se matam, como sua violência frequentemente recai sobre inocentes** circunstantes. [...] Este não é o momento de tentar explicar por que [...} Muito menos precisamos nos preocupar, agora, com os motivos que levam grupos organizados para torcer a adotar a violência como procedimento corriqueiro [...] Tudo isso deveria ter sido preocupação havia muito tempo, **quando o vandalismo das torcidas organizadas era apenas incipiente.** [...]**Os uniformes, hoje, não são característica de alegre e associação, mas a marca de reunião que liberam os piores instintos e dá vazão ao mais nocivo tribalismo - para não dizer símbolo de pertencer a uma organização que se diria paramilitar**

(Estadão, 22/08/1995)

"**Promotor adia depoimento no caso da emboscada a ônibus**" - vários integrantes da Gaviões, **acusados de participação na tocaia ao ônibus corintiano**, na madrugada de quarta-feira, pelo chefe de segurança do clube, Paulo Roberto Perondi, estiveram ontem no Parque São Jorge. Entre eles, o presidente da torcida, Douglas Deungaro, o Metaleiro.

(Estadão, 26/08/1995)

"**São paulinos são detidos em Belo Horizonte**" - A Polícia Civil mineira **prendeu ontem três integrantes da torcida organizada Independente**, do São Paulo [...] são procurados pela polícia de São Paulo por **terem participado do conflito entre as torcidas** do Palmeiras e do São Paulo na semana passada, no Pacaembu, **que resultou na morte de Márcio Gasparin da Silva**, de 16 anos.

(Estadão, 30/08/1995)

"**Polícia ainda procura brigões do Pacaembu**" - No clássico de domingo, as torcidas dos dois times ficarão misturadas em todo o Pacaembu. Os torcedores das duas equipes sentarão lado a lado em todos os setores do estádio. **Este foi o pacto da paz selado**, ontem numa reunião na Federação Paulista de Futebol (FPF). [...] Enquanto a Polícia Civil **tenta identificar e punir os participantes do conflito**, o MP de SP, por intermédio da promotoria de Justiça da Cidadania, entrou na quarta-feira com uma ação na Justiça, **pedindo a extinção da torcida organizada Mancha Verde**.

(Estadão, 12/09/1995)

"**Público vaia manifestação de Mancha e Gaviões**" - **Desta vez não eram as torcidas organizadas** do Corinthians desafiando a do Palmeiras e vice-versa, **com seus gritos de guerra, insuflando a violência**. O conflito verbal colocou em lados opostos as torcidas uniformizadas, das duas equipes contra os chamados torcedores comuns. Unidos lado a lado, **sem as camisas**

de suas facções, que estão proibidas de serem usadas nos estádios pela PM, **as organizadas** do Palmeiras e do Corinthians **procuravam dar exemplos de convivência pacífica**, tentando provar que podem recuperar a **legitimidade destituída pelas autoridades.**

(Estadão, 18/09/1995)

"**Torcida reza pelo fim da violência no futebol**" - **Cerca de 450 integrantes de torcidas organizadas visitaram a Basílica de Aparecida** (80km de SP) **para rezar pela paz nos estádios**. A iniciativa foi da ATOESP e reuniu as principais torcidas [...] O padre José Pereira, que celebrou a missa, **concentrou o sermão para pedir o fim da violência nos estádios de futebol**. Ele convidou os integrantes de cada torcida para subir no altar e acompanhar a missa. Uma imagem de Nossa Senhora Aparecida foi erguida pelos torcedores. "Não adianta apenas vocês rezarem para Nossa Senhora. **É preciso assumir o compromisso de acabar com a violência**"

(Folha, 18/09/1995)

Uma briga de adolescentes que utilizavam camisas de torcidas uniformizadas deixou um ferido na madrugada de ontem em Diadema (15km ao sul de São Paulo). **Três garotos e uma garota com camisetas da Mancha Verde foram assaltados por um grupo com camisas da são-paulina Independente**, que ainda feriu com um tiro um dos palmeirenses

(Folha, 22/09/1995)

"Adalberto diz que **golpe foi nas costas**" – [...] O palmeirense **garantiu que não bebe, não fuma, não usar drogas, nunca foi internado da FEBEM** e que foi poucas vezes a um estádio de futebol. **Perguntado se fazia parte de alguma torcida organizada foi rápido na resposta "Graças a Deus, não"**.

(Estadão, 07/10/1995)

"**Juiz ouve Oncins sobre morte de torcedor**" **-** Em seu depoimento ao juiz, Oncis contou que quando **ouviu os disparos, 2 ou 3, olhou para trás e viu um revólver** por cima do capô da Quantum, do lado oposto ao do motorista. Não viu quem o empunhava...**O tenista disse que os integrantes da Quantum vestiam camisas da torcida organizada palmeirense Mancha Verde**.

(Estadão, 11/11/1995)

"**Pancadaria ao vivo**" – No dia 20 de agosto após a final da Supercopa São Paulo de Futebol Júnior [...] **torcedores de ambas as equipes, armados de paus, pedras e pedaços de ferro, promoveram uma batalha sangrenta no gramado do estádio do Pacaembu**, que resultou em centenas de feridos e na morte do são-paulino Márcio Gasparin da Silva, de 16 anos.

(Estadão, 31/12/1995)

As torcidas organizadas estão voltando. **Os torcedores civilizados têm o direito de ser protegidos de tais hordas**. E as autoridades de São Paulo devem cumprir as determinações da Justiça.

(Folha, 19/03/1996)

"**Violência nos estádios**" - Ultimamente tem se tornado um pesadelo sair de casa com o filho, um amigo, um grupo de colegas para ir a um estádio e assistir a uma partida de futebol. **Não sabemos se voltaremos vivos para casa. De repente podemos ser envolvidos num bate-boca de arquibancada, onde determinada a torcida organizada começa a agredir torcedores de outro time**. **Quando menos esperamos a confusão começa a se alastrar**, indo dos palavrões para socos e pontapés e terminando, **muitas vezes, com a morte de jovens** [...] **o que antes era alegria e descontração, acabou virando medo e terror.**

(Folha, 18/04/1996)

"**Torcida Inferno Verde age como terroristas, diz polícia**" - **Membros da torcida** Inferno Verde **usam métodos terroristas para espalhar a violência** e comemorar as vitórias de seu time, o Goiás. A conclusão é da Polícia Civil que está investigando roubos, depredações e assassinatos praticados por integrantes da Inferno Verde para pedir a extinção da torcida organizada. "**Eles se dividem em legiões e agem como terroristas urbanos**", garante Simone Cardoso, delegada adjunta da 1° Regional de Goiânia [...] Fábio da Silva, o Chiqueirinho, de 19 anos, um dos presos e ex-presidente da Inferno Verde, **confessou que sua legião, quarta do lixo, tem como lema "100% violência"**. garantiu que os mais de 100 membros da facção também sabem construir bombas caseiras. [...] **A ficha criminal dos membros** da Quarta do lixo, presos pela polícia, **é assustadora**. [...] A polícia descobriu que **a Inferno Verde tem um código de "ética" que prega a violência sem limite contra corintianos e vila-novenses**.

(Estadão, 13/11/1996)

Outros fanáticos, **mais conhecidos por espalhar a violência e atos de terror**, como os integrantes da torcida organizada inferno Verde, estão na mira da polícia.

(Estadão, 05/12/1996)

"**Torcida volta a brigar no Pacaembu**" - no Pacaembu, torcedores de São Paulo e Palmeiras **enfrentaram-se com paus, pedras e rojões** na Praça Charles Miller, em frente ao estádio. **A briga foi provocada por torcedores são-paulinos, irritados com a derrota de seu time**. Os ânimos ficaram quentes nos minutos finais de jogo, quando integrantes da torcida organizada Independente,

disfarçados no meio do público do tobogã, **pois as uniformizadas estão proibidas de entrar nos estádios de São Paulo, passaram a discutir com policiais**. O incidente, que causou corre-corre na arquibancada, foi filmado por câmeras instaladas no Pacaembu e as imagens estão sendo analisadas pela PM para identificar os agitadores.

(Estadão, 28/07/1998)

"**Briga de torcidas mata 2 em SP**" - **As brigas de torcedores trazem de volta à questão da violência fora de campo nos estádios de futebol** [...] As torcidas organizadas tem conseguido driblar o policiamento jogo após jogo.

(Folha, 22/04/1999)

"**Torcida descarrega a frustração com depredações e tumultos pela cidade**" - No incidente mais grave, um tiro foi disparado durante confronto entre palmeirense e corintiano. **Correria, depredações, brigas e tumultos espalharam-se pela capital** logo após a derrota do Palmeiras para o Manchester United por 1 a 0, ontem, em Tóquio, pelo Mundial Interclubes [...] Na avenida Doutor Assis Ribeiro, na Barra Funda, **local da sede da torcida organizada Mancha Verde, vários grupos de torcedores saíram revoltados para rua, atirando pedras contra carros e pedestres**. **Uma kombi, dirigida por corintianos, foi depredada**.

(Estadão, 01/12/1999)

Um torcedor do Atlético Paranaense **saiu esfaqueado ontem no estádio da Arena da Baixada. Ele teria sido vítima de uma briga entre duas facções de torcidas organizadas do clube curitibano**. A PM não chegou a tempo

(Folha, 05/10/2000)

"**Diretor de torcida organizada é acusado de crime**"- Caixa da Tricolor Independente **foi morto por que teria desviado 3 mil**. **A polícia continua atrás de um dos diretores da torcida organizada Tricolor Independente**, Fernando Luiz Portela de Oliveira, de 24 anos. Ele é acusado de matar o autônomo Cosmelândio Alves Moreira, de 25 anos, que trabalhava no caixa da entidade […] **Moreira foi torturado e depois baleado com dois tiros**. Seu o corpo foi abandonado em um terreno próximo à Rodovia Régis Bittencourt.

(Estadão, 12/10/2000)

A confusão ocorreu por volta das 13 horas, **em frente da sede da torcida organizada Império Alviverde**. O presidente da facção, Luiz Fernando Stelfeld, **acusou torcedores vascaínos como autores dos disparos**, **em retaliação ao tiroteio ocorrido na sexta-feira**, após a partir da Vasco 1 x 0 Curitiba, quando o torcedor carioca

Júlio César Silva Passos foi atingido na barriga. Ele se encontra na UTI do hospital Cajuru, em estado grave. **A rixa entre torcedores do Santos e Vasco é antiga.**

(Estadão, 06/11/2000)

"A alegria do Corinthians é a Gaviões no Sambódromo"- A sugestão provocou revolta entre os integrantes da Gaviões da Fiel, a maior torcida organizada corintiana, com aproximadamente 60 mil associados. Segundo Zinho, Conselheiro da facção **a invasão** "**foi um ato isolado**" temos total liberdade dentro do clube e podemos cobrar de maneira civilizada", defendeu-se "**não há provas de que os invasores pertencem a Gaviões da Fiel**".

(Estadão, 22/02/2001)

"Assustado, Santos não terá Robert no jogo de domingo" - Tudo por causa da invasão ocorrida na terça-feira, quando o segurança Fábio Rocha **foi agredido por membros da torcida organizada**

(Estadão,01/11/2001)

"Briga política na Lusa vira caso de polícia" - **A torcida organizada destruiu sede social do clube**, inconformada com a atual diretoria

(Estadão, 17/11/2001)

Depois da partida de ontem entre o São José e São Carlense, que ocorreu em clima tenso, cerca de **20 torcedores da equipe do Vale entraram em conflito com os jogadores do time de São Carlos**, na saída do estacionamento do estádio Martins Pereira. Os jogadores do São Carlense e a **torcida do São José armaram uma verdadeira "guerra" utilizando como armas pedaços de madeira e tijolos**. No entanto ninguém ficou ferido durante o tumulto, que durou aproximadamente cinco minutos e terminou quando cerca de 50 homens da Polícia Militar apareceram no local.

(Folha, 21/02/2002)

"**Briga de torcidas no carnaval mata 3 e fere 5**"- **Houve brigas e tiroteios entre integrantes de blocos carnavalescos ligados às torcidas do São Paulo, Corinthians e Palmeiras**. Segundo policiais militares, integrantes do bloco Torcida Independente do São Paulo, viram num canto da concentração um pequeno grupo do bloco Pavilhão 9, do Corinthians, concluindo a montagem de um dos carros alegóricos. **Foi o início do tumulto. Com pedradas e pauladas, os torcedores são-paulinos partiram contra os corintianos**. Durante a confusão o artista plástico e carnavalesco Rua **Luciano Nogueira foi baleado na cabeça**.

(Estadão, 24/02/2003)

Os integrantes do grupo tricolor atacaram os corintianos do bloco Pavilhão 9, matando um dele com um tiro na cabeça. [...] Mas as tensões de fundo não foram eliminadas, apenas encontraram outra forma de expressão: antes o pretexto era o futebol, agora é o carnaval. **Parece evidente que a maioria dos integrantes desses grupos não é diretamente responsável por tais atos de selvageria. O problema é que os criminosos que neles se abrigam se aproveitam da rivalidade explícita com os adversários para extravasar sua brutalidade covarde** protegidos pela conivência dos companheiros

(Folha, 25/02/2003)

"**Quadrilhas no futebol**" – Deve-se tomar cuidado e identificar **a diferença entre torcidas e quadrilhas organizadas**. torcida organizada, no meu tempo de torcedor, há cerca de 25 anos, ia aos estádios para torcer. Os integrantes sabiam a escalação do seu time e do time adversário. **Hoje, essas quadrilhas vão ao estádio única e exclusivamente para brigar e matar**. Pergunte-se a qualquer um dos integrantes dessas torcidas se eles sabem a escalação do seu time. **Prisão para eles**.

(Estadão, 11/03/2003)

"**Morre Marcos, 16, corintiano. Gaviões jura vingança**" - A morte do corintiano Marcos Gabriel Cardoso Soares, de 16 anos, **reabriu a guerra entre as torcidas organizadas em São Paulo**. **Marcos foi espancado** antes do clássico de domingo, perto da estação Barra Funda, e morreu ontem de madrugada, vítima de traumatismo craniano. **No enterro, membros da Gaviões da Fiel prometeram vingança. Marcos não fazia parte de nenhuma torcida organizada**.

(Estadão, 05/05/2004)

"São elas vestindo a camisa" – **Difícil é deixar de relacionar torcidas organizadas com violência**. Desde 1992, são 16 pessoas mortas nos confrontos entre facções rivais no Estado de São Paulo. a palmeirense Priscila viu de perto a briga que envolveu Mancha Alvi Verde e TUP […] "Costumam dizer que só tem maloqueiro e coisa ruim organizada. Mas a confusão só aparece se a gente procura".

(Estadão, 22/05/2005)

"**Torcida Independente está pronta para brigar**" – A torcida organizada Independente, do São Paulo, está indo para Buenos Aires **pronta para uma guerra**. [...] "**vamos na paz, mas se tiver confusão nós temos uns 30 caras grandes prontos para a briga**" diz Daniel Vilar de Castro, um dos diretores da torcida. [...] **vários dos torcedores e diretores** que estavam ontem na sede da Independente **têm "marcas de guerra". São cicatrizes de batalhas travadas em outras brigas de**

torcidas. "Vamos esperando por briga. Pelo São Paulo a gente mata e morre. E se esse é o jogo da vida do São Paulo também é o jogo das nossas vidas".

(Estadão, 28/06/2005)

"**Ele só queria torcer. Está na UTI**" – "Sempre fiz de tudo para ele não ir a estádios. **Futebol só tem violência, morte, essas coisas**. Tinha medo que acontecesse algo com ele e você viu no que deu? Ocorreu uma desgraça dessas", disse dona Nilza, mãe de Sidney Gratuiliano Moreira, torcedor são-paulino de 24 anos que teve **traumatismo craniano em consequência de uma bala de borracha** que teria sido disparada contra a sua cabeça pela Tropa de Choque da Polícia Militar [...] "**Não tem nada a ver com qualquer torcida organizada, estava com o ingresso e não deixaram ele entrar**".

(Estadão, 20/07/2005)

"**Torcedor é espancado até a morte**" - O torcedor da Ponte Preta Anderson Ferreira Tomás, de 26 anos, **foi morto por são paulinos** ontem de manhã próximo ao Estádio Moisés Lucarelli em Campinas. **Tomás foi espancado por cerca de 15 integrantes da Torcida Independente** do São Paulo por volta das 9 horas. Chegou a ser socorrido, mas morreu no hospital no fim da manhã

(Estadão, 18/10/2005)

"**Corintiano é morto com um tiro na cabeça**" – [...] Testemunhas disseram que um grupo de 20 corinthianos seguia a pé pela Avenida. Logo atrás, 15 palmeirenses faziam o mesmo caminho. **Os torcedores começaram a trocar ofensas - as provocações** teriam partido do lado dos corinthianos. Um ônibus com cerca de 60 palmeirenses passou pela via. **Avisados das provocações, desceram do coletivo e iniciaram o tumulto**. Outra amiga, Luciana, não soube dizer se ele fazia parte de alguma torcida organizada ou se vestia o uniforme do time no momento do ataque.

(Estadão, 18/10/2005)

"**Acusado vai à polícia prestar depoimento**" - Leandro Rosas Ferreira, de 24 anos, se apresentou para prestar depoimento sobre a morte do botafoguense Rafick Tavares da Silva Câncio, de 20 anos. **Ele e mais três integrantes de uma facção de torcida organizada do Flamengo são acusados de assassinar a golpes de foice o torcedor do Botafogo**, domingo, após o clássico carioca.

(Estadão, 10/11/2005)

Antes do jogo, **um integrante de uma torcida organizada do Flamengo foi baleado** na Avenida Brasil, por um membro de facção rival do clube. Ele foi

atingido de raspão. **A polícia também registrou várias brigas entre torcedores** de Flamengo e Botafogo

(Estadão, 30/04/2007)

O torcedor Alessandro Camilo de Melo, de 28 anos, **foi baleado na cabeça** no domingo quando retornava para São Paulo **em um ônibus no qual viajavam integrantes de uma torcida organizada do Palmeiras**, após o jogo com o Flamengo.

(Estadão, 15/05/2007)

"Morre flamenguista agredido em briga" - Germano Soares da Silva, de 48 anos, **que integrava uma facção de torcida organizada do Flamengo, morreu ontem em consequência das agressões sofridas** no dia 16, pouco antes do jogo de basquete entre Vasco e Flamengo, em Niterói. [...] **a briga generalizada deixou alguns feridos**, entre os quais Germano, com traumatismo craniano. [...] **A briga entre os grupos rivais levou pânico a quem passava** pela praça XV na noite de sexta-feira. **Os torcedores se enfrentaram com pedaços de pau, barras de Ferro, pedras portuguesas e armas brancas**. Segundo testemunhas **houve até troca de tiros**.

(Estadão, 22/11/2007)

"Luxemburgo: **Mancha me agrediu**" - Um grupo formado por **cerca de 20 integrantes da torcida organizada Mancha Alvi Verde encurralou a delegação palmeirense no saguão central do aeroporto de Congonhas** por volta das 21 horas. Mas o alvo principal era Vanderlei Luxemburgo... "**foi uma covardia do pessoal da Mancha**". [...] "**fui agredido**, registrei queixa na delegacia e passei por exame de corpo de delito".

(Estadão, 15/11/2008)

"Coritiba se declara 'vítima' e culpa torcida organizada" - **O clube se diz vítima de uma torcida organizada** e promete recorrer contra qualquer punição que seja imposta pelo STJD (Superior Tribunal de Justiça desportiva) - **Enfurecidos com rebaixamento do time** após o 1 a 1 com o Fluminense, **torcedores invadiram o campo, agrediram policiais e depredaram instalações**. [...] **Cirino afirmou ter recebido ameaças de membros da organizada Império Alviverde** na semana que antecedeu o jogo.

(Folha, 09/12/2009)

Durante as investigações, 17 pessoas foram presas e vários objetos apreendidos na **sede da torcida organizada Império Alviverde** - que foi interditada -, **como armas, maconha e um computador com fotos de torcedores uniformizados e armados**. A polícia tem

indícios de que **a invasão do campo e as agressões foram planejadas.**

(Estadão, 30/12/2009)

"**Paz no Pacaembu e brigas longe do estádio**" - **Torcedores se enfrentam na zona norte e tentam bloquear trânsito** em Avenida da Zona Sul. [...] Longe dali, em bairros da zona norte e sul da capital, **brigas de torcidas deram bastante trabalho à polícia**. Os dois confrontos mais sérios foram marcados por **trocas de agressões, intervenção da polícia e até torcedores feridos**. **A briga acabou sem registro de feridos**, mas dois homens - ambos palmeirenses - foram encaminhados para o 72º distrito policial. **Nenhum deles tinha identificação de torcida organizada** e foram liberados às 16:30.

(Estadão, 01/02/2010)

"Polícia Civil prende 12 de organizadas" - Segundo a polícia civil, **integrantes de torcidas vêm usando sites de relacionamento para marcar brigas e anunciar quais serão suas próximas vítimas** […] "Alguns são verdadeiramente torcedores do Vasco e do Flamengo, **mas muitos usavam a torcida organizada** apenas **para promover vandalismo, depredação, briga**", afirmou Ferreira.

(Folha, 16/09/2010)

A polícia acompanhou as atualizações nos sites de relacionamento e conseguiram identificar os suspeitos. "Pelo menos **mais 40 pessoas já estão identificadas** como suspeitos de envolvimento com essas quadrilhas" [...] O trabalho de monitorar as ações de gangues de integrantes de **torcidas organizadas responsáveis por promover brigas e baderna nos estádios e em suas imediações**.

(Estadão, 16/09/2010)

Duas horas antes da partida, **dois torcedores do Palmeiras foram baleados em confronto com a polícia nas proximidades do estádio Prudentão**. **Os dois são membros da torcida organizada Mancha Verde** e foram levados para um hospital, onde passaram por cirurgia

(Estadão, 29/08/2011)

"Por meio de rede social, **família acha corpo em rio**" - **Silva estava desaparecido desde sábado**, segundo seus parentes, que **o encontraram** após descobrir por meio das redes sociais que um corpo **com roupas do Corinthians** havia sido localizado **no rio**. **Torcedores** do Palmeiras **ligados à torcida organizada Mancha Alviverde são investigados** como responsáveis **pelas mensagens** na internet.

(Folha, 31/08/2011)

As torcidas organizadas do **Palmeiras costumam ter uma relação conturbada com jogadores e técnicos**. Em 2008, Vanderlei Luxemburgo, então treinador da equipe Paulistana, **envolveu-se em uma briga com membros da torcida organizada** Mancha Alviverde no aeroporto de Congonhas.

(Folha, 12/10/2011)

"**Vandalismo continua sem punição**" - **Uma semana após a batalha na Inajar de Souza**, em São Paulo, entre as facções Mancha Alviverde, do Palmeiras, e Gaviões da Fiel, do Corinthians, **quando dois torcedores foram mortos**, nem a polícia e muito menos os responsáveis pela Segurança Pública colocaram as mãos dos criminosos [...] **Balanços não oficiais atestam pelo menos 84 torcedores** que morreram vítimas da violência no futebol no país

(Folha, 01/04/2012)

Violência - seis integrantes da torcida organizada TUP, do Palmeiras, **foram detidos** pela Polícia Militar no Estádio do Pacaembu. **Um grande número de torcedores tentou invadir a área destinada à imprensa** e os camarotes na numerada onde estavam os dirigentes alviverdes. Os torcedores estavam revoltados com o mau resultado no clássico contra o Corinthians.

(Estadão, 17/09/2012)

Assim pensam e agem porque não foi um filho deles que perdeu a vida de forma tão cruel, **vítima de um bando de desocupados, arruaceiros, integrantes da famigerada torcida organizada**, com certeza também patrocinada pelo clube.

(Folha, 01/03/2013)

Um membro da Torcida Jovem do Santos foi detido em flagrante ontem horas antes do início do clássico. **A polícia encontrou** dentro do carro do santista **12 rojões, 18 barras de ferro, 10 cabos de Machado** e 2 de madeira (que pode ser usado em enxada). **Todos os objetos tinham o emblema da torcida organizada**

(Folha, 04/03/2013)

"**Polícia do Rio identifica mais brigões**" - O site da Revista Veja conseguiu identificar mais envolvidos na briga. **Vários deles são líderes da torcida organizada Força Jovem do Vasco**. A facção é alvo do Ministério Público do Rio, que pedirá o afastamento da organizada dos estádios por 3 anos [...] **o presidente da torcida**, conhecido como Bruno Pet também **aparece** nas imagens **chamando os atleticanos para a briga**

(Folha, 11/12/2013)

"**Brigas deixam estádios e vão as ruas**" -O clássico entre São Paulo e Santos, disputado domingo, no Morumbi, **terminou com um torcedor espancado até a morte, um baleado e outro ferido na cabeça após ser agredido** [...] **Os casos do fim-de-semana confirmam que a violência no futebol está migrando dos estádios para as ruas**. **Márcio Barreto de Toledo**, 34 anos, integrante da Torcida Jovem do Santos, **morreu na noite de domingo após ser agredido com barras de ferro** no Jardim Aricanduva, na Zona Leste da capital [...] para o comandante Marçal Ricardo Razuk, **os vândalos deixaram de atuar nos estádios para agir os bairros mais distantes**. "Cada vez mais eles marcam as brigas pela internet e montam emboscada. Por isso que acabam acontecendo essas fatalidades"
(Estadão, 25/02/2014)

Um grupo de torcedores do Bahia, **ligado a** torcida organizada **Bamor foi agredido e três pessoas foram esfaqueadas**. A polícia ainda não conseguiu identificar os agressores

(Estadão, 14/04/2014)

"**Preso, torcedor confessa crime no Recife**" - Atingido por um vaso sanitário atirado de dentro do Estádio do Arruda, no Recife, na noite da última sexta-feira. **Integrante de uma torcida organizada do Santa Cruz**, Everton Felipe Santiago Santana, 23 anos, **confessou participação no crime, cometido** após o confronto entre Santa Cruz e Paraná, válido pela terceira rodada da Série B do Brasileirão

(Estadão, 06/05/2014)

Bruno Richard Clementino, de 24 anos e **torcedor do Santos, foi apontado** pela Polícia Civil **como responsável por atropelar e matar** o palmeirense Leonardo da Mata Santos no último domingo, **em um confronto entre as duas torcidas na Via Anchieta** - ele já tem passagem por confronto entre torcidas

(Estadão, 22/10/2014)

"**Preso de Oruro participou de briga no Itaquerão**" - Entre os torcedores que brigaram nas arquibancadas do Itaquerão durante o clássico entre Corinthians e São Paulo, no dia 21 de setembro, está Tiago Aurélio dos Santos Ferreira [...] flagrado no meio da confusão, Ferreira chega a dar um chute em outro torcedor [...] Em fevereiro, ele foi preso após invadir o CT do clube com mais de 100 torcedores [...] Ferreira é o quinto torcedor preso em Oruro a se envolver em confusão depois da volta ao Brasil.

(Estadão, 22/10/2014)

"**Brigões de Vasco e Flu são presos sem direito a pagamento de fiança**" - **Ele estava descendo da**

estação de trem quando viu a confusão e correu em meio ao gás lançado pela polícia, **mas foi para o lado errado**. "Meu filho nunca foi de torcida organizada. É trabalhador motorista de caminhão e acabou de sair do exército", disse ela, chorando, na porta da Cidade da Polícia.

(Estadão, 24/02/2015)

8 integrantes da Pavilhão 9, torcida organizada do Corinthians, **foram mortos a tiros** ontem à noite na sede da agremiação, na zona oeste de São Paulo. As vítimas eram homens entre 19 e 38 anos - cinco deles já haviam sido presos pela polícia. **Entre os mortos está Fábio Neves Domingos**, 34 anos, ex-presidente da Pavilhão 9 e **um dos corintianos presos em Oruro**, na Bolívia, em 2013.

(Estadão, 20/04/2015)

"**Vascaínos provocam briga em jogo da série B carioca**" - Integrantes de uma torcida organizada do Vasco são acusados pela Polícia Militar de provocar conflito. "**Na briga não havia torcedores do América nem do Olaria**", revelou ao estado o tenente-coronel João Fiorentini, comandante do Grupamento Especial de Policiamento de Estádios (Gepe). "O confronto foi formado por torcedores do Vasco contra um outro grupo de times rivais. Com a repressão da polícia nos jogos dos grandes, eles estão migrando para os jogos dos times menores".

(Estadão, 22/05/2015)

"**Corintiano de torcida organizada está em UTI**" -Um torcedor do Corinthians está entre os feridos nos confrontos entre Palmeirenses e corintianos que abalaram a cidade de São Paulo antes do clássico no Pacaembu, domingo, pelo Paulista. Raphael Menezes de Souza Vieira, de 21 anos, **sofreu traumatismo craniano durante a briga na Estação Brás do metrô. O rapaz, que é membro da torcida organizada Pavilhão 9**, deu entrada no Hospital das Clínicas no domingo, às 13h43, e continua internado em estado grave na UTI. Os confrontos no Brás foram os mais violentos. **A confusão teve início quando aproximadamente 100 torcedores do Palmeiras estavam na plataforma em direção à Barra Funda e um trem recheado de corintianos parou na mesma estação** em sentido contrário.

(Estadão, 06/04/2016)

Policiais do DEIC (Departamento Estadual de investigações criminais) **prenderam ontem envolvidos no assassinato de Moacir Bianchi** um dos fundadores da torcida organizada Mancha Verde, a principal do Palmeiras [...] **O incidente se deu logo depois de integrantes da Mancha Alviverde discutirem na sede da torcida**.

(Estadão, 30/08/2017)

> "**MP pedirá prisão de integrantes da Mancha**" - O promotor público Paulo Castilho, representante do Ministério Público de São Paulo, vai pedir nos próximos dias a prisão preventiva de quatro integrantes da torcida Mancha Alviverde, do Palmeiras. **No último sábado, eles se envolveram em uma violenta briga dentro de um trem na estação Água Branca** [...] **com torcedores do São Paulo, ligados à Independente.**
>
> (Estadão, 08/02/2018)

> "**Torcedor morre depois de ser espancado**" - O soldador Danilo da Silva dos Santos, de 31 anos, morreu ontem **após uma briga entre torcedores de Santos e Corinthians**, ocorrida em Itaquaquecetuba, região metropolitana de São Paulo. Ele era casado e deixa duas filhas. Segundo informações da Polícia Militar, **21 santistas integrantes de uma torcida organizada foram presos**. Entre eles estão dois menores. Os santistas **alegaram em depoimento** aos policiais **que sofreram uma emboscada** de torcedores corintianos, quando se dirigiam a uma confraternização antes do clássico no Pacaembu
>
> (Estadão, 05/03/2018)

> o Ministério Público de São Paulo mostra preocupação com **as brigas entre torcedores do mesmo clube** [...] No mês de maio, **um torcedor do Palmeiras foi baleado no ombro por um membro da torcida organizada do mesmo time ao lado do Shopping Metrô Tatuapé** [...] segundo a PM, **um grupo** de torcedores palmeirenses conhecidos como "**Excluídos da Mancha Verde**", **apedrejou ônibus da torcida e atirou contra os que estavam na rua**. Dez foram presos.
>
> (Estadão, 05/07/2019)

A partir destes excertos pode-se perceber a concepção restrita dos jornais em relação à violência, dado que tais veículos de comunicação relacionam o fenômeno da violência apenas à existência de confrontos físicos. Por exemplo, casos de racismo e corrupção, que apareceram no Arquivo, sequer são considerados como violência. Outros casos que ocorrem no ambiente do futebol (todavia que não apareceram nesta busca dentro do Arquivo, tais como: assédio moral, sexual, machismo, sexismo e outras formas), também não são considerados como violência. Além disto, nestas reportagens, a palavra violência sequer era mencionada.

Neste sentido, destacam-se dois episódios de grande proporção no futebol nacional acerca deste tema. Curiosamente, envolveram atletas da mesma posição:

goleiros. Além disto, eram goleiros de grandes equipes brasileiras. O primeiro caso é do goleiro Felipe (ex-jogador do Corinthians e Flamengo entre os anos de 2007 e 2015[50]). Este foi alvo de insultos racistas em uma partida em Caxias do Sul contra equipe do Juventude no ano de 2008. No episódio, os dirigentes da equipe rival menosprezaram as reivindicações do goleiro corintiano e chegaram a afirmar que eram demasiadas. O caso foi arquivado pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) (DIÁRIO DO NORDESTE, 2008).

O outro caso, que teve mais repercussão ainda, envolveu o goleiro Aranha, no ano de 2014. Em decorrência dos insultos racistas proferidos por torcedores gremistas, que o chamaram de "macaco", o Grêmio foi excluído da Copa do Brasil. Este episódio foi relatado no Arquivo. Torna-se interessante destacar que o jornal em questão (Folha - edição do dia 05/09/2014), cita que a agressora não era membro de torcida organizada, como se esta filiação pudesse justificar o comportamento da torcedora:

> "**A gremista alegou que não faz parte de nenhuma torcida organizada**. Ela não nega as palavras, mas a intenção não era ofender, ela foi no embalo da torcida. Ela explica que tem canções, e o próprio Inter se chama de macaco."
> (Folha, 05/09/2014)

A eliminação do Grêmio poderia simbolizar o início de um grande combate ao racismo no futebol brasileiro, entretanto em uma análise um pouco mais profunda, percebe-se que tal situação ainda é estrutural no futebol e na sociedade brasileira, assim como já destacaram os estudos de Bersani (2018) e Batista (2018).

Perversamente, Aranha também foi vítima de outro episódio de racismo. Cerca de cinco meses após o já mencionado episódio (envolvendo a torcida gremista), desta vez, o goleiro foi ofendido por sua própria torcida: a do Santos Futebol Clube. As ofensas ocorreram virtualmente, após o atleta entrar na Justiça do Trabalho, reivindicando o pagamento de salários atrasados pelo clube (ESTADÃO, 2015).

Além destes casos envolvendo os goleiros brasileiros, o Arquivo também flagrou casos de racismo internacionais. Alguns tiveram grande repercussão como os dos atletas: Kevin Prince Boateng (jogador do Milan que se revoltou com o racismo sofrido e chutou a bola em direção a torcida), Yaya Touré (jogador do Manchester City da Inglaterra, que sofreu racismo na partida contra o CSKA da Rússia e cobrou publicamente os dirigentes

[50] Deve-se lembrar que entre os anos 2010 e 2011, o atleta teve breve passagem no futebol português na equipe do Sporting de Braga.

da UEFA) e Koulibaly (o atleta do Napoli se revoltou com os insultos racistas durante a partida contra a Inter de Milão e acabou sendo expulso). Todavia, apesar de aparecerem no Arquivo, nestas produções jornalísticas não havia sequer a utilização da palavra violência. Portanto, não poderiam ser consideradas para a análise aqui levada a cabo, entretanto, auxiliaram na explicitação da concepção restrita dos jornais acerca da violência.

Sendo assim, com base nos elementos apresentados até agora, pode-se compreender que os jornais investigados aproximaram a violência apenas a existência de agressão física e ignoraram outras manifestações. Em suma, se o episódio não envolvesse "tiro, porrada e bomba" não era considerado como violência.

Após a explicitação da concepção restrita de violência para os jornais investigados, neste momento, busca-se evidenciar aos leitores as (ir)regularidades discursivas, os marcos, as transformações e o acontecimento foucaltiano. Ou seja, apresentar as minúcias que compõem tudo aquilo que foi dito e produzido sobre as torcidas organizadas ao longo dos 51 anos analisados. Para mobilizar tal discussão, destacam-se duas produções jornalísticas: a primeira de 1985 e a segunda de 1992.

1° produção jornalística:

"**A guerrilha dos Verdes**" – "Todo mundo contou que **as brigas existem por todo canto**. Contaram de um jogo entre Roma e Lazio, em que **destruíram estátuas que existiam nas proximidades do estádio**. Olha: **não adianta nada dizer que europeu é mais civilizado**. Torcedor é torcedor". **bate-boca e provocações são comuns** na viagem de ônibus até o estádio do Morumbi. [...] Os palmeirenses da TUP, agora estão a caminho do Anhangabaú. Os rapazes molestam mulheres, casais, motoristas. E cantam: "**Se o Palmeiras não ganhar, olê, olê, olá, o pau vai quebrar**". [...] Daqui a 3:30 o Palmeiras enfrenta o Santos, no Morumbi: os guerreiros verdes conversavam no vão sob as arquibancadas do Parque Antártica. Quase todos garotos. Há certa apreensão no ar: durante a semana inteira, **as várias torcidas uniformizadas receberam telefonemas ameaçadores dos inimigos santistas. Haveria briga, na certa. Por isso alguns pedaços de pau foram levados aos dois ônibus alugados por eles. As armas são colocadas junto com as bandeiras** e os instrumentos da bateria. **A torcida do Palmeiras agora é assim**: não some dos estádios nas fases, grita pelo time, sofre desde 1976 com jejum de títulos e **não rejeita uma boa briga. "A torcida do Palmeiras cansou de ser boazinha**". [...] Os dois ônibus superlotados estão chegando ao Morumbi. Logo atrás chega outro, com **integrantes da Mancha** Verde. Estes **estão mais animados que nunca, exibindo um troféu de guerra raríssimo** em dia de Palmeiras x Santos: **uma camisa do Corinthians**, arrancada momentos antes de um Corinthiano em Prudente, perto do estádio. A camisa foi vestida num Judas improvisado e malhado em frente ao Morumbi. "**É a lei do mais forte**", diz Ricardo Barbosa,27 anos, um dos criadores da TUP. "Se fosse um torcedor do Palmeiras que estivesse com camisa verde em dia de Corinthians x Santos, também apanharia". Hoje, Ricardo afirma, **seria ridícula a campanha que a TUP desenvolveu para promover a paz nos estádios**, vendendo plásticos com desenho de um coração. "Ninguém usaria mais. A turma tem vergonha. Agora, se você botar uma caveira desenhada, todo mundo compra. Quando chega ao estádio o torcedor já vem revoltado, já entra no campo achando que o resultado da partida está arranjando, e o reflexo disso tudo é a revolta".

Revolta que marcou o jogo Palmeiras ou Vasco um com péssima atuação do árbitro Edson Alcântara do Amorim e reclamação de ambos os times que se consideravam prejudicados. "Aquilo poderia ter virado tragédia", diz Barbosa [...] **Só não houve tragédia porque as torcidas uniformizadas do Palmeiras e do Vasco mantém um raro relacionamento cordial**. [...] Os universitários capoeiristas dos Boinas Verdes - a maioria está na faculdade e fazendo capoeira - falaram com altivez: "**nós achamos que o revanchismo não leva a nada, mas não baixamos mais a cabeça às provocações. Escreveu, não leu, estamos acertando nossas contas**" [...] "**Talvez a violência se explique porque o título está atravessado na garganta do palmeirense** desde 1976", diz ele. Mas, para o açougueiro José Assis Nogueira, 30 anos, também do comando, **A violência é gerada pelo baixo nível das arbitragens**: "violento ao juiz", acusa ele [...] Nascida da atual condição de perdedora, da revolta por antigas agressões sofridas, da incompetência dos árbitros ou por puro modismo, **a agressividade da torcida palmeirense** - é certo - **já superou em São Paulo a da frenética torcida Santista e da pesada massa corintiana**. A ponto de o presidente Burti, da TUP, às vezes sentir necessidade de retomar a campanha antiviolência nos estádios, seja ridicularizada ou não. **Para ele, o objetivo único das torcidas organizadas é incentivar o time**. [...] Termina o jogo [...] chega ao ônibus da Brigada Verde a notícia de que "**os santistas estão batendo em crianças e mulheres**", do outro lado do estádio. O ônibus manobra rapidamente para lá e a Brigada, jovens de 15 a 20 anos, entra em ação. **Pancadaria. Não há feridos graves desta vez**, o que leva Maria Piriri, diretora de divulgação da TUP, a filosofar imprudentemente: "**um pouquinho só de violência não faz mal a ninguém**".

(Placar, edição 773, ano 1985)

2° produção jornalística

"**Futebol e barbárie**" - Neste ano, por enquanto, **a morte está ganhando o mais macabro dos campeonatos por 2x0**. **Em janeiro, um garoto de 13 anos foi atingido por uma bomba caseira** quando assistia uma semifinal da taça São Paulo de Juniores. **Na 3° feira outro menino de 16 anos foi esfaqueado por integrantes de uma torcida organizada adversária.** No primeiro caso, o inquérito policial apontou um suspeito, que aguarda o pronunciamento da Justiça. Quanto à vítima desta semana, o sortilégio não podia ser maior: **a torcida organizada a que pertencia, escolheu o primeiro jogo do time para rimar "agora é sério" com "parar no cemitério"**. Para contemporizar, reuniu-se num quartel da polícia militar uma comissão composta por diretores das torcidas, policiais, representantes da CMTC e da FPF todos à procura de **um pacto visando eliminar a violência do futebol**.

(Estadão, 05/10/1992)

Na primeira produção jornalística, de 1985, há a descrição de algumas das práticas das torcidas organizadas que se relacionam ao elemento da violência, a saber: o envolvimento em confrontos violentos, realização de emboscadas e vinganças, distúrbios causados na locomoção pela cidade, depredação de patrimônio público e/ou privado, o canto de músicas agressivas, utilização de armas brancas e de fogo, roubo de camisas de adversários e ridicularização sobre a adoção de uma campanha de paz. Além disto, neste trecho, há a descrição de possíveis causas da violência, bem como a faixa etária dos membros e as relações que estabelecem com outras torcidas organizadas (sejam elas de rivalidade ou amizade).

Além de evidenciar práticas de violência das torcidas, o segundo excerto, de 1992, também apresenta a existência de outros atores que compõem a organização e realização

do futebol profissional (Federação Paulista de Futebol – FPF e órgãos públicos: polícia militar e CMTC) e a busca pela eliminação da violência no futebol. De antemão, já é possível destacar este constante argumento presente nos jornais: "é preciso acabar com a violência". Tal frase se assemelha a uma busca, um desejo, obsessão de eliminação deste fator. Todavia, esta tese discorda radicalmente deste desejo, pois considera ser utópico eliminar totalmente a violência das relações sociais. Ou seja, aqui considera-se que a violência é um elemento que compõe diversas relações sociais.

Neste sentido, é fundamental destacar a existência de diversos relatos de violência ao longo dos 51 anos investigados. Eles envolvem os mais diversos atores do cenário futebolístico, sejam eles: torcedores comuns, organizados, policiais, dirigentes, atletas e profissionais da comunicação. Considerando este dado, é nevrálgico compreender que a violência é uma prática que compõe as relações estabelecidas no ambiente do futebol brasileiro, conforme os excertos já apresentados e que fundamentam o D(3): torcida organizada é violência evidenciam.

Dito isto, inicia-se a análise a partir da comparação das duas produções destacadas acima. Comparando-se, a primeira com a segunda produção jornalística, embora haja certa equivalência negativa entre os termos "guerrilha" e "barbárie" (utilizados nos títulos das produções), na segunda produção jornalística, há inserção da manifestação máxima da violência: a morte[51].

A partir da morte de Rodrigo de Gásperi em 1992 (a primeira ocorrida dentro de um estádio de futebol) surge uma irregularidade discursiva, portanto, um acontecimento foucaultiano. Pode-se caracterizar o acontecimento como algo que foge à estrutura. É uma ruptura, uma irregularidade. Lembrando que o acontecimento é definido como um fato ou sequência de fatos, que modifica as práticas discursivas e não discursivas (econômicas, sociais, políticas, institucionais) (FOUCAULT, 2008).

No âmbito discursivo desta investigação destaca-se a utilização de palavras[52] e expressões, tais como: "quadrilhas", "bárbaros", "feroz", "truculência", "selvageria", "praga", "vândalos", "*hooligans*", "bandidos", "meliantes", "terroristas", "facções",

[51] Deve-se esclarecer que a morte de Cléo Sóstenes, fundador da Mancha Verde em 1988, não foi considerada como diretamente relacionada ao futebol, visto que até hoje não se sabe ao certo qual situação gerou esta morte. Todavia, esta pode se relacionar com a situação das torcidas e indicar um acirramento nos conflitos, assim como já salientam os estudos de Toledo (1996) e Pimenta (1997).

[52] Cabe destacar que a partir deste episódio a caracterização negativa das torcidas se torna cada vez mais constante, porém ela não nasce ali. É possível verificar a existência de produção discursiva negativa em relação às torcidas anteriormente ao acontecimento foucaultiano aqui elencado. Entretanto, a partir dele que se iniciam as transformações em ambas as práticas (discursivas e não discursivas).

“extinção”, “esta gente não tem jeito”, “tragédias”, “irracionalidade”, “morte”, “macabro”, “barbárie”, “paus”, “pedras”, “morte”, “bomba caseira”, “prisão”, “agressivos”, “espúria”, “arruaceiros”, “desordeiros”, “desocupados”, “criminosos”, “organizações criminosas”, “colocar atrás das grades pessoas agressivas”, “conferência da paz”, “álibi”, “reuniões”, “vítima da violência”, “tiro”, “covardia”, “vingança”, “confronto”, “terror”, “corre-corre” “situação perigosa”, “feridos”, “bandidagem”, “pânico, medo e fragilidade do torcedor”, “guerrilha urbana”, “cerco contra torcedores”, “guerra sem sentido”, “hordas”, “organização paramilitar”, “tribalismo” e outras, que não eram utilizadas com tamanha frequência, assim como, foram utilizadas posteriormente ao mencionado acontecimento foucaultiano.

Com base nos dados anteriormente apresentados, pode-se afirmar que existe uma ruptura no discurso. Ou seja, após o caso Rodrigo de Gásperi, muda-se o discurso: novas palavras são inseridas, e por conseguinte, novas conotações, sentidos, significados também surgem. Além desta mudança, destaca-se outro dado que suporta o acontecimento foucaultiano por esta tese elencado: a estrutura das notícias.

A partir da morte de Rodrigo de Gásperi, majoritariamente, as produções jornalísticas “sobem o tom”: inserem um tom policialesco à questão, pois passaram a conter o relato do protagonista (torcedor) aliado com o relato do especialista (geralmente, policial ou promotor público), aproximando assim a esfera esportiva da policial. Além disto, as produções jornalísticas (apesar de descreverem e relatarem os confrontos envolvendo torcidas organizadas) não buscavam compreendê-los, racionalizá-los ou os inserirem em uma lógica histórica específica.

Dito de outro modo, é a partir do acontecimento foucaultiano, que no discurso do jornalismo esportivo, a violência das torcidas organizadas se torna um problema. Concisamente, pode-se dizer que, anteriormente ao acontecimento foucaultiano, falava-se em um acirramento das rivalidades, aumento das brigas e a utilização de armas brancas e/ou de fogo, por vezes. Entretanto, os torcedores organizados eram considerados como torcedores, ou minimamente, cidadãos (conforme visto na primeira produção jornalística, datada de 1985, destacada no início da seção). Não existiam relatos de mortes, sendo assim, os confrontos eram considerados como “menos perigosos”, afinal como destacado na produção: “um pouquinho só de violência não faz mal a ninguém”.

Todavia, a partir do primeiro "corpo estendido no chão"[53] há uma transformação. A figura do torcedor organizado passa a ser cada vez mais criminalizada e estigmatizada. Ela deve ser extirpada do cenário do futebol, conforme aparece na introdução da tese "temos que varrê-los do futebol". Desta maneira, com base nos elementos aqui analisados, há a irrupção de um acontecimento foucaultiano.

Didaticamente, pode-se destacar que, a partir do acontecimento foucaultiano destacado pela tese (morte de Rodrigo de Gásperi) existem transformações nas esferas: social (representação social das torcidas organizadas, que passam a serem vistas como perigosas e ligadas à criminalidade), política (o Estado passa a ser cobrado socialmente e começa a intervir na questão), econômica (o futebol profissional cada vez mais é concebido como uma mercadoria) e institucional (sobretudo, polícia militar e federações estaduais passam a punir, vigiar e segregar as torcidas organizadas). Isto é, o acontecimento foucaultiano faz com que novos elementos "entrem em campo", tanto do ponto de vista discursivo, quanto do não discursivo (práticas, sanções, regulamentos, etc.).

Há uma descontinuidade, uma transformação, uma ruptura em relação às torcidas organizadas: ruptura naquilo que vinha se dizendo sobre e naquilo que vinha se fazendo. Os torcedores deixam de serem cidadãos para se transformarem em uma figura perigosa, criminosa, delinquente, marginalizada (âmbito discursivo) e deve-se mudar aquilo que vinha sendo feito por parte das autoridades públicas competentes (âmbito não discursivo).

É a partir daí que a violência entra no discurso midiático sobre as torcidas organizadas, de modo mais frequente. No plano discursivo, os torcedores organizados passam a serem encarados como um problema. Para sustentar tal afirmação, recorre-se às estruturas das produções jornalísticas. Elas passam a conter, com muito mais frequência, a estrutura do relato do protagonista aliado ao relato do especialista, que neste caso, não raro era policial. Ou seja, há uma aproximação entre torcida organizada e polícia nas produções discursivas.

A seguir destaca-se um exemplo de como os policiais são instados a se posicionarem na condição de especialistas sobre a questão. Chegando, inclusive, a proporem soluções para a questão:

> "Morte expõe impotência do país da Copa" - **Autoridades admitem que, mesmo com o aumento de efetivo policial, é difícil conter violência das torcidas**

[53] Referência realizada ao célebre bordão utilizado por Januário de Oliveira em suas narrações futebolísticas: "Tá lá um corpo estendido ao chão".

> **organizadas** [...] “Estamos aumentando o efetivo há anos. O problema destas torcidas organizadas é que elas sentem satisfação em brigar. Reforçamos o policiamento e, ainda assim, temos problemas", **afirmou o Major José Balestiero Filho, subcomandante do 2º Batalhão de Choque da PM** e que se diz **favorável à adoção do plano de torcida única**.
>
> (Folha, 05/06/2009)

Do ponto de vista acadêmico, estes dados apresentados pela presente tese corroboram os evidenciados por Hollanda (2009) ao investigar o Jornal dos Sports. O autor aponta que houve uma mudança na visão acerca da representação social das torcidas organizadas. Nas palavras do autor, tem-se que “as narrações jornalísticas das invasões de torcedores de uma cidade a outra, de uma região a outra [...] eram substituídas por representações menos festivas e enaltecedoras” (HOLLANDA, 2009, p. 26). Títulos utilizados outrora, tais como: “A invasão da Alegria” e “Fiel chegou ao Rio de Janeiro cheia de amor para dar”, eram cada vez mais raros para representarem estes grupamentos torcedores.

Neste momento, realiza-se uma consideração importante. Apesar de o número de confrontos violentos entre torcidas organizada aumentar substancialmente na década de 1980, conforme já demonstram diversos estudos acadêmicos, sobretudo os clássicos na literatura (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997), as produções jornalísticas aqui investigadas ainda não noticiavam, de forma massiva, este processo. Tampouco, estigmatizavam tais grupos como “violentos”, “perigosos” e “marginais”. Ou seja, os confrontos ocorriam no plano empírico, todavia ainda não eram noticiados com tamanha frequência nos periódicos investigados. A morte do ex-presidente da Mancha Verde Cléofas Sóstenes Dantas da Silva em 1988 é um exemplo disto.

Uma morte causada por arma de fogo em um dia sem partidas de futebol. Apesar de, até hoje em dia, não se obter uma resposta concreta se esta morte foi causada por outras torcidas organizadas, na época gerou-se a hipótese de que esta morte teria sido executada por um membro da Gaviões da Fiel. Ademais, relatos de torcedores contemporâneos ao ex-presidente da Mancha, apontam que Cléo era um “exímio brigador”, fato este que reforça tais suspeitas da época (CANALE, 2021, p. 48). Embora os jornais tenham noticiado a morte de Cléo não existia uma narrativa estigmatizante e/ou adjetivação negativa destes torcedores.

Vale lembrar também, que a explosão discursiva em torno das torcidas organizadas nos jornais investigados ocorre na década de 90, conforme evidenciado na

Figura 1 (apresentada anteriormente). Tomando como exemplo o jornal "Estadão", na década de 80 existiram 51 produções jornalísticas, ao passo que na década subsequente, houve 191 produções. O número triplica, indicando que esta questão chamava a atenção dos periódicos analisados. Neste mesmo período, os meios de comunicação começam a relatar as primeiras mortes, tanto dentro, quanto fora dos estádios. Este é mais um dado que sustenta o recorte do acontecimento foucaultiano: um crescimento abrupto na produção sobre torcidas organizadas.

Neste sentido, os dados apresentados por Canale (2021) reforçam os resultados aqui expostos. O historiador correlaciona o aumento de confrontos violentos envolvendo jovens torcedores com o aumento de casos de violência social na cidade de São Paulo entre 1979 e 1984. Os dados de Pimenta (1997) também relacionam a ruptura no tecido social com o fenômeno da violência no futebol, reforçando assim, os resultados aqui apresentados. Nas palavras do autor, tem-se que:

> Defendo a ideia de que é a partir dos anos noventa que a coisa fica brava – mortes frequentes, depredações do patrimônio público e privado, danos aos trens e metrô -, surgindo grupos diferentes que começam a travar lutas corporais além dos limites do estádio, criando uma identificação de que os mais "*fudidos*" merecem mais admiração e respeito, não só na ótica dos grupos, mas também na dos integrantes desses grupos que assimilam, ferozmente, os códigos e as regras existentes.

Sendo assim, pode-se afirmar que apesar deste aumento nos confrontos entre torcidas organizadas (sinalizado por outros estudos acadêmicos), as produções jornalísticas ainda não empregavam, majoritariamente, as palavras e expressões pertencentes ao D(3) – torcida organizada é violência. Estes dados sinalizam que o atual cenário de criminalização das torcidas organizadas é um processo que se inicia na década de 90.

Este resultado corrobora os dados expostos por Lopes (2016) acerca da construção da violência no futebol como um problema social. O autor sinaliza a existência de uma defasagem da veiculação do tema na mídia e a produção científica e acadêmica[54] acerca do tema. Tal cenário gerou a constituição de uma agenda social, sem a participação de

[54] Cabe lembrar, que a própria produção acadêmica sobre o tema futebol e violência cresceu muito a partir de 1990 (SILVA, 2009), influenciada pelo aumento dos confrontos entre torcidas e casos de violência dentro e fora dos estádios de futebol, sobretudo pela Batalha do Pacaembu, que gerou a produção do livro "A violência no esporte". Portanto, diante dos dados aqui analisados aliados à literatura acadêmica, pode-se afirmar que a partir do episódio da Batalha do Pacaembu, a violência se consolida como um problema relacionado às torcidas organizadas.

acadêmicos, pois os meios de comunicação noticiaram este problema *in loco*, ao passo que naquela época ainda não se realizavam estudos científicos acerca do tema. Conforme o autor evidencia em outra produção (LOPES, 2012), o tema da violência passa a aparecer nas pesquisas, apenas a partir da segunda metade dos anos 90: período condizente com a Batalha do Pacaembu (ocorrida em 20/08/1995).

Os dados de Lopes (2016) auxiliam na interpretação dos resultados aqui encontrados, em termos de os policiais e promotores públicos ocuparem esta posição de especialistas no debate acerca da violência no futebol, visto que, na constituição deste campo, ainda não existiam acadêmicos, que pudessem participar deste debate desde o seu início (LOPES, 2016). Todavia, cabe a ressalva que, atualmente, existem diversos acadêmicos que podem e devem ocupar este espaço de interlocução com as torcidas e o poder público, assim como ocorreu nas iniciativas do governo federal no contexto dos megaeventos esportivos, que foram sediados no Brasil, conforme registrou o estudo de Teixeira e Hollanda (2016).

Diante destas considerações, neste momento, torna-se possível compreender a produção de frases, tais como a proferida pelo pai de um dos envolvidos no confronto da Batalha do Pacaembu, no ano de 1995. Cerca de uma semana após o confronto, o pai do garoto afirma o seguinte:

> "**As torcidas organizadas representam um problema para o futebol, mas não sei se deveriam ser extintas.** Os adolescentes gostam delas. Eu não tenho as soluções para acabar com a violência no futebol. **Se o governo não tem a solução, se os dirigentes não têm a solução, por que eu deveria ter?**"

A partir deste excerto, pode-se perceber que o aumento de confrontos já vinha acontecendo, assim como sinaliza Canale (2021), pois o pai do envolvido delimita a existência de um problema social. Neste sentido, assim como destaca Lopes (2016), houve a definição de uma agenda partir deste episódio, pois os confrontos vinham ocorrendo, porém sem a atenção da grande mídia.

A morte Rodrigo de Gásperi acende um sinal de alerta. Uma espécie de "sinal amarelo", que denunciava o aumento das rivalidades no âmbito das torcidas organizadas. Este é o acontecimento foucaultiano, pois abre espaço para a existência de novos discursos: torcedores são efetivamente violentos. Esta é a irregularidade discursiva que sinaliza, denuncia um processo que estava em curso (o aumento dos confrontos), porém

este processo somente fica evidente para todos, quando ele transborda: a partir da Batalha do Pacaembu. Após este episódio surge o "sinal vermelho". As torcidas são definitivamente estigmatizadas e criminalizadas: situação atual vivida por tais grupamentos. Tal situação foi destacada na epígrafe da introdução da tese.

Após a elucidação das mudanças discursivas, parte-se agora para a exibição das mudanças não discursivas. Além das transformações no âmbito linguístico, foi possível também observar uma série de modificações nas práticas (âmbito não discursivo). Ou seja, a partir da análise das práticas pode-se afirmar que também existiram muitas transformações em relação ao que se faz perante as torcidas organizadas. Os âmbitos político, institucional, social e econômico foram transformados desde o episódio destacado como um acontecimento foucaultiano, mas se intensificam a partir da Batalha do Pacaembu.

Corroborando este resultado da tese, Hollanda e Teixeira (2017) ao descreverem o processo de gentrificação das arenas no Brasil destacam que, primeiro, há uma mudança no discurso: a partir da inserção da ideia de conforto. Posteriormente à instauração deste discurso (e uma consequente mudança nos dizeres), há inserção de "uma série de regulamentos, leis e aparatos tecnológicos de vigilância do comportamento torcedor" (HOLLANDA; TEIXEIRA, 2017, p. 3).

Diante disto, neste momento, destacam-se algumas transformações, juntamente com o ano de sua implementação e/ou modificação. Tal levantamento serve para demonstrar a série de mudanças ocorridas a partir da morte de Rodrigo de Gásperi.

i) porte de bomba caseira em eventos esportivos passa a ser crime inafiançável (1992)
ii) proibição da venda de bebidas alcóolicas (1995)
iii) proibição da entrada de bandeiras de mastro (1995)
iv) extinção das torcidas Mancha Verde e Independente (1995)
v) criação de cadastro de torcedores organizados (1995/2009)
vi) fortalecimento dos estudos acadêmicos sobre violência no futebol (1995)
vii) elaboração do relatório da Comissão Paz no Esporte (2005/2006)
viii) criação (2002) e reformulação do Estatuto do Torcedor (2010/2019)
ix) criação da Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espetáculos Esportivos - CONSEGUE (2003)
x) fortalecimento da gentrificação dos estádios - transformação em arenas (2014)

xi) proibição da torcida visitante em clássicos paulistas - torcida única (2016)

Os trechos dos jornais analisados relatam tais mudanças. Ou seja, todas estas mudanças nas práticas em relação às torcidas foram flagradas na análise arquivística aqui levada a cabo. Utiliza-se como exemplo os itens "v" e "vii". O cadastro dos torcedores organizados e a reformulação do Estatuto do Torcedor serão evidenciados em suas aparições no Arquivo.

Vale lembrar que a ideia de cadastro dos organizados surge logo após a Batalha do Pacaembu e teve diversos percalços até sua efetivação. Um destes percalços foi a contratação de uma empresa (ligada a um ex-presidente do Palmeiras, Mustafá Contursi) que recebeu o dinheiro e não realizou o serviço. Apresenta-se então a primeira transformação: cadastro dos torcedores organizados.

> "**PM do Rio vai cadastrar uniformizados**" **- Um banco de imagens e um cadastro com dados pessoais dos torcedores** são as principais estratégias da Polícia Militar do Rio para identificar integrantes violentos das organizadas. **O objetivo é rastrear antecedentes criminais e facilitar a identificação dos flagrados em delito**. "Se alguém for preso, a torcida será limitada e tentaremos fazer com que este indivíduo seja excluído do grupo". **Os líderes de torcida resistem a essa ideia de cadastro que consideram como autoritária**. A polícia militar cedeu à pressão dos líderes e liberou o uso de bambus para segurar as bandeiras, proibidos nos últimos jogos.
>
> (Folha, 23/09/1995)

Neste excerto evidencia-se uma argumentação dos torcedores organizados em relação à medida de cadastro: ela parece ser autoritária. Neste sentido, Anastasia Tsoukala, em sua palestra no Brasil, ao explicar os mecanismos estatais utilizados por França e Inglaterra no controle de torcedores de futebol, afirma o seguinte: as medidas adotadas por estes países invertem a lógica do direito penal. Com isto, todos os torcedores devem provar que não são culpados, visto que perdem a pressuposição de inocência. Além disto, é a polícia quem define quem é culpado ou não. Todavia, tal prerrogativa deveria ser atendida por juízes e não por policiais (TSOUKALA, 2014). Em pesquisa anterior (PALHARES, 2014), torcedores organizados já demonstravam preocupação com a utilização deste cadastro por parte da polícia, que poderia chantagear ou persegui-los.

Na esteira das medidas cada mais punitivas ao torcedor, descritas por Tsoukala (2014), a pesquisa de Gonçalves e Dutra (2018) se mostra favorável ao cadastramento biométrico exclusivo dos torcedores organizados do estado de Santa Catarina, bem como o monitoramento das áreas externas dos estádios. Os autores afirmam que existem preceitos jurídicos (Estatuto do Torcedor) e ampla capacidade técnica para a realização de tais medidas, que na visão dos autores, contribuiriam com a preservação da ordem pública (GONÇALVES; DUTRA, 2018). Porém, a visão destes autores restringe o fenômeno da violência apenas aos torcedores organizados.

Ademais, cabe outra crítica a este estudo de Gonçalves e Dutra (2018), pois os autores não foram a campo verificar as condições objetivas dos locais nos quais as partidas são realizadas. Apenas realizaram um apanhado bibliográfico. Tal crítica é necessária, pois ao redor do país, de modo geral, ou de um estado, de modo específico, existem muitas diferenças estruturais nos estádios ou arenas que recebem as partidas. A título de exemplo, um estádio do interior em um campeonato estadual não teria a mesma condição de receber o público e verificar os cadastros de torcedores organizados com conforto, agilidade e segurança do que um grande estádio das capitais. Do ponto de vista da gestão esportiva, os estudos de Drula (2015) e Cesar, Mazzei, Rocco Júnior e Oliveira (2013) já destacam que a condição estrutural do estádio é um elemento que interfere na experiência do torcedor, sobretudo no que se relaciona à segurança e conforto.

A segunda transformação não discursiva destacada, se relaciona à criação (e posterior alteração) do Estatuto do Torcedor. Tal medida será abordada neste instante. A referida alteração demonstra a preocupação estatal em estabelecer uma norma em relação às torcidas organizadas.

> O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou nesta terça-feira a lei que modifica o Estatuto do Torcedor. **Entre as mudanças, estão a criminalização de atos de violência e vandalismo nos estádios** e a venda ilegal de ingressos [...] a lei determina, ainda, o cadastramento dos associados ou membros das torcidas organizadas [...] **A torcida organizada que promover tumulto será impedida de comparecer aos jogos pelo prazo de até três anos**
>
> (Estadão, 28/07/2010)

Conforme evidenciado no excerto, o Estado tenta regular as práticas das torcidas organizadas, sobretudo, a partir de proibições, vigilância e punições. Mais recentemente,

em 2019, houve a ampliação dos crimes que podem ser punidos pelo Estatuto do Torcedor. Tal mudança pode ser observada no seguinte excerto.

> Sem qualquer veto, o presidente Jair Bolsonaro sancionou o **projeto** da Câmara dos Deputados **que amplia a lista de casos de violência passíveis de punição pelo Estatuto de Defesa do Torcedor e aumenta a sanção prevista às torcidas organizadas e seus associados** […] **a lei permite punir casos de invasão de treinos, confrontos entre torcedores fora dos estádios e atos de agressão praticados contra atletas**, árbitros, fiscais, organizadores de eventos e jornalistas mesmo em seus períodos de folga
>
> (Estadão, 27/11/2019)

Apesar destas mudanças no Estatuto do Torcedor, a literatura acadêmica já evidencia (TEIXEIRA, 2001; ALABARCES, GARRIGA ZUCAL, 2005; MURAD, 2007; GARRIGA ZUCAL, 2010; PALHARES, 2014; HOLLANDA, 2014, TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016) uma modificação nos confrontos entre torcedores organizados. Tais confrontos passaram a acontecer mais afastados do estádio (no trajeto e nas localidades periféricas ao estádio) e também houve uma maior especialização (a utilização de artefatos explosivos, armas brancas e/ou de fogo). Acerca do assunto, destaca-se um trecho de Hollanda e Medeiros (2016):

> **Durante os anos 1980, relatavam-se constantes conflitos no interior dos estádios** e também nos portões de acesso. Com o reforço do policiamento, com a territorialização dos setores das arquibancadas e com a imposição de punições e escoltas às torcidas em dias de jogo, estas localidades ficaram mais seguras, o que teve por efeito reduzir a incidência de relatos de confrontos. **Longe de haver uma simples redução, verificou-se em contrapartida do fenômeno da dispersão e do deslocamento dos enfrentamentos coletivos. Na atualidade, a maior parte dos embates violentos ocorre no trajeto para os estádios, como nas rodovias e nos ramais de trem, e mesmo no interior dos meios de transporte**. Afora isto, **é comum também a incidência de conflitos em regiões periféricas**, mais afastadas, por exemplo, em municípios distantes aos locais de realização dos jogos. Na região metropolitana do Rio de Janeiro, por exemplo, é recorrente o registro de incidentes –**tumultos, brigas, linchamentos e, algumas vezes, tiroteios com vítimas fatais –entre torcidas rivais, em municípios como Niterói, São Gonçalo e Duque de Caxias** (HOLLANDA, MEDEIROS, 2016, p. 119, grifo nosso).

No trecho destacado podemos perceber que as mudanças geradas em razão de medidas estatais geraram a especialização da violência. Ou seja, os confrontos migraram para longe dos estádios e com a utilização de armas brancas e/ou de fogo. Outros estudos acadêmicos (REIS, 2005; PIMENTA, 2007; 2013; CANALE, 2012; PALHARES, 2015; CURI, 2017) que investigaram a violência entre torcidas organizadas também sinalizam este movimento. No contexto argentino, a obra "*así cualquiera tiene aguante, de fierro tiene aguante todo el mundo*" de Veronica Moreira também relata este fenômeno da especialização da violência (MOREIRA, 2013).

Além da especialização da violência, Teixeira e Hollanda (2016) destacam a existência de um processo de criminalização do torcer, pois as práticas dos torcedores, sobretudo organizados, passam a ser cada vez mais vigiadas, controladas e cerceadas. Neste sentido, Pimenta (2000) aponta que as autoridades no assunto "violência no futebol" (sobretudo, jornalistas e promotores) explicam a ocorrência da violência com base em argumentos econômicos e sociais.

Tal caminho conduz para que a violência tenha um rosto conhecido: o do torcedor organizado. Assim como salientam Teixeira e Hollanda (2016), as torcidas organizadas passam a ser bodes expiatórios dos meios de comunicação para a questão da violência no futebol. Esta situação se aproxima com o conceito de "consenso fabricado" elucidado por Noam Chomsky (1994).

O autor aborda a noção de controle do pensamento nas sociedades democráticas, a partir da simplificação massiva de temas complexos (papel este, exercido pelos meios de comunicação). Por conseguinte, há o controle das informações disponíveis e, sobretudo, das fontes utilizadas. Todo este processo leva a determinação de uma agenda política, todavia, esta é permeada pelos interesses econômicos e financeiros das grandes corporações (CHOMSKY, 1994).

De modo análogo, Salgado e Silva (2014), ao estudarem a gênese discurso do sintagma "cultura de paz" abordam o efeito de consenso criado, construído em torno desta expressão, uma vez que ela evoca diferentes interpretações. Isto significa dizer que o sintagma "cultura de paz" não foi definido, todavia se constitui como um elemento que possa inspirar as mais diversas iniciativas. Em essência, este seria um termo polissêmico, porém por meio do consenso (algo sabido, amplamente conhecido, desnecessário de explicar) ele se torna compreensível, mas simultaneamente, não definido (SALGADO; SILVA, 2014).

Neste momento cabe um questionamento: será que um processo similar a este ocorre com o sintagma violência no futebol? Será que se convencionou determinada forma, aparição, sentido de um termo que é em essência polissêmico (com vários sentidos)? Embora pertinentes, estas questões não foram delineadas como objetivo da presente tese, portanto não serão respondidas neste material. Todavia, mesmo que minimamente, esta questão voltará a aparecer na conclusão.

Diante disto, após a elucidação do acontecimento foucaultiano e suas consequentes transformações discursivas e não discursivas, neste momento torna-se fulcral destacar, que tanto o jornalismo, quanto o Estado brasileiro geralmente são reativos na questão. Isto significa dizer que medidas (sejam elas preventivas ou repressivas) são adotadas após os confrontos, sobretudo os que mobilizam os meios de comunicação.

Do ponto de vista da literatura acadêmica, um contraponto possível a esta argumentação se configura na série de eventos organizados pelo poder público (principalmente, por meio do extinto Ministério do Esporte), na esteira dos megaeventos esportivos que aconteceriam no país entre 2014 e 2016 (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016). Entretanto, cabe ressaltar que o Ministério foi extinto no ano de 2018, contribuindo assim com a inexistência de medidas acerca da questão, até os dias de realização deste material (início do ano de 2022).

Durante os governos federais petistas, Teixeira e Hollanda (2016) apontavam certa desconexão entre as políticas federal e estadual em torno da violência no futebol. Enquanto o governo federal buscava o viés do diálogo, prevenção, conscientização e participação coletiva, os governos estaduais, geralmente, optavam pela repressão, proibição e sanção. Mediante este desencontro em diferentes âmbitos da política, os autores, na época da elaboração do estudo, já temiam que os avanços gerados por meio da construção coletiva e diálogo pudessem se perder: o que se configuraria em um retrocesso (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016). Situação esta, que posteriormente veio a se confirmar, assim como salienta Teixeira et. al. (2021).

Vale destacar também que os governos estaduais não formam um bloco homogêneo em suas medidas. O governo do Ceará aposta na conscientização e diálogo, medida não adotada no Estado de São Paulo, por exemplo, que preferiu a proibição (ARAÚJO, 2021).

Neste sentido, Matias (2021) chega a afirmar que, durante o governo federal gestão 2018-2022, vive-se uma necropolítica do esporte no Brasil, devido à expressiva

diminuição dos recursos e servidores. A participação social e o planejamento do esporte em âmbito nacional também foram elementos abandonados, "deixados para trás". Curiosa e infelizmente, o autor deste artigo, Wagner Barbosa Matias foi vítima da pandemia. Mais um brasileiro que perdeu a vida mediante à necropolítica do governo federal (com vigência de 2018-2022), que ele próprio denunciava. Após este contraponto, neste momento, destaca-se um trecho que contém as já mencionadas medidas estatais tardias.

> "**Câmara discute violência no futebol dois meses após briga no Pacaembu**" - O objetivo do evento é discutir a questão da violência nos estádios paulistas. **O que motivou o encontro foi a briga entre as torcidas do São Paulo e do Palmeiras**, na final da Supercopa de juniores, ocorrida no Estádio do Pacaembu no dia 20 de agosto,**2 meses e 3 dias atrás**. Apesar de defender o evento, Feder admitiu que acha difícil que ele produza algum resultado prático.
>
> (Folha, 23/10/1995)

Conforme pode-se observar no excerto, além de agir com certo atraso, um representante do próprio Estado acredita que esta medida adotada seja pouco eficiente. Tal argumentação se baseia no fato de que "Feder", mencionado na produção jornalística, se trata do vereador Bruno Feder, vereador à época da Câmara dos Deputados de São Paulo. Ou seja, o próprio representante do Estado não acredita nas medidas adotadas, fato este que comprova a ineficiência e descrença em relação a medidas estatais no que tange à violência no futebol no Brasil.

Desta maneira, diante dos dados apresentados anteriormente, pode-se afirmar, com certa segurança, que a transformação das práticas em relação às torcidas organizadas ocorre após o caso Rodrigo de Gásperi (primeira morte em estádio de futebol no Brasil), e se acentua, após a Batalha campal do Pacaembu, ocorrida em 20/08/1995. Episódio televisionado, no qual, diversos torcedores invadiram o gramado do estádio e se confrontaram utilizando paus e pedras (utensílios que compunham os entulhos do Pacaembu, que passava por reformas).

Este confronto resultou na morte do são paulino Marcio Gasparin, de 16 anos. Sobre este episódio é fundamental destacar a falta de condições estruturais do estádio. Além disto, conforme destaca Chaim (2018), nenhum organizador do evento foi responsabilizado, assim como em outros casos do futebol nacional (CHAIM, 2018). Cabe lembrar que o Estatuto do Torcedor, ao longo de seus artigos, destaca diversas

responsabilidades do organizador do evento e uma delas é garantir a segurança do torcedor. Sendo esta função designada ao clube mandante da partida (BRASIL, 2003).

Diante disto, pode-se especular que a partir da Batalha do Pacaembu, o Estado começa a conceber as torcidas organizadas como um problema social e lança mão de seu aparato para tratar da questão, sobretudo da Polícia Militar.

Sendo assim, neste momento da tese, torna-se mais concreta a perspectiva de que primeiro muda-se o discurso sobre as torcidas organizadas (transformação e inserção de palavras), para posteriormente, existirem mudanças sociais, econômicas, institucionais, legislativas, etc (uma série de medidas destacadas que interferem nas ações adotadas em relação a este grupo).

Assim como lembra Fairclough (2008), o uso da língua está conectado a processos culturais e sociais mais amplos. Isto significa, que a partir da linguagem pode-se tecer uma análise social (FAIRCLOUGH, 2008). Portanto, tais transformações na esfera esportiva estão em consonância com mudanças estruturais, sociais mais amplas, que serão evidenciadas mais adiante. Todavia, neste momento, cabe dizer que esta é "a espuma da onda do mar", assim como na metáfora foucaultiana. Ou seja, este processo ocorrido no âmbito esportivo se relaciona com um processo social mais amplo, que será melhor abordado adiante.

Neste momento, é possível então reconstruir a trama discursiva que gerou tal situação, pois a análise do material de um Arquivo consiste em um exercício de problematizar o presente (torcidas organizadas estigmatizadas, criminalizadas) perguntando ao passado, que é concebido como um âmbito de rupturas e descontinuidades, que a partir do qual se "poderia estimar a emergência de tais problemas como uma irrupção, uma cisão arbitrária, a inauguração de um valor" (AQUINO; VAL, 2018, p. 50).

Problematizar o presente significa, inclusive, compreender a circulação deste discurso e seus efeitos. Neste caso, o sentido predominante de torcida organizada é aquele pertencente ao D(3) – Torcida organizada é violência. Uma produção jornalística denominada "Pensando bem", descrevia o comportamento de um espectador de outro esporte: o automobilismo. Nesta produção tem-se o seguinte trecho:

> Eu me comportei como um **reles *hooligan*, uma qualquer famigerada torcida organizada (proibida e nociva)** daquelas que levam de roldão até as melhores intenções, arrastam até os mais exemplares cidadãos

(Estadão, 01/06/1998)

Neste caso, é possível notar que o sujeito diz que se comportou como um torcedor organizado, todavia insinuando que era um comportamento negativo. Em uma análise mais refinada, pode-se perceber que o próprio título da produção dá a conotação de que estes grupos não pensam, são desprovidos de razão, e por isso, se comportariam deste modo. Desta forma, problematizar este estatuto das torcidas é fundamental para o trabalho no Arquivo.

A análise aqui executada também detectou que, raramente, os jornais apresentavam produções jornalísticas que cobrissem os protestos realizados por torcidas organizadas, sobretudo aqueles fora dos estádios de futebol. Protestando em busca de melhorias estruturais no futebol nacional, reivindicações contra: o preço do ingresso, horário dos jogos e medidas contra a corrupção em entidades esportivas, sobretudo, na Federação Paulista de Futebol (FPF) e Confederação Brasileira de Futebol (CBF), os torcedores foram silenciados neste sentido.

Uma das poucas manifestações apresentadas no Arquivo ocorreu no início do ano de 2016. A Gaviões da Fiel realizou, ao menos dois protestos de grandes proporções, em frente à Federação Paulista de Futebol (FPF) e um no Vale do Anhangabaú (HOLLANDA; LOPES, 2019). Segundo Teixeira e Hollanda (2016) 3 mil torcedores estavam presentes neste ato, que na sequência desenrolou uma série de medidas repressivas estatais (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016).

Estas manifestações foram completamente ignoradas pelos jornais investigados por esta pesquisa. Neste sentido, Lopes (2018) demonstra que a cobertura dos meios de comunicação tradicionais sobre os protestos realizados pelas torcidas organizadas se mostrou potencialmente ideológica, pois apenas reforçava uma concepção social negativa destas instituições. Todavia, quando tais protestos ocorreram dentro dos estádios, aí sim foram registrados pelo Arquivo. O jornalista Antero Greco em sua coluna intitulada "Tribuna livre", do jornal "O Estado de São Paulo", escreveu o seguinte.

> **a Gaviões da Fiel fez barulho pela segunda vez em poucos dias**, sempre do espaço que ocupam no Itaquerão. No meio da semana passada havia levado cartazes nos quais **reclamavam de CBF, FPF, Globo, além de cobrar transparência nas contas da arena alvinegra e pedir prisão para "o ladrão de merenda", sem citar nomes** [...] repetiu a dose na tarde de domingo. **Em ambas as ocasiões houve repressão**. Na primeira,

> ostensiva, **a PM na marra exigiu a retirada das faixas** [...] A alegação é de que a postura do público contraria o Estatuto do Torcedor, que proíbe ofensas racistas e xenofóbicas ou incentivo à violência. **As reclamações da Gaviões não feriam nenhum dos itens**, e a Constituição Federal garante o direito de livre expressão para qualquer cidadão. Ao que consta, a nossa Carta Magna está em vigor [...] **a tomada de consciência da Gaviões não é inédita**; já houve outros episódios. **Porém, esporádicos. Torcidas uniformizadas não são contumazes porta-bandeiras de reivindicações sociais. Uma pena, pois se trata de força popular expressiva**
>
> (Estadão, 17/02/2016)

Vale salientar uma das principais argumentações do excerto destacado: estes protestos não desrespeitaram o Estatuto do Torcedor, portanto não deveriam ser reprimidos. Neste sentido, destaca-se o trabalho de Brasil e Frazão (2013) versando sobre a importância das mídias alternativas no jornalismo. Elas desempenham o papel de contrainformação: levar as informações ausentes e omitidas pelos meios de comunicação tradicionais. Este processo poderia gerar a democratização da informação (BRASIL; FRAZÃO, 2013).

Pensando sobre os protestos em questão, a ausência destes nos jornais, poderia significar inexistência de reivindicações de torcedores: o que não se constitui como realidade. Lopes (2018), ao analisar as diferenças nas coberturas, da imprensa "tradicional" e "alternativa", destes protestos conclui que a cobertura "tradicional" se mostra potencialmente ideológica, pois ressalta apenas o caráter violento, estigmatizando assim as torcidas. Ao passo que as mídias alternativas buscam denunciar as violências sofridas por tais torcidas, se constituindo assim como potencialmente crítica. Portanto, os dados expostos por Lopes (2018) corroboram os de Brasil e Frazão (2013).

Neste ponto, pode-se compreender que um argumento apresentado anteriormente na tese: a contranarrativa dos torcedores organizados não seria reproduzida pelos grandes meios de comunicação, mas sim por estas mídias alternativas. Ou seja, especula-se que seja mais fácil o torcedor organizado possuir protagonismo nas mídias alternativas, do que nos meios de comunicação mais consagrados, pois assim como salienta a pesquisa de Lopes (2012), dificilmente, os meios tradicionais utilizam as torcidas organizadas como fontes de consulta.

Outro aspecto que foi silenciado pelos jornais investigados se relaciona à realização de ações sociais por parte das torcidas organizadas. Diversas pesquisas

(TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; MURAD, 2007; LOPES, 2012; PALHARES, 2014; TOLEDO; SOUZA JUNIOR, 2020) já enfatizaram tal aspecto. Inclusive, o último trabalho acadêmico versa sobre as ações sociais que as torcidas organizadas tiveram no combate à pandemia. Realização de homenagens e apoio aos profissionais de saúde, campanhas para a doação de sangue, disponibilização das sedes como centros logísticos, distribuição de alimentos em comunidades foram algumas medidas levadas a cabo pelas torcidas organizadas (TOLEDO; SOUZA JUNIOR, 2020).

Cabe destacar que as ações sociais realizadas pelas torcidas organizadas buscam diminuir a violência estrutural da sociedade. Sendo assim, as campanhas de arrecadação e distribuição de roupas e alimentos, doação de sangue, festas em datas comemorativas (dias das crianças e páscoa) são exemplos de como as torcidas podem se organizar e promoverem mudanças (mesmo que pequenas) na realidade social assim como destacou Palhares (2014).

Na literatura acadêmica, o cientista político Aníbal Chaim (2018) destaca outros elementos, que apenas tangenciaram as produções jornalísticas sobre torcidas organizadas: A capacidade eleitoral e de mobilização social. Sobre a capacidade eleitoral, apenas duas produções destacaram este elemento. A primeira argumentava que alguns políticos tinham notado que estes grupos poderiam lhes favorecer, ao passo que a segunda, destacava a relação de um político com integrantes de torcida organizada durante um evento.

Sobre a questão política eleitoral, os primeiros estudos sobre torcida organizada realizados por Toledo (1996) e Pimenta (1997) já destacavam este elemento em suas observações com estes grupos, corroborando assim os dados de Chaim (2018). Já sobre a mobilização social, nenhuma produção jornalística investigada abordou este ponto. Entretanto no âmbito acadêmico, Lopes (2009) já salientava a capacidade de as torcidas organizadas se tornarem um meio de lazer, sociabilidade e participação política e exercício de cidadania de diversos jovens, principalmente, aqueles provenientes das periferias das grandes cidades.

Portanto, neste trecho é possível observar uma consonância na literatura acadêmica acerca de torcidas organizadas. Os autores, com base em suas pesquisas científicas, apontam que as torcidas organizadas podem ser um importante espaço de participação cidadã e espaço de sociabilidade e lazer.

Outro ponto importante de ser destacado se relaciona ao perfil socioeconômico dos torcedores organizados. Apenas uma produção jornalística do Arquivo contemplou

este assunto, contudo, este é um tema frequentemente explorado na literatura acadêmica. Um dos primeiros estudos sobre torcida organizada, e que de certa forma, orientou a produção acadêmica, que veio em sua seguida foi o de Luiz Henrique de Toledo.

Em meados dos anos 90, o autor caracterizou os torcedores organizados como oriundos das classes populares, possuindo entre 15 e 18 anos. Em termos de escolaridade formal, estariam entre o primário e secundário. Todavia, a composição socioeconômica da diretoria seria mais complexa, visto que esta, geralmente é composta por pessoas com mais idade, e diferentes níveis de escolaridade (TOLEDO, 1996).

Reis e Lopes (2016) apontam que o torcedor organizado possui emprego (sendo 74,8% com ocupação profissional) e escolaridade compatível com sua faixa etária, fato estes que contrariam o rótulo de "desocupados". Tais dados foram corroborados no I Censo da ANATORG (TEIXEIRA et al., 2021), que lidou com outro setor específico das torcidas organizadas: as lideranças. Ou seja, com base nos dados destas duas produções recentes, pode-se perceber que o perfil sociodemográfico das torcidas organizadas não é o mesmo do que aquele veiculado pelos meios de comunicação tradicionais. Portanto, o estigma de "vagabundos", "desocupados" não se confirma no plano empírico.

Os recentes dados de Moura et. al. (2018) sobre o perfil socioeconômico dos torcedores violentos contraria a ideia de que os torcedores são jovens provenientes dos extratos sociais mais baixos. Segundo os autores o torcedor violento é um adulto jovem, homem, escolarizado, possui emprego e proveniente da classe média (MOURA et. al, 2018).

Especula-se que este resultado divergente de outras pesquisas acadêmicas pode ser proveniente de duas razões: a primeira, se relaciona às escolhas metodológicas dos autores. O estudo contou com 9 torcedores organizados e se iniciou a partir de um torcedor que se considerava violento. Este torcedor indicava os próximos que seriam entrevistados. Neste sentido, não há uma delimitação clara sobre quais critérios foram utilizados para a delimitação do que é "ser violento". Ficando um aspecto mais subjetivo, dado que os critérios da classificação de "violento" não foram apresentados pelos autores. A segunda razão explicativa, pode ocorrer no plano empírico: um possível envelhecimento daqueles torcedores organizados que nos estudos anteriormente apresentados eram considerados jovens.

Os dados da pesquisa de Silva, Debortoli e Silva (2012) demonstram que as torcidas possuem expressiva presença de homens, solteiros, que possuem emprego e vivem com a família (geralmente contendo 2 ou 3 pessoas para além do torcedor). Em

termos de renda a média está entre 1 e 3 salários mínimos (SILVA, DEBORTOLI, SILVA, 2021). Hollanda e Medeiros (2016) também tangenciam esta questão ao combaterem a representação social do torcedor organizado como alguém com trabalho pouco valorizado, baixa instrução escolar formal e um indivíduo marginalizado socialmente.

Sobre a renda dos torcedores organizados, cabe salientar que os dados de Silva, Debortoli e Silva (2012) foram apresentados há uma década atrás. O período de 10 anos pode ter gerado diferenças no que tange à questão. Todavia, vale salientar que o trabalho científico demanda tempo e atenção, elementos que dificultam um acompanhamento *in loco* constante destes dados. Somado a isto, acrescenta-se o já referido cenário de sucateamento da ciência no país: elemento este que dificulta, ainda mais, iniciativas neste sentido.

Certa atenção também deve ser dada ao âmbito econômico, pois nos anos de 2020 e 2021 houve aumento na taxa de desemprego no país, em decorrência da crise sanitária mundial. Dados extraídos do *site* do IBGE registram uma taxa de 11% de desempregados (cerca de 12 milhões de pessoas) no 4° trimestre de 2021. Todavia no ano de 2020, este índice chegou a 14% (cerca de 15,2 milhões de pessoas) (IBGE, 2021). Logo, torna-se plausível especular que estes torcedores também tiveram suas rendas e empregos afetados diante do cenário global.

A já referida criminalização do torcedor também aparece em outras pesquisas acadêmicas (HOLLANDA; LOPES, 2018; TEIXEIRA; LOPES, 2018) e está aliada a uma das principais práticas do Estado brasileiro para lidar com a violência no futebol: a repressão. Neste sentido, destacam-se algumas passagens do Arquivo, nas quais trata-se tanto da criminalização do torcedor, quanto de punição para as torcidas organizadas. Interessante observar como as punições também são posteriores ao acontecimento foucaultiano, fato este que consolida a anterior argumentação.

> "**PM prepara super blitz nos estádios**" - **Torcedores** com roupas que caracterizam grupos organizados **serão barrados** a partir de amanhã em SP.
>
> (Folha, 26/08/1995)

> "**PM filma a torcida** em Taubaté" - **A PM vai impedir** ainda a **entrada de torcedores** com materiais **de torcidas organizadas.**
>
> (Folha, 19/09/1995)

"**PM vai usar 250 policiais em jogo do Palmeiras**"- Seguindo as normas estabelecidas pela FPF (Federação Paulista de Futebol) para diminuir a violência nos estádios, **nenhum torcedor vai poder ir ao jogo com camisa de torcida organizada. As faixas e bandeiras das organizadas também não são permitidas**.

(Folha, 26/10/1995)

"São Paulo reclama" - Para conhecimento público, **citamos as principais proibições**: armas brancas e de fogo, **bebida alcoólica, papéis de qualquer espécie, materiais ou objetos que possam causar ferimentos** (guarda-chuvas, garrafas, etc.) e **vestimentas e bandeiras** que identifiquem torcida.

(Estadão, 10/03/1996)

"Mancha Verde tem página na internet" -A Mancha Verde contra-ataca. E via Internet, a rede mundial de computadores. **A maior torcida organizada palmeirense foi definitivamente extinta pela Justiça no dia 31 de maio**, mas parece não ter levado muito a sério a sentença da juíza Fátima Villas Boas Perrit, da 40° Vara Civel da capital. Nas telas do computador, **a organizada quer mostrar que continua na ativa, desafiando a lei**.

(Estadão, 22/06/1996)

"**Polícia aumenta vigilância sobre organizadas**" - **A intenção é fazer valer a proibição de entrada nos estádios de torcedores portando bandeiras ou camisas das facções** [...] a polícia enfrentou problemas com torcedores que insistiam em vestir a camisa da Gaviões da Fiel, além de estender uma faixa da torcida organizada. [...] "Houve resistência dos membros da organizada em tirar a camisa e **alguns até agrediram os policiais**", disse Sardilli.

(Estadão, 03/06/1997)

"Crise expõe à sanha de torcedores" - **A emboscada durante a madrugada de ontem, efetuada presumivelmente por integrantes da Gaviões da Fiel** ao ônibus do Corinthians, **poderá custar à torcida organizada a sua extinção**. O Ministério Público de São Paulo vai investigar a tocaia na Rodovia dos Imigrantes e apurar as responsabilidades dos envolvidos. **A tendência é que a Gaviões tenha o mesmo destino da torcida organizada Mancha Verde, do Palmeiras, que foi extinta**.

(Estadão, 16/10/1997)

"**Ministério público pede hoje extinção da Gaviões da Fiel**" - Investigação do promotor Fernando Capez comprova atos de violência da torcida organizada. **O**

Ministério Público deve entrar hoje com uma ação cível pública contra a torcida organizada Gaviões da Fiel, pedindo sua extinção.

(Estadão, 17/11/1997)

Há dois anos **a FPF** (Federação Paulista de Futebol) **passou a proibir torcedores entrem no estádio com rojões, bandeiras, faixas, camisas de torcidas organizadas, instrumentos musicais**. A proibição aconteceu depois que a FPF constatou, que **durante as partidas, torcidas usavam objetos para briga nas arquibancadas** e faixas para identificar uma torcida organizada.

(Folha, 22/03/1998)

"**Gaviões da Fiel pode ser novamente fechada**" - A Gaviões da Fiel, a maior torcida organizada do país, corre o risco de ser **novamente fechada esta semana**. O promotor de justiça da Cidadania Fernando Capez... que visava a **dissolução judicial da identidade, acusada de fomentar a violência dentro e fora dos estádios**.

(Estadão, 11/08/1998)

"**Independente, do São Paulo, é extinta pelo TJ**" - O TJ **acatou o pedido** do Ministério Público **de extinção da Torcida Tricolor Independente**, do São Paulo. Ela é, agora, **a segunda torcida extinta** no estado por decisão anterior da 20ª Vara Cível, a torcida organizada, estava exercendo todas as atividades normalmente. **Com as portas fechadas, todo o patrimônio será transferido para o São Paulo**.

(Estadão, 12/08/1998)

"Programa da Gaviões na TV está ameaçado" - Com a nova suspensão das atividades da torcida organizada, o único assunto liberado é a escola de samba. Toda madrugada de segunda-feira, a Gaviões da Fiel, maior torcida organizada do Corinthians, com 60 mil associados, mostra a sua cara na telinha

(Estadão, 16/12/1998)

O clima de prisão que domina os estádios paulistas é apontado por dirigentes de outros estados e por torcedores como um dos principais motivos do afastamento do público. **Consequência da violência que explodiu entre torcidas organizadas no início da década, várias restrições foram impostas ao torcedor paulista [...] Hoje nos estádios são proibidos: torcida organizada, cerveja, bandeiras e faixas, instrumentos musicais, fogos de artifício.**

(Folha, 09/03/1999)

Fechar torcidas organizadas ou impedir sua entrada nos estádios foi a solução para a escalada da violência em São Paulo nos anos 90. Uniformizadas como Mancha Verde, Gaviões da Fiel e Independente sofreram sanções e as penas de seu jeito, seja fundando novas agremiações ou entrando com recursos na justiça.

(Folha, 06/03/2002)

O promotor Fernando Capez, do Ministério Público do Estado de São Paulo, **defende uma caça às torcidas organizadas**, após os incidentes verificados nos últimos dois dias, que culminaram com a morte de três torcedores, um palmeirense, corintiano e um ponte-pretano. "**as punições devem ser severas a estes grupos, proibidos de pisar nos estádios e até fechando as suas sedes se for o caso**", afirmou. [...] Mas sabe que a medida impediria a violência somente no estádio, não fora dele. "Por isso, **é preciso levar a sério a hipótese distinguir as torcidas. A cidade não pode ficar em defesa nas mãos de bandos**".

(Estadão, 18/10/2005)

"**Eu ainda vou morrer pela Mancha e ficar famoso**" e assim foi. **A bravata simplória**, **que o palmeirense gostava de usar para demonstrar sua dedicação à torcida organizada virou profecia** no domingo passado, quando uma bala disparada a esmo, em uma estação de metrô, atravessou seu abdômen e saiu do outro lado, dilacerando vísceras, intestino, fígado. **Torcedor número 6376 da Mancha Verde, pobre e subempregado, Diogo parecia saber que só uma morte besta assim para tirar do anonimato garotos comuns, feito ele**, para quem o domingo - dia do descanso e de futebol- é a melhor parte de uma vida sem grandes promessas [...] Diogo teve que dividir com outros dois rapazes, tão comuns como ele: **no mesmo dia, o corintiano Wellington Moraes, 25, integrante da "milícia" inimiga, levou um tiro na cabeça, disparado por palmeirenses**. Na segunda-feira, **foi a vez de Anderson Ferreira Tomás,26, torcedor da Ponte Preta de Campinas, assassinado por torcedores do São Paulo**.

(Folha, 23/10/2005)

"**Morte expõe impotência do país da Copa**" - Autoridades admitem que, mesmo com o aumento de efetivo policial, **é difícil conter violência das torcidas organizadas.** Confronto entre corintianos e vascaínos, 3 dias após o anúncio das cidades sedes do Mundial de 2014, **deixa pelo menos um morto e nove feridos**. Um dia após a maior batalha campal dos últimos dois anos entre torcedores em São Paulo, **autoridades e até membros de organizadas reconheceram que a violência em dias de jogos de futebol é quase incontrolável e que uma das poucas soluções viáveis**

para contornar o problema seria realização de partidas para uma só torcida. "Estamos aumentando o efetivo há anos. **O problema destas torcidas organizadas é que elas sentem satisfação em brigar.** reforçamos o policiamento e, ainda assim, sim temos problemas", afirmou o Major José Balestiero Filho, subcomandante do 2º Batalhão de Choque da PM **e que se diz favorável à adoção do plano de torcida única.**

(Folha, 05/06/2009)

A Gaviões da Fiel torcida - **movimento ideológico Rua São Jorge**, uma facção de dissidentes da organizada Gaviões da Fiel, está na mira da polícia civil. **Ela é a principal suspeita de orquestrar a batalha campal anteontem, dia da partida entre Corinthians e Vasco pelas semifinais da Copa do Brasil**. As autoridades investigam a possibilidade de a Gaviões da Rua São Jorge **ter armado uma emboscada para os torcedores vascaínos** na Marginal Tietê, **mas também não descarta a possibilidade de ter sido um encontro casual** entre as torcidas, que acabou em confusão [...] "Em organizada, não tem só santo, mas tem quem estuda e trabalha. **O problema é que a polícia**, treinada para trocar tiros com traficantes, **trata os torcedores como bandidos**".

(Folha, 05/06/2009)

"**Autoridades prometem punição**" - [...] "A determinação do governo é **a identificação de cada um dos vândalos e seu enquadramento no Código Penal**, não apenas no crime de rixa, porque acabam sendo condenados a entregar uma cesta básica. **Vão ser enquadrados em tentativa de homicídio em todos os capítulos possíveis do Código Penal**", afirmou Requino.

(Estadão, 08/12/2009)

"**Procurador fala em banir facções dos estádios**" - Em julho, uma **nova redação do Estatuto do Torcedor** entrou em vigor. **A lei endurece a fiscalização das torcidas organizadas**. **Caso um membro** da facção **cometa infrações**, toda a associação poderá ser responsabilizada e **proibida de entrar nos estádios por até 3 anos**.

(Folha, 16/09/2010)

Um influente cartola da Federação contra-argumentou e disse que as autoridades deveriam se preocupar "**em banir os cerca de 300 maus elementos presentes nas torcidas organizadas**, que já deixam suas casas dispostos arrumar confusão".

(Folha, 03/05/2011)

"**Promotor ameaça extinguir a torcida Mancha Alviverde**" **- Organizada do Palmeiras pode ter**

novamente suas portas fechadas, se atos de vandalismo forem de sua responsabilidade. [...] **o promotor Thales Cezar de Oliveira**, que trata, dentre outros assuntos, sobre a atuação das organizadas em jogos de futebol, disse ao Estado que **se a torcida do Palmeiras não mudar de atitude ela poderá ser extinta. De novo.**

(Estadão, 31/08/2011)

O Ministério Público decidiu proibir o presidente da torcida organizada Young Flu, Leandro de Carvalho Moraes, **de comparecer aos jogos do time** em todo território nacional por 3 anos e de entrar no clube

(Estadão, 07/09/2011)

"**Vandalismo continua sem punição**" - Apenas cinco **torcedores estão presos** - todos da Mancha. [...] Gs primeiras medidas contra violência no futebol, de depois dos homicídios no domingo, foram anunciadas durante a semana. **Mancha e Gaviões foram proibidas pela Federação Paulista de Futebol de entrar nos estádios**

(Estadão, 01/04/2012)

"**Organizada do Vasco é banida por seis meses**" - **A torcida organizada Força Jovem do Vasco está banida dos estádios brasileiros** por pelo menos seis meses, **por determinação do Ministério Público do Estado do Rio** (MP-RJ), por causa da morte de um torcedor do Flamengo, ocorrida em 4 de maio.

(Estadão, 23/08/2012)

As torcidas organizadas extrapolaram todos os limites, **então vamos atuar com rigor**. **Não tem mais espaço para torcida organizada violenta** [...] **tivemos inúmeras prisões, vários mandados de busca e apreensão, inúmeras autuações fiscais, fechamento de sedes, mudança para torcida única, venda online de ingressos**, então reduzimos a importância das torcidas organizadas. Ou eles aprendem a se comportar como gente civilizada, ou não tem razão para estarem em um estádio

(Folha, 09/11/2016)

A política de torcida única em clássicos **foi adotada em abril de 2016**, **após briga entre integrantes da torcida organizada** Mancha Alvi Verde, do Palmeiras, e Gaviões que resultou em dezenas de feridos e uma pessoa morta

(Folha, 01/04/2018)

"**Senador retoma luta para acabar com organizadas**" - **Acabar com as torcidas organizadas no futebol brasileiro: Este é o desejo do senador mais votado de São Paulo**, Major Olímpio, que esteve presente no Allianz Parque na entrega da taça de campeão brasileiro

> ao Palmeiras. "**As organizadas se tornaram máquinas da morte e do tráfico**", diz em entrevista ao Estado. para o senador, as instituições esportivas se tornaram fachadas para o crime organizado.
>
> (Estadão, 11/12/2018)

Apesar de existirem punições, este fato por si só não pode determinar o sucesso de uma política pública ao redor da questão, pois no plano empírico, as torcidas organizadas se utilizam de mecanismos para driblar algumas punições que lhes são impostas. Mais precisamente, algumas delas podem ser consideradas como estratégias de resistência à estas punições impostas.

Em períodos de proibição da entrada de adereços alusórios a uma torcida organizada, existe uma camisa muito semelhante à tradicional da torcida, todavia, sem nenhuma alusão à torcida (símbolos e nomes). Esta camisa "da proibição" serve como uma espécie de identificação visual do grupo nas arquibancadas e uma demonstração simbólica de que mesmo proibidos, jamais serão extirpados (HOLLANDA; LOPES, 2018).

Neste ponto, torna-se possível recuperar um elemento evidenciado na revisão de literatura sobre a noção de poder. Neste exemplo específico de como uma torcida organizada resiste a uma punição que lhe foi imposta, pode-se compreender o ponto destacado por Michel Foucault: o poder não é propriedade de um sujeito ou grupo, tampouco não há nenhum sujeito desprovido do poder. O poder é uma rede. Os indivíduos e seus corpos escapam às garras e aos olhos do poder, são capazes de subverter (FOUCAULT, 1977; 1979). Já sobre a criminalização do torcedor, um trecho extraído do Arquivo se torna muito representativo deste processo descrito por Hollanda e Lopes (2018). A seguir apresenta-se o trecho, no qual há aproximação do torcedor de uma pessoa sem restrições morais:

> "**PM já tem perfil dos hooligans**" - Com essa amostragem, a PM já pode fazer um perfil do torcedor violento, conhecido como "hooligan": ele é homem, tem entre 14 e 25 anos, **vive num ambiente de banalização da violência e não tem constrangimentos morais**. "Esse torcedor violento é diferente do de 20 anos atrás. **Ele tem orgulho da violência que está praticando**", afirmou Camargo.
>
> (Folha, 23/05/1995)

Cabe salientar que este excerto foi produzido no mesmo ano da Batalha do Pacaembu, entretanto, anteriormente a este confronto campal, ocorrida em 20/08/1995. Este é mais um excerto que sustenta a argumentação descrita pela tese. A morte de

Rodrigo de Gásperi é um sinal de alerta (amarelo) e a Batalha do Pacaembu dá visibilidade a este processo de estigmatização dos torcedores organizados. Contudo, vale destacar que nem sempre foi assim. A Revista Placar (edição 385, ano 1977, p. 53), na produção "A polícia tinha que chegar bem mais cedo", descreve um confronto físico violento no interior do estádio, porém a torcida organizada não é citada.

> "**O secretário de segurança de São Paulo, Coronel Erasmo Dias**, passou a tarde de quarta-feira da semana passada explicando, frente aos microfones de diversas rádios, como seria o policiamento durante a partida entre Corinthians e Palmeiras, na decisão do segundo turno do Campeonato Paulista. **Falou tanto que se esqueceu de mandar a PM mais cedo para o Morumbi**: os portões foram abertos às 5 horas da tarde e **exatamente às 6:30 começou a Batalha das torcidas na arquibancada, sem que houvesse um único guarda no estádio. Com os torcedores armados de rojões, garrafas e longos mastros de bandeira, foi pura sorte não aconteceu uma tragédia**. Em todo caso surpreendeu-nos a preocupação do Secretário de Segurança com futebol: no mesmo dia havia mandado ofício à Federação Paulista de Futebol vetando o Pacaembu para jogos do Corinthians ou de qualquer outro grande time.
>
> (Placar, edição 385, ano 1977)

No ano anterior a este relato, 1976, há um trecho do jornal Folha de São Paulo que destaca a prática de violência entre torcedores comuns. O torcedor que, não raro, é tido como "pacífico", "cidadão de bem", "refém da violência" aparece aqui como protagonista deste fenômeno.

> "Agressões, arrombamentos" - **Os menos avisados corintianos eram agredidos nas ruas**. No começo da rua da praia, às 24 horas, o paulista Jairo Manuel, e veio na terça-feira e estava sozinho no hotel Ritz, arriscou-se a sair só. **Foi abordado por mais de 20 torcedores** que o foram levando para Rua Andrade Neves, mais escura e de menos movimento. **Os torcedores do Inter passaram a espancar o torcedor que estava com uma camisa do Corinthians**. Somente não houve consequências mais graves porque o porteiro do Hotel Metrópole acabou arrumando uma maneira de colocar o rapaz dentro do hotel. Na portaria estavam dois corintianos de uma caravana que está hospedada no hotel, que **foram também provocados e tiveram que entrar para não serem agredidos**, tal a fúria dos gaúchos. **Roubos** nas mais desertas ruas **também vinham sendo registrados pela polícia local**.
>
> (Folha, 13/12/1976)

Cabe salientar também, as ações de torcidas organizadas que visavam prevenir ações violentas. Estas foram captadas no trabalho junto ao Arquivo e serão elucidados alguns trechos a seguir:

> **"Torcidas denunciam tóxico nos estádios" – [...]** existe venda de maconha na porta dos estádios. **Esta denúncia foi feita ontem por representantes das torcidas organizadas dos clubes** paulistas durante encontro mantido como presidente da Federação Paulista de Futebol, ao Alfredo Metidier. [...] **Flávio La Selva, chefe da torcida Gaviões da Fiel, apresentou ontem ao presidente da FPF um plano para que a violência nos estádios diminua**, apontando três pontos básicos: lotação dos estádios, melhor policiamento e conscientização dos torcedores
>
> (Folha, 30/09/1978)

> **Criar uma associação de torcedores em nível estadual e nacional**, como as existentes na Europa, **e garantir proteção, segurança e respeito aos torcedores**, que pagam ingressos e sustentam o futebol. **Esta é uma das conclusões a que chegaram os chefes das principais torcidas organizadas de São Paulo** convocados por Placar para bater um papo e analisar as causas e consequências de um Paulistão que está precipitando os grandes clubes na mediocridade e afastando os torcedores dos estádios.
>
> (Placar, edição 581, ano 1980)

Do ponto de vista da literatura, o trabalho de Teixeira (2018) destaca algumas tentativas de diálogo promovidas entre as torcidas organizadas no sentido de apaziguar relações belicosas e históricas entre torcidas organizadas rivais. Uma das medidas ocorre e 2014, com a criação da Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG). A autora destaca o pioneirismo da instituição e o esforço de lideranças de torcidas organizadas para que diferenças e rivalidades históricas sejam apaziguadas. Assim, poderiam lutar conjuntamente por direitos, que beneficiassem todos os torcedores (TEIXEIRA, 2018).

De modo similar, estudo de Hollanda e Teixeira (2017) cita outra organização criada pelos próprios torcedores: a Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ). A FTORJ é mais antiga (fundada em 2008) e se constituiu na contramão da escalada de violência que ocorria entre torcidas organizadas cariocas e buscava o entendimento mútuo entre torcidas. Vale salientar que este movimento se inspirou em outra associação mais antiga a Associação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (ASTORJ), que teve suas atividades entre os anos de 1981 a 1993. Vale salientar que a

FTORJ busca realizar campanhas de conscientização dos torcedores, com vistas à prevenção de confrontos (HOLLANDA; TEIXEIRA, 2017).

Murad (2007) situa as ações preventivas como parte das ações que os poderes públicos deveriam tomar para abordar a violência no futebol. Entretanto, o autor reconhece que apenas há repressão das práticas das torcidas. Corroborando tal dado Hollanda e Teixeira (2017) citam que o modelo inglês de combate à violência (caracterizado por forte repressão e elitização do futebol) se torna altamente repressivo e tem sido adotado em muitas partes do planeta, inclusive, no Brasil.

Hollanda e Canale (2021) também citam outra associação de torcedores que tinha como objetivo estabelecer diálogo entre as torcidas organizadas: a Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP). Uma associação mais antiga ainda do que as duas já mencionadas. A ATOESP data da década de 70 e demonstra relações de amizade entre os líderes das principais torcidas organizadas de São Paulo. Além disto, esta organização, na década de 70, já reivindicava mudanças na estrutura de poder do futebol, apontando aspectos que deveriam ser modificados (HOLLANDA; CANALE, 2021).

Cabe salientar que o poder público, a partir do extinto Ministério do Esporte, incentivou a realização de diversos seminários e eventos que pudessem reunir especialistas, acadêmicos e pesquisadores do tema, policiais, promotores públicos e torcedores organizados. Na esteira dos megaeventos que ocorreriam no Brasil àquela época, buscava-se trabalhar medidas que pudessem prevenir a violência, principalmente a partir da adoção de dispositivos inteligência (por exemplo, utilização de câmeras) e compreensão do comportamento dos torcedores, ao invés de estigmatização. Vale destacar que estas medidas ocorriam com base no apoio federal à questão, pois os governos estaduais optavam pela via de repressão. Todavia, após o *impeachment* da presidenta Dilma Roussef estas medidas não tiveram continuidade no governo Temer, tampouco no governo com mandato de 2018 a 2022 (TEIXEIRA et. al., 2021).

O próprio pesquisador teve a oportunidade de participar de três destes eventos. O primeiro, no ano de 2011 (I Simpósio Internacional sobre Hooliganismo e copa do mundo de 2014), na UNICAMP, contando com a participação do pesquisador inglês Eric Dunning. No ano seguinte realizou-se o II Simpósio Internacional sobre Hooliganismo e copa do mundo de 2014. Este evento foi organizado conjuntamente pela Faculdade Getúlio Vargas-RJ e pela Universidade de Campinas. Foram 2 dias de debates envolvendo os já mencionados atores do cenário esportivo. Além disto, resultou na

publicação de um livro denominado “Hooliganismo e Copa de 2014” (HOLLANDA; REIS, 2014). Por fim, o terceiro evento, ocorreu no ano de 2013 (“Seminário Sul-Americano de Combate à Violência no Futebol”) e contou com a participação de policiais, promotores pesquisadores e até com o Ministro do Esporte na época, Aldo Rebelo.

Todavia, após a realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil, o poder público não investiu com a mesma frequência na execução destes eventos, que passaram a depender de outros meios de execução. Ocorreram, principalmente, a partir da iniciativa de acadêmicos e grupos de pesquisa, bem como das associações de torcedores organizados.

Neste sentido, a literatura acadêmica evidencia, sobretudo a partir dos trabalhos de Teixeira e Hollanda (2016) e Teixeira (2018) a dificuldade na formação de uma associação coesa e nacional, devido às resistências dos membros de torcidas organizadas em se unirem com rivais. Existe a consideração de que estes outros grupos são perigosos, inimigos e tal concepção não auxilia na formação de uma coalização nacional que possa reivindicar os direitos dos torcedores organizados. De modo complementar, Teixeira et al. (2021) apresenta que alguns torcedores organizados consideram que os membros da ANATORG perderam a essência, se tornaram burocratas, sendo alvos de críticas e desconfianças de alguns membros de torcidas organizadas.

Na pesquisa realizada por Teixeira et. al. (2021), que realizou um censo acerca da criação da ANATORG, constatou-se que esta associação traduz o sentimento de injustiça e indignação acerca da mercantilização e criminalização das práticas dos torcedores organizados. Entretanto, tal voz dissonante não tem sido bem vinda. Ela é considerada inadequada, indesejável (TEIXEIRA et. al, 2021) e até por que não, perigosa. Perigosa pois pode ameaçar e/ou abalar o *status quo*.

Ademais deste trabalho preventivo que as entidades coletivas de torcedores realizam, é importante assinalar que, por vezes, os torcedores também são vítimas de violência, sobretudo de agentes de segurança pública (polícias civil e militar). No trabalho com o Arquivo existiram relatos que apontam episódios envolvendo tal situação, todavia, destaca-se um relato mais antigo, que aponta a existência de conflitos desde os anos 80.

> “**Torcedor sofre**” - a torcida do Uberaba ameaça não ir mais ao Uberabão. motivo: **a polícia local está agredindo os torcedores dentro do estádio**, com a desculpa de proteger juiz e bandeirinhas.
>
> (Placar, edição 581, ano 1980)

Sobre tal questão, na literatura acadêmica, Alvito aponta que a lógica, a racionalidade de operação da polícia no espetáculo futebolístico é a "lógica da guerra, a lógica do confronto com o inimigo" (ALVITO, 2014, p. 43). A argumentação do autor se baseia, principalmente, em sua consideração sobre a criação deste grupo. Alvito argumenta que o GEPE é subordinado ao batalhão de choque. Ou seja, uma polícia especializada em reprimir manifestações, estudantis políticas e greves. Portanto, se constituem como uma tropa de combate. Postura esta que não é consonante com o "ambiente festivo que seria recomendável criar em um evento esportivo" (ALVITO, 2014, p. 40).

Entretanto, os dados apresentados por Hollanda e Medeiros (2016) apresentam uma faceta positiva do trabalho realizado pelo GEPE, que foi capaz de modificar, de certa forma, a relação entre torcedores organizados e agentes policiais. Em uma pesquisa comparativa, entre torcedores organizados de São Paulo e Rio de Janeiro, os torcedores do Rio apresentaram uma diferença de 20% na consideração sobre a pergunta que contemplava possíveis ações violentas da Polícia Militar. Dito de outro modo, a consideração do torcedor carioca acerca do trabalho da polícia é de que ela nem sempre violenta (HOLLANDA; MEDEIROS, 2016).

A partir destes relatos, a tese novamente ressalta que existem diversos protagonistas das produções jornalísticas classificadas como violentas. Diante disto, neste momento, torna-se fulcral realizar uma ressalva, que inicia a análise do elemento da violência. Cabe lembrar que tal análise levada a cabo aqui, tem a função de cumprir o segundo objetivo específico desta tese ("Analisar o elemento da violência nestes discursos sobre as torcidas organizadas de 1969 a 2020")

De modo geral, a análise aqui levada a cabo aponta a necessidade de uma abordagem distinta do fenômeno da violência, de modo geral, e da violência no futebol, de modo específico. Com base na investigação das produções jornalísticas, ao longo destes 51 anos, a presente tese considera que os jornais possuem uma concepção restrita de violência em suas produções jornalísticas.

O posicionamento defendido por esta tese diverge radicalmente desta concepção restrita de violência. Basicamente, concebe-se aqui a seguinte ideia: um(a) pesquisador(a) que adote de um conceito restrito de violência corre o risco de "pegar o peixe pequeno e deixar o grande escapar" (GALTUNG, 1969, p. 172, *tradução nossa*). Dito de outro modo, a utilização de uma concepção restrita de violência faz com que se deixe de captar

fenômenos e também considerá-los como tão ou mais violentos, do que aqueles classicamente sinalizados.

Explicita-se a concepção aqui defendida a partir de uma metáfora. Didaticamente, pode-se dizer que a violência seria semelhante a hidra. Monstro da mitologia grega com corpo de dragão e cabeças de serpente, que poderiam se multiplicar caso fossem cortadas. Nesta metáfora, a violência física seria apenas uma das cabeças do monstro hidra, que incessantemente, as autoridades públicas tentam cortar, todavia, se esquecem das outras cabeças. Ou seja, muita atenção é dada a esta forma de violência, esquecendo-se de outras formas que também habitam no ambiente do futebol, tais como: machismo, sexismo, homofobia, corrupção, abusos de poder e sexuais, *doping*, e tantas outras formas.

Entretanto, para ser possível considerar todas estas manifestações como violentas é necessária a utilização de um conceito amplo. Exatamente o que defende o presente trabalho acadêmico. Para tanto, foi necessário verificar na literatura acadêmica um conceito que pudesse atender a este posicionamento.

Sendo assim, neste momento, parte-se para a elucidação do conceito de violência que irá balizar a análise que aqui será conduzida. Para a presente tese, com base na definição de do sociólogo norueguês Johan Galtung, a violência, sumariamente, poderia ser compreendida como um fenômeno que contempla ações e omissões, que visem causar dano, mágoa, ferimento ou até mesmo aniquilação a si mesmo ou outrem (GALTUNG, 1969; 1990).

A violência é o oposto da paz. Ela se constitui em qualquer situação onde exista uma diferença entre o real e o potencial. Cabe uma ressalva sobre a dificuldade em delimitar exata mente o potencial e o real. Sendo assim, o autor apresenta mais um parâmetro para a definição de violência: o que está acontecendo (situação real) poderia ser evitado? Caso a resposta seja positiva, e a situação real pudesse ser evitada[55], a partir daí pode-se definir tal situação como violenta (GALTUNG, 1969; 1990).

Galtung cunhou uma tipologia que envolve 3 tipos de violência: direta, estrutural e cultural. A violência direta é aquela denunciada e repudiada pelos jornais esportivos. É um fenômeno visível, que contém um autor (torcida organizada), uma vítima (variadas: por vezes, transeuntes, policiais, torcedores comuns ou até mesmo outras torcidas) e as

[55] Um exemplo recente e relacionado a tal discussão, se refere a milhares de brasileiros que perderam suas vidas por (ir)responsabilidade do Governo Federal e seu atraso na aquisição de vacinas para a população brasileira. Uma situação que poderia ter sido evitada assim como tentaram comprovar os senadores durante a CPI da COVID-19.

testemunhas (no caso, os leitores dos jornais e pessoas que estavam próximas ao fato). Já as violências estrutural e cultural não são consideradas pelos jornais como formas de violência.

A estrutural é aquele tipo de violência constituída sobre a estrutura social e por ser muito operacional foi largamente difundido nas Ciências Humanas e Sociais (HO, 207). Alguns elementos sociais são tão arraigados e interdependentes na estrutura da sociedade moderna, que se um sujeito social não possui acesso a um elemento, será atingido em outras esferas de sua vida. Kathleen Ho (2007) chega a considera-la como uma violação aos direitos humanos.

Toma-se como exemplo pessoas com baixa renda. Sobretudo, em um país subdesenvolvido como o Brasil, as pessoas que possuem pouca remuneração, geralmente, também possuem pouca educação formal (visto que, geralmente, a remuneração dos empregos possui relação com o nível de instrução formal) e pouca saúde (devido à impossibilidade de pagar por serviços médicos que são caros). Tal correlação entre esses elementos sociais foi sentida por muitos brasileiros durante a pandemia, dado que muitos perderam completamente a renda ou parte considerável dela e tiveram que fazer consideráveis (re)adequações (GALTUNG, 1969; 1994; HO, 2007).

A violência cultural é pautada em aspectos culturais que servem para justificar ou legitimar os outros dois tipos de violência. Ela faz parte da esfera simbólica da vida e é levada a cabo em esferas como a religião e a ideologia. Este tipo de violência perpassa a linguagem (GALTUNG, 1990). Neste sentido, conforme visto em pesquisa anterior (PALHARES, 2014), a violência cultural pode ser muito presente em discursos que visam estigmatizar os torcedores organizados, por exemplo, comentários que estes deveriam ser agredidos, já que não são torcedores, mas sim bandidos. Este tipo de discurso retira a humanidade dos torcedores e ainda justifica que estes devem ser vítimas de violência.

A utilização do referencial de Galtung permite expandir os limites deste fenômeno e não compreender violência no futebol apenas como confrontos físicos. Nesta perspectiva, pode-se compreender como violência: os problemas relacionados à organização do futebol nacional, gestões fraudulentas, casos de corrupção, *doping*, lavagem de dinheiro, apostas em resultados combinados *a priori*, sexismo, machismo, homofobia, cambismo e tantos outros aspectos tidos como "normais", "aceitáveis" ou "não tão graves" (PALHARES, 2015; PALHARES; SCHWARTZ, 2015).

Toma-se o último problema, o cambismo, como exemplo. Uma produção jornalística da Folha, datada de 13/12/1976 aponta que esta prática já existia e era

combatida. Entretanto, perdura até os dias de hoje. Interessante notar, que nesta mesma produção existe a descrição da preocupação com brigas dentro do estádio. No trecho referido tem-se que: “no estádio, providências para evitar brigas: na geral e nas arquibancadas havia separações com telas de arame e logo foram colocados policiais preventivamente”.

Com base nesta definição mais ampla de violência, foi possível para a tese identificar 8 características do fenômeno da violência, em geral, que também podem ser aplicadas para a violência no futebol. Cabe salientar que esta lista, trata-se da união do pensamento de vários autores, todavia estes serão referenciados na explicação de cada uma das características:

1- Fenômeno complexo
2- Multifatorial
3- Amplo e polimorfo
4- Não pode ser definido a partir da lei
5- Polissêmico
6- Com conotação negativa socialmente
7- Envolve julgamento social
8- Envolve uma disputa por sua definição legítima

Parte-se então para a explicação de cada uma destas características. Assim como destaca o sociólogo do Rio de Janeiro Maurício Murad (2007), a violência no futebol não é resultado daquilo que ocorre no campo, tampouco banir as torcidas organizadas resolveria o problema. É importante salientar que o banimento gera um cenário de clandestinidade para as torcidas, dificultando a identificação dos envolvidos em distúrbios e crimes. Além disto, elimina a possibilidade de diálogo entre estes grupos e o poder público.

A segunda característica sobre a violência no futebol se relaciona a esta ser multifatorial. Não se pode condicionar a existência deste fenômeno ao uso do álcool, ao insucesso esportivo ou a presença do grupo, por exemplo (REIS, 2006). Uma das maiores contribuições da obra de Galtung se relaciona a destacar a amplitude deste fenômeno e seu caráter polimorfo, ou seja, possui diversas formas de aparição, assim como destacado anteriormente, a partir deste referencial é possível considerar o racismo, sexismo e

cambismo, como diferentes manifestações de violência dentro do cenário do futebol (PALHARES; SCHWARTZ, 2015).

A quarta característica da violência É quieta não pode ser definida a partir da lei, do aspecto jurídico-legal da vida em sociedade, visto que algumas das maiores atrocidades cometidas no planeta (por exemplo, o nazismo e o *apartheid*) eram permitidas e justificadas pelas leis. Vale salientar que a lei de Nuremberg separava cidadãos alemães com plenos direitos políticos e aqueles alijados disto. Esta lei permitia, por exemplo, que pessoas com origem hebreia e ciganos fossem enviados diretamente a campos de concentração (AGAMBEN, 2010).

A quinta característica se relaciona a polissemia da palavra violência. A violência traz consigo um espectro de comportamentos religiosos, sociais, econômicos, estéticos, ideológicos e políticos, que podem mudar ao longo da história. Dito de outro modo, a violência possui diversos sentidos, ela vai se transformando historicamente, ao longo do tempo (CHAUÍ, 1998; 2007).

Para explicar tal aspecto recorre-se a dois exemplos. O primeiro se relaciona à antiga prática do duelo, muito retratado no cinema nos filmes de "velho oeste" americanos. Duas pessoas quando possuíam um conflito se direcionavam à praça central da cidade e resolveriam tal conflito a partir do duelo armado. Ele possuía um ritual: ambos deveriam ficar posicionados de costas, após o sinal, contar três passos e posteriormente atirar. Todavia, com o passar dos anos, sobretudo a partir do processo civilizador descrito por Norbert Elias (ELIAS, 1990; 1993), o duelo passa a ser uma forma extinta de resolução de conflitos.

Já o segundo exemplo se relaciona a prática de pais, avós ou familiares de utilizar violência física contra os filhos ou crianças sob sua responsabilidade. Este tema ganhou discussão nacional no ano de 2010, após um projeto de lei conhecido popularmente como "lei da palmada" ser escrito. Posteriormente, este projeto foi aprovado no dia 21 de maio de 2014 e hoje se constitui como lei (lei 13.010/2014), que proíbe o uso de castigos físicos ou tratamentos cruéis e degradantes na educação de crianças e adolescentes (BRASIL, 2014).

Contudo este tema gera muita discussão, pois alguns adultos acreditam que a utilização de violência, por parte de seus pais auxiliou na constituição de sua personalidade e afirmam que são favoráveis a esta prática. Ao passo que outros condenam veementemente a utilização de violência contra crianças e adolescentes, pois isto geraria um trauma e não aprendizado.

A violência é, frequentemente, tida como negativa no âmbito social: esta é a sexta característica elucidada pela análise aqui realizada. Atualmente, a violência é uma prática condenada nas sociedades ocidentais visto que, em decorrência do já mencionado processo civilizatório (ELIAS, 1990; 1993), os conflitos entre as pessoas deveriam ser resolvidos a partir do diálogo e não mais por meios violentos. Todavia, em um recuo histórico, algumas sociedades antigas se orgulhavam de serem combativas, guerreiras, e por conseguinte, violentas. A cidade de Esparta é um exemplo disto.

O sétimo elemento da violência se relaciona à existência de um julgamento social envolvendo este fenômeno. Pode-se elucidar a questão a partir da tríade presente nos episódios de violência física, sobretudo. Nesta ação há 3 envolvidos: i) autor; ii) vítima e iii) testemunhas. Didaticamente, pode-se chamar este cenário de triângulo da violência. A partir do julgamento da validade da ação, as testemunhas irão se filiar a uma das duas partes envolvidas: autor ou vítima da violência.

Em um exemplo ilustrativo sobre a questão, convida-se você, leitor, a imaginar uma situação. Você está caminhando pela rua e se depara com duas pessoas adultas trocando socos e pontapés. Após acalmada a situação, possivelmente, você caro leitor, procuraria saber o motivo pelo qual estas pessoas se agrediam. Neste instante, imagine que a causa da troca de agressões foi a descoberta de uma traição em um relacionamento amoroso. Portanto, o traidor e o traído possuem suas próprias versões sobre o caso e caberá a você leitor decidir qual destas pessoas "tem a razão".

Perceba que após dar o veredito de que determinada parte possui razão, você caro leitor, se filia a esta parte. Há uma concordância com esta versão. Diante disto podemos afirmar que o triângulo da violência gera um jogo no qual o resultado é sempre 2 x 1. O exemplo aqui mencionado se relaciona com uma traição amorosa, no entanto também poderia acontecer em uma festa, no trânsito, em uma família ou em outras situações. Provavelmente, você leitor já vivenciou alguma situação bem semelhante a esta. A partir deste exemplo torna-se possível compreender a recorrência deste fenômeno em nossas vidas, bem como, o jogo entre as partes envolvidas no triângulo da violência.

Neste ponto, a literatura acadêmica argentina sobre confrontos de *hinchadas* (ALABARCES, ZUCAL, 2007; ALABARCES; GARRIGA ZUCAL; MOREIRA, 2008; GARRIGA ZUCAL, 2010; CABRERA, 2012; MOREIRA, 2013) assinala um elemento crucial para a compreensão do julgamento da violência: há uma dimensão ética e moral da violência. Os autores e autoras anteriormente citados evidenciam, por exemplo, que o *aguante* é um horizonte moral compartilhado. Ou seja, os participantes estão conscientes

e de acordo com o envolvimento nos confrontos entre *hinchadas*. Eles escolheram estar lá, portanto, esta foi uma ação delimitada no plano ético (de escolha) da vida. Porém, as testemunhas rechaçam e condenam estas ações, pois estão fora deste marco do *aguante*.

E por fim, a oitavo e última característica da violência é que ela envolve uma disputa por sua definição legítima. Os estudos de Pierre Bourdieu evidenciam a noção de violência simbólica, e neste ponto, esta tese, a partir da noção de violência aqui defendida, concebe que há violência simbólica na delimitação do conceito de violência. Dito de outro modo, concebe-se que existem alguns agentes sociais (dentre eles os jornalistas) que dispõem de meios, mais chances de fazer sua definição de violência ser considerada como válida, correta, justa (BOURDIEU, 2010). Nos termos de Galtung (1969; 1990), pode-se dizer que há violência estrutural na definição do conceito de violência.

Esta tese, ao realizar a análise da violência de modo amplo, se afasta dos dois perigos elencados por Flores (1995), de quando se trabalha com a violência: o caráter consensual da palavra e o processo de coisificação. Acerca do primeiro (caráter consensual da palavra), o autor destaca que as pessoas sabem classificar um ato como violento, entretanto não sabem definir o que seria a violência conceitualmente. Já sobre o processo de coisificação, o autor aponta que ele consiste na junção de um ato com a palavra violência. A partir disto este ato passa a ser a única forma possível de ocorrência da violência (FLORES, 1995).

A partir do entendimento das características da violência, pode-se neste momento compreender melhor o plano empírico que envolve a questão. Assim como já demonstram alguns estudos (LOPES, 2009; PALHARES, 2014; PALHARES; SCHWARTZ, 2015) o envolvimento com o fenômeno da violência, por parte dos torcedores organizados, não se trata de algo irracional. Por vezes, ele é buscado, incentivado e/ou justificado. Ou seja, existe uma validação moral destes atos. Entretanto, em outras vezes pode ser meramente contextual. Dito de outro modo, um torcedor pode buscar intencionalmente se envolver em confrontos buscando obter maior reputação dentro de seu grupo, porém também pode se envolver como resposta a uma agressão inicial, proveniente de outra torcida.

Desta maneira, salienta-se a importância de estudos acadêmicos, procurarem descrever e racionalizar as práticas deste grupo, que socialmente é tido como irracional, "uma massa sem controle". Sendo assim, escolhe-se o caminho da compreensão e não da estigmatização, visto que que condenar única e exclusivamente as torcidas organizadas pelo "caos" no futebol pode se tornar uma espécie de justificativa, que encobre responsabilidades de outros atores. Cabe salientar que a violência não é o único elemento

que constitui as práticas dos torcedores organizados, bem como, este grupo não é o único, que utiliza de meios violentos no ambiente do futebol. Portanto, deve-se compreender a cultura torcedora, quem são, o que fazem, como e por qual razão fazem.

Sendo assim, Lopes e Palhares (2016) destacam que os meios de comunicação se constituem como importante interlocutor, no sentido de elucidar as práticas das torcidas organizadas, bem como, suas tentativas direcionadas à paz, tais como as promovidas pela Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ) e pela Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG). Portanto, os meios de comunicação não podem restringir suas produções jornalísticas apenas após a eclosão de confrontos violentos.

A partir do conhecimento pode-se traçar planos, medidas, estratégias que envolvam este grupo. Neste sentido, Teixeira e Lopes (2018) já sinalizam a necessidade de autoridades públicas estarem em constante comunicação com estes grupos para o desenvolvimento de projetos sociopedagógicos. Tais projetos buscariam uma dimensão criativa e pacífica para a transformação dos conflitos. Em grande medida, tais projetos envolvem a construção de canais efetivos de comunicação e, principalmente, respeito à cultura torcedora. Os pesquisadores brasileiros acompanharam o projeto alemão *Fanprojekt* (“Projeto Torcedor”) e discutiram possíveis alternativas aplicáveis no Brasil.

Após a elucidação do D(3) – torcida organizada é violência (terceiro discurso sobre a torcida organizada), parte-se para um breve exercício de reflexão e especulação. Tendo como inspiração a metáfora de Foucault sobre o acontecimento, que seria uma espécie de espuma das ondas do mar, a tese, assim como o autor, reconhece a existência de diferentes tipos de acontecimentos: uns são visíveis e conhecidos pelas pessoas atualmente. Estes, são os que formam a parte conhecida da História. Entretanto, há outros estratos dos acontecimentos, que permanecem imperceptíveis. Estas camadas apenas são deflagradas quando há o trabalho diante do Arquivo (FOUCAULT, 2005).

Ao reconhecer estes dois tipos de acontecimentos (com diferentes camadas), pode-se estabelecer uma relação sistêmica. Uma visão mais global dos acontecimentos aqui expostos, e relaciona-los com um cenário macrossocial, assim como Foucault procedeu em sua Arqueologia das Ciências Humanas no livro “As palavras e as coisas” (FOUCAULT, 1999a).

Neste sentido, em termos sistêmicos, a tese aponta a relação (de aliança, sobretudo) destes enunciados produzidos pelos periódicos investigados com o discurso neoliberal. Ou seja, por trás desta estigmatização do torcedor organizado como violento

- abordada no D(3) - existiria uma forma de governamentalidade atual. Esta forma de governo se relaciona (principalmente, por meio de aliança, conformidade, consonância) com o discurso neoliberal, a partir da utilização de uma estratégia discursiva de cisão (nós x eles), fomentada, em grande medida, pelos meios de comunicação. No contexto futebolístico, gera uma polarização maniqueísta, que estimula medo e aversão aos torcedores organizados, ao passo que todos os outros torcedores seriam naturalmente pacíficos e vítimas dos "vândalos" (LOPES; PALHARES, 2016).

Esta divisão entre nós (elementos positivos) e eles (elementos negativos), está intimamente ligada à ideia de identidade, gera polarização e somente dá direitos a determinada parcela da população: aquela que é capaz de consumir. Desta maneira, não se fala mais em cidadãos, mas sim em consumidores.

Dois exemplos recentes e pontuais, nos campos cultural e esportivo, respectivamente, são ilustrativos deste processo. No plano cultural, no início do ano de 2022, o carnaval popular de rua foi cancelado pelo governo do Estado de São Paulo (G1, 2022). Entretanto, o carnaval privado das escolas de samba (que, por sua vez, permite um consumo diferenciado desta festa popular) foi mantido. Cabe lembrar a quantidade expressiva de celebridades e famosos, que participam e frequentam os sambódromos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Além disto, mulheres famosas disputam o prestígio proveniente da posição de rainha de bateria das escolas de samba cariocas e paulistas.

Já no plano esportivo, o processo de elitização vivido nas arenas esportivas auxilia no afastamento de torcedores pobres desta atividade do contexto do lazer. Neste sentido, os planos de sócio-torcedor são instrumentos para tal prática, visto que os ingressos são disponibilizados primeiro a este "tipo" de torcedor. Ao mesmo tempo, estes programas dos clubes, de certa forma, reforçam o consumo de itens e experiências, que apenas o clube pode oferecer: uma vivência diferenciada no estádio, promoções, camisetas comemorativas, eventos com jogadores lendários e uma série de ações que visam captar recursos financeiros.

Em suma, para a ótica neoliberal, o ideal é o consumo passivo do espetáculo esportivo. Nas palavras de Araújo (2021, p. 1) deve-se focalizar práticas que: "priorizem o consumo passivo e individualizado do espetáculo esportivo, interditando sociabilidades que se projetem como vivências coletivas do espaço público". Analisando tal excerto, pode-se perceber que a torcida organizada poderia ser facilmente classificada como uma vivência coletiva do espaço público, deste modo, se enquadraria nas práticas interditadas.

Sendo assim, levantam-se alguns questionamentos: o processo descrito na tese (de mudança no discurso e nas práticas em relação às torcidas organizadas) está circunscrito ao campo esportivo, porém como ele é levado a cabo em outros campos? Os campos político, econômico, cultural e social também estariam sob a égide desta aliança consonante com o neoliberalismo? Especula-se que sim, todavia, outros atores levam à baila tal processo, que busca forjar, reforçar e fomentar tanto a ideologia, quanto o sistema econômico neoliberal.

Para que os leitores acompanhem tal raciocínio, inicia-se por uma breve descrição sobre o que é o neoliberalismo. Ele é tanto uma prática econômica, quanto uma ideologia que tem por características: o livre mercado, a não intervenção estatal e a transformação de direitos sociais em produtos. Além disto há busca por investimento financeiro externo, em um mundo globalizado, que busca atingir os diferentes tipos de consumidores (BOURDIEU, 1998; BOITO JUNIOR, 2006; DRUCK; FILGUEIRAS, 2007).

Segundo Marrach (1996) o neoliberalismo é uma ideologia que se efetiva após a consolidação dos Estados Unidos como potência mundial. Apregoa mais os direitos do consumidor do que as liberdades públicas e democráticas, contestando a participação do Estado no atendimento aos direitos sociais. Possui relação com a globalização e tem grandes corporações internacionais como principais *players*, visto que há incentivo máximo à liberdade econômica, contudo, os direitos sociais são deixados em segundo plano. Na realidade eles são transformados em mercadoria, produto. Por sua vez, o cidadão tem sua identidade modificada para um mero consumidor (MARRACH, 1996). Apesar de o neoliberalismo estar em processo de expansão, ele não é ileso de questionamentos e críticas.

Pierre Bourdieu em sua crítica ao neoliberalismo afirma que esta teoria econômica é uma utopia, pois desconsidera as condições sociais e históricas dos indivíduos e possui como plano político a destruição sistemática dos coletivos, pois busca-se forjar um indivíduo isolado, porém, livre. Neste cenário surge a aversão e desqualificação de bandeiras identitárias. Esta destruição ocorre também pela desregulamentação do mercado (que busca sempre o lucro) e a incessante competição entre as pessoas. Isto gera demasiada necessidade de profissionalização e especializações para se obter sucesso na carreira profissional. Em suma, um cenário neoliberal produz a abolição da solidariedade efetiva (BOURDIEU, 1998).

Além disto, os indivíduos se sujeitam a este sistema de modo racional, pois a ameaça do desemprego é constante. O neoliberalismo é marcado fortemente pela noção

de concorrência. Neste contexto surgem empregos precários e sem garantias trabalhistas, já que os defensores do neoliberalismo buscam pela desregulamentação do mercado de trabalho, privatizações e redução dos gastos estatais. Segundo Bourdieu existem consequências nefastas e silenciosas do neoliberalismo, dentre elas: o aumento significativo da miséria em escala global e o desaparecimento de produções culturais, tais como livros e cinema (BOURDIEU, 1998). O exemplo da gestão federal do país (2018-2022) é um exemplo deste último ponto assinalado por Bourdieu, pois houve redução significativa no investimento no campo cultural, fato este que gerou desemprego (AGÊNCIA BRASIL, 2021).

Na esteira destas críticas ao neoliberalismo, Silva, Pires e Pereira (2019) destacam que ao redor do globo, o mundo do trabalho vem sendo modificado devido à lógica neoliberal. Aqui também surge a noção de capital humano, o ser humano sendo seu próprio empresário, dentro do mercado desregulamentado. Neste contexto, há um aumento de empresas de terceirização, manutenção da exploração do trabalho do migrante, redução de direitos trabalhistas e trabalho digital (acelerado pelo contexto de pandemia). Este cenário contribui para o aumento das desigualdades sociais (SILVA; PIRES; PEREIRA, 2019), e a partir desta consideração, pode-se aproximar o pensamento de Bourdieu com os autores anteriormente citados.

Ainda sobre a questão do aumento da desigualdade, um exemplo pertinente, se relaciona ao contexto educacional na pandemia. No sentido de manter as atividades educacionais, as instituições de ensino, desde o Ensino Infantil até o Ensino Superior enfrentaram diversas dificuldades. Os professores foram sobrecarregados, os alunos, por muitas vezes, demonstravam pouco interesse, as avaliações eram simbólicas, pois não se podia garantir sua idoneidade e tantas outros desafios vivenciados neste campo. Entretanto, destaca-se aqui uma situação, em especial: a exclusão digital.

A pesquisa de Marcon (2020), baseando-se em dados nacionais, destaca que apenas 39% das residências brasileiras possuem computador e 28% de brasileiros não possuem qualquer acesso à internet. Neste sentido, a autora questiona sobre os rumos da educação no país: qual educação se pratica e para quem. A autora, ainda vai além e reflete: em um contexto de pandemia, os cidadãos que já são excluídos socialmente ficam como? (MARCON, 2021). Além destes questionamentos da pesquisadora Karina Marcon, situações objetivas relacionadas à tecnologia foram evidenciadas, tais como: diferenças na velocidade de conexão à internet, aparelho utilizado (*notebook* x celular, por exemplo)

ou maior tolerância (ou até mesmo impossibilidade) de obter controle de presença dos estudantes.

Apesar de todas estas questões vivenciadas efetivamente durante a pandemia, o discurso neoliberal, há anos já vinha permeando discussões no campo da educação. Assim como salienta Lalo Minto (2021), o senso de urgência da pandemia catalisou, acelerou algumas tendências de maior uso da tecnologia na educação. Propostas estas, que já eram existentes na educação brasileira e buscam modificar, inclusive, o trabalho docente e o perfil dos egressos da educação nacional (MINTO, 2021). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que pauta a educação básica nacional, e vigente à época de escrita desta tese, é um exemplo disto. A BNCC tem um currículo tecnocrático, que valoriza demasiadamente o saber-fazer, em detrimento da reflexão e senso crítico, estando de acordo com um projeto político neoliberal (NEIRA, 2018). O apelo pelo ensino de educação financeira nas escolas, talvez, possa emblematicamente demarcar tal relação de aliança.

No Basil, outra grande característica do neoliberalismo é a profissionalização (DRUCK; FILGUEIRAS, 2007). Neste ponto, os elementos classificados como amadores no ambiente do futebol, paulatinamente, vão sendo considerados como negativos e devem ser abandonados. Ou seja, o discurso neoliberal busca desqualificar tudo aquilo que é gratuito ou amador (baseado na paixão). O futebol deixa de ser paixão para ser gestão, assim como já destacaram Hollanda e Teixeira (2017). Neste sentido, Rocco Júnior (2019) destaca que a gestão do esporte, antes amadora passa a se profissionalizar, implementando estratégias, metodologias e práticas que visam sucesso esportivo e também econômico dos clubes.

De acordo com Rocco Júnior (2019) existiram 4 fases de consumo e apropriação do fenômeno esportivo: social, política, econômica e virtual. A transformação entre a apropriação política para a econômica se relaciona diretamente com o elemento levantado anteriormente. Segundo o autor, até a década de 90 o consumo do esporte era predominantemente político. Ou seja, a participação e envolvimento com o esporte profissional buscava atender a interesses políticos. Neste contexto, o patriotismo (expresso em "representar e defender" o seu próprio país) era o elemento que sustentava a relação entre as modalidades esportivas e seu público (ROCCO JÚNIOR, 2019).

Contudo, após a queda do muro de Berlin, em 1989, o consumo do esporte se torna predominantemente econômico. O esporte se torna um "produto de mercado", no qual as empresas buscam promover suas marcas. Na década de 70, algumas empresas foram

pioneiras na utilização do esporte como plataforma para divulgação de seus produtos: Adidas e Coca-cola, a partir da Copa do Mundo de futebol masculino, e Philip Morris (empresa do ramo do tabaco) na Fórmula 1, são exemplos disto (ROCCO JÚNIOR, 2019).

Em consonância com os dados já apresentados por Rocco Júnior (2019), Rúbio (2010) evidencia que os Jogos Olímpicos de Barcelona-1992 são simbólicos, pois apontam a transformação do esporte em um produto e de sua efetiva profissionalização. A equipe americana de basquete, denominada mundialmente de *Dream Team* (time dos sonhos), representava a morte da aura amadora do esporte. Aura esta, que inclusive, baseou a criação do movimento do olimpismo por Pierre de Coubertin (RÚBIO, 2010).

No bojo desta transformação, pode-se compreender a inserção de mais um elemento nos eventos esportivos: o entretenimento. Elemento cada vez mais presente no consumo esportivo. Cabe brevemente destacar que o entretenimento é um aspecto cada vez mais enfatizado no consumo esportivo, sobretudo pelas áreas da comunicação (transmissões com mais interatividade e enquetes) e *marketing* (estratégias de *experience marketing*).

Sobre esta profissionalização, quando o âmbito futebolístico é analisado, pode-se perceber que o antigo "jogador de futebol", que representava o amor à camisa é substituído pelo "atleta", que é um profissional (e busca atender às suas próprias demandas). No Brasil, esta transformação torna-se muito evidente a partir da promulgação da "Lei Pelé", que passa a desvincular o atleta como propriedade do clube (DAMO, 2001). Os atletas possuem autonomia e liberdade para poderem decidirem seus próprios destinos. Prática esta, em consonância com o discurso neoliberal, que, assim como já destacado por Bourdieu (1998), destrói as causas coletivas e forma um indivíduo livre, mas sem ideais coletivos.

Neste mesmo cenário, o torcedor se transforma em consumidor. Terminologia utilizada, inclusive, no estudo de Rocco Júnior (2019, p. 17), visto que o autor, de largada, já perspectiva a existência de uma "Indústria do Esporte". Um mercado global, que cresce vertiginosamente nas últimas três décadas. Neste contexto, há necessidade de compreensão sobre o comportamento do consumidor, bem como de seus interesses e preferências, para que a Gestão do Esporte como área (de estudo e pesquisas) possa ser efetiva (ROCCO JÚNIOR, 2019).

Neste sentido, desde os anos 2000, alguns estudos da área de Gestão do Esporte, (AIDAR; LEONCINI; OLIVEIRA, 2000; CARRAVETTA, 2006; RODRIGUES, 2010;

ROCHA; BASTOS, 2011; BASTOS; MAZZEI, 2012) já demonstravam que os processos de gestão auxiliam a consolidar esta mudança de visão acerca do esporte de alto rendimento. O futebol profissional cada vez mais é considerado como um produto, que deve ser explorado comercialmente (CARRAVETTA, 2006; ROCCO JÚNIOR, 2019). Mesmo que brevemente, cabe destacar que esta leitura sobre a necessidade de profissionais gestores fica mais restrita ao esporte profissional, não devendo ser generalizada, para o esporte escolar ou de participação/lazer.

A ainda paulatina inserção desta visão empresarial no futebol brasileiro pode ser evidenciada a partir de dois casos: o Clube Atlético Bragantino e o Cruzeiro Esporte Clube. Estes dois clubes podem ser citados como exemplos[56] da efetivação do modelo de clube-empresa no país. Embora este tipo de organização já fosse sugerido desde a Lei Pelé (lei n° 9.615 de 24 de março de 1998), somente após cerca de 20 anos surgem indícios de sua possível efetivação.

O Clube Atlético Bragantino foi comprado por uma empresa internacional, transformando-o no *Red Bull* Bragantino. A partir do planejamento estratégico do clube, traça-se como meta a aquisição de prestígio em nível regional e nacional, assim como outros clubes adquiridos pela empresa fizeram: *Red Bull Leipzig, Salzburg e New York*.

O estudo de Penke (2020) verificou o caso da marca *Red Bull* conceituando-o como um projeto de conglomerado internacional de futebol. O autor cita o caso do *Leipzig* que adotou uma política de contratação (jogadores jovens de até 23 anos) e remuneração (a folha salarial da equipe deveria ser de até 3 milhões de euros por ano), visando ascender as divisões do campeonato alemão. Um campeonato com barreiras para a entrada de investidores estrangeiros, porém com muito prestígio (terceiro maior campeonato europeu). A partir da compra de uma equipe, a marca *Red Bull* consegue adentrar no campeonato alemão e em apenas 7 anos consegue sair da quinta divisão, chegando à 1° divisão. Além disto, a equipe vem, sistematicamente, disputando a maior competição de clubes do mundo: a UEFA *Champions League* (PENKE, 2020). Já o caso do *Red Bull Salzburg* foi investigado por Soderman (2017) e o *New York* por Gorse, Chadwick e Burton (2010).

[56] Embora o Cuiabá e o Botafogo de Ribeirão Preto também se constituam como clube-empresa no momento de escrita desta tese (dezembro 2021), especulamos que Cruzeiro e *Red Bull* serão lembrados com mais frequência. Tal fato se deve-se ao primeiro clube, possuir muita tradição no cenário nacional e o segundo, ser o primeiro clube neste formato a obter bons resultados esportivos (vice campeonato da Copa Sul-Americana 2021).

No âmbito brasileiro, a estratégia também vem alcançando bons resultados esportivos, visto que a equipe do *Red Bull* Bragantino conseguiu o vice campeonato da Copa Sul-Americana 2021 (segunda maior competição da América do Sul) e obteve vaga na Copa Libertadores da América de 2022. Cabe lembrar que uma das principais estratégias de *marketing* da empresa *Red Bull* é utilizar o esporte como plataforma para divulgar seus produtos, que não são diretamente ligados ao âmbito esportivo. Ou seja, a marca se comunica através do esporte, assim como já evidenciaram os estudos de Oliveira e Ferreira (2012), Rocha (2019) e Beato (2019).

Já o segundo clube, mediante uma grave crise financeira e escândalos de má gestão e corrupção (que levaram o clube ao descenso à segunda divisão no campeonato nacional) foi comprado por um ex-atleta: Ronaldo Nazário, vulgo Ronaldo Fenômeno. A negociação foi anunciada no dia 18/12/2021 e estima-se que o valor inicial investido no clube seria de 400 milhões de reais (G1, 2021).

Neste momento torna-se interessante cotejar os estudos de Rocco (2021) e Chaim (2018), visto que estes autores possuem estudos que se complementam. O primeiro trata do esporte de uma maneira geral, ao passo que o segundo se restringe ao futebol brasileiro. Este exercício é importante, pois em uma análise da intersecção entre ambos estudos, pode-se refletir sobre um ponto.

Conforme já evidenciado, Rocco (2019) concebe a transição do "consumo político do esporte" para o "consumo econômico", fenômeno ocorrido na década de 1990. De modo consonante com Ary Rocco, o cientista político Aníbal Chaim (2018) em seu estudo já destaca que o "Futebol de Estado" é substituído pelo "Futebol para Mercado". Em sua análise política, Chaim afirma que o Estado brasileiro não possui mais interesse no controle e financiamento do futebol, que passa então, para as mãos do capital privado. Tal processo acontece, principalmente, por empresas de comunicação (que passam a ter um interesse específico: vender seu produto). No caso brasileiro, o controle, monopólio do futebol durante as décadas de 1990, 2000 e 2010 era da Rede Globo, emissora detentora dos direitos de transmissão das partidas.

Neste ponto, pode-se perceber consonância entre os dois pesquisadores, pois ambos reconhecem a diminuição da questão política no futebol e passam a conceber a entrada do mercado. Neste sentido, complementando o pensamento conforme os dados de Rocco Junior (2019), no final da década de 2010, o consumo do esporte passa a ser virtual.

Tendo o entretenimento como principal paradigma, pois os indivíduos buscam marcar presença virtualmente, a partir de fotografias (sobretudo, as do tipo *selfie), check-ins* e diversas outras estratégias que visam registrar no ambiente virtual uma vivência, experiência esportiva (ROCCO JÚNIOR, 2019). Há um aumento expressivo nas transmissões em plataformas digitais, por exemplo: celulares e *tablets* e as entidades esportivas visam eliminar intermediários, pois assim obtém mais lucros com seu produto esportivo.

Sobre este ponto existem diversos exemplos que podem elucidar tal questão. Nacionalmente, destacam-se dois recentes: o primeiro se relaciona à difícil negociação, que envolveu alguns clubes e a Rede Globo para acordo sobre a transmissão dos jogos, durante o Campeonato Brasileiro do ano de 2019. Os clubes passaram a exigir mais direito pela exclusividade da transmissão de suas partidas, fato este que fez com que a Globo perdesse o direito de exclusividade de algumas equipes, dentre elas o Palmeiras.

O segundo exemplo se relaciona à transmissão, totalmente independente, da Federação Paulista de Futebol das partidas do Campeonato Paulista de 2022 pela plataforma do Youtube (contando, inclusive, com influenciadores digitais, que já são reconhecidos nas mídias sociais). Neste mesmo campeonato, a rede Globo não transmitiu partidas, pois quem possuía o direito de transmissão foi outra emissora, a Rede Record. Internacionalmente, destaca-se a recente entrada da FIFA no mundo das plataformas de distribuição digital (streamings) para que ela própria possa transmitir seu evento: a Copa do Mundo. Tal caminho já foi adotado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) (TRIVELA, 2022).

Com base nestes conhecimentos cabe uma indagação: as torcidas organizadas seriam prejudiciais aos negócios das empresas de comunicação? Não se pode afirmar categoricamente, entretanto, são processos simultâneos que ocorreram durante a década de 1990: a ascensão de um discurso neoliberal no Brasil, a aquisição do controle do futebol por empresas privadas de comunicação e as transformações nas práticas discursivas e não discursivas em relação às torcidas organizadas.

Mediante todos estes processos, de que modo se portam as próprias torcidas organizadas? Com base em toda a discussão proposta durante a tese, aliada a fatos do plano empírico, pode-se afirmar que as torcidas agem de modo ambíguo em relação ao discurso neoliberal. A partir de suas críticas ao chamado “futebol moderno” elas se contrapõem ao neoliberalismo. Todavia, paradoxalmente, em suas composições como instituições são semelhantes a empresas. Ou seja, o mesmo torcedor que critica o atleta

ser um profissional, em sua torcida organizada vende produtos e se estrutura visando o lucro.

Após evidenciar a relação sistêmica dos enunciados produzidos pelos jornais investigados com o neoliberalismo, neste momento então, a tese parte para sua seção final: a conclusão.

7 – CONCLUSÃO

"A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo".
(Albert Einstein)

De acordo com Orlandi (2015), na linguagem há um constante jogo de mostrar e ocultar para poder convencer. Isto envolve a constante construção e (re)construção de sentidos. Diante disto, em certa medida, a presente tese investigou a relação da esfera discursiva com a comportamental, tendo como questão geradora os enunciados produzidos pelo jornalismo esportivo. Os enunciados produzidos pelo jornalismo esportivo sobre as torcidas organizadas poderiam ensejar, gerar[57] e/ou proibir[58]comportamentos?

Tendo este horizonte como pontapé inicial, a tese teve como objetivo investigar e analisar (a partir de uma perspectiva Arqueológica) os discursos do jornalismo esportivo sobre as torcidas organizadas de 1969-2020. Para alcançar tal objetivo, inicialmente, foi realizada uma análise discursiva, seguindo os procedimentos do trabalho com o Arquivo, descritos por Aquino e Val (2018), que pudesse evidenciar a produção dos enunciados sobre estes grupos durante o período investigado.

A partir do trabalho com o Arquivo e os dados provenientes disto, pode concluir três coisas. Desta maneira, tem-se que:

1. Os periódicos analisados concebem a existência de 3 discursos sobre o que é torcida organizada
2. Os periódicos analisados possuem concepção limitada sobre o fenômeno da violência
3. Os periódicos analisados limitam a experiência de ser torcedor organizado ao aspecto da violência física, silenciando outras práticas

Sobre a primeira conclusão é importante ressaltar que foram identificados 3 (três) grandes discursos sobre as torcidas organizadas. Ou seja, pode-se dizer que torcida

[57] operando na chave foucaultiana positiva do poder – o poder que gera comportamentos. O poder que faz fazer, que conduz, que governa.
[58] operando na chave foucaultiana negativa do poder. O poder que impede, reprime.

organizada é: i) fidelidade; ii) pressão, cobrança e protesto; iii) violência. Tais elementos foram os que compuseram os discursos anteriormente apresentados, pois saiam da dispersão discursiva e organizavam a regularidade. De tudo aquilo que poderia ser dito sobre torcida organizada (dispersão), chegou-se a esta regularidade discursiva (enunciados publicados nos periódicos investigados).

Finalizada esta primeira parte, seria possível realizar uma discussão acerca do elemento da violência e de que maneira os enunciados e suas transformações discursivas se relacionavam a mudanças de outras ordens (social, econômica, política, etc.). Elemento que compõe a segunda conclusão.

Os discursos do jornalismo esportivo sobre torcidas organizadas fizeram emergir o acontecimento foucaultiano: um ponto de inflexão, que modifica o discurso e as práticas em relação às torcidas: a morte de Rodrigo de Gaspéri. A partir deste episódio, assim como evidenciado pela tese, houve transformações naquilo que era dito (vocabulário) e também feito (medidas, regulamentos, instruções, normas, etc.) em relação a estes grupamentos torcedores. Cabe lembrar também que é neste período (década de 1990), que acontece uma explosão discursiva envolvendo o tema das torcidas organizadas. Dito de outro modo, é a partir do acontecimento foucaultiano, que no discurso do jornalismo esportivo, a violência das torcidas organizadas se torna um problema.

Cabe destacar que esta tese se diferenciou de outras anteriormente realizadas devido ao seu escopo foucaultiano, a não especificidade regional e o intervalo de tempo investigado. Em suma, buscou-se um panorama geral daquilo que foi publicado envolvendo tais grupamentos torcedores. Deste modo, mesmo que brevemente, deve-se assinalar a contribuição desta tese para o debate sobre a violência no futebol, pois com seus achados pode-se perceber que o jornalismo esportivo não privilegia discussões aprofundadas, tampouco a problematização dos cenários. Especula-se que isto ocorra devido aos preceitos de audiência e a necessidade de tempo acelerado ou limitação de espaço, assim como já destacara Bourdieu (1997).

Neste sentido, pode-se compreender, por exemplo, o conceito restrito de violência que foi flagrado nas produções jornalísticas, pois não há tempo, espaço e/ou audiência para a demonstração e discussão do racismo ou da homofobia como uma forma de violência. Sendo assim, com base nos resultados aqui expostos, pode-se afirmar que os meios comunicação investigados contribuíram para a consolidação do atual cenário de estigmatização e criminalização dos torcedores organizados, conforme já destaca o estudo de Lopes e Hollanda (2018).

Todavia, a violência não é o único elemento que compõe a vivência de pertencer à estas instituições, assim como destacado na terceira conclusão. Cabe lembrar que torcida organizada é fonte de lazer, exercício da cidadania e canal de identidade para diversas pessoas, sobretudo da população jovem (LOPES, 2012). Destarte, é nevrálgico que o jornalismo esportivo se constitua em um *lócus* para o debate (espera-se que embasado e aprofundado) sobre a questão e não seja apenas o reprodutor das imagens trágicas produzidas pela violência. Espera-se que os programas e periódicos esportivos possam abrir espaço para discussões sobre a questão, visto que têm sua atuação específica para tal segmento.

À título de exemplo, as noções de gravidade e extensão de um problema social pois não são indicadores que podem ser objetivamente verificados. Isto quer dizer que aquilo destacado como urgente e grave para determinado setor da sociedade, pode ser irrelevante para outro. Sendo assim, a publicização dos confrontos não significa que anteriormente eles não existissem, mas sim que as produções jornalísticas, não o caracterizavam como tal (LOPES; PALHARES, 2016). Assim como visto no referencial teórico, talvez estas situações não atendessem aos preceitos de valor-notícia.

Neste sentido, pode-se afirmar que os meios de comunicação auxiliam na delimitação de um problema social ao fazê-lo emergir como uma situação que deve ser investigada, tratada, debatida, estudada e/ou resolvida. Assim como ocorrido com a violência entre torcidas organizadas: ela passa a ser um problema constituído e incorporado no discurso do jornalismo esportivo na década de 1990.

O jornalismo esportivo poderia fomentar discussões e reflexões, que ao menos, auxiliariam o plano empírico. Uma destas discussões que poderia ser conduzida neste espaço é a identidade dos torcedores organizados. Isto quer dizer, quais são os valores que orientam as condutas destes torcedores? Ao invés de estigmatizar e condenar esta identidade, esta forma de ser e se posicionar em sociedade e perante o esporte profissional, o jornalismo esportivo poderia estimular a criação de formas embrionárias de uma nova racionalidade de torcer (que condenasse a utilização de violência, por exemplo). Ou seja, o jornalismo esportivo deve contribui para a geração de uma nova identidade torcedora, que seja pacífica e rechace a violência.

O jornalismo esportivo não pode apenas reproduzir as cenas chocantes geradas pela violência física, mas também deve auxiliar na construção de um cenário de paz. Isto ocorre, sobretudo, atuando preventivamente. A comunicação pode disseminar preconceitos, incitar o ódio e separar as pessoas, mas também pode estimular a

convivência pacífica, a tolerância, o respeito mútuo e a aceitação. Um trabalho que envolva a paz no futebol não irá atuar apenas na já referida transformação de relações, mas também, necessariamente, transitará pela reestruturação do futebol nacional. Isto significa dar participação e legitimidade aos torcedores organizados para participarem democraticamente da esfera decisória, retirando-os de uma situação de estigmatização e dominação (LOPES; PALHARES,2016).

Longe de supervalorizar a capacidade do jornalismo esportivo em desempenhar tal função e de modo isolado, busca-se aqui enfatizar que ele tem sim, sua contribuição, que será articulada com outras medidas, de outros atores do cenário do futebol. Ou seja, cada ator (polícia, torcedor comum, dirigentes, atletas, etc.) possui responsabilidade pela atual situação de confrontos e pode auxiliar na transformação pacífica destes.

Em um primeiro momento, tal anseio da tese pode soar como utópico, entretanto, destaca-se algumas iniciativas adotadas no plano empírico: movimentos populares (que buscam criar uma racionalidade torcedora pautada na paixão e fidelidade) e Associações de torcedores (assim como a FTORJ e ANATORG, já citadas nesta tese), que visam, paulatinamente, diminuírem os circuitos de violência presentes no futebol brasileiro.

Diante destas três conclusões, pode-se apontar algumas potencialidades e limites no debate sobre violência no futebol brasileiro. O reconhecimento, por parte das próprias torcidas organizadas, de sua participação ativa, tanto na geração, quanto na resolução do problema da violência se constitui em uma potencialidade. Todavia, a tese destaca um limite de modo mais enfático: a utilização de um conceito restrito de violência. Este ponto foi evidenciado na segunda parte da análise, aquela que buscava analisar o elemento da violência nas produções jornalísticas.

De modo geral, pode-se dizer que os periódicos investigados restringiam o fenômeno da violência à determinado tipo de aparição: a violência física. Isto fez com que, assim como enfatizado pela análise aqui levada a cabo, algumas formas de violência fossem escamoteadas (racismo, machismo, homofobia e corrupção). Já, a violência física era condenada e combatida arduamente nas produções. Longe de compactuar com os episódios de confrontos físicos envolvendo torcidas organizadas, a tese, entretanto, destaca que existem diversas formas de violência e todas elas devem ser combatidas, ao contrário da concepção presente no jornalismo esportivo, que apenas condenava a violência física.

A título de exemplo sugere-se que os leitores possam refletir sobre a seguinte questão. Quem é mais violento? i) O policial que abusa de seu poder e autoridade

agredindo torcedores na porta do estádio; ii) o dirigente corrupto que obtém vantagens ilícitas para si próprio com recursos do clube; iii) o torcedor comum que agride a esposa e filhos; iv) o jornalista sensacionalista, que divulga informações falsas para vender a notícia; ou v) o torcedor organizado que agrediu o integrante de outra agremiação? Sendo assim, deve-se falar em violências. Aparentemente, é impossível responder com clareza esta pergunta, contudo, ela ressalta diferentes aparições do mesmo fenômeno: a violência.

Quando se considera a existência de violências, parte-se de um panorama mais amplo, que não reconhece apenas um tipo de aparição deste fenômeno: a violência física (que parece vir automaticamente vinculado às torcidas organizadas). Ou seja, pode-se cometer violência na própria delimitação do conceito deste fenômeno. Sendo assim, ao utilizar um conceito mais amplo (assim como propôs esta tese) pode-se por exemplo, perspectivar a sociedade brasileira como violenta, desmistificando assim, o cenário "pacífico e de igualdade" no país. Dito de outra maneira, o Brasil ainda é um país com muita desigualdade, marcado por violências.

De modo breve e assistemático, citam-se algumas violências cotidianas: no trânsito (discussões que levam a mortes), na escola (contra os professores, entre alunos na porta da escola), doméstica (contra mulheres e crianças), sexual (violações, assédios, estupros, feminicídios e importunação sexual), contra homossexuais e transsexuais (relatos de agressões em vias públicas), contra negros (preconceito, acusações e até mesmo condenações injustas), contra migrantes e imigrantes, e aquela localizada no contexto esportivo. Deste modo, a violência presente no futebol não deve ser única e exclusivamente entendida como agressões envolvendo torcidas organizadas.

A violência é um fenômeno complexo e um elemento desta complexidade está na valoração entre o que é legítimo ou ilegítimo para os atores do cenário futebolístico. Assim como já abordado, enquanto para os *hinchas* os confrontos são desejados e um meio para obter prestígio (honra, *aguante*), para outros atores, sobretudo as testemunhas, alheias a este horizonte moral, são confrontos condenáveis e sem razão. A violência possui ambiguidades e contradições, pois o mesmo indivíduo que a condena ferozmente a pratica em outro contexto. Um exemplo produtivo, é o torcedor comum que considera vexatória a briga entre torcidas organizadas, porém se vangloria quando a torcida de seu time vence a batalha contra a torcida rival (ALABARCES, 2012).

Noam Chomsky elaborou o conceito de consenso fabricado (CHOMSKY, 1994). Este conceito aborda a redução simplista de temas complexos. Deste modo, a tese acredita em um processo semelhante envolvendo a violência no futebol. Em suma, é mais fácil

direcionar todos os males a determinado ator social (torcida organizada), utilizando-o como bode expiatório e isentando outros atores do cenário do futebol brasileiro (polícia, federações regionais, confederação brasileira, jornalistas, meios de comunicação, dirigentes, torcedores comuns, etc.).

A pesquisa de Davi Romão (2013) já aponta tal processo no campo social, envolvendo criminosos, que são caracterizados por programas policiais como responsáveis pela sociedade perigosa e violenta. Com base em caráter sensacionalista e uma visão de mundo que clama por leis mais severas, tais programas disseminam a violência como endêmica e proliferam medo, construindo uma realidade social caótica. Entretanto, estes programas não abordam a responsabilidade de gestores públicos sobre a (in)segurança pública (ROMÃO, 2013).

Exatamente, neste ponto destaca-se a relação sistêmica dos resultados com o neoliberalismo. A transformação do torcedor em consumidor se dá como um processo de imposição, pautado nos saberes provenientes da área da Gestão do Esporte, que envolvem a inserção dos processos de gestão, racionalização de processos e busca por profissionalização. Neste contexto, a culpabilização exclusiva de torcedores organizados pelo cenário de violência no futebol, é cômoda, confortável para os gestores. Ela os exime de suas próprias responsabilidades, pois escamoteia diversos problemas estruturais do futebol nacional. A título de exemplo, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) ficou meses com o cargo de presidente vazio durante o ano de 2021 e teve o último ex-presidente (Rogério Caboclo) denunciado por assédio moral e sexual. Além disto, três de quatro antecessores de Rogério Caboclo (Ricardo Teixeira, José Maria Marin e Marco Polo del Nero) foram denunciados por corrupção.

O gestor ineficaz e pouco produtivo transfere a responsabilidade do insucesso esportivo para a torcida organizada, pois os confrontos nos quais elas se envolvem afastam o torcedor-consumidor e acarretam prejuízos financeiros para o clube, patrocinadores e federações. Instituições, estas, inseridas na lógica neoliberal, que visam o lucro e a fidelização do cliente. Ou seja, a violência é ruim para os negócios.

Cabe salientar, que inclusive uma prática comum dos torcedores organizados é cobrar publicamente as equipes, para que tenham melhor desempenho esportivo. Ambiguamente, um gestor produtivo poderia explorar a torcida organizada, pois é a instituição responsável por organizar a “festa na arquibancada”. Mediante estas contradições, do ponto de vista da Gestão do Esporte como área, pode-se dizer que atualmente, as torcidas organizadas possuem o *status* de “um mal necessário”. Todavia,

a Gestão do Esporte é uma área alheia à da Comunicação (aquela de proveniência dos periódicos investigados por esta tese).

Nesta área da Comunicação, por diversas vezes, a complexa teia de relações de sociabilidade e conflito entre as torcidas organizadas é ignorada. Tais aspectos são transferidos para a esférica clubística. Isto faz com que, rivalidades históricas entre torcidas organizadas sejam desconhecidas ou ignoradas pelos meios de comunicação. Conforme já apontado em pesquisa anterior, existe um ciclo de vinganças que se retroalimenta a cada confronto envolvendo torcidas organizadas (PALHARES, 2014).

Deste modo, destaca-se a necessidade da investigação das relações que cada torcida organizada estabelece com os outros atores do cenário do futebol, sobretudo policiais. Cabe lembrar que os policiais ainda seguem sendo pouco consultados como fontes para estudos acadêmicos. Entretanto, deve-se fazer uma ressalva acerca da burocracia envolvida para que estes participem de estudos científicos. Além disto, soma-se o fato de que os próprios valores institucionais da polícia (tais como: lealdade e respeito à hierarquia, por exemplo) poderiam enviesar a produção de dados. Porém, independentemente destas ressalvas, encoraja-se a realização de estudos que abordem as concepções e práticas de policiais.

Apesar da extensa pesquisa documental aqui levada a cabo, não se tem a pretensão de encerrar o debate, visto que, a própria tese em sua essência, reconhece o dinamismo dos discursos e práticas. Entretanto, ressalta-se que a denominação pejorativa em relação aos torcedores organizados não contribui para a transformação empírica dos confrontos presenciados na atualidade. Neste sentido, Chauí (1998) destaca que retirar a racionalidade de um ser humano é uma das maiores violências que se pode cometer contra ele.

Sendo assim, torna-se urgente que os meios de comunicação possam compreender e problematizar as práticas e representações de torcedores organizados, ao invés de estigmatizá-las, pois este cenário contribui para a manutenção destes torcedores em uma posição de dominação e alienação das esferas decisórias no esporte mais popular do país (LOPES, 2012). O futebol é uma manifestação popular brasileira, possui íntima relação com a identidade nacional, com o que é ser brasileiro.

Apesar de todo o avanço do contexto neoliberal, bem como da imposição e/ou necessidade dos processos de gestão no esporte profissional, deve-se garantir a existência de espaços populares e acessíveis no futebol profissional. Vale lembrar que o futebol é a principal atividade do contexto do lazer no Brasil, seja em sua prática ou fruição. Ele é

um direito garantido constitucionalmente, que não pode ser usurpado pelo avanço do neoliberalismo. Portanto, deve-se buscar um cenário inclusivo e democrático, combatendo-se todas as formas de privilégios, segregação, preconceito e violência.

8 - REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Mais além dos direitos do homem**. Trad. Murilo Duarte Costa Corrêa. 2010. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4453017/mod_resource/content/1/AGAMBEN_art_2010_Mais_alem_direitos_homem.pdf. Acesso em: 12 mar. 2012.

AGÊNCIA BRASIL. **Falta de investimentos leva à perda de empregos na cultura**. São Paulo, 30. Jun. 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-06/falta-de-investimentos-levam-perda-de-empregos-na-cultura. Acesso em: 12 mar. 2022.

AGUIAR, Leonel Azevedo de. Os valores-notícia como efeitos de verdade na ordem do discurso jornalístico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007. Santos. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2007. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0832-2.pdf. Acesso em: 23 de mar. 2020.

_____. Entretenimento: valor-notícia fundamental. **Estudos em Jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 13-23, 2008.

AGUILERA, Marcello Alves da Silva. **Cinquenta anos de Gaviões da Fiel sob a ótica da psicologia social**. 2019. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) ─ Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2019.

AIDAR, Antonio Carlos Kfouri; LEONCINI, Mario Pereira; OLIVEIRA, João José Trindade. **A nova gestão do futebol**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ALABARCES, Pablo. Cidadania e narrativas nacionais do futebol argentino contemporâneo. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v.5, n. 1, p.27-36, 2002.

_____. **Crónicas del aguante**: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

ALVITO, Marcos. Maçaranduba neles! Torcidas organizadas e policiamento no Brasil. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v.19, n. 34, p. 81-94, 2012.

_____. A madeira da lei: gerir ou gerar a violência nos estádios brasileiros? In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Org.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.

ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. **La Moral de los 'Inmorales'**. Los límites de la violencia según sus practicantes: el caso de las hinchadas de fútbol". Anuario de Estudios en Antropología Social. Buenos Aires: Centro de Antropología Social-IDES/Editorial Antropofagia, agosto, p. 143-156, 2005.

_____. Identidades corporales: entre el relato y el aguante. **Campos**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 145-165, 2007.

_____. El “aguante”: una identidad corporal y popular. **Intersecciones en Antropologia**, Buenos Aires, n. 9, p. 275-289, 2008.

ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, Maria Veronica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 14, n. 30, p. 113-136, 2008.

ALVAREZ, Marcos Cezar. Michel Foucault e a Sociologia: aproximações e tensões. **Estudos de Sociologia**. Araraquara, v.20, n.38, 2015.

ALVEZ, Julia Mayra Duarte; PIZZI, Laura Cristina Vieira. Análise do discurso em Foucault e o papel dos enunciados: pesquisar subjetividades nas escolas. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 81-94, jan.-jun. 2014.

ANDRADE, Renato Luiz Paes de. **O jogo duro das torcidas**: identidade e dramaturgia masculina na violência dos torcedores de futebol de Salvador. 2004. 176 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2004.

ANDRIGHETTO, Aline; ADAMATTI, Bianca. A Lei como Instrumento de Poder do Nazismo: uma Análise a Partir da Crítica de Franz Neumann. **Revista Brasileira de História do Direito**, Curitiba, v. 1, n. 1, p.60-76, 2016.

ANTUNES, Fátima Martin. "O futebol nas fábricas". **Revista USP**, n. 22 (Dossiê Futebol), jun./jul./ago 1994. São Paulo: Edusp, 1994.

AQUINO, Bruna de Lacerda. **Jornalista não é humorista**. 2012. Artigo apresentado como requisito para especialização em Jornalista Esportivo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

AQUINO, Julio Groppa. O arquivo e a pesquisa educacional: aproximações. In: BUTTURI JUNIOR, Atilio; CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de; CAPONI, Sandra (Orgs.). **Foucault e as práticas de liberdade II**: topologias políticas e heterotopologias. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

AQUINO, Julio Groppa; VAL, Gisela Maria do. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. **Pedagogía y Saberes**, v. 49, p. 41-53, 2018.

ARAÚJO, Hugo Macedo de. Entre a “pista” e a “arquibancada”: identidades, mediações culturais e a construção de uma cidadania torcedora. **Esporte e Sociedade**, ano 14, n. 34, 2021.

AZEVEDO, Mariana Steemburgo; LUCHT, Janine Marques Passini; SARTORI, Roberta. Pressupostos e Subentendidos: Análise de Falas Implícitas Presentes em Duas Reportagens de Edições Diferentes do Jornal Nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 15, 2014. Palhoça. **Anais...** Palhoça: INTERCOM, 2014. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R40-0983-1.pdf. Acesso em: 23. dez. 2021.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Paraná, v. 29, p. 246-270, 2013

BANDEIRANTES. **Fundador da Gaivotas Fiéis diz que criou torcida gay do Corinthians após agressão**. 18. ago. 2020. Disponível em: https://www.band.uol.com.br/esportes/fundador-da-gaivotas-fieis-diz-que-criou-torcida-gay-do-corinthians-apos-agressao-16308524. Acesso em: 22 jan. 2022.

BARROS, Antonio Teixeira de; LEMOS, Cláudia Regina Fonseca. Política, pânico moral e mídia: controvérsias sobre os embargos infringentes do escândalo do Mensalão. **Opinião Pública**, v. 24, n. 2, p.291-327, 2018.

BATISTA, Graziella Cataldo. **Cibertorcid@as organizadas**: a violência das arquibancadas para a rede. 176 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BATISTA, Waleska Miguel. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. **Revista Direito e Práxis** [online]. 2018, v. 9, n. 4. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rdp/a/nkt6FjJDWMvfV7DsqfBY4XK/?lang=pt. Acesso em: 15. jan. 2022.

BASTOS, Flávia Cunha; MAZZEI, Leandro Carlos. Gestão do esporte no Brasil: desafios e perspectivas. In: MAZZEI, Leandro Carlos; BASTOS, Flávia Cunha. **Gestão do esporte no Brasil**: desafios e perspectivas. São Paulo: Ícone, 2012. p. 23-42.

BBC. **Atos de torcidas contra Bolsonaro: o que levou as organizadas às ruas contra o presidente durante a pandemia**. São Paulo. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-52899944. Acesso em: 05. jun. 2020.

BEATO, Mateus Emanoel Souza. **O poder da estratégia para a consolidação de uma marca**: análise do marketing esportivo da Red Bull. 2019. 18 f. Monografia - (Graduação em Publicidade) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

BERSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Revista Extraprensa**, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018.

BOITO JUNIOR., Armando. As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil. In: CAETANO, G. (Org.) Sujetos sociales y nuevas formas de protesta en la historia reciente de América Latina. Buenos Aires: CLACSO, p. 271-296, 2006.

BOND, Fraser. **Introdução ao jornalismo**: uma análise do quarto poder em todas as suas formas. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1969.

BORELLI, Viviane. **Jornalismo como atividade produtora de sentidos**. In: BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Portugal, 2005.

BORGES, Viviane Trindade. Um livro-homenagem: a mais recente biografia de Michel Foucault. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.2, n.2, p. 244-248, jul./dez., 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A essência do neoliberalismo**. Le Monde Diplomatique, 1998.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. **Lei** 10.671, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília DF, maio 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.671.htm. Acesso em: 26 jan. 2022.

_____. **Lei** nº 13.010, de 26 de junho de 2014. Lei Menino Bernardo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13010.htm. Acesso em: 05 fev. 2022.

BRASIL, Antonio; FRAZÃO, Samira Moratti. Drones no ar e ninjas nas ruas: os desafios do jornalismo imersivo nas mídias radicais. **Sessões do Imaginário**, v. 18, n. 30, p. 127–136, 2013. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/15972/0. Acesso em: 21 dez. 2021.

BRAZILIENSE, CORREIO. **Cientistas se manifestam contra corte de 90% nos recursos para pesquisa**. 11. out. 2021. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/10/4954718-cientistas-se-manifestam-contra-corte-de-90-nos-recursos-para-pesquisa.html. Acesso em: 14. out. 2021.

_____. **Debandada de profissionais no INEP aumenta incertezas na aplicação do Enem**. 10. nov. 2021. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/11/4961937-debandada-de-profissionais-no-inep-aumenta-incertezas-na-aplicacao-do-enem.html. Acesso em: 24. out. 2021.

BUFORD, Bill. **Entre os Vândalos**: a multidão e a sedução da violência. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CABRAL, Nara Lya Simões Caetano. **Mobilizações discursivas da categoría 'politicamente correto'**: um mapa dos sentidos que emergem no jornalismo. 488 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CABRERA, Nicolas Eduardo. **Violencia e identidad en una hinchada de fútbol**: "solo para los entendidos". 132 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Sociologia) – Instituto Académico Pedagógico de Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Villa Maria, 2012.

CAMINI, Taís. **Posto, pressuposto e subentendido no discurso político**: **uma análise a partir de manchetes de jornais**. 23 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Departamento de Letras - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUÍ, 2018.

CANALE, Vitor dos Santos. **Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer**. 121 f. (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação Física – Faculdade de Educação Física, 2012.

_____. Da mais vibrante à mais temida: cooperação, respeito, virilidade e violência na história da Torcida Uniformizada do Palmeiras e da Mancha Verde (1971–1995). **Cadernos de História**, v. 22, n. 37, p. 33-52, 2021.

CARRAVETTA, Élio Salvador Praia. **Modernização da Gestão no Futebol Brasileiro**: perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo. Porto Alegre: Editora AGE, 2006.

CASADEI, Eliza Bachega. **Jornalismo e ressignificação do passado**: os fatos históricos nas notícias de hoje. Curitiba: Appris, 2012.

CÉSAR, Benedito Tadeu. **Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo: ou o duelo**. 218 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: UNICAMP, 1981.

CESAR, Fábio Soares; MAZZEI, Leandro Carlos; ROCCO JÚNIOR, Ary José; OLIVEIRA, Luciana Melloni. Sustentabilidade Econômica em Arenas e Estádios: estudo sobre as instalações da Copa do Mundo de Futebol 2014. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 3, p. 184-196, 2013.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **Futebol, corações e mentes**: os torcedores na perspectiva do Estado. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CHOMSKY, Noam. **O Consenso Fabricado**. Nova York: Vintage Books, 1994.

CORIOLANO, Alina Mira Maria; CONDE, Erick Francisco Quintas. Fanatismo e agressividade em torcedores de futebol. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 6, n. 2, p. 42-56, 2016.

CUNHA, Fábio Aires da. **Torcidas de futebol**: espetáculo ou vandalismo? São Paulo: Scortecci, 2006.

CURI, Martin. Violência como categoria de acusação nos discursos de torcedores de futebol no Rio de Janeiro. **Policromias**, v. 2, n. 1, p .28-52, 2017.

DAMO Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo e perspectiva**, v. 15, n. 3, São Paulo: jul./set., 2001.

DEJAVITE, Fabia. **Infotenimento**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **A notícia light e o jornalismo de infotenimento**. Trabalho apresentado no VI Encontro de Núcleo de Pesquisa – NP – Jornalismo. XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, promovido pela Intercom: Santos/SP, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

DIÁRIO DO NORDESTE. **STJD arquiva caso de racismo contra o goleiro Felipe**. Ceará, 13. dez. 2008.
Disponível em: https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/stjd-arquiva-caso-de-racismo-contra-o-goleiro-felipe-1.932146?page=5. Acesso em: 22 jan. 2022.

DRUCK, Graça; FILGUEIRAS, Luiz. Política social focalizada e ajuste fiscal: as duas faces do governo Lula. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. 1, 2007.

DRULA, Andréia Juliane. (2015). **O processo de Transformação de um Estádio para Arena**: O caso da "Arena da Baixada". Tese (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

DUCROT, Oswald. **O Dizer e O Dito**. Campinas: Pontes Editores, 1987.

DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John. A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Elias. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador I**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. **O processo civilizador II**: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ESCHER, Tiago Aragão; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futebol e televisão: fechem os portões e liguem as câmeras: o show vai começar. **Revista Conexões**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2005.

ESCHER, Tiago Aragão; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**. Brasília: Liber Livros, 2006.

ESPARTEL, Lélis Balestrin.; MÜLLER NETO, Hugo Fridolino; POMPIANI, Ana Emilia. "Amar é ser fiel a quem nos trai": a relação do torcedor com seu time de futebol. **Organizações e Sociedade**, v. 16, n. 48, p. 59-80, jan./mar. 2009.

ESTADÃO. **Goleiro Aranha sofre insultos racistas dos próprios santistas**. 21 de janeiro de 2015. Disponível em: https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,goleiro-aranha-sofre-insultos-racistas-dos-proprios-santistas,1622846. Acesso em: 21. dez. 2021.

FINGER, Cristiane Finger; OSELAME, Mariana. Entre a Notícia e a Diversão: um modelo nacional de jornalismo esportivo imposto aos programas locais. **C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, [S.l.], n. 29, p. 61-73, dec. 2013. ISSN 1519-0617. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36943. Acesso em: 17 abr. 2020.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade do futebol brasileiro. São Paulo: FAPESP/EDUC, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

_____. **História da loucura na idade clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto.1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. A governamentalidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

_____. **História da sexualidade II**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Os anormais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A ordem do discurso**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. SãoPaulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. **Naissance de la biopolitique**. Paris: Gallimard, 2004.

_____. Gerir os ilegalismos. In: _____. **Michel Foucault**: entrevistas a Roger Pol-Droit. São Paulo: Edições Graal, 2006. p.41-52.

_____. Retornar à história. In:_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Trad. Elise Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. Coleção Ditos e escritos Vol. II. p. 282-295.

_____. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**...um caso de parricídio no século XIX. 8ª edição. Tradução de Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOX SPORTS. **Felipão diz "não ter medo de bandido" ao comentar sobre 'ataque' da torcida ao ônibus do Palmeiras**. São Paulo, 11. abr. 2019. Disponível em: https://www.foxsports.com.br/news/403554-felipao-diz-nao-ter-medo-de-bandido-ao-comentar-sobre-ataque-da-torcida-ao-onibus-do-palmeiras Acesso em: 12. ago. 2018.

GALTUNG, Johan. Violence, peace and peace research. **Journal of peace research**. London, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/422690?seq=5. Acesso em: 20. Dez. 2021.

_____. Cultural Violence. **Journal of peace research**, London, v. 27, n. 3, p. 291-305, 1990. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/423472?seq=3. Acesso em: 20. Dez. 2021.

_____. Poverty, violence and health. **World Health**, Geneva, v. 47, n. 6, p. 8, 1994.

GARRIGA ZUCAL, José. 'Soy macho porque me la aguanto'. Etnografías de las prácticas violentas y la conformación de las identidades de género masculinas. In: ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian (Orgs.). **Hinchadas**, Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, p. 39-57.

_____. **Nosotros nos peleamos**: violência e identidad de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

_____. **Violencia en el fútbol**: investigaciones sociales y fracasos políticos. Buenos Aires: Egodot, 2013.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

_____. Fanáticos, Seguidores, Fãs e Flâneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p.1-35, jun. 2012.

GONÇALVES, Allan de Almeida Alves., DUTRA, Rodrigo Carlos. A preservação da ordem pública nos estádios de futebol por meio do cadastramento biométrico das torcidas organizadas no estado de Santa Catarina. **Revista Ordem Pública**, v. 10, n. 1, p. 95-114, 2018.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Ética e Jornalismo**: uma cartografia de valores. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

GOMES, Wilson da Silva; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 33-45, 2019.

GORSE, Samantha, CHADWICK, Simon; BURTON, Nicholas. Entrepreneurship through sports marketing: A case analysis of Red Bull in sport. **Journal of Sponsorship**, Durham, v. 3, n. 4, 2010.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos & duelos. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

_____. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades. **Moara**, v. 43, n. 1, p .6-25, 2015.

G1. **Ronaldo Fenômeno anuncia compra do Cruzeiro por R$ 400 milhões**. Belo Horizonte, 18. dez. 2021. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/ronaldo-fenomeno-confirma-compra-do-cruzeiro.ghtml. Acesso: 20 dez. 2021.

_____. **Após cancelamento do carnaval de rua, Prefeitura de SP estuda criar programa de ajuda a blocos em 2022, diz secretária da Cultura**. São Paulo, 08. jan. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2022/noticia/2022/01/08/apos-cancelamento-do-carnaval-de-rua-prefeitura-de-sp-estuda-criar-programa-de-ajuda-a-blocos-em-2022-diz-secretaria-da-cultura.ghtml. Acesso em 05. mar. 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HANSEN, Viviane. **Torcida organizada os Fanáticos: relacionamentos e sociabilidade**. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/dissertacao/HANSEN_Viviane.pdf. Acesso em: 21 dez. 2021.

HO, Kathleen. Structural violence as a human rights violation. **Essex Human Rights Review**, Colchester, v. 4, n. 2, p. 1-17, 2007.

IBGE. **Desemprego**. São Paulo, 16. Mar. 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php. Acesso em: 16. mar. 2022.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **Analisar Discursos Institucionais**. Uberlândia: EDUFU, 2018.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação de torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro (1967-1988). 771 f. (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

_____. O rabo do foguete: civilização & barbárie em uma torcida organizada de futebol. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; LABRIOLA, Plínio (Orgs.). **Os Gaviões da Fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro:7 Letras, 2015. p. 21-48.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; CANALE, Vitor dos Santos. Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP –Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0306, set./dez. 2021.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; LOPES, Felipe Tavares Paes. "Ódio eterno ao futebol moderno": poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, v. 24, n. 2, p. 206-232, 2018.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Org.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.

HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de; MEDEIROS, Jimmy. Violência, juventude e idolatria clubística: uma pesquisa quantitativa com torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo. **Revista Hydra**, v. 1, n. 2, 2016, p. 97-125.

KEENEN, Daniel. Celebrating the local: place-based advertising at Liverpool Football Club. **Soccer & Society**, p. 1-15, 2021.

KERR, John H. **Understanding hooliganism**. Buckinhgham: Open University Press, 1994.

KERR, John H.; DE KOCK, Hilde. Aggression, violence, and the death of a Dutch soccer hooligan: a reversal theory explanation. **Journal Aggressive Behavior**, Hoboken, v. 28, n. 1, p. 1-10, 2002.

LAGE, Nilson. **A reportagem**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LINS, Ana Letícia Costa; SILVA, Ingryd Melyna Dantas da. A produção dos discursos sobre a "chacina do benfica" e a criminalização das torcidas organizadas em Fortaleza/CE. **Autora**, Marília, v. 11, n. 1, p. 79-94. 2018.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana P. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 9, n. 104, 2010.

LOPES, Felipe Tavares Paes **Discurso sobre a violência envolvendo torcedores de futebol**: ideologia e crítica na construção de um problema social. 589 f. (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, 2012.

_____. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro". **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, 2013, pp. 597-612.

_____. A construção do problema social da violência no futebol brasileiro: dominação e resistência. **Athenea Digital**, v. 16, n. 2, p. 89-113, 2016.

_____. Futebol, comunicação e ideologia: um protesto da torcida organizada da Fiel na "imprensa alternativa" e na "imprensa tradicional". **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 137-151, 2018. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/143888. Acesso em: 22 jan. 2022.

LOPES, Felipe Tavares Paes; PALHARES, Marcelo Fadori Soares O papel dos meios de comunicação na construção da paz no futebol. **Revista Alterjor**, v. 1, p. 149-167, 2016.

LOVISOLO, Hugo. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, Ronaldo.; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MACHADO, Roberto. **Ciência e saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MALAIA, João Manoel Casquinha. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de janeiro (1915-1934)**. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MALAIA, João Manoel Casquinha. Torcer, torcedores e torcedoras, torcidas (Bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo. Buarque de; MALAIA, João Manoel Casquinha; TOLEDO, Luis Henrique de; MELO, Victor de Andrade **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MARCON, Karina. Inclusão e Exclusão Digital em Contextos de Pandemia: que Educação estamos praticando e para quem? **Criar Educação Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação Unesc**, v. 9, p. 80-103, 2020. Disponível em: http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/6047. Acesso em: 24 fev.2022.

MARQUES, José Carlos. A falação esportiva: o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol. In: XXV Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação,

25, 2002, Salvador. **Anais Digital...** Salvador: INTERCOM, 2002. Disponível em: < http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP18MARQUES.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2018.

MARQUES, José Carlos; CORTEZ, Gabriel de Lima Alvez A brasilidade no jornalismo de revista nacional: o início e o fim da Copa do Mundo de 2014 a partir dos implícitos no discurso de "Veja". **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, [S. l.], v. 4, n. 7, 2016. Disponível em: http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/2471. Acesso em: 20 dez. 2021.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. "Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!" Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**. ISSN 1982-2553, v. 46, n. 46, 2021.

MICELI, Sergio. Os Gaviões da Fiel: torcida organizada do Corinthians. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; NEGREIROS, Plínio, Labríola (Org.). **Os Gaviões da Fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 2001.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 25, n. 73, 2010.

MINTO, Lalo Watanabe. A pandemia na educação: o presente contra o futuro? **RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. 6, n. 10, p. p. 139-154, 30 jun. 2021. Disponível em: http://costalima.ufrrj.br/index.php/RTPS/article/view/810/1016. Acesso em: 24. mar. 2022.

MONÇÃO, Ana Lívia Gallino; LUCHT, Janine Marques Passini; SARTORI, Roberta. Pressupostos e Subentendidos: Pressupostos e Subentendidos: a investigação norte-americana sobre a Petrobras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 15, 2014. Palhoça. **Anais...** Palhoça: INTERCOM, 2014. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0821-1.pdf. Acesso em: 23. dez. 2021.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar ao inimigo massacrar**: raça rubro-negra: uma etnografia sobre o futebol, masculinidade e violência. 2001. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MOREIRA, Veronica. "Así cualquiera tiene aguante, de fierro tiene aguante todo el mundo". Disputas morales sobre las prácticas violentas en el fútbol. In: GARRIGA ZUCAL, José (Org.). **Violencia en el fútbol**: Investigaciones sociales y fracasos políticos. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2013.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

NEGREIROS, Plinio, Labríola. A invasão corintiana: Rio, 5 de dezembro de 1976. In: As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. **Anais** do Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, VIII, 2002, Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.

NEIRA, Marcos Garcia. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 215-223, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbce/v40n3/0101-3289-rbce-40-03-0215.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.

NERY, André Luis. **Violência no futebol**: mortes de torcedores na Argentina e no Brasil. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

OLIVEIRA, Eric Monné Fraga de. O ópio do povo? O futebol e as manifestações políticas no Brasil entre 2013 e 2020. **Sociedade e Cultura**, [S. l.], v. 24, 2021 Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/65892. Acesso em: 21 dez. 2021.

OLIVEIRA, Rui Felipe de Bourbon; FERREIRA, Pedro. Influência da experiência de marca na atitude e intenção de compra: o caso Red Bull. **Book of Proceedings: Tourism and Management Studies International Conference**, Algarve, v. 1, n. 4, p. 303-315, 2012.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

OSELAME, Mariana Corsetti. Fim da notícia: o "engraçadismo" no campo do jornalismo esportivo de televisão. **Revista Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 20, n. 34, pp. 39-47, 2015.

OSELAME, Mariana Corsetti; COSTA, Cristiane Finger. Entre a Notícia e a Diversão: um Retrato do Jornalismo Esportivo de Televisão. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35., 2012. Fortaleza, **Anais...** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), 2012. 14p.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; SCHWARTZ, G. M.; TERUEL, Ana Paula; SANTIAGO, Danilo Roberto Pereira; TREVISAN, Priscila Raquel Tedesco da Costa. Lazer, agressividade e violência: considerações sobre o comportamento das torcidas organizadas, **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 1, p. 186-199, 2012.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares. **Violência no futebol brasileiro**: os discursos de torcedores organizados. 2015. 284 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Não é só a torcida organizada**: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol? São Paulo, SP: Editora UNESP, 2015.

PENKE, Lars Rouven. **Red Bull gaining momentum in european club football: the competitive advantage of Rasen Ballsport Leipzig eV**. 2020. 73 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2020.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

PEREIRA, Márcio da Silva. **O *leitmotiv***: da ópera, ao cinema, à televisão. 2007. 183 f. Tese (Doutorado em Música) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol**: violência e autoafirmação, aspectos da construção de novas relações sociais. Taubaté: Vogal,1997.

PIMENTA, C. A. M. Violência entre torcidas de futebol. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 122-128, 2000.

PONTES, Felipe Simões; SILVA, Gislene. Jornalismo e realidade: da necessidade social de notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 44-55, dez. 2009.

PRIKS, Mark. Does frustration leads to violence? evidence from the Swedish hooligan scene. **Kyklos**, Oxford, v. 63, n. 3, p. 450-460, 2010.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 2000.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**: as manifestações da torcida. 1998.127 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 1998.

_____. **A violência nos estádios**. São Paulo: FAPESP, 2000.

_____. **Futebol e violência. Campinas**, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados. **Movimento**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 693–706, 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/57150. Acesso em: 4 jan. 2022.

REVEL, Judith. **Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: Métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCCO JÚNIOR, Ary José. **O Consumidor do Esporte**: da distinção social à imersão digital. 2019. 268 f. Tese de Livre-Docência – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ROCCO JÚNIOR, Ary José; BELMONTE, Wagner Barge. **Da informação ao entretenimento:** análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da Revista Placar. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2014, Vila Velha. São Paulo: 2014.

ROCHA, Michelle dos Santos. **As estratégias de storytelling no branding**: mais do que contar histórias é fazer histórias. Um case da marca Red Bull. 2019. 91 f. (Bacharel em Publicidade e Propaganda) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019.

ROCHA, Cláudio Miranda; BASTOS, Flávia da Cunha. Gestão do Esporte: definindo a área. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. Esp., p.91-103, dez. 2011.

ROCHA, Décio; DAHER, Maria Del Carmen.; SANT'ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. **Revista Polifonia**, Cuiabá, n. 8, p. 161-180, 2004.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea**, Rio de Janeiro, v.7, n. 2, p.305-322, 2005.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Futebol e teoria social: uma introdução à sociologia do futebol brasileiro. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Centro de Ciências Humanas – UNISINOS**, São Leopoldo-RS, n. 160, v. 38, jan/jun 2002.

_____. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, n. 11, p. 260-299, 2004.

_____. O fim do passe e as transferências de jogadores brasileiros em uma época de globalização. **Sociologias**, v. 12, n. 24, p. 338–380, 2010.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROFFÉ, Marcelo. Estrategias de prevención de la violencia em la práctica del fútbol amateur y profesional dentro y fuera del campo de juego. In: ROFFÉ, Marcelo; JOZAMI, José (Org.). **Fútbol y violencia**: miradas y propuestas. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2010.

ROMÃO, Davi Mamblona Marques. **Jornalismo policial**: indústria cultural e violência. 206 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo. 2013.

ROSSI, Jones; MENDES JUNIOR, Leonardo. **Guia politicamente incorreto do futebol**. São Paulo: LeYa, 2014.

RUBIO, Katia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, jan./mar, 2010.

SALGADO, Luciana Salazar; SILVA, Helena Maria Boschi. Gênese discursiva da fórmula 'cultura de paz'. **Acta Scientarum**, Maringá, v. 36, n. 2, p. 131-137, Abr/Jun 2014.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas**: paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004.

SANTOS, Henrique Sena dos. Notas sobre a popularização do futebol em salvador, 1901 – 1912. Rio de Janeiro: **Revista Esporte e Sociedade**, ano 6, n.16, 2011.

SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina; RUBIO, Katia. Os estudos socioculturais do movimento humano e os 40 anos da Pós-Graduação da EEFE-USP. **Revista Brasileira de Educação Física e esporte**, São Paulo, v. 31, p. 111-119, 2017.

SENADO FEDERAL. **Projeto de Lei da Câmara n° 58, de 2014 - (PROJETO DE LEI DA PALMADA)**. Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/117968. Acesso em: 06. mar. 2020.

SILVA, Elisabeth Murilho. **As torcidas organizadas de futebol**: violência e espetáculo nos estádios.187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.2, n.1, p.95-107, jan./jun. 2005.

SILVA, Veronica Lima Nogueira da. **Jornalismo esportivo ou de entretenimento:** discussão sobre a possibilidade de uma cobertura crítica. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SILVA, Marcelo Moraes. et al. Norbert Elias e Michel Foucault – apontamentos para uma tematização relacional do poder. **Interthesis**, Florianópolis v. 11, n. 1, p. 254-275, jun. 2014.

SILVA, Silvio Ricardo; DEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira.; SILVA, T. F. (Orgs.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SILVA, Mauricio Roberto da.; PIRES, Giovani de Lorenzi; PEREIRA, Rogerio Santos. Manifesto contra o neoliberalismo totalitário, a destruição da educação, do meio ambiente, da ciência, da cultura e do ministério do esporte no governo Bolsonaro. Revista **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 60, p. 1-18, set./dez. 2019.

SÖDERMAN, Sten. Case 28 Red Bull in energy drinks and football. In: CHADWICK, Simon; ARTHUR, Dave; BEECH, John. **International Cases in the Business of Sport**. Routledge, 2017. p. 256-266.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: Minerva, 2000.

_____. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro; LIMA, Helena. A teoria da noticiabilidade de Nelson Traquina aplicada a periódicos portugueses do século XVII: Os casos da Gazeta e do Mercúrio Português. In: CUNHA, Isabel Ferin; CABRERA, Ana; SOUSA, Jorge Pedro (Orgs.). **Pesquisa em Media e Jornalismo**: homenagem a Nelson Traquina. Covilhã: LabCom IFP, 2012. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/79832/2/76953.pdf. Acesso em: 17 fev. 2020.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo. **Motricidades**: Revista da SPQMH, v. 4, n. 2, p. 199-213, maio-ago. 2020.

SPAAIJ, Ramón. Men like us, boys like them: violence, masculinity, and collective identity in football hooliganism. **Journal of Sport & Social Issues**, Thousand Oaks, v. 32, n. 4, p. 369-392, 2008.

SPAAIJ, Ramón; ANDERSON, Alastair. Soccer Fan Violence: A Holistic Approach – A Reply to Braun and Vliegenthart. **International Sociology**, London, v. 25, n. 4, p. 561-579, 2010.

STREAPCO, João Paulo França; RUBIO, Kátia. Hipóteses para a popularização do futebol em São Paulo (1894-1920). **Recorde: Revista de História do Esporte**, v.2, n.1, jun. 2009.

STOTT, Clifford; ADANG, Otto; LIVINGSTONE, Andrew; SCHREIBER, Martina Tackling football hooliganism: a quantitative study of public order, policing and crowd psychology. **Psychology Public Policy and Law**, Washington, v. 14, n. 2, p. 115-141, 2008.

TAVARES JUNIOR, Carlos Augusto. Jornalismo esportivo: o que é? **Revista Pauta Geral**: Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 38-59. Jul/Dez, 2017.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Futebol, emoções e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 21, 2013.

_____. A Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil na arena pública: desafios de um movimento coletivo. **Antípoda**. Revista de Antropología y Arqueología 30: p. 111-128, 2018.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara et al. I Censo Anatorg: análise do perfil de lideranças de torcidas organizadas. **FuLiA/UFMG**, v. 6, n. 1, p. 110-136, 2021.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; HOLLANDA, Bernardo Buarque. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **Esporte e Sociedade**, ano 11, n. 28, 2016.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; LOPES, Felipe Tavares Paes Reflexões sobre o "Projeto Torcedor" alemão. **Revista de Antropologia**, v. 61, n. 3, p. 130-161, 22 nov. 2018.

TRIVELA. **Fifa entra no mercado de streamings com FIFA+ e abre caminho transmitir a Copa do Mundo em sua plataforma**. São Paulo, 12. Abr. 2022. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-do-mundo/fifa-entra-no-mercado-de-streamings-com-fifa-e-abre-caminho-transmitir-a-copa-do-mundo-em-sua-plataforma/. Acesso em: 12. abr. 2022.

TSOUKALA, Anastassia. Administrar a violência nos estádios da Europa: quais racionalidades? In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; REIS, Heloisa Helena Baldy dos Reis (Orgs.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 21-35, 2014.

THOMAS, Jerry; NELSON, Jack. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TOLEDO, Luis Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/ Anpocs, 1996.

_____. Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010". In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MALAIA, João M. Casquinha; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro, 7 Letras, pp. 122-158, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de; SOUZA JUNIOR, Roberto de Alencar Pereira. Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 26, 2020.

TRAQUINA, Nelson. **O que é Jornalismo**. Lisboa: Quimera Editores, 2002.

_____. **Teorias do jornalismo I**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

UNIVERSO ONLINE. **Trikas ou tricolor, São Paulo precisa reagir a ameaças de organizada**. São Paulo, 21. jan. 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/colunas/campo-livre/2022/01/21/trikas-ou-tricolor-sao-paulo-precisa-reagir-a-ameacas-de-organizada.htm. Acesso em: 22 jan. 2022.

VAL, Gisela Maria do. **A chamada da educação**: sobre a governamentalização pedagógica nos textos jornalísticos. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VALENTE, Rafael; SERAFIM, Mauricio C. Gestão esportiva: novos rumos para o futebol brasileiro. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. 3, p. 131-136, jul./set. 2006.

VEJA. **Jogador abandona o campo após insultos racistas em Portugal**. Disponível em: https://veja.abril.com.br/placar/jogador-abandona-o-campo-apos-insultos-racistas-em-portugal/. Acesso em: 05. mar. 2020.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento e sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VOROBEJ, Mark. Structural Violence. **Journal of peace research**, London, v. 40, n. 2, p. 84-98, 2008.

WIEVIORKA, Michel. Violência hoje. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1147-1153, 2006.